



Gabriela Vieira de Campos

**O LITERÁRIO E O NÃO-LITERÁRIO NOS TEXTOS E
IMAGENS DO PERIÓDICO ILUSTRADO *O NOVO MUNDO*
(NOVA IORQUE, 1870-1879)**

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria
Literária do Instituto de Estudos da
Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de
Campinas (Unicamp) como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em Teoria
Literária

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C157L Campos, Gabriela Vieira de
O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico
ilustrado "O Novo Mundo" (Nova Iorque, 1870-1879) / Gabriela
Vieira de Campos – Campinas, SP: [s.n.], 2001

Orientador: Francisco Foot Hardman
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sousândrade, 1833-1902. 2. O Novo Mundo (Periódicos) (Nova
Iorque), 1870-1879. 3. Jornalismo e literatura. 4. Crônicas brasileiras –
Sec. XIX. 5. Ilustrações. I. Hardman, Francisco Foot. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

UNIDADE	Be
Nº CHAMADA	UNICAMP
	C157L
V	EX
TOMBO BC	53860
PROC.	124103
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	20/05/03
Nº CPD	

CM00184058-2

001 000000

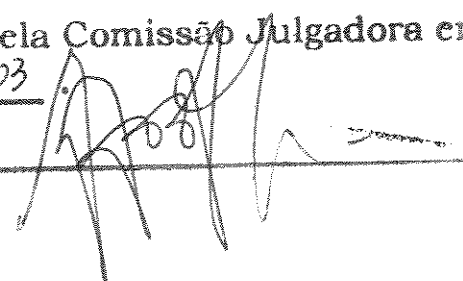
*A Bíblia da família à noite é lida;
 Aos sons do piano os hinos entoados,
 E a paz e o chefe da nação querida
 São na prosperidade abençoados.
 – Mas no outro dia cedo a praça, o stock,
 Sempre acesas crateras do negócio.
 O assassinio, o audaz roubo, o divórcio,
 Ao smart Yankee astuto, abre New York.
 Sousândrade, O Guesa Errante*

Este exemplar e a redação final da tese
 defendida por Ricardo Luis

Meinelles dos Santos

e aprovada pela Comissão Julgadora em

25/04/2003



SUMÁRIO

Introdução	13
 I) O Novo Mundo: obsessão, progresso e ilustração	19
- José Carlos Rodrigues e <i>O Novo Mundo</i>	25
- Machado e Sousândrade: outras perspectivas.....	27
- Sousândrade e o seu novo mundo (“O inferno de Wall Street”).....	36
- Imprensa e Ilustração.....	44
- O jornalismo de <i>Variedades</i> (A tradição do folhetim no Brasil).....	52
- A obsessão pelos Estados Unidos.....	56
 II) Entre o Literário e o Não-Literário	63
- Os editoriais, as biografias e a publicidade: imagens de um outro mundo.....	74
- O leitor era leitora?.....	84
- Folhetins, crônicas, notas e <i>outros</i>	93
 III) Folhas em trânsito	139
- Os empréstimos de outras folhas	147
- As revistas ilustradas.....	150
- A <i>Revista Industrial</i>	163
 IV) Conclusão	179
 VI) Anexos	187
 V) Bibliografia	225
- Periódicos consultados.....	230

RESUMO

Esta dissertação de mestrado trata de algumas particularidades do jornal *O Novo Mundo*, editado por José Carlos Rodrigues, o qual via os Estados Unidos, e não a França, como modelo de progresso e ilustração a ser seguido – a começar pela abolição da escravidão e a implantação do trabalho assalariado. Tal periódico, que era editado em Nova Iorque, parece ser exemplar no que diz respeito ao momento de impasse nos meios culturais do Brasil da década de setenta do século XIX.

Positivismo francês lido à americana, o jornal pregava insistentemente, através de artigos assinados ou não – alguns com pseudônimos, a maioria sem assinatura –, a literatura científica, a obra útil que pode auxiliar no progresso da nação. A concepção do que era tido como literário, assim como a função da literatura (a função que ela deixa de assumir, a que ela quer assumir), são questões que aparecem em *O Novo Mundo* e merecem uma atenção cuidadosa. Como conciliar uma literatura “mais prática e útil” com a tradição literária? Como preservar a identidade nacional com a intromissão dos modelos internacionais de progresso, evolução e ciências? Esses e outros temas são discutidos nesta dissertação.

A presença do poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade, na equipe de redatores traz mais interesse ainda à folha; portanto, o jornal agrupa, de um lado, um entusiasta do progresso (Rodrigues), e, de outro, o crítico e ousado autor de “O inferno de Wall Street”.

No jornal pode-se acompanhar uma série de elementos de um ambiente cultural típico das últimas décadas do século dezenove. Qual seja: o gosto pelas descobertas científicas, os textos instrutivos, mais ou menos narrativos, mais ou menos folhetinescos, o material que era feito a partir das gravuras, as resenhas críticas, as notas e as crônicas. São fragmentos, em sua grande parte híbridos, que, colados ou sobrepostos, contribuem para a reflexão sobre os vínculos entre imprensa e literatura.

Introdução

Algumas manifestações culturais do século dezenove, particularmente as revistas e jornais, sempre me pareceram estranhas e atraentes. Apesar de serem fundamentais para a literatura, esses materiais repousam nas notas de rodapé dos livros como coadjuvantes silenciosos que já fizeram a sua parte ao servirem como meio para a veiculação de preciosidades. Romances e poemas são pinçados dos periódicos e, organizados em livros, passam a ser vistos como materiais absolutamente independentes.

No ano de 1994 teve início minha iniciação científica sobre o periódico ilustrado *O Novo Mundo*¹ (projeto financiado pelo SAE, Serviço de Apoio ao Estudante) que se estendeu por mais de um ano e que culminaria em meu projeto de mestrado em 1996.

A leitura de *O Novo Mundo* era feita a princípio em microfilme - cópia dos exemplares da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O microfilme continha apenas metade do periódico e era consultado na máquina leitora do CEDAE (Centro de Documentação Alexandre Eulálio). Os volumes restantes, correspondentes à outra metade do jornal - o último volume está incompleto - pertencem à Biblioteca Central da Unicamp (Obras Raras). Em 99, procurando revistas da década de 1870 no CEDAE, deparei-me com um volume encadernado de *O Novo Mundo* contendo os primeiros cinco anos de publicação, o que facilitou o trabalho de leitura e fichamento da folha (a presença do periódico não constava em catálogo).

Em um primeiro momento, o que se tentou fazer foi uma espécie de fichamento, uma leitura integral da folha, sem contudo ter a preocupação de sistematizar as “notícias”

¹ *O Novo Mundo* é um jornal ou uma revista? Pode-se pensar que revista é para ser guardada e jornal é mais descartável; as revistas seriam mais especializadas em determinados assuntos, o jornal mais genérico. As revistas, no século dezenove, incorporam a técnica de ilustração primeiro que os jornais, os quais, em geral, possuem uma periodicidade maior que a da revista. Há fortes indícios de ser *O Novo Mundo* uma revista por causa das capas finamente decoradas; em contrapartida, os jornais americanos tinham a folha de José Carlos Rodrigues como um jornal e não como uma revista; talvez existisse ainda a idéia de que a revista seria mais superficial, mais amena, trataria de supérfluos, enquanto o jornal seria mais sério. Mas também se pode pensar em um jornal que só não é mais freqüente por razões econômicas: não era viável um periódico vindo dos Estados Unidos várias vezes por mês em pacotes.

em seções ou definir algumas tendências. Com isso foi possível identificar alguns temas recorrentes e um certo apreço pelos EUA, o que chamava a atenção.

Paralelamente, a leitura de escassas fontes sobre a imprensa no Brasil auxiliava-me a entender um pouco mais as particularidades de nossas folhas, isto é, a influência da França em quase todas as publicações e a quase inexistência de referências aos Estados Unidos; cabia ainda pesquisar como renomados estudiosos sobre o século dezenove quase nada sabiam de fato sobre as revistas ilustradas e o quanto havia de preconceito naquilo que falavam ou que não falavam.

Somando-se a isso, havia uma grande dificuldade de percorrer o campo do literário dentro da folha: até que ponto o jornal era literário? E até que ponto não era? Era muito curiosa a discussão que se estabelecia dentro de *O Novo Mundo* a respeito do papel da literatura para uma sociedade que necessitava de progresso.

A crônica aparece de modo embrionário nas páginas de *O Novo Mundo*. O caráter folhetinesco da publicação permitia que as suas páginas fossem cenários para experimentações das mais variadas: ensaios, pequenas narrativas, resenhas críticas, artigos etc. O entreter não se separava tão claramente do instruir como também muitas vezes ocorria com os romances; o espaço das folhas era polivante, múltiplo, permitindo a transmissão – ou até mesmo a retransmissão, no caso das informações/gravuras de outras folhas – das mais diversas informações. O periodismo do século dezenove funcionava como uma espécie de arena de discursos que estariam ora mais próximos do literário, ora mais próximos do científico; discursos esses que mantinham entre si uma relação por vezes tensa.

O editor de *O Novo Mundo*, em meio a esse turbilhão de vozes, mostrava-se convicto de uma espécie de missão: reformar o Brasil pela instrução, pelo espírito ilustrado que pode ser capaz de observar e seguir bons exemplos como o representado pelos Estados Unidos. Era principalmente a influência norte-americana que tornava *O Novo Mundo* distinto das demais folhas. Para os redatores, os Estados Unidos representavam uma espécie de modelo a ser seguido, a começar pela abolição da escravidão e a implantação do trabalho assalariado, que determinava, segundo eles, uma maior produtividade; positivismo francês lido à americana, o jornal pregava insistentemente, através de artigos

assinados ou não – alguns com pseudônimos, a maioria sem assinatura –, a literatura científica, a obra útil que pode auxiliar no progresso da nação.

A concepção do que era tido como literário, assim como a função da literatura (a função que ela deixa de assumir, a que ela quer assumir), são questões que aparecem em *O Novo Mundo* e merecem uma atenção cuidadosa. Em outras palavras, como conciliar uma literatura “mais prática e útil” com a tradição literária? Como preservar a *identidade nacional* (construída e concretizada pelos românticos) com a intromissão dos modelos internacionais de progresso, evolução e ciências? Tais questões serão discutidas ao longo desta dissertação.

A presença de Joaquim de Sousa Andrade na equipe de redatores traz mais interesse ainda à folha; tínhamos um entusiasta pelo progresso de um lado e, de outro, um claro posicionamento político nos meios jornalísticos do poeta de “O inferno de Wall Street”.

O editor compunha um painel a ser visto como um modelo que era formado não só por textos, mas também pelas imagens. Folhas ilustradas tendiam a atrair mais o público, uma vez que possibilitavam a visualização de um lugar com um pouco mais de precisão; eram muitas vezes documentais, próximas a fotografias e, junto com os textos, registravam um imaginário (não seria o texto muitas vezes o auxiliar?). Reprodução de quadros famosos ou de pintores e/ou desenhistas importantes do momento não eram raros. Em muitos casos, havia brindes para a compra de determinado volume: uma gravura! Certamente para se guardar ou decorar ambientes.

A publicidade parece ser um atrativo à parte². A folha sobrevivia também da publicidade de produtos norte-americanos, o que ainda era uma novidade³. Textos e gravuras arquitetavam duas páginas de um conjunto muito curioso: a propaganda muitas vezes era meramente informativa; anunciava o produto e as vantagens que sua compra representaria para o consumidor. Não havia grandes recursos persuasivos para convencer o

² Torben Vestergaard & Kim Schoder. *A linguagem da propaganda*. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

³ Nos últimos anos do século XIX, com as primeiras agências, a propaganda se tornou uma área profissional definida. “O primeiro jornal a ter boa parte da sua renda derivada da publicidade, o *Daily Mail*, foi lançado em 1896”. (ver *British Press*, 1976: 3). Apesar de a nota fazer referência aos periódicos norte-americanos, *O Novo Mundo* não deixa de compartilhar desse momento de surgimento da publicidade.

comprador, nem mesmo uma urgência na linguagem, com verbos no imperativo, comandos e obrigações de primeira instância.

A publicidade explorava bastante as imagens, já que era veiculada em uma folha que zelava por sua qualidade gráfica; um pequeno texto acompanhava a gravura, que espacialmente ocupava um lugar de destaque. Em muitos casos, o produto vendido (por exemplo, uma máquina agrícola) recebia uma espécie de propaganda indireta nos artigos das páginas anteriores; falava-se da importância em mecanizar o campo, de um aumento na produtividade por conta do uso de determinados equipamentos etc. De maneira geral, no entanto, o jornal tomava o progresso americano – inclusive o tecnológico – como modelo. Nesse sentido, os produtos para os mais diversos usos, se importados dos Estados Unidos, vinham carregados de outros significados; não se trata apenas de mais uma engenhoca. O recorte do material publicitário por si só já mereceria um projeto de pesquisa.

O jornal não possuía seções dispostas segundo a organização das folhas atuais, uma vez que a especialização dos cadernos pressupõe “assuntos” também especializados. Em “Notas Literárias” encontramos notícias de novos livros e até fofocas de figurões da época; os artigos biográficos, feitos sobre personalidades, poderiam ter um tom mais eloquente quando tratavam de um político importante, mais solene se versavam sobre um poeta morto ou um caráter mais didático, se discutissem algo sobre cientistas – viajantes que coletavam importantes informações para os “Manuais de Biologia”, ou prestavam fundamental auxílio em expedições como a realizada pelo professor Hartt para recuperar o cabo telegráfico submarino.

As revistas ilustradas, mais precisamente *O Novo Mundo* podem ser lidas como uma forma de expressão particular, extremamente importante para a reflexão de algumas questões sobre a especificidade do texto literário, formação de um público, constituição de um projeto de identidade nacional – ou uma ilusão nacional? – voltado para o progresso, para a civilização, para o futuro... um projeto plural em sua gênese, contraditório em seus modelos, ignorante de suas dimensões.

O Novo Mundo *propõe-se em geral: A registrar rápida e concisamente, pela letra e pelo desenho, as principais evoluções da Era; a expor e a traçar mais ao comprido as mais importantes questões do dia, especialmente as que tocam aos interesses de ambas as Américas. Mais de perto: O Novo Mundo toma sobre si a missão de ministrar ao Brasil, notícias circunstanciadas da vida política, moral, literária e industrial, dos Estados Unidos da América do Norte.*

O Novo Mundo, 24 de outubro de 1870

NOVO MUNDO

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA EDADE.

Vol. I—No. 17

NEW YORK, 21 DE OUTUBRO DE 1870.

ESTATUA DE COLOMBUS

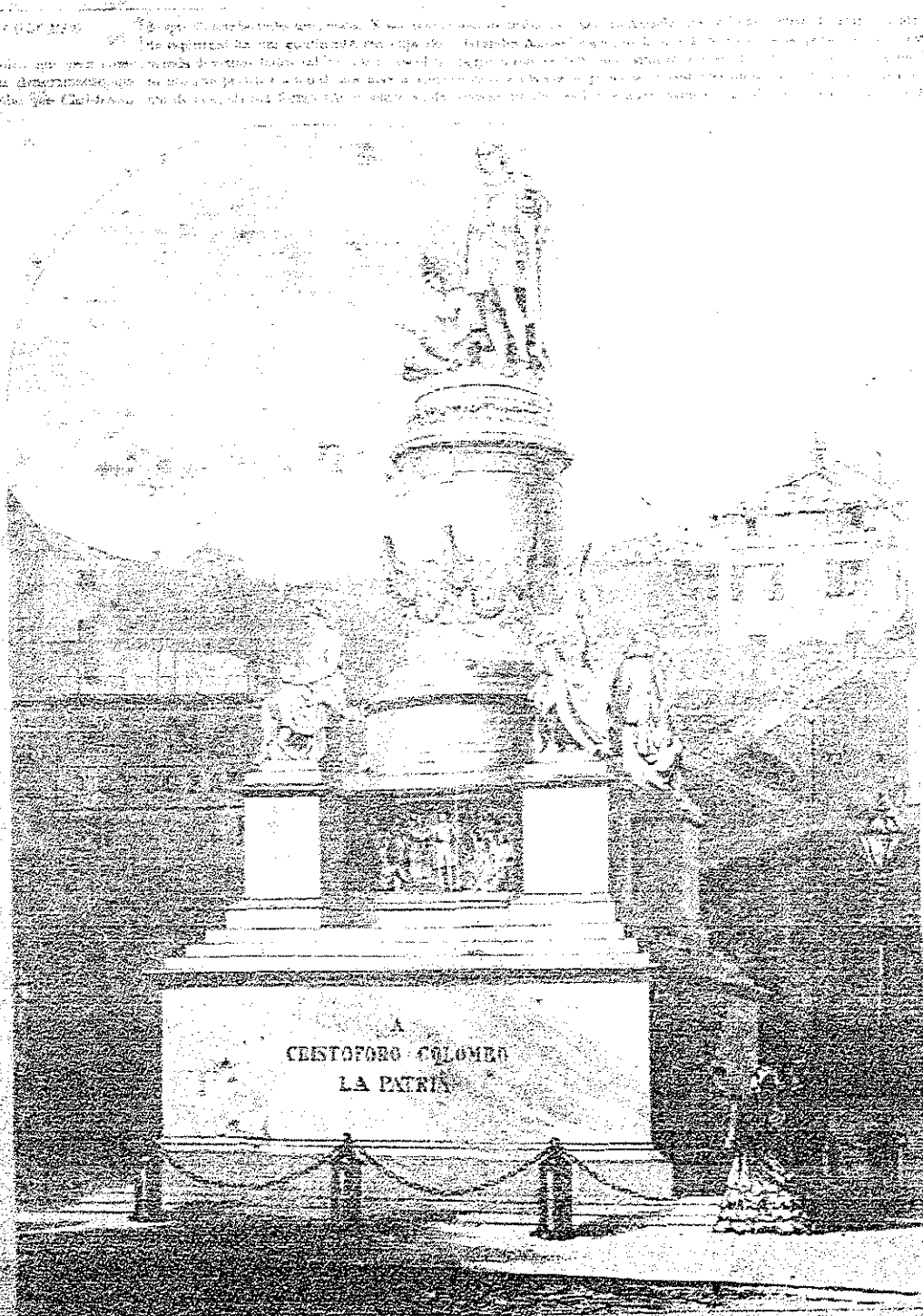
As palavras que se lêem na base da estatua de Colombo são as seguintes: LA PATRIA.

Estatua de Colombo em Genebra.

A estatua de Colombo em Genebra é uma das mais bellas e modernas que se vêem no mundo. Foi erguida em honra do grande navegador e explorador, e representa-o em plena idade de vigor, com a espada na mão direita e o globo na esquerda.

Esta estatua foi erguida em honra do grande navegador e explorador, e representa-o em plena idade de vigor, com a espada na mão direita e o globo na esquerda. A base da estatua é formada por um pedestal de mármore, sobre o qual se ergue a estatua de Colombo. A estatua é feita de bronze e representa-o em plena idade de vigor, com a espada na mão direita e o globo na esquerda.

A estatua de Colombo em Genebra é uma das mais bellas e modernas que se vêem no mundo. Foi erguida em honra do grande navegador e explorador, e representa-o em plena idade de vigor, com a espada na mão direita e o globo na esquerda.



ESTATUA DE COLOMBUS EM GENEVA.

A estatua de Colombo em Genebra é uma das mais bellas e modernas que se vêem no mundo. Foi erguida em honra do grande navegador e explorador, e representa-o em plena idade de vigor, com a espada na mão direita e o globo na esquerda. A base da estatua é formada por um pedestal de mármore, sobre o qual se ergue a estatua de Colombo. A estatua é feita de bronze e representa-o em plena idade de vigor, com a espada na mão direita e o globo na esquerda.

I) O Novo Mundo: obsessão, progresso e ilustração

Em maio de 1998, a revista *República*⁴ publicou um artigo intitulado “O negro abolido pela República”, em que se discutia o esquecimento de André Pinto Rebouças (1838-1898) pela historiografia tradicional, dado que fora um vulto extremamente importante na vida intelectual brasileira nas últimas décadas do século XIX. Diz o jornalista Paulo Vieira: *Como engenheiro, ainda que tenha revolucionado a técnica de construção de portos no Brasil, deixou poucas obras; como empresário, embora alguns o chamassem de ‘segundo Mauá’, jamais prosperou; como abolicionista, não chegou a ser um líder. Pior deve ter feito à memória o fato de ele ter sido ferrenho oponente da República e deixado o país no mesmo navio de D. Pedro II.*

O homem de quem pouco se ouve falar hoje teve a preocupação em mudar a sociedade brasileira da segunda metade do século passado, mais precisamente em colocá-la no “caminho americano”. Não era só a abolição que seria indispensável em seu projeto: a pequena propriedade rural (15 a 20 hectares, o chamado homestead norte-americano), a taxa de terras improdutivas, o registro de propriedades, bem como o fim dos latifúndios deveriam funcionar como alicerces que sustentariam o Brasil rumo a um futuro mais promissor.

Em 1876, André Rebouças escreve um estudo biográfico em *O Novo Mundo* sobre o estadista e pensador norte-americano Benjamin Franklin, em que se destaca a seguinte passagem: *É bem singular, mas o homem tem raiva à idéia nova. Só espíritos verdadeiramente superiores aplaudem de coração as descobertas em qualquer ramo dos conhecimentos humanos. E, no entanto, os discípulos de Jesus Cristo repetiam: “Aprendei a verdade e ela vos libertará”.*

⁴ Maio 98 - ano 2 - n.º 19

O “caminho americano” para o Brasil não era um sonho exclusivo de Rebouças⁵: embora com enormes diferenças quanto ao modo de governar o “Brasil-americano”, José Carlos Rodrigues, editor de *O Novo Mundo*, aspirava o mesmo. Ainda jovem, foi para os Estados Unidos e trabalhou como correspondente de jornais brasileiros, ingleses e norte-americanos até conseguir, em 1870, fundar o seu próprio periódico: *O Novo Mundo*.

Não foi à toa que o estudo de Rebouças⁶ tenha saído na folha em questão: notadamente voltada para o modelo norte-americano de desenvolvimento, *O Novo Mundo* representava umas das poucas opções para aqueles que viam a América do Norte, e não a Europa como paradigma de civilização.

*O Novo Mundo*⁷ era editado em Nova Iorque e era de propriedade exclusiva de José Carlos Rodrigues até 1875, quando passou a ser de uma sociedade anônima e só chegando ao fim em 1879 por motivos financeiros. Era uma folha mensal que veiculava informações políticas e econômicas dos Estados Unidos, notícias da Europa, curiosidades gerais, lançamentos de livros e produtos; interessante observar que mesmo sendo André Rebouças um ferrenho monarquista, o jornal abre espaço para a sua participação. Não era um jornal literário, mas possuía um significativo espaço para a discussão de questões que envolviam a literatura, como, por exemplo, ao tratar de manuais de biologia como uma literatura tanto mais apurada quanto mais estivesse detalhada e precisa – científica, por assim dizer.

⁵ Rebouças era amigo e colaborador de José Carlos Rodrigues; em seu diário (20/02/1875), registra com um certo constrangimento o fato do amigo tê-lo colocado em seu testamento: “em sua carta de 22 janeiro o Dr. José Carlos Rodrigues comunica-me que, em seu testamento, depositado no Cartório do Tabelião Noble Heath Jr, – 33, Cambers Street - New York, me legara a direção do “Novo Mundo” – Pobre amigo! Deus lhe proteja e conserve por muitos anos!”

⁶ Há informações conflitantes quanto ao período em que Rebouças publicou seus ensaios em *O Novo Mundo*. Elza Miné (*Da Enunciação da Proposta às suas revisitações* – Dissertação de livre-docência apresentada no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo em 1991) diz que ele escreveu regularmente para a folha a partir de 1874 (é essa também a informação que consta em seu Diário). No entanto, no número 100 de *O Novo Mundo* – edição comemorativa formada por textos já publicados em suas páginas –, há o registro da localização de todos os textos e um de Rebouças chama a atenção: fevereiro de 1872.

⁷ A coleção completa é composta de 108 números, com 16 páginas por exemplar; havia ainda números com suplementos (outubro de 1870 a dezembro de 1879).

Como vice-diretor, Joaquim de Sousa Andrada – o Sousândrade – que, ao contrário de Rodrigues, não era completamente um entusiasta do progresso norte-americano⁸. É importante salientar que ver os Estados Unidos como um modelo de progresso, de república, de civilização, distinto completamente do europeu, representava um posicionamento novo, e, não raras vezes, incompreendido para os que viviam sob o Império, tão arraigados à Europa. Sousândrade era considerado “estranho” por muitos dos seus compatriotas; não escolheu Direito em Coimbra, mas Engenharia de Minas na França, e procura a América do Norte e não a Europa para a educação de sua filha:

Acrescente-se ainda o fato de buscar os Estados Unidos para educar sua filha Maria Bárbara. Demorou-se lá por vários anos e, republicano convicto, assimilou os elementos culturais norte-americanos, que tentou transplantar para o Maranhão. Ali já prestava grandes serviços à futura República brasileira, dando seu apoio moral e financeiro para a manutenção do jornal O Novo Mundo. Isto leva a crer que a sua propalada “esquisitice” tivesse origem em seu suporte cultural, chocante para o meio lusitano e provincial do Maranhão⁹.

Era um jornal de variedades e, como tal, versava sobre uma infinidade de assuntos da maneira mais panorâmica e didática possível. O compromisso de criar leitores que a literatura do período possuía – é só pensar nos romances românticos, por exemplo, os de José de Alencar – era compartilhado também pela imprensa. Os temas eram tratados de modo a ensinar, ao mesmo tempo em que era preciso não tornar a tarefa tediosa e árdua. As gravuras no periódico auxiliavam nesse processo, bem como o “tom” narrativo-descritivo que parecia trazer o leitor para dentro de um determinado espaço. A leitura poderia ser, então, agradável.

Alguns críticos consideram os jornais ilustrados fúteis, sem nenhum compromisso com o conteúdo¹⁰. A armadilha que a ilustração pode representar fazia parte das

⁸ O poeta maranhense publica em 1868 os dois primeiros cantos de o Guesa Errante; em 1877, “O Inferno de Wall Street” (Canto VIII) sai dos prelos em Nova Iorque.

⁹ G. Frederick Williams e Jomar Moraes. Sousândrade: inéditos. São Luís, Departamento de Cultura do Estado, 1970.

¹⁰ Werneck Sodré afirma que em muitas destas folhas restava apenas “o vazio triste dos ornamentos, dos artificios, dos disfarces com que se apresentava, buscando aparentar grandeza.” (Sodré, Nelson Werneck. A História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

preocupações de *O Novo Mundo*: em um dos seus primeiros números, o redator já alertava para o perigo de se usar apenas as gravuras em uma folha, o que faz dela um periódico sem conteúdo. Aliás, freqüentemente, as críticas quanto à qualidade da imprensa ilustrada versavam sobre a utilização feita das gravuras. *O Novo Mundo*, por exemplo, usava muitas das gravuras de *Graphic*, uma folha londrina, sem que isso representasse um problema, uma vez que os artigos eram elaborados de maneira cuidadosa pela equipe de redação. Nota-se, portanto, que, apesar de as folhas ilustradas representarem o que existia de mais moderno em termos de qualidade gráfica, ao lado disso, existia um medo de que pudessem ser vistas meramente como algo agradável para o deleite nas horas vagas. É sintomático o que encontramos logo no segundo número: um comentário feito por uma folha americana a respeito da qualidade do jornal e transcrita em *O Novo Mundo*:

Aos periódicos no alemão, francês, italiano e espanhol que ora se publicam nesta cidade temos de ajuntar presentemente uma folha mensal em português, “O Novo Mundo” ¹¹. É do tamanho de “Harper’s Weckly”, que o supriu de quase todas, senão todas as gravuras com que é ilustrada e que a seu turno cada um reconhece como as mesmas originais do “Graphic”. Percorrendo-se o seu conteúdo, porém, vê-se logo que o periódico não é recheado a troche-moche, mas antes tem uma variedade de matéria original, que indica que seus diretores têm um objeto sério em vista.

(*O Novo Mundo*, novembro de 1870)

Um outro indício da importância da qualidade gráfica das gravuras nos periódicos é fornecido pelo próprio *Novo Mundo* no número 4:

Recebemos uma coleção dos últimos doze ou quinze números da “Comédia Social”, “hebdomadário satírico” publicado no Rio de Janeiro. As suas ilustrações são litografadas, e apesar de não gostarmos muito desse gênero de impressão em periódicos, achamo-las bem executadas, - tão bem, realmente como as melhores das folhas parisienses do mesmo estilo.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1871)

As gravuras exerciam um importante papel documental, sendo mesmo chamadas, a depender do caso, de fotos. Outras eram reproduções de pinturas de artistas, e o olhar do

¹¹ *O Novo Mundo* é o primeiro jornal em português dos Estados Unidos.

leitor, devidamente orientado pelo redator, deveria ser contemplativo, apreciativo. Havia ainda aquelas que inspiravam uma pequena fábula: alguma cena cotidiana que, minuciosamente narrada, possibilitaria uma contextualização mais eficiente. É o caso de “Toma conta dele, Stenio!”; nela vê-se uma criança em um berço com um cachorro ao seu lado. No texto, há uma pequena história: a mãe precisa sair para comprar os alimentos para fazer o almoço de seu marido – que é um trabalhador e busca, com seu suor, o sustento da casa – mas não pode deixar a criança nova sozinha ¹². O cachorro, o melhor amigo do homem, aparece então como a solução para o pequeno impasse – toma conta do menino enquanto a sua dona não chega.

Histórias como essas alimentam um certo gosto pela invenção presente no público, um gosto pela ficção, por assim dizer; a imaginação deve ser uma aliada para os momentos de lazer e a leitura precisa agradar o interlocutor. No entanto, é importante ressaltar que embutida na história está uma série de valores morais e, em alguns casos, religiosos, dignos, segundo o jornal, de uma civilização voltada para o progresso. Tais objetivos também estavam presentes nos textos não-ficcionais. Um dos temas mais debatidos era o da abolição; a escravidão, segundo o jornal, atrasava o desenvolvimento econômico e mesmo humanitário de uma nação. Nos primeiros meses, em todos os números de *O Novo Mundo* havia um artigo abordando essa questão. O desenvolvimento dos espíritos também passava por discussões sobre a guerra – do Paraguai, em Paris, na Alemanha – e suas implicações para a representação de uma nação e as possíveis consequências para o cidadão.

O progresso tecnológico não poderia ser um irmão bastardo nesta família; antes de tudo, era preciso que a lavoura brasileira – a exemplo sempre dos Estados Unidos – passasse a utilizar máquinas e ferramentas modernas – manejadas por mãos assalariadas – que aumentariam certamente os lucros, segundo o jornal. *O Novo Mundo* possuía em média duas páginas e meia destinadas à publicidade. Havia nesse espaço anúncios de muitas máquinas agrícolas e/ou produtos que ajudavam a trabalhar a terra, além de tipos e outras engenhocas para a imprensa. A julgar pela quantidade de anúncios e a insistência nos mesmos produtos, deveria haver um mercado intenso.

¹² O redator aproveita então para destacar os papéis sociais ocupados por homens e mulheres: o marido é o provedor, a mulher é a mãe zelosa que cuida do esposo e filho. (*O Novo Mundo*, abril de 1871)

A propaganda era mais uma das maneiras de trazer o progresso para a nossa terra: havia uma série de escritórios espalhados pelo país com a finalidade de receber os pedidos e efetuar as encomendas dos mais diversos produtos: máquinas agrícolas, máquina de lavar, dentaduras e outros materiais odontológicos, tipos para imprensa, materiais de limpeza doméstica, sapatos, livros em inglês ou traduções de “manuais” norte-americanos, coleções etc.

A folha em questão ocupa um lugar de destaque no que se refere à distribuição (área de difusão): era feita por agentes espalhados por várias regiões do país que recebiam as revistas vindas em pacotes numerados embarcados em Nova Iorque¹³. Sobre a recepção jornalística, muito do que sabemos deve-se ao trabalho do editor, que transcrevia em sua folha todos os comentários feitos pelos outros jornais norte-americanos e brasileiros. No segundo número, já transcreve aquele feito pelo *The Nation*. Mais tarde, outros jornais, não menos importantes¹⁴: *The Evening Post* e *The Evening Mail*, bem como comentários dos próprios jornais brasileiros.¹⁵

Se *O Novo Mundo* for colocado ao lado de outras revistas ilustradas, ocupará um lugar de vanguarda: a *Revista Ilustrada* de Ângelo Agostini, famosa por suas caricaturas, só surge em 1876 (revista da qual se tratará mais adiante). Carlos Vivaldi, nesse mesmo ano, lança a *Ilustração do Brasil*, uma revista de luxo que não parecia apresentar preocupações com a realidade nacional. Sobre sua tiragem, Nelson Werneck Sodré¹⁶ afirma que o seu índice nunca foi alcançado por qualquer periódico ilustrado na América do Sul (8.000 exemplares). No entanto, apesar de na revista *O Novo Mundo* não aparecer indicações da

¹³ “Em fevereiro de 1871, na altura do 3º número, são apontados os agentes de São Paulo, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Em 1873 há também agentes específicos no Maranhão, Ceará, Minas, Paraná, Goiás, Alagoas, Rio Grande do Norte, Pará, Paraíba, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, numa demonstração da rápida expansão de zonas de penetração do periódico. Observe-se ainda que o editor anota o nome do correspondente no Porto (Portugal) e de Macau (China)”. Elza Mine, op. Cit.

¹⁴ Rodrigues era colaborador do *The Nation* e correspondente do *Diário Oficial* e do *Jornal do Commercio*, o que o ajudava muito.

¹⁵ *O Novo Mundo* foi considerado, sob o ponto-de-vista da realização gráfica, a melhor publicação dos Estados Unidos, depois do famoso *The Aldine* – observação feita por folhas da época e publicada nas páginas do jornal como uma espécie de propaganda. (Ver *O Novo Mundo*, outubro de 1874, p.28)

¹⁶ Nelson Werneck Sodré. *A História da Imprensa no Brasil* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

tiragem, em uma das faturas enviadas por Rodrigues a seu agente no Rio de Janeiro, há menção de 6.000 exemplares. Portanto, em termos de raio de divulgação, o periódico ocupa um lugar de destaque, valendo-se, principalmente, de estratégias comerciais¹⁷.

Não era uma folha feminina, como afirmam alguns críticos, apesar de veicular alguns folhetins (principalmente nos últimos anos) e trazer algumas propagandas para mulheres, como laços e fitas.¹⁸ *O Novo Mundo* mostra-se mais como um periódico que se distinguia dos demais principalmente pelo tom “americanizante”¹⁹.

José Carlos Rodrigues e *O Novo Mundo*

- O jovem empreendedor

José Carlos Rodrigues nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro, em cinco de setembro de 1844; filho de pais abastados estudou no conhecido colégio Imperador Pedro II. Fez a faculdade de direito em São Paulo (1860-1864), onde conheceu José Silva da Costa, com quem fundou, em 1862, *A Revista Jurídica*. Formado, voltou ao Rio e começou a trabalhar em advocacia com o conselheiro Zacarias de Gois. Em 1866, foi secretário particular do ministro da fazenda. No ano de 67, Rodrigues já se encontra em Nova Iorque, onde permanece até 1882. Parte então para Londres, retornando ao Brasil somente em 1890 para assumir a direção do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

O mentor de *O Novo Mundo* é hoje citado e mencionado principalmente como o autor da Biblioteca Brasiliense e editor do famoso periódico carioca o *Jornal do Commercio*. O aclamado homem das letras começa sua vida ligada ao jornal muito jovem e cercado de pequenos mistérios. Deixa o Brasil muito cedo para ir morar nos Estados Unidos. Lá chegando, sem dinheiro, consegue emprego como tradutor e mais tarde como correspondente de folhas em que trabalhavam conhecidos seus. O jovem ousado arrisca a

¹⁷ Essa rápida expansão também deve ter sido fruto de algumas estratégias comerciais, como por exemplo, a proposta da venda de capas “finamente decoradas” para reunião das revistas em volume a cada doze números.

¹⁸ A análise do público leitor se fará mais detidamente no terceiro capítulo.

¹⁹ Sílvio Romero era um dos assinantes do jornal, o que pode sugerir outros leitores de seu grupo.

criação de uma folha em português no frenético mundo dos periódicos em Nova Iorque. Segundo dados do próprio jornal, como já dito anteriormente, *O Novo Mundo* é a primeira folha a circular na América do Norte em português. Aproveitando-se de seus contatos – adquiridos em seus trabalhos esporádicos de tradutor – consegue intrometer-se nesse disputado mercado. Parece certo que o rapaz mostra-se logo com um tino empresarial, uma vez que ao veicular, em uma folha para brasileiros, uma publicidade de produtos norte-americanos, consegue dinheiro dos fabricantes e/ou vendedores e, ao mesmo tempo, por ser uma das poucas pontes entre EUA e Brasil, aumentar o número de assinantes interessados nos produtos.

Rodrigues mantém-se firme e fiel ao ideal de ilustrar o Brasil até 1879; antes porém, em 1875, por motivos financeiros, a folha passa a pertencer a uma sociedade anônima. Paralelamente ao *Novo Mundo*, funda ainda um periódico em espanhol, *La América Ilustrada* (1872 -?)²⁰ e a *Revista Industrial* (1877-1878), dos quais se falará mais adiante.

Logo no primeiro número de *O Novo Mundo*, o editor adverte o leitor de que o objetivo não é americanizar o Brasil, mas mostrar a América do Norte como um bom exemplo de civilização, onde espíritos ilustrados – língua e literatura associadas a uma política econômica – conseguem construir uma nação próspera, voltada para o progresso. Não é preciso sofisticar nenhuma análise do discurso para se perceber que, diante da necessidade da advertência, existia uma sombra, senão assumida, pelo menos sonhada de americanizar o Brasil.

O modelo norte-americano, no entanto, não estava protegido de críticas: a maioria delas voltava-se para os escândalos financeiros. Rodrigues afirmava que o modelo de república era mais próximo do Brasil que o europeu, muito embora a folha não abraçasse a causa republicana abertamente.

²⁰ Esta publicação chega a uma tiragem de 2500 exemplares em 1875 (seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro). Elza Miné op. Cit.

Machado e Sousândrade: outras perspectivas

Na conturbada década de 70 vários estilos coexistiam, da poesia à prosa, da crônica incipiente à intervenção dos científicismos na literatura e na crítica. No Brasil Império, falar de uma cultura nacional, de uma independência das artes, de uma diferenciação do português, era uma necessidade. O projeto romântico de busca e legitimação do nacional era constantemente reavaliado; talvez não com a profundidade necessária, como parece apontar Machado de Assis em seu famoso ensaio “Instinto de Nacionalidade”, publicado originalmente nas páginas de *O Novo Mundo* em março de 1873²¹.

Nele, ao discutir alguns preceitos da literatura que busca sua especificidade, Machado vê na ausência de uma crítica certa e presente uma das principais falhas desse *projeto nacional*:

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência cotidiana e profunda que deveriam exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam.

O título do ensaio, “Instinto de Nacionalidade”, sugere algo que já seja intrínseco aos escritores brasileiros; a nacionalidade seria constitutiva sem a presença da razão. Uma nacionalidade não muito pensada e elaborada, a de fácil digestão, de referências evidentes – nomes de árvores e pássaros. Haveria como que uma espécie de fixação no nacional, ou, melhor dizendo, naquilo que se convencionou chamarmos de nacional. Machado questiona justamente esta convenção.

Por inércia, muitos dos escritores brasileiros tomaram como regra as referências usadas e propostas pela primeira geração romântica: citam os autores, mas não os lêem. A

²¹ Este ensaio de Machado de Assis é publicado pela segunda vez no centésimo número de *O Novo Mundo* (edição comemorativa, abril de 1879).

presença da figura indígena tornou-se, de início, quase que obrigatória para se falar da cor local. Em um segundo momento, a exclusão do elemento indígena também, de acordo com o autor, seria um erro. O selvagem e seus hábitos e cenários podem ou não servir como *canal* por meio do qual o escritor consiga demonstrar que é um homem de seu tempo e lugar.

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores.

Quando Machado trata em especial dos romances, chama a atenção para o fato de eles estarem sempre à parte das questões sociais, dos problemas políticos do país. O romance, o gênero mais lido no período, ganha comentários que, embora explicitamente isentos de valor, trazem, ao contrário, a opinião do autor:

Isento por esse lado o romance brasileiro, não menos o está de tendências políticas, e geralmente de todas as questões sociais – o que não digo por fazer elogio, nem ainda censura, mas unicamente para atestar o fato. Esta casta de obras conserva-se aqui no puro domínio de imaginá-lo, desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas. Seus principais elementos são, como disse, a pintura dos costumes, a luta das paixões, os quadros da natureza, alguma vez o estudo dos sentimentos e dos caracteres; possuímos já uma galeria numerosa e a muitos respeitos notável. (...) Nem todos os livros, repito, deixam de se prestar a uma crítica minuciosa e severa, e, se a houvéssemos em condições regulares, creio que os defeitos se corrigiriam e as boas qualidades adquiririam maior realce. Há geralmente viva imaginação, instinto do belo, ingênua admiração da natureza, amor às coisas pátrias e além de tudo isto agudeza e observação. Boa e fecunda terra, já deu frutos excelentes e os há de dar em muito maior escala.

Quanto à poesia, o autor de Memórias Póstumas de Brás Cubas diz faltar simplicidade aos versos, clareza ao pensamento, porque, em suas palavras, *o sublime é simples*. A poesia da geração em questão carece de precisão nas imagens²². E só a alguns –

²² Incorreções encontradas em especial nos versos de Gonçalves Crespo – Miniaturas – e nos de J. Serra – Quadros.

gênios como Shakespeare, Dante, Goethe, Camões – cabe a audácia de romper regras. Há, pois, uma certa crítica à busca desenfreada pelo novo, pelo original a qualquer preço; custo alto em matéria de poesia.

Os defeitos da produção nacional ainda são sentidos se a língua for objeto de maior atenção; a influência excessiva do francês desagrada Machado, bem como a inserção do que chama de ‘linguagem popular’, uma coloquialidade que, segundo ele, destrói a lei da sintaxe. Essa falha é ainda acentuada pela falta de leitura dos clássicos. Faz ressalvas, insistindo que não se trata de usar uma linguagem anacrônica, mas de depuro do código que se faz com análise, tempo e negociação de sentidos.

Há, ainda, um frenesi para escrever muito e depressa, o que está em desacordo com a qualidade.

Faça muito embora um homem a volta do mundo em oitenta dias; para uma obra prima do espírito são precisos alguns mais.

E, do balanço geral que faz da literatura nacional e na certeza de que está constatando fatos que ajudarão aqueles da nova geração, termina o ensaio:

Viva imaginação, delicadeza e força de sentimentos, graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gosto, carências às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita cor local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira, que há dado bastante e tem certíssimo futuro.

Machado discute o nacional/internacional, cor local/originalidade, convenção/criação sem usar como meio um jornal no Brasil. Por que esse fundamental ensaio sobre literatura brasileira foi publicado pela primeira vez em *O Novo Mundo*? Será um episódio aleatório? O artigo trata da construção de uma literatura independente, que não seja excessivamente apegada a indicadores da cor local. Ora, se estamos falando de mudanças de perspectivas é bastante coerente que as palavras do crítico venham de fora dos limites nacionais. E de onde deve vir o olhar? Paris? Londres? Berlim? Lisboa? Certamente qualquer uma das opções funcionaria como representação de um certo cosmopolitismo, de uma literatura transnacional; Nova Iorque, além de servir também como mais uma das

opções, possui a vantagem de não pertencer ao universo europeu que já encontrava fortes barreiras no Brasil.

Machado insiste em voltar os olhos para o nacional, para a construção de um discurso próprio sem fazer uso de convenções tacanhas. Não é preciso instituir um isolamento para que, contaminado pela paisagem, pela língua e pelo brasileiro, o escritor possa criar algo de acordo com o espírito nacional. Há vozes de fora que devem ser ouvidas, lidas, analisadas. Ser grande e pequeno ao mesmo tempo, saber registrar o que está ao lado sem perder de vista as grandes questões do espírito humano.

Há uma grande intersecção dos interesses de Rodrigues e de Machado. O editor do jornal esforça-se o tempo todo para mostrar a sua preocupação com a construção de um projeto nacional sólido, transparente, baseado na ilustração dos espíritos, no progresso de uma nação e de uma dose de espiritualidade. Em outras palavras, o gosto pelas invenções, pelas máquinas, pelas grandes construções soma-se ao desejo ora mais, ora menos explícito de relacionar o espírito inventivo norte-americano à construção de uma nação. Os grandes jornais norte-americanos não tratavam apenas de notícias dos EUA; como grande imprensa, os textos informativos primavam por um certo cosmopolitismo – os grandes centros urbanos são produtores de ilustração, seja em Berlim, em Paris, Londres, Nova Iorque, Rio de Janeiro.

Rodrigues era a voz que está fora do país, distante da paisagem brasileira, no entanto presente nas palavras e na vontade de mudar o país.

Além de Machado de Assis, outro escritor deseja ver o país de fora para dentro: Sousândrade. Mas, diferentemente do primeiro, o poeta de O Guesa Errante está fora das fronteiras brasileiras. Em Nova Iorque, dentro do escritório do jornal, Sousândrade também arquitetava o seu plano para o Brasil, para a literatura nacional. Possuía também o seu projeto, no entanto, a partir de uma sintaxe completamente diferente da de Rodrigues.

Sousândrade era consciente de seu isolamento, da falta de repercussão entre os escritores de seu meio: *Ouvi dizer por duas vezes que O Guesa Errante será lido cinqüenta anos depois; entristeci - decepção de quem escreve cinqüenta anos antes.*

Cinqüenta anos mais tarde o Brasil ingressaria na fase modernista, quando poetas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e outros utilizariam

em trabalhos experimentais conceitos e formas poéticas que Sousândrade já empregara com algum sucesso. Mas os organizadores da famosa Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, não o reconheceram como um original precursor da poesia de vanguarda. Também a obra sousandradina não influenciou a então nova poesia brasileira.²³

O maranhense, desde a década de 60, realizava experiências-limitrofes com a palavra em sua grafia e seu leque semântico²⁴. Trata-se de uma escrita nervosa, que dialoga com as manchetes dos jornais da época (sobretudo com as de *O Novo Mundo*), com os protagonistas dos escândalos financeiros da sociedade nova-iorquina, com a velocidade das mudanças em uma sociedade voltada para o progresso material.

O rápido crescimento industrial dos EUA após a Guerra Civil (1861-1865) promoveu um significativo êxodo rural e o inchaço das cidades – em especial Nova Iorque. Ao lado das grandes riquezas advindas de tanto desenvolvimento, a miséria, a outra face da moeda, fica mais exposta.

Os versos do poeta de São Luís do Maranhão muitas vezes dão a impressão de serem construídos a partir de um coral esquizofrênico em que as vozes, todas elas, de tão apelativas, não fazem sentido algum. Há um grande ruído nas estrofes de Sousândrade; uma espécie de ausência de sentido advém de suas palavras, porque a justaposição das notícias, a urgência de uma sociedade que se movimenta o tempo todo, os apelos das manchetes, dos crimes e da publicidade, dos escândalos e fofocas também não fazem sentido.

Contra a corrente dos folhetins e poemas lineares e palatáveis, a escrita do poeta inaugura uma literatura solitária, seca, que necessita de digestão mais demorada.

Não só Frederick Williams e os irmãos Campos souberam ver o poeta maranhense com outros olhos; o editor literário do *London Times* afirmou que o Guesa era *uma das obras mais ambiciosas jamais produzidas na América Latina*. Tal visão contrasta totalmente com a do também crítico, Wilson Martins, que – em um suplemento literário de *O Estado de S. Paulo* – não aprovou a “redescoberta” de Sousândrade. Por sua vez, seus comentários foram contestados por um jovem crítico, Luiz Costa Lima.

Para entender um pouco mais das relações estabelecidas entre Rodrigues e Sousândrade, cabe aqui perseguir os passos do poeta quando chega aos Estados Unidos,

²³ Frederick G Williams. *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís, Ed. Stoge, 1976.

²⁴ Augusto e Haroldo de Campos *ReVisão de Sousândrade*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

bem como conhecer as motivações de sua viagem, suas expectativas, seus projetos para São Luís do Maranhão, para o Brasil.²⁵

Em 1871, não se sabe ao certo se pela saúde da filha, se havia problemas em seu casamento, ou se era mesmo um desejo de viagem e mudança – ou por todos esses fatores – Sousândrade foi para os Estados Unidos com sua filha Maria Bárbara. A menina foi matriculada no Instituto do Coração Manhattanville (há uma nota de Williams sobre esse pequeno episódio: o poeta *pediu ao redator de O Novo Mundo que publicasse um registro sobre o colégio do Sagrado Coração(...)* J. C. Rodrigues aceitou a sugestão, publicando *texto ilustrado com relatório do prédio do colégio*²⁶).

José Carlos Rodrigues acompanhava a vida literária de Sousândrade, dizia que possuía um zelo de missionário para com o Guesa:

Estamos habituados a responder que o nosso poeta vive muito retiradamente no confim de New York, Manhattanville, a sete milhas do centro da cidade. Do pequeno quarto numa casa de família ele vê a cruz no cimo do Sacré Coeur onde se está educando sua única filha, cuja delicada saúde fê-lo trocar por este clima o do Maranhão. Andrade continua sempre a escrever o Guesa, – o grande trabalho de sua vida – e nisto emprega a dedicação de um missionário, porquanto, é preciso dizê-lo, Andrade é desses homens, hoje raros, que têm idéias e que morrem por elas, sem que todavia se invistam da repugnante arrogância que quase sempre acompanha as pequenas grandezas morais deste mundo. Nosso amigo (a quem raramente vemos) é um dos tipos mais singulares e mais bonitos que temos conhecido.

Na morte de Gentil Homem recebeu Andrade um grande golpe. Gentil era o seu “irmão de alma” predileto.²⁷

Sempre que possível, Rodrigues publicava as notas ou críticas sobre a produção de Sousândrade. É assim com a resenha de Pereira da Silva sobre Harpas Selvagens, publicada originalmente no periódico carioca *A Reforma*:

Há quinze anos saiu a lume nesta corte um volume de poesias líricas intitulado “Harpas Selvagens”.

²⁵ Os trabalhos sobre Sousândrade – edição crítica, introdução e notas – de Williams e Jomar Moraes em muito contribuíram para o estudo da presença do intelectual maranhense na redação de *O Novo Mundo*.

²⁶ Williams, op. cit. Sobre esse episódio, ver *O Novo Mundo*, 24 de novembro de 1871, p. 25.

²⁷ Ibidem. Ver *O Novo Mundo*, fevereiro de 1877, p.39.

Firmava-o o nome de Joaquim de Souza Andrade, um moço, como denunciava o livro em suas páginas cheias de frescor, de verduras, de estilo e inspiração.

Sousa Andrade foi aquilo que prometia o volume “Harpas Selvagens”: um poeta distinto.

Se no seu primeiro livro ele já havia dado provas de que tinha talento e que era bafejado pelas musas: produções que vieram depois ainda mais confirmaram sua reputação literária.

Nas “Harpas Selvagens” admirava-se a rudeza do cantor, rudeza própria dos assuntos escolhidos; a idolatria pelas coisas pátrias; muita melancolia, e pendor para o ermo.

Alguns versos eram defeituosos, mas a fisionomia do poeta estava acentuada, e ele queria e sabia cantar como americano.

Posteriormente, publicou Andrade, nos Estados Unidos, alguns cantos de um seu poema, o “Guesa Errante”, espécie de Child Harold, a viajar pelos nossos sertões, a descrever as cenas brasileiras; ora as paisagens amazônicas, ora os ritos e usanças indianas.

(*O Novo Mundo*, fevereiro de 1877)

Williams acrescenta novas informações do obscuro período em que Sousândrade ficou em Nova Iorque: *Sousândrade, pelo comum, vivia retraído. Vez por outra escrevia artigos e resenhas literárias para O Novo Mundo. Em 1875 aceitou a vice-presidência da Associação mantenedora do jornal e ajudou no seu financiamento, motivado talvez por sua linha antimonarquista.*²⁸ Em *O Novo Mundo*, temos Rodrigues esclarecendo o novo papel do poeta:

Elegendo para vice-presidente o Sr. Sousa Andrade a diretoria quis reforçar o elemento brasileiro na associação, atraindo tão distinto cavalheiro e literato que mostrou a sua fé na empresa por bela subscrição de seu capital social.²⁹

No Centenário da Independência dos Estados Unidos – 1876 – Sousândrade vai até a Exposição Internacional em Filadélfia. Outro brasileiro, convidado especialmente para as comemorações, foi o imperador do Brasil D. Pedro II, que presidiu as festas da Independência ao lado do presidente Grant. Aproveitando a ocasião, o monarca visita a redação de *O Novo Mundo*, evento em que Sousândrade não comparece.³⁰

²⁸ Ibidem.

²⁹ *O Novo Mundo*, julho de 1875, p. 238.

³⁰ Ver *O Novo Mundo*, setembro de 1876, p.267. D. Pedro, em tal exposição, foi convidado a ser o primeiro a testar uma das mais novas invenções: o telefone.

O poeta, nos anos em que morou nos Estados Unidos, teve oportunidade de assistir a um governo republicano em ação; podia analisar os frutos do desenvolvimento de tal país, apreciar, ainda, a liberdade econômica de seu sistema... no entanto, soube enxergar claramente as distorções econômicas e as injustiças socio-políticas que estavam associadas ao seu progresso. Desses aspectos negativos da vida americana deixou contundente registro no canto X de O Guesa, especialmente na parte conhecida como “O Inferno de Wall Street”.

A vida do intelectual maranhense no Brasil era bastante agitada e por vezes tumultuada. O poeta participava intensamente de atividades que, no seu modo de entender, auxiliariam em muito a vida do brasileiro: a instrução popular, sob a forma de palestras gratuitas, a importância do voto para a inserção do cidadão diretamente em sua realidade social – pertencia à Comissão de Educação do Estado e à Comissão Eleitoral que regulamentou o processo eleitoral. Como presidente da Comissão encarregada da elaboração de projetos para a Constituição do Estado do Maranhão, foi autor de um estudo para a instalação de uma universidade a que todos os habitantes tivessem acesso gratuitamente. Sua sugestão não obteve nenhum respaldo, servindo apenas para acentuar ainda mais o seu caráter de visionário frente aos outros intelectuais (é importante ressaltar que o poeta se recusava a receber qualquer tipo de remuneração por seus cargos).

Convém, no entanto, observar que na verdade tentava transplantar para sua terra natal práticas e atitudes republicanas nas quais acreditava plenamente, e algumas das quais observara nos Estados Unidos durante sua estada ali. Além do mais, não era o mero sonhador de uma utopia republicana, mas trabalhava para a realização desses ideais. E quando homens de posição falhavam no cumprimento de seus deveres, ele interpretava tais falhas como derrotas pessoais.

Procurava realizar os seus projetos também e sobretudo por meio de sua poesia, fazendo-a veículo de suas críticas. No poema “Inferno de Wall Street”, por exemplo, combate a corrupção observada nos Estados Unidos; o mesmo ocorre ao compor Harpas de Ouro, já que alguns líderes da república brasileira se afastavam dos ideais da nova forma de

governo. Era atento observador da realidade e revoltava-se quando alguns não correspondiam à confiança e autoridade de que o povo os investira.

Até mesmo críticos como Williams, que procuram recuperar Sousândrade, escorregam na tentação de ver no maranhense um romântico fora da realidade:

Era, em verdade, um idealista-fantasia, representando, até certo ponto, o papel de um homem alheio à realidade, imprático e que para tudo tinha uma resposta poética: uma frase, um dístico, uma invocação retórica. 'Paus d'arco em flor, viva a República', teria ele telegrafado ao Marechal Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório, por ocasião do primeiro aniversário da proclamação da República.³¹

... o que não quer dizer que Sousândrade deixasse de ser um romântico antes de mais nada. Cronologicamente falando, pertence à Segunda Geração Romântica, ao lado de Gonçalves Dias (1823-1864), José de Alencar (1829-1877), Álvares de Azevedo (1831-1852) e Junqueira Freire (1832-1855).

Diz Williams:

...foi um poeta romântico, modelado e desenvolvido pelo romantismo nacional e internacional. Se é verdade que suas primeiras obras só podem ser apreciadas corretamente dessa perspectiva, diríamos das últimas que seriam incompreensíveis sem tal orientação. Com efeito, somente a partir de uma ótica romântica da obra sousandradina é que evoluiremos para a observação dos audaciosos lances que apontam para o vanguardismo, passando pelo simbolismo, num percurso em que demonstra seu valor poético e gênio inventivo.³²

É curioso que sua revalorização sempre insiste em passar *apenas* por uma exaltação de seu espírito vanguardista, um modernista antes de seu tempo etc; tal movimento abafa direta ou indiretamente a forte presença do Romantismo em sua poesia.

Sousândrade sofre influência de parnasianos e simbolistas, em especial, no Novo Éden; porém não é objetivo deste estudo precisar ao certo o quanto de mera convenção literária existe na obra.

³¹ Williams, op. cit..

³² Idem.

... uma vista de olhos pelas epígrafes que utiliza e referências que faz, leva à conclusão de que Sousândrade tinha acentuada preferência pelos clássicos e, entre eles, especial predileção por Homero. Isto se verifica principalmente nas suas últimas obras, em que a mitologia grega é fartamente utilizada.³³

Sousândrade e o seu novo mundo

O polémico poeta fixa residência nos anos de 1870 nos Estados Unidos - *encontra a nação americana no início da sua arrancada capitalista*³⁴, momento de formação da primeira geração dos muito ricos.

Apesar de trabalhar ao lado de Rodrigues, não se portava como o colega: era silencioso e reservado o bastante para, em geral, não assinar os seus artigos ou notas literárias. Às vezes assinava com apenas um *J* ou *JS*, o que nos foi revelado por um jornalista brasileiro que estava curioso por mais informações e pede ao redator de *O Novo Mundo* mais notícias sobre o poeta do *estranho Guesa* (palavras do jornalista).

De Nova Iorque, Sousândrade parecia ter uma perspectiva mais voltada para o nacional do que muitos intelectuais brasileiros: nossos escritores, segundo o poeta, não parecem ter um compromisso com as letras; salienta a ausência de um respaldo erudito necessário para que o escritor possa assimilar influências, criar a própria identidade e não meramente plagiar o modelo, sem nenhuma espécie de diálogo.

Sente-se essa não sabemos que falta de amor à arte, que se nota na literatura brasileira, como se os poetas se quisessem livrar o mais depressa possível dessas coisas de mero passatempo, visando a outras de mais interesse.³⁵

³³ Ibidem.

³⁴ Segundo Luiz Costa Lima, a leitura de *O Novo Mundo* “nos testemunha o quadro de agitação, falcaturas, dismantelo de fortunas e aparecimento de meios mais hábeis de enriquecer, a corrupção administrativa dos períodos da presidência do Gen. Grant, sob o qual, ademais, se desenvolviam as asas do imperialismo americano” – há um erro do autor quanto à periodicidade da folha, de 1870 a 1879, e não até 76 como indicado no estudo - (Luiz Costa Lima, “O campo visual de uma experiência antecipadora” In *ReVisão de Sousândrade*, op.cit.)

³⁵ Ver *O Novo Mundo*, outubro de 1873.

O poeta acusa, ainda, a preferência dos escritores pela carreira política, além de acentuar ainda mais o que ele chama de desamor à arte:

Será a política a carreira única no Brasil para a virilidade dos talentos?(...) nobres almas do sentimento e do ideal que são devoradas pelo abismo político, e temos que delas antes que dos partidos fora a glória da regeneração da pátria, que tem ainda de elevar-se. Parece-nos motivo também de desamor às letras a falta de melhor educação literária, como convém aos poetas e aos filósofos, educação que os leve a familiarizarem-se com a alta literatura grega e latina, bem como com a dos povos modernos. A prática de tal sociedade certamente que arrecadaria da outra, que é a única por nós cultivada.³⁶

O poeta explicita – faz uma espécie de autocrítica –, em um de seus artigos sobre literatura, o modo como se deve considerar a influência que sobre ele teriam exercido alguns escritores:

Amo a calma platônica; admiro a grandiosidade do Homero ou do Dante; seduz-me a verdade terrível shakespeareo-byrônica; e a celeste lamartiniana saudade me encanta. Ora, todas estas generosas naturezas não me ensinaram nunca a fazer verso, a traçar os contornos da forma, a imitar vox faucibus o seu canto, porém a uma coisa somente: ser individualidade própria, ao próprio modo acabada – enamorada e crente em si própria.

Ser absolutamente eu livre, foi o conselho único dos mestres; e longe de insurreccionar-me contra eles, abracei de todo coração os seus preceitos.³⁷

Um espírito nacional que se relaciona com os demais, mas se mantém íntegro e original – é o que falta à literatura:

E é porque vemos os assuntos que demandam maior ciência e aturado labor, esquecidos e evitados depois que os das paixões da mocidade e de simples imaginação esgotam-se e esfriam. Embora creiamos como Pindaro que, “os gênios nascem, e não se fazem”, é necessário que vinguem e se desenvolvam, como as plantas do deserto, no seu caráter próprio e original; que aprendam a independência absoluta que lhes dão a natureza e os grandes exemplos do Dante e o Milton, que não

³⁶ Idem.

³⁷ Ibidem.

se prestam ao plágio senão à nobre imitação dos discípulos aos mestres; em vez dessa pretendida liberdade de jogo do espírito e das frases, que por aí andam, e denunciam tão só a pobreza do ânimo que reproduz e não produz; é necessário enfim que tenham a individualidade, que aplaudimos no autor de que ora nos ocupamos.

Constou-nos que Gentil Braga escrevia o “Beckman”, esse drama gigantesco que ainda não está escrito; que Joaquim Serra escrevia “Domínio holandês na Paraíba”, como Castro Alves tomara para assunto dos seus cantos dos “Escravos”. A nossa mocidade precisa de tais assuntos da história, e mesmo porque o coração humano se fortifica mais com os exemplos da desgraça do que com as ficções do delírio e os floreios requebrados da lira de amor.³⁸

O autor de O Guesa continua a falar da literatura brasileira: ela não oferece nenhum interesse para os estrangeiros, possui uma ortografia sem padrão e, o que é pior, os escritores brasileiros eram imitadores dos mestres europeus. Insiste na importância da produção de uma literatura profunda, original:

É porque me quer parecer a falta de ciência e de meditação o motivo da nossa literatura não ter podido ainda interessar o estrangeiro. Até nossa ortografia portuguesa não se entende entre si; a nossa escola não é nossa e nada ensina aos outros; estudando os outros, tratamos então de elegantizá-los em nós, e pelas formas alheias destruimos a escultura da nossa natureza, que é a própria forma de todos. A nossa música e os nossos literários esplendores de certo que transportam e deslumbram os sentidos, mas também adormentam o pensamento, afrouxam a idéia do homem. Sons e perfumes, flores e fulgores, roupagens e adornos, graças e tesouros, são sem dúvida grandes dotes de muitas princesas; porém de poucas será o corpo belo, sadio, forte, e a alma com a dor da humanidade e com a existência do que é eterno.³⁹

Em outro texto, o poeta critica severamente a confusão ortográfica no Brasil:

O benemérito Sr. Garnier, melhor completará a sua nobre tarefa de editor, tendo melhores revisores... E maior serviço prestado às letras brasileiras dando-lhe uma ortografia etimológica invariável e científica.

É um horror ao estrangeiro que deseja aprender o português ver um novo modo de escrever em cada livro que abre.⁴⁰

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ Ver *O Novo Mundo*, agosto de 1877.

É preciso, segundo o Sousândrade, abandonar os temas do Velho Mundo e atentar para os próprios temas:

Deixemos os mestres da forma – se até os deuses passam! É em nós mesmos que está nossa divindade. Não é pelo velho mundo atrás que chegaremos à idade de ouro, que está adiante além. O bíblico e o ossiânico, o dórico e o jônico, o alemão e o luso-hispano, uns são repugnantes e outros, se o não são, modificam-se à natureza americana. Nesta natureza estão as suas fontes, grandes e formosas como os seus rios e as suas montanhas; ela, à sua imagem, modelou a língua dos seus Naturais – e é aí que beberemos a forma do original caráter literário qualquer que seja a língua diferente que falarmos.⁴¹

A busca da tradição dos clássicos, a preocupação com a falta do “amor às letras” dos intelectuais brasileiros, o incômodo desleixo com a ortografia do português, a falta de originalidade revelam um pouco do projeto de Sousândrade: o veio romântico de busca e consolidação de uma literatura nacional permanece vivo, por exemplo, na preocupação com a democratização das universidades e portanto do saber e da instrução, posição ainda reforçada pelas inúmeras conferências públicas ministradas por ele ou convidados seus; ao lado de tal atitude, o poeta da tradição, das incansáveis citações gregas, do verso difícil que clama por um receptor cúmplice das notícias dos principais jornais brasileiros e norte-americanos para se fazer entender; é o poeta dos malabarismos formais e dos múltiplos sentidos – o modernista antes do tempo, o poeta moderno – o apreciador da república e o do desencanto de sua não sonhada ineficiência.

Williams sintetiza da seguinte forma o projeto de Sousândrade:

Sousândrade desejava, assim, contribuir para que tivéssemos uma literatura nacional, sem com isto, porém, negar as dimensões de universalidade válida. Essa abordagem e suas tentativas de realizá-las poeticamente lhe dão uma posição de importância na literatura brasileira. Sousândrade é um poeta original e ao mesmo tempo universal. Isso explica a marcante orientação pan-americanista presente n’ Guesa e em que se antecipa aos intelectuais ‘modernistas’ hispano-americanos. Sua propensão ao individualismo explica também em parte a constante experimentação a que submete sua obra,

⁴¹ Idem.

processo de que obteve novas formas e pelo qual chegou à reformulação de conceitos. Neste campo, sob vários aspectos, antecipou os modernistas brasileiros.⁴²

O poeta que se considerava um guesa – um andarilho, um périplo, condenado ao sacrifício – estava ao lado de Rodrigues na redação e, à primeira vista, uma grande distância parecia existir entre eles; da fascinação pelo progresso à descrença no mesmo: o que edifica uma nação, o que deteriora as relações humanas. Rodrigues soube amparar suas idéias na já solidificada realidade social americana; Sousândrade procurava o seu tempo, buscava – em seu ciclo constante – no escritório de um jornal, na proximidade com a exuberante imprensa americana, estar em vários lugares ao mesmo tempo, ser cidadão do mundo; com a percepção cirúrgica, entrever e documentar – para os próximos 50 anos, como costumava brincar – o então nascente capitalismo norte-americano, no que ele tem de mais imperialista nos veios subterrâneos da infernal Wall Street.

Sousândrade não deixou uma obra tão extensa e nem parece ter tido uma participação muito intensa em *O Novo Mundo*; Williams acredita que sem contar com a obra poética, quase nada se tem de sua prosa de ficção (apenas dois textos, “A casaca da caneleira” e “Os destinos”) e alguns artigos publicados em jornais, entre eles, *O Novo Mundo*. (Ver anexo)

Quanto a sua produção jornalística, escreveu alguns artigos de interesse que versam principalmente sobre política, literatura e universidade. Ao que tudo indica, o poeta só publicou em jornais que se aproximavam de suas idéias políticas, ou seja, em jornais republicanos. Segundo o estudioso de Sousândrade, dos 48 artigos e avisos de seu punho de que se tem notícia, 24 são sobre política e apenas 5 literários; apenas 11 são ligados à universidade e os restantes, 8, abordam diversos assuntos. Williams afirma que, como articulista, o poeta é tópico, didático, biográfico e irônico, características igualmente presentes em sua poesia. Suas contribuições encontram-se publicadas em cinco jornais: *O Novo Mundo* (Nova Iorque), *O Novo Brasil* (São Luís), *O Globo* (São Luís), *O Federalista* (São Luís) e *A República* (São Luís).

⁴² Williams, op. cit..

Temos, então, as 4 categorias propostas pelo crítico:

a) Literatura:

- 1) “Notas Literárias”, *O Novo Mundo*, 23/10/1873.
- 2) “Anchieta ou o evangelho nas selvas”, *O Novo Mundo*, 23/2/1876.
- 3) “Literatura”, *O Novo Mundo*, 8/1877.
- 4) “Estrofas”, *O Novo Mundo*, 9/1877.
- 5) “Alto lá”, *O Federalista*, 23/3/1899.

b) Política:

- 1) “A emancipação do imperador”, *O Novo Mundo*, 24/11/1871.
- 2) “O estado dos índios”, *O Novo Mundo*, 23/3/1872.

Os itens c) Universidade e d) Assuntos vários não possuem artigos em *O Novo Mundo*. São 6, portanto, os artigos de Sousândrade considerados parte de sua produção em prosa presentes no jornal.

“O inferno de Wall Street”⁴³

No ano do centenário da independência dos Estados Unidos, os poetas, em geral, voltavam-se para a grandeza da jovem nação, para a sua prosperidade, para o novo que ela

⁴³ Sousândrade escreve “O inferno” em um período muito particular da história americana (a idade dourada), que foi caracterizado por uma economia em grande expansão; tal período era dominado pelos “rober barons” (barões ladrões) e pelos excêntricos fanfarrões que alimentavam uma imprensa marrom; havia uma parcela da sociedade em busca ávida pelo esplendor, pelos prazeres exóticos, pela futilidade e apego material. “O Inferno de Wall Street: painel de uma época”, Williams, op. cit.

representava⁴⁴. Não é difícil de imaginar que mesmo grandes poetas da época tiveram as suas vistas ofuscadas pelo brilho das comemorações⁴⁵.

Sousândrade⁴⁶, mesmo sendo um admirador do progresso americano, vivia desconcertado com a imensa onda de corrupção que tomava o país. Sua resposta à comemoração deveria ser um alerta ao povo; em nome de uma pretensa liberdade socio-política, o bem-estar nacional estava sendo descartado por um grupo de políticos completamente desinteressado pela coisa pública. Tal situação possibilitava-lhe demonstrar o que poderia ocorrer, mesmo numa democracia, quando homens de bem se omitem do cumprimento de seus deveres e responsabilidades cívicas e morais. O poeta, por meio de sua poesia, quer interferir na realidade com a mesma violência que pulsa do centro comercial do país: a New York Stock Exchange (Bolsa de Nova Iorque), o local onde se concentra, em movimentos frenéticos, a compra e venda de ações; a Bolsa de Nova Iorque é o símbolo do caos moral, é mais uma evidência que reforça a crença de que o materialismo era a força propulsora da corrupção que ameaçava os Estados Unidos. Nesse sentido, a disposição gráfica de sua mensagem tem um papel essencial: suas palavras devem ser ouvidas, sentidas e vistas.

No “inferno”, o poeta representa fragmentos da história americana, alguns, em especial, relativos às décadas de 70/80, critica o excesso de riqueza e a corrupção governamental, além de censurar a falta de controle pelo Estado das altas finanças; satiriza também a hipocrisia de muitas práticas religiosas.

⁴⁴ Depois da guerra civil – 1861-1865 –, os Estados Unidos passam por um período de reconstrução, tornando-se o país mais industrializado do mundo.

⁴⁵ Até mesmo Carlos Gomes fez um hino ao centenário da independência norte-americana, que foi publicado em *O Novo Mundo* a 24 de junho de 1876.

⁴⁶ Os costumes norte-americanos influenciavam consideravelmente a ‘pauta’ dos editoriais de *O Novo Mundo* feitos por Rodrigues que escrevia, por exemplo, sobre o Dia do Senhor (Domingo): o comércio fecha, o operariado descansa, a Exposição do Centenário cerra suas portas e até a Marinha, por determinação do Presidente Lincoln, repousa nesse dia (ver *O Novo Mundo*, outubro de 1878, p.222); registrava uma provável preocupação dos norte-americanos com a educação feminina (24 de julho de 1871, p.155); os melhoramentos para a vida doméstica: sanitários domésticos no interior das residências, água encanada a temperaturas variáveis (23 de dezembro de 1875, p. 66), telefones (maio de 1877, p. 110); e, ainda: escolas mistas, processo eleitoral, sistema penal, casamento, religião etc. Pode-se, então, imaginar os efeitos dos costumes no também brasileiro Sousândrade.

O poeta conserva nomes tirados de jornais de Nova Iorque, como *O Novo Mundo*, e a impressão que tais pessoas fizeram nele ou nos cidadãos em geral. Williams afirma que quase todos os assuntos e figuras do poema são citados e noticiados em *O Novo Mundo*.

Um dos inúmeros exemplos é o escândalo de Tilton-Beecher (estrofes 7 a 17).

Estrofe 7: apresentação do escândalo

(Mob violentada:)

– Mistress Tilton, Sir Grant, Sir Tweed,

Adultério, realeza, ladrão,

Em másc`ras nós (rostos

Compostos)

Que dancem à eterna Linch Law!

(G: 232)

É a primeira geração de milionários americanos que aparece na estrofe; tal classe é formada pelos donos das grandes companhias ferroviárias, pelos falsificadores, pelos responsáveis pelos jogos de azar, pelos capitalistas da Bolsa. *O Novo Mundo* comenta várias vezes diversos aspectos da vida dos magnatas da alta finança norte-americana; há dados biográficos de A. T. Stewart, C. Vanderbilt e J. J. Astor – as 3 maiores fortunas do momento – em fevereiro de 1877(Ver p.32-3); dados sobre sistemas ferroviários dos Estados Unidos (5: 332); Fulton (4:121 e 8:51); falsificadores (9:208) e finanças (1:131 e 6:50).

Alice Tilton e o reverendo Henry Ward Beecher sofrem processo judicial por adultério, o presidente Grant fora acusado de dirigir o país como um monarca; William Marcy Tweed desfalca o erário em 3 anos em cerca de 45 milhões de dólares (entre 1860 e 1870, 200 milhões de dólares). Diante de tanta confusão, as pessoas clamam por linchamento. É importante lembrar que Grant é citado inúmeras vezes em *O Novo Mundo* (ver, em especial, vol. 3, p.18 e 19); além de Tweed por suas práticas corruptas e o processo

a que é submetido (ver *O Novo Mundo*, vol. 3, p. 66; vol. 4, p.46; vol.8, p.254). Em *O Novo Mundo* (vol. 1, p. 182) foi discutida a lei do linchamento.

Foram colocados em anexo dados extraídos de Williams – Sousândrade: vida e obra: são temas recorrentes no poema de Sousândrade que encontram a sua devida repercussão em matérias de *O Novo Mundo*.⁴⁷

Imprensa e Ilustração

- Pequena história da imprensa

A imprensa chega de modo diferente na América, assumindo papéis vários a depender do que o colonizador esperava da nova terra. Isso irá determinar um maior ou menor desenvolvimento das técnicas de impressão. Na América Inglesa, a imprensa será, a princípio, um instrumento de catequese; em 1638, Jesse Glover, um ministro protestante, instala a primeira imprensa nas colônias americanas para o serviço da sua igreja; contrata um tipógrafo, Stephen Dage, e, em 1640, publica um livro de Salmos: *The Whole Book of Psalms*.

As primeiras publicações nas Américas foram, sobretudo, obras destinadas à catequização dos índios ou exercícios espirituais protestantes. Publicações de outras naturezas eram terminantemente proibidas, bem como folhetos e/ou pequenos informes; essa particularidade parece ser fruto da reação da igreja frente a um novo mundo que se descortina perigoso, contaminado pelo espírito humanista dos descobridores renascentistas. A nova terra era vista, pela própria distância e principalmente pelo fato de ser fruto de um projeto humanista, como o cenário libertário, ainda não aplinado pela igreja. Wilson Martins, lançando mão de Fernando de Azevedo, observa:

Através da história do livro impresso, vislumbramos, assim, a realidade da luta surda que se travou em território americano entre a liberdade, que era o seu destino natural, e a disciplina que lhe foi imposta; entre o impulso renascentista, de que nasceu, e a frenação medieval representada pelo

⁴⁷ Ver também em anexo artigos de Sousândrade já publicados .

domínio espiritual dos jesuítas e dos puritanos (cuja ação foi, no fundo, assaz semelhante). Entretanto, essas duas forças idênticas, e que atuavam aparentemente no mesmo sentido, dariam resultados diferentes e até opostos na América Inglesa e nas Américas Espanhola e Portuguesa. (...) Ocorre uma diversidade de temperamentos nos povos que conquistaram e colonizaram essas regiões e também uma oposição entre as duas concepções cristãs, a católica e a protestante.⁴⁸

Apesar da força da igreja – força essa indissociável de uma série de poderes e interesses políticos europeus –, o cristianismo não causou os mesmos efeitos em toda a América; é fundamental, pois, distinguir o impacto que o cristianismo teve nos Estados Unidos daquele ocorrido em terras brasileiras:

Ao lado de uma concepção de dever e, comum aos dois campos em que se dividiu o cristianismo, é preciso reconhecer no inglês, como até certo ponto no protestante da Inglaterra e de outros países, maior independência de espírito. Em teologia, como em política e em ciência, o inglês recusa-se a aceitar as opiniões recebidas, tendendo a formar ele mesmo uma opinião. Longe de proibir o livre exame, o protestantismo o exige. Ele é bastante largo para permitir o uso da razão, o bastante simples para seguir melhor a evolução das idéias modernas, retendo, contudo, o essencial da fé – o que permite manter-se sempre vivaz, entre os povos anglo-saxônicos, o sentimento religioso. O jesuíta, que não acreditava muito na liberdade, é, ao contrário, e por excelência, o restaurador do dogma e da autoridade, em que encontrou o meio de se impor aos selvagens cujos instintos a civilização ainda não havia domesticado, e na qual reconhece e proclama apesar de todos os erros que foi condenada a cometer, um dos meios de que a humanidade podia dispor para se elevar gradualmente dos estágios sociais inferiores às diversas fases de civilização.⁴⁹

A América Inglesa terá, portanto, um contexto propício para o desenvolvimento das idéias, do labor intelectual, do exercício – até certo ponto – da subjetividade, o que será vetado àqueles catequizados pelos jesuítas. Católicos, ao contrário, não devem praticar o exercício do exame, da dúvida, do questionamento, mas da aceitação plena do dogma.

A discussão das idéias será a porta de entrada, o alimento do qual irá se nutrir a imprensa. De livros religiosos a uma certa autonomia da impressão, pouco a pouco a atividade tipográfica ganha fôlego e se cristaliza como sendo uma prática fundamental para a transmissão de idéias e formação de um povo. Não é por mera obra do acaso que os

⁴⁸ Wilson Martins. “A imprensa na América” in A palavra escrita. São Paulo, Ática, 1996, p. 291-292.

⁴⁹ Fernando de Azevedo. A cultura brasileira, p. 299-300, citado por Wilson Martins.

prelos irão surgir muito tempo depois na América portuguesa e, mesmo assim, sujeitos a uma severa censura. O Brasil é o último país americano a possuir imprensa. (O “criador” do jornalismo brasileiro, Hipólito José da Costa, surge antes mesmo da tipografia brasileira... Hipólito funda e mantém em Londres o primeiro jornal verde-amarelo).

A primeira tipografia a funcionar em terras brasileiras – por pouco tempo, pois o perigo de propagação de idéias contrárias ao regime colonial “provocou” fogo em seu prédio – teria sido a instalada pela Academia dos Seletos em 1752; há, ainda, documentos que sugerem a data de 1706, no Recife. Mas, para a finalidade do presente trabalho, longe de precisar a data da instalação da imprensa no Brasil, o importante é salientar o seu atraso e seu parco desenvolvimento.

D. João VI a 13 de maio de 1808 assina o decreto que cria a Impressão Régia, núcleo da imprensa nacional e instalação oficial e definitiva da tipografia brasileira. No entanto, isso não representou uma maior liberdade de pensamento; pode-se pensar, inclusive, que serviria para moldar e coagir ainda mais a expressão. Livros e impressos em geral - vindos da Europa - eram severamente vigiados, o que não significa que não eram lidos por determinados grupos.

Até a independência muitas outras tipografias foram instaladas, mas o curioso é que não havia exatamente uma folha brasileira; o primeiro jornal brasileiro – *Correio Brasiliense* – era impresso em Londres pelo já mencionado Hipólito José da Costa. Proibido oficialmente, era lido inclusive por D. João, que parecia fazer vistas grossas e mesmo proteger a folha que trazia importantes informações e até alguns conselhos. O periódico levemente oposicionista – havia uma espécie de acordo no sentido de abrandar certos ataques e não discutir determinados assuntos, o que valeria à aquisição de 500 números por edição – é publicado de 1808 a 1822; três meses após a independência Hipólito encerra o seu trabalho prometendo escrever algum número esporádico quando surgisse um assunto digno de nota, o que parece não mais ocorrer.

Gazeta do Rio de Janeiro surge no mesmo momento que o *Correio Brasiliense*, setembro de 1808, com uma importância mais histórica e menos de representatividade na

história da imprensa brasileira⁵⁰. *O Jornal do Commercio*, ao contrário, constitui-se desde sua fundação, em outubro de 1827, como uma folha distinta das demais, não estava apenas preocupada com fofocas de príncipes da Europa, de acusações políticas sem o devido fundamento, panfletário e subversivo como a maioria dos primeiros periódicos brasileiros (*Idade de Ouro, À Aurora Fluminense, Astréia, Nova Luz Brasileira, O Repúblico etc*)⁵¹ – era uma publicação séria e, desde o início, mais sisuda.

A grande imprensa americana

Não é à toa que Rodrigues vê na América do Norte o seu futuro: a grande imprensa americana era imponente em suas unidades espalhadas pelo país, em quantidade de publicações, em variações temáticas, em possibilidades de trânsito com grandes tipografias inglesas, principalmente no que se refere ao *aproveitamento* das gravuras. O anúncio também era uma novidade, era sinônimo de prestígio para a folha. Um dos motivos que faz do *Jornal do Commercio* um jornal de repercussão – um dos maiores do mundo – é justamente o número de anúncios veiculado nele. Os únicos jornais diários que ultrapassam o seu número de anúncios – 753 –, são: o *Times* de Londres, com 1613 anúncios e o *Herald* de Nova Iorque, 976.⁵²

Em 1870, os Estados Unidos possuíam 5319 folhas, das quais 550 eram diárias. A distribuição era, segundo dados extraídos de *O Novo Mundo*⁵³: Filadélfia com 200 folhas, quase o mesmo que Nova Iorque e Boston.⁵⁴ Havia mais de 400 jornais em outras línguas que não o inglês: 250 em alemão, 78 em francês, e outras línguas; só *O Novo Mundo* em português. Nova Iorque era o estado de maior publicação: 32 folhas diárias, 6 em alemão, 2 em francês e uma em dinamarquês.

⁵⁰ Em uma nota de *O Novo Mundo* o redator afirma que o *Diário do Rio de Janeiro* é a folha mais antiga – 1817. *Gazette*, desde 1665, duas vezes por semana, é a folha mais antiga de Londres, seguida pelo *Public Ledger*, fundado em 1759 e o *Times*, que foi fundado em 1788 sob outro nome. Nos Estados Unidos, o mais antigo, e ainda vivo, é o *North American*, mas não há menção da data. *O Novo Mundo*, novembro de 1871.

⁵¹ É importante salientar, no entanto, que a abdicação de D. Pedro I, deve-se, também, a agitação política provocada pelas citadas folhas.

⁵² *O Novo Mundo*, agosto de 1871.

⁵³ *O Novo Mundo*, dezembro de 1870.

⁵⁴ Em Roma eram apenas 14 folhas diárias. Ver *O Novo Mundo*, outubro de 1871.

Segundo dados fornecidos pelo Serviço de Estatística da Educação do *Anuário* do IBGE, em 1955 circulavam no Brasil 2961 periódicos divididos em 6 categorias, entre os quais predominou a revista – 789; diários, 261; gazetas, 1396; boletins, 419; almanaques, 50; outros tipos, 46. Apenas 17 diários com tiragem entre 50 mil a 100 mil e 2 entre 100 mil e 200 mil. Em 1992 o número já era de 6130 publicações periódicas e 1176 edições de livros⁵⁵.

Quanto à tiragem, temos algumas pistas veiculadas nas páginas de *O Novo Mundo*: o jornal *Tribune* possuía uma circulação diária de 45.000 exemplares e semanal, 157.000; *NY Times*, uma circulação diária de 40.000⁵⁶. Estima-se que *o Novo Mundo*, que era mensal, possuía uma tiragem de 6000.

O maior periódico da época, no entanto, não era veiculado nem em terras norte-americanas, nem inglesas: era o jornal literário alemão *Gartenlaube*, com uma tiragem de 250.000/dia!⁵⁷

Ainda na Alemanha, o *Bazar*, fundado há 16 anos, é outro periódico com grande repercussão. Trata-se do principal jornal de moda do mundo, chegando a 500.000 exemplares (não foi possível averiguar a sua periodicidade), e publicado em 12 línguas diferentes.

Não é um jornal de modas ou de “luxos” somente; mas é um amigo de todas as classes, ricas e pobres, “altas ou baixas”. Pugna pelos interesses das mulheres, quanto à beleza e economia do vestuário, procurando sempre sujeitá-lo às exigências da decência e dos aconchegos da mulher.

(*O Novo Mundo*, abril de 1871)

Quem mais poderia assegurar o suposto lugar de destaque de *O Novo Mundo* a não ser o próprio Rodrigues? Acostumado a comentar as notícias das mais variadas nas páginas de diversas folhas, por que não sistematizar o que se publicou sobre o periódico que estava sob a sua direção?

Publicar dados não só de *O Novo Mundo*, mas de outras folhas, pode ser visto como mais uma estratégia para dar credibilidade ao seu trabalho. Era um leitor de jornais e

⁵⁵ Dados extraídos de Wilson Martins, p. 321-322.

⁵⁶ *O Novo Mundo*, agosto de 1871.

⁵⁷ *O Novo Mundo*, outubro de 1871.

revistas antes de qualquer coisa, ciente do papel que a imprensa exercia nos grandes centros urbanos.

Imprensa e Romantismo

O estudo presente também tem por objetivo entender como é legitimado o discurso da constituição da nacionalidade; projeto romântico levado por nomes como José de Alencar, Gonçalves de Magalhães e outros, que se estende em certo sentido às décadas posteriores, à crise do Império, à República.

A idéia de nacionalidade não se fazia só por meio da literatura e da política, mas também, e sobretudo, por meio das folhas; a literatura era, de certa forma, um tentáculo da imprensa periódica.

A republicação, em 1865, do Discurso sobre a história da literatura do Brasil, autêntico manifesto do romantismo brasileiro de Gonçalves de Magalhães, confirma o trânsito da idéia de nacionalidade, como desejo e não ainda como prática; caberia ao poeta a descoberta de formas “que mais exprimissem nossos sentimentos, religião, crenças e costumes, e melhor revelassem a nossa nacionalidade”.⁵⁸

A construção da nacionalidade também passa pelo conhecimento/reconhecimento das fronteiras brasileiras; o território nacional, observado pelos mapas, faz nascer uma espécie de obsessão pela cartografia, podendo ser observada não só pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico, como na prosa de ficção dos anos 30/40 do século XIX⁵⁹.

O reconhecimento das fronteiras também deve ser entendido como a constituição do pensamento brasileiro, o estabelecimento de uma história do Brasil – escrita e reescrita inúmeras vezes – a formação de um cânone com o qual se possa dialogar. Esse processo lento, contraditório de formação de fronteiras tem intrínsecas relações com as revistas e jornais e a pluralidade que tais publicações representam.

⁵⁸ Gonçalves de Magalhães. Obras Completas. t. VIII: Opúsculos históricos e literários. Roma, Fratelli Callita, 1876.

⁵⁹ Flora Sussekind. O Brasil não é longe daqui (O narrador, a viagem). São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

A revista *Nitheroy - Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*⁶⁰ publicada em Paris em 1836 é um bom exemplo. Com apenas 2 números – 188 e 264 páginas respectivamente –, sua presença é obrigatória nos anais da literatura: constitui-se como uma espécie de manifesto romântico brasileiro, uma importante contribuição para a tênue imagem nacional. Os jovens idealizadores da revista – Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre e Francisco de Sales Torres Homem – foram de fundamental importância na legitimação de algumas *fronteiras* brasileiras.

Foi a partir do Rio de Janeiro que esses jovens escritores criaram a imagem de um Brasil; a partir de um *olhar elitizado, marcado por uma estética que não refletia o Brasil real, mas tão-somente a assepsia e a neutralidade promovidas no município do Rio de Janeiro*.⁶¹

Freqüentadores de livrarias, dos salões e cafés – ambientes culturais antes mesmo que para o lazer –, os jovens já ensaiavam muito do que seria discutido na revista. Escritores abastados juntavam-se a indivíduos não tão ricos e falavam de tudo um pouco. Todos ansiando por um Brasil típico do Novo Mundo, civilizado e em busca do progresso.⁶²

A revista *Nitheroy* confunde-se com a própria história do romantismo brasileiro, mas não é a única fonte de onde emanam as discussões sobre o nacional. Os folhetinistas esforçavam-se para discutir o que poderia interessar a todos, a todos os espíritos que sob o ideário do nacional acreditavam ser possível construir uma *imagem* do Brasil. Os donos da pena falavam do teatro, das peças que eram sucesso na Europa e chegavam até terras brasileiras; falavam sobre todo o tipo de publicações, as modificações urbanas que eram sentidas em centros como o Rio de Janeiro; das lojas que despontavam como vitrines de um progresso material além-mar.

⁶⁰ Maria Orlanda Pinassi. Três Devotos, uma Fé, nenhum Milagre. São Paulo, Editora UNESP, 1998. Trata-se de um estudo das particularidades da revista *Niterói*.

⁶¹ Idem.

⁶² Não é objetivo do trabalho aprofundar uma análise do que representou o projeto da revista *Nitheroy*; por isso apenas daremos uma pincelada em alguns aspectos que nos parecem interessantes para a pesquisa.

Margarida de Souza Neves⁶³, a respeito das crônicas cariocas do final do século XIX, vê no lema da bandeira nacional – ordem e progresso – uma síntese do projeto modernizador implementado pelo Estado na virada do século. Na verdade, é mais uma recuperação – ou mais uma tentativa – do projeto romântico de identidade nacional. Diz a autora:

Busca-se assim, de múltiplas formas, reconstruir a história, por uma releitura do passado como pela definição de uma meta comum de futuro, através de uma memória coletiva que se pretende ‘nacional’ e que sublinha as descontinuidades representadas eminentemente pela implantação da forma republicana por sobre as continuidades de uma sociedade marcada por seu caráter historicamente excludente e hierarquizador.⁶⁴

Representar o Brasil, estabelecer o país, fixar a sua *imagem* depende em vários sentidos de recuperar a sua história; recriá-la se for preciso. Pode-se dizer que é o grande tema não só do Brasil Império, mas também e sobretudo da República.

É certo que os meios para se tentar levar adiante tal empreitada é cheio de armadilhas: o observador faz parte também do cenário a ser observado e é uma fácil presa de discursos contraditórios, distorcidos e ... fictícios. Trata-se de um labirinto de espelhos, sendo que o mais importante não é a saída e sim conhecer os limites do que é a fronteira do percurso e o que é a imagem do observador.

José Carlos Rodrigues certamente deveria acreditar na importância de seu trabalho (com todos as armadilhas ideológicas que estão dispostas frente a um *formador de opinião*) para a identidade nacional; quanto mais atacava a excessiva influência francesa e alisava a outra norte-americana, mais ele vislumbrava estar estimulando potencialidades brasileiras.

⁶³ Ver “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas” in *A Crônica*. Campinas, editora da Unicamp, 1992.

⁶⁴ Idem.

O jornalismo de variedades

(A tradição do folhetim no Brasil)

Dai boas semanas e eu vos darei bons folhetins.⁶⁵

Machado de Assis

Em meados do século passado, período chamado por Nelson Werneck Sodré de Grande Imprensa, os periódicos multiplicavam-se a todo instante, impulsionando em sua vertiginosa ascendência os escritores, redatores, políticos, estudantes, editores a um turbilhão confuso e plural das *Variedades*. Carregados todos sob uma grande influência francesa, principalmente, os homens das letras tinham à sua disposição um espaço vale-tudo, que fora inaugurado pelo *Folhetim* e que agora, em disponibilidade, servia de experimentação a textos que podiam oscilar do factual à ficção, da crônica ao relato narrativo, da política romanceada a simples curiosidades biográficas de “vultos”.

O Folhetim, de origem francesa, foi um modo de expressão de grande aceitação entre os homens de letras no Brasil; fez escola, e por que não dizer, assumiu cores familiares e serviu de laboratório de idéias a muitos intelectuais brasileiros. O nome – Folhetim – vai, devagar, assumindo vários sentidos e aproximando-se daquele ao qual hoje conhecemos/reconhecemos como tal: a parte do jornal destinada à literatura, às histórias. Mas não foi sempre assim. O espaço das *Variedades*, como era conhecido de início, ocupava um minguado canto de página, o rodapé das folhas; era usado para tudo: críticas a livros de sucesso, querelas literárias, alfinetadas políticas, curiosidades gerais, dicas diversas. A leitura certamente era garantida, uma vez que esse espaço começa a aumentar e ocupar a parte de dentro dos jornais, não mais o rodapé, e, finalmente, em um processo de especialização, acaba assumindo o que se chamou de suplemento literário. Esse espaço vale-tudo serviu, como já foi dito, de laboratório de idéias e experimentação do modo de expressá-las; em outras palavras, havia ali uma liberdade de linguagem, um tom descompromissado, já que não era um artigo, ou assumidamente um texto político nem mesmo uma crítica literária. O tom narrativo era bastante freqüente, o que facilitava a leitura, além de torná-la mais atraente.

⁶⁵ *Diário do Rio de Janeiro*, 10 de outubro de 1864. É assim que Machado inicia mais uma de suas *crônicas* e segue apelando à *musa gentil e faceira do folhetim* que lhe dê mais inspiração.

Embora sem dados propriamente estatísticos, sabe-se que há uma relação entre a prosperidade do jornal e o folhetim. Os jornais submetiam-se a modificações sucessivas, tanto de formato quanto dos rodapés e anúncios. A diagramação sofre grandes mudanças para que o folhetim possa ter um melhor e maior espaço. Um bom exemplo é a *Gazeta das Notícias* de 1875, fundada em oposição ao *Jornal do Commercio*. Era uma folha abolicionista, cujo diretor – Ferreira de Araújo – atendia a muitos vultos literários, mesmo portugueses.

Na *Gazeta* colaboraram Ramalho Ortigão, Eça, Machado, Capistrano, Patrocínio, Araripe Jr.. Publicou, em folhetins, *O Ateneu* de Raul Pompéia. Entre dezembro de 1879 e janeiro de 1882, abriu o rodapé a Tomás Alves (futuro médico de renome em Campinas), que já se ilustrara no mesmo jornal com Artur Barreiro em diatribes polêmicas contra Camilo Castelo Branco, pela sua ferina apresentação de poetas brasileiros no seu *Cancioneiro* alegre. Tomás Alves publicará na rubrica “Folhetim”, sob o pseudônimo de Hop-Frog, uma série de contos curtos, considerados por alguns de seus contemporâneos como uma das primeiras manifestações do naturalismo no Brasil.⁶⁶

De fato, a ficção no rodapé parece mostrar-se cada vez mais indispensável para qualquer jornal. O *Jornal do Brasil* – fundado em 1891 – era voltado para nomes da política e das letras, mas também se rende ao folhetim. Mesmo nos jornais do interior como os de Campinas e Guaratinguetá há a forte presença do “gênero”. A *Gazeta de Campinas*, entre 1869 e 1887, veiculava romances de Bernardo Guimarães, Machado de Assis, Júlio Ribeiro, ao lado dos eternos franceses: Octávio Feuillet, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail, Richebourg e outros.

As *Variedades* eram destinadas à família, sobretudo. Daí entendermos o porquê dos temas cambiantes: da economia à moda, dos conflitos internacionais às curiosidades particulares sobre uma personalidade. Eram, pois, publicações que instruíam e entretinham; o fútil e o útil, nos dizeres de Machado de Assis referindo-se às *Variedades*, em especial, aos *Folhetins*. Fundamental para a literatura, as *Variedades* contidas nos periódicos ensinavam a ler, cultivavam o gosto pela leitura que diverte, criando um público leitor; o gosto pelas curiosidades gerais dos jornais parece também incentivar o interesse pela mais

⁶⁶ Marlyse Meyer. “Hop Frog e outros brasileiros” in *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

diversa literatura: tratados de biologia, costumes indígenas, antologia de poetas norte-americanos etc.

O espaço de *Variedades* é por princípio um espaço da imprensa do século XIX, ou seja, não se pode pensar em textos marginais a essa forma de produção. Livros eram caros, verdadeiros objetos de luxo, símbolo de status, para serem lidos sim, mas também para ornamentar salas e escritórios suntuosos. A produção de romances é feita, como se sabe, de maneira seriada, aos capítulos, no que se convencionou chamar de folhetim. O que é curioso é que tal modo de distribuição não competia necessariamente com a tradicional venda de livros por livreiros. Se um romance fizesse muito sucesso em folhetim, não raro a sua procura em livro, depois do término nos jornais, era uma espécie de febre; tanto que muitos jornais ofereciam, depois de meses de venda fatiada, o volume encadernado e, às vezes, inclusive com ilustrações para ser adquirido.

A grande maioria desses periódicos estava sob a influência direta francesa, tendo inclusive partes de sua folha escritas em francês. E ainda: expressões francesas eram correntes nos textos, além de uma ultra-valorização da “capital do século XIX” – Paris – e seus ilustres moradores. O epicentro cultural fazia com que os jovens de elite aprendessem muito bem o francês; tanto a “mocinha” quanto o jovem estudante eram leitores de tudo o que vinha da França.

Principalmente a partir da década de sessenta, a excessiva presença da França no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, começa a incomodar mais sistematicamente a vários vultos das letras, preocupados com o vazio a que a nossa cultura estava sendo submetida, já que cópia provinciana do pólo cultural além-mar.

Alguns periódicos começam, pois, a demonstrar uma certa preocupação com essa colagem de modelos franceses que em muitos aspectos prejudicava a visão que o Brasil deveria ter de si mesmo: o projeto romântico de busca e legitimação da identidade nacional estava sendo colocado em xeque.

Ao lado desse fator de diferenciação das folhas, as novas técnicas de impressão e a circulação de gravuras – agora mais nítidas e com um acabamento melhor – provocaram uma cisão nas publicações. Publicações ilustradas são oferecidas a esse público que devorava histórias e variedades gerais com um apetite insaciável. Tais publicações eram

mais caras e, em geral, destinadas apenas ao entretenimento⁶⁷. Importante, também, era a relação que os editores brasileiros tinham com as grandes publicações estrangeiras, o que permitia o uso dos clichês para as gravuras.

É nesse ambiente movediço, no qual os textos das *Variedades* não podem ser objetivamente classificados, que nasce o que mais tarde será a crônica. O espaço das *Variedades*, muito bem nomeado por Flora Sussekind de “museu de tudo”, é um grande laboratório de experimentação, local onde o narrador de ficção se parece com o redator de jornal – quando não são papéis sobrepostos –, pretensamente mais objetivo e centrado no factual que o primeiro; é o local de onde, também, o “cronista” pode arriscar o intercâmbio das duas vozes acima referidas.⁶⁸

Brito Broca nos ajuda a problematizar ainda mais o que se entende/entendia por folhetim em seu ensaio “*Um depoimento brasileiro sobre Wilde*”⁶⁹; nele, o autor chama a atenção para o que tem a dizer aquele que viria a ser diretor do *Jornal do Commercio*: José Carlos Rodrigues. Diz Brito Broca: *Em 1882, José Carlos Rodrigues (...) residia nos Estados Unidos, onde manteve um periódico O Novo Mundo e enviava para a Gazeta de Notícias umas “Cartas Americanas”, publicadas semanalmente em rodapé*. O estudioso volta-se para uma dessas cartas em que Rodrigues discorre sobre Wilde, que fazia a sua primeira visita ao país norte-americano. Afora o eventual interesse que possa ter os comentários feitos pelo brasileiro – a liberdade norte-americana e a parcialidade inglesa nos julgamentos – o que parece importante ressaltar é uma característica da imprensa do século XIX que persiste ainda em 1882: Rodrigues publicava as suas “Cartas Americanas” no rodapé da *Gazeta de Notícias*. Em um outro momento, diz Broca: *O futuro autor de Salomé realizava então sua primeira visita àquele país, e do sucesso que isso estava causando temos uma prova no espaço que o jornalista brasileiro concede ao fato. Mas, segundo a técnica geralmente adotada no folhetim, José Carlos Rodrigues procura articular esse fato*

⁶⁷ Vale dizer que muito do que podemos ler hoje como leitura fútil, descartável, de puro entretenimento, também poderia ter um valor de formação/instrução: a importância da informação não pode ser comparada à dos dias de hoje.

⁶⁸ Flora Sussekind, op.cit.

⁶⁹ Brito Broca. *Pontos de Referência*. São Paulo, Polis, 1979.

com outro: a crítica dos ingleses ao excesso de liberalismo dos americanos no caso de Guiteau, autor de um atentado político (grifo nosso).

Escrever em rodapé ou segundo o estilo do folhetim não são, como em geral se pensa, atitudes tomadas pelos vultos literários apenas no início da imprensa brasileira, na primeira metade do século XIX. Há, pois, a sugestão de que mesmo *O Novo Mundo* era lido como um folhetim, ou pelo menos escrito ao gosto do folhetim. A articulação de um fato a outro – marca do folhetim segundo Broca – era praticamente o procedimento utilizado pela redação do periódico brasileiro⁷⁰.

Falaremos mais detidamente sobre isso no capítulo seguinte; dos procedimentos do folhetinista e das dificuldades de se pensar o folhetim diferente da crônica política, das narrativas, dos comentários descritivos a partir de gravuras, das resenhas críticas... confusões que não se resolverão. Ainda bem. O curioso do material pesquisado é esse aspecto de colagem aparentemente caótica que percebemos nas páginas de *O Novo Mundo*, dessa sobreposição dos papéis de redator/narrador de ficção, das surpresas que a sucessão dos quase 10 anos de jornal acabaram por trazer.

A obsessão pelos Estados Unidos

O mundo projetado por José Carlos Rodrigues possuía os Estados Unidos como modelo político-econômico: o progresso norte-americano era mais viável para o Brasil que o europeu. Os da terra do pau-brasil deveriam mudar de comportamento perante o trabalho, a religião, a literatura, as ciências, ao próprio Brasil. Deveriam respirar os ares do progresso, seja na urbanização das principais cidades, seja no aumento das linhas de ferro, seja na instalação mais eficaz dos telégrafos ou ainda: nas vantagens econômicas da abolição que permitiria um melhor aproveitamento da mão de obra e uma produção de melhor qualidade. Ora, tal mudança só teria razão de ser se os brasileiros estivessem em

⁷⁰ Essa relativa facilidade de passar de um fato a outro foi muito utilizada por José de Alencar na seção “Ao correr da pena” do *Correio Mercantil* de 1854 a 1855 e pelos escritos, pelos folhetins de Machado de Assis em *Diário do Rio de Janeiro*.

sincronia com os novos tempos científicos. Leia-se, na perspectiva norte-americana: afastar-se da influência humanística européia-francesa e ter uma atitude mais motivante com o que se produz: cada homem é responsável por seu sustento/sua produção e poderá vencer e construir sua vida.

A literatura, ainda sem um lugar preciso – confundida com as obras em destaque, como os compêndios de biologia –, era vista como uma importante via por meio da qual se teria uma mentalidade mais objetiva, mais voltada para o futuro da nação. É por isso que o literário está ora na nossa produção romântica – manutenção de um cânone –, o que assegura uma certa identidade nacional, ora na valorização das tendências de uma dita literatura mais científica, importada, mas que trazia importantes balizas de um evolucionismo e ideais do progresso.

Pode-se afirmar que *tendências literárias* conviviam em uma constante tensão nas páginas de *O Novo Mundo*. Uma delas, aquela vinculada à tradição romântica, aparece no periódico sob a forma de folhetins – nacionais e estrangeiros –, poesias, ou mesmo nas referências elogiosas a escritores consagrados pela história literária como Machado de Assis, José de Alencar, Bernardo Guimarães etc.

A outra grande corrente literária presente em *O Novo Mundo* é a chamada “literatura da verdade”⁷¹: trata-se de uma literatura influenciada pelos *ismos* europeus – principalmente o positivismo – que representavam o progresso. Como exemplo, na seção intitulada “Literatura do Dia” os livros anunciados eram em sua grande maioria relacionados às ciências: Geologia do Brasil, Estudos sobre o Amazonas etc.⁷²

⁷¹ Em especial na segunda metade do século, com a influência das doutrinas científicas, o gosto pela “literatura da verdade” e sua valorização cerrada pela chamada “crítica científica” abalam a predominância dos romances românticos. O movimento anti-romântico adquire singular vigor nos romances de Aluísio Azevedo (1858-1913), Raul Pompéia (1863-1895), Afonso Arinos (1868-1916) e principalmente na poesia parnasiana. Esse choque de tendência refletia-se no principal veículo da época – nos periódicos.

⁷² Em *O Novo Mundo* é possível contemplar críticas sobre livros românticos como por exemplo, Os Quilombolas de Bernardo de Guimarães, assim como sobre os inúmeros relatos de viagem, como O Rio Amazonas: descrições minuciosas da paisagem, da fauna, do relevo, acompanhada de reflexões sobre a observação científica, os métodos. Interessante observar que com o auxílio da crítica, a literatura “menos” ficcional, associada ao gosto pelas “curiosidades”, também era motivo de deleite: como vivem – hábitos e crenças – os índios do Amazonas, como é o relevo do interior do Mato Grosso, as paisagens de uma floresta tropical etc.

Enquanto a primeira tendência estaria mais associada à imaginação, à ficção, a segunda procurava ser mais científica, pretensamente objetiva; uma literatura mais “útil e prática” em oposição aos romances de deleite e entretenimento. Neste contexto a crítica ocupava um lugar de destaque: primeiro por identificar e discutir tais *correntes literárias*, segundo por auxiliar na construção/reconstrução do termo literatura e, em terceiro lugar, por sugerir/apontar mudanças possíveis.

O Novo Mundo é o espaço – ou melhor dizendo, é um dos espaços possíveis – no qual tais tendências são expressas, ora se chocando, ora se aproximando, tão cambiantes como a crítica literária presente no periódico. Essa última, pretensamente científica, em favor do progresso, mas também ela produtora/reprodutora dos valores consagrados da tradição romântica brasileira. Esse caráter duplo da crítica presente no jornal será fundamental para o que se irá convencionar como literatura, uma vez que cabe a ela estabelecer o lugar das obras, institucionalizando uma literatura nacional, com identidade particular, instaurando uma tradição.

O projeto romântico de busca e formação da identidade nacional estava sendo colocado em xeque. A história literária já havia sido de certa maneira formulada e tínhamos uma espécie de lista de “vultos literários” – o cânone consagrado pela crítica. Em outras palavras: os novos escritores elaboravam suas obras a partir de uma literatura institucionalizada.

O diálogo tenso entre tendências diversas pôde ser detectado em vários momentos: a influência francesa era criticada, no entanto, ao mesmo tempo, representantes das letras francesas possuíam cadeiras cativas em *O Novo Mundo*. Tal reserva é coerente com pelo menos uma das tendências mencionadas acima: os grandes românticos eram lidos e relidos; garantiam um público leitor. É assim, por exemplo, com os folhetins de Octave Feuillet, Alfonse Daudet⁷³, Victor Cherbuliez⁷⁴ e outros. É importante notar que não só os franceses

⁷³ Apesar de amigo de Flaubert e Zola, era mais da escola *fantaisiste* que naturalista (1840-1897).

⁷⁴ Cronista respeitado na *Revue des Deux Mondes*; usava o pseudônimo G. Valbert (1829-1899).

eram garantia de público: ingleses (William Wilkie Collins⁷⁵ e Ouida⁷⁶), alemães (Paul von Heyse⁷⁷), e norte-americanos (Thomas Bailey Aldrich) também.

As narrativas eram tão prestigiadas quanto outras matérias, também publicadas aos capítulos, como os *folhetins* do famoso cientista francês Camille Flammarion⁷⁸. Nesses *ensaios científicos* – dos quais trataremos mais detidamente nas próximas páginas – encontramos um procedimento lingüístico completamente diferente das histórias fatiadas.

A pluralidade dos discursos era uma característica da imprensa da época; o redator era aquele que comentava notícias, aprofundava discussões em artigos, passava de um assunto a outro em um texto que poderia ser tido tanto como uma crônica quanto como um folhetim. Só aos poucos, já no século XX, as tarefas especializaram-se nas redações dos jornais.

O trabalho que dignifica o homem

Nas páginas de *O Novo Mundo* percebe-se claramente uma religiosidade que deve ser entendida com muito cuidado. É certamente uma das características mais marcantes do periódico. A cautela deve ser tomada para que não se faça uma análise tangencial.

Se por um lado José Carlos Rodrigues combate com unhas e dentes o catolicismo que se coloca como um obstáculo à liberdade e à ciência, por outro, esclarece o que representa a irreligiosidade (que dominou a consciência pensante do período republicano): para ele, uma sociedade sem religião é *uma coesão de indivíduos, mas não é mais uma sociedade. É a ruína, é a morte*. Para que se edifique uma sociedade moderna e civilizada é preciso que exista a democracia – e esta deve ter por base o Evangelho. O cristianismo será, pois, o responsável pela regeneração individual e, como consequência, pelo progresso social.

⁷⁵ Um dos precursores do romance policial (1824-1889).

⁷⁶ Pseudônimo de Marie Louise de la Ramée (1839-1908).

⁷⁷ Uma de suas obras mais conhecidas é *L' Arrabiata*, de 1855, que teve alguns trechos transcritos nas páginas de *O Novo Mundo*. Apesar de o escritor ganhar em 1910 o prêmio Nobel, quase nada se encontra sobre ele (1830-1914).

⁷⁸ Astrônomo, conferencista e cronista especializado, o escritor tem uma presença freqüente em *O Novo Mundo* (1842-1925).

Nas gravuras e notas de *O Novo Mundo* lê-se claramente a cumplicidade que se estabelece entre progresso individual – dentro de princípios morais – e progresso de uma sociedade. O indivíduo com estudo, trabalho, família possui a base para romper as dificuldades cotidianas (na América do Norte é explícita a relação entre progresso material burguês e protestantismo).

Pode-se afirmar que a religiosidade é uma linha mestra para se entender o jornal; no entanto, religiosidade associada ao progresso. É fato que a apologia do progresso era constantemente reavivada com as exposições internacionais e, portanto, o jornal apenas compartilha de um processo que extrapola os limites da redação de *O Novo Mundo*. Em 1851, a Exposição de Londres marca, por assim dizer, a consagração do progresso industrial e material. As idéias de Darwin e Spencer reforçam ainda mais tal tendência.

Como um verdadeiro paradigma, o modelo americano invadia, pois, o discurso do jornal. Mas é preciso atentar para as particularidades da idéia de progresso nos Estados Unidos: primeiro, a crença em uma elevação econômica pela abundância de terras e recursos naturais; segundo, a substituição de uma educação clássica por uma voltada à ciência. São elementos que acabam contribuindo para a formação de uma nação voltada principalmente para o progresso, para a prática, para o esforço individual.

O Brasil, apesar de fortemente tradicional, esforça-se por sincronizar sua atividade com a do mundo capitalista contemporâneo. Sincronização para o Brasil, na prática, era sinônimo de abolição e república. Cada vez mais, percebia-se a urgência do trabalhador livre nas relações sociais de produção. E, na mesma medida, o “status” que o trabalho vai adquirindo: o trabalho enobrece o homem, através dele se viabiliza o acesso à propriedade – e, enfim, é possível o progresso.

Em *O Novo Mundo* há incontáveis informações práticas com a finalidade explícita de estimular o desenvolvimento material, desde a construção de ferrovias, o cuidado com as transações financeiras internacionais, importância das novas técnicas agrícolas, até a aceitação da imigração – tendo a realidade americana como modelo – de acordo com uma necessidade de substituir o trabalho escravo pelo livre.

Era com os olhos voltados para o progresso, para uma nova civilização mais prática e transformadora, que Rodrigues via a literatura. Era mais que uma função, como veremos, era um compromisso com a objetividade e com a cientificidade. Mesmo a poesia deveria

promover a educação dos espíritos para torná-los mais conscientes, íntegros e transformadores.

A preocupação em engajar a literatura à realidade (estamos aqui tratando da formação de um novo gosto literário, vinculado a um público leitor) acarretou, dentre outras coisas, o que podemos chamar do início de uma literatura de massa (*O Novo Mundo* é apenas parte desse processo). A grande imprensa possuía a função de lançar novos autores, instaurar tendências, ser fiel às novas técnicas e ao progresso. Dar, pois, valor de literatura a um determinado artigo de um jornal é reconhecer a literatura não como representação de uma época, mas como reconstrução de um imaginário por meio da imprensa. Nesse sentido, é preciso analisar com muito cuidado as diferenças entre artigos de entretenimento e aqueles de conhecimentos práticos, como também aquelas particularidades existentes no material que se auto proclama literário e naquele não-literário. O movimento que faz a grande imprensa em fins do século passado expressa a própria crise de valores da literatura: o bom livro é o mais vendido, o mais lido, de autores consagrados, de intelectuais primorosos – não necessariamente das letras – que nos dá prazer, que nos ensina.

II) Entre o Literário e o Não-Literário

A imprensa pode ser um dos canais possíveis para se entender uma determinada sociedade em um tempo-espço particular; sob uma ótica é reflexo da sociedade, reproduzindo suas formas e deformidades, mas também pode ser ela própria agente de mudança a serviço de um grupo. Rodrigues, ao mesmo tempo em que compartilha elementos preciosos não só da imprensa mas sobretudo de aspectos importantes do contexto social, faz de sua folha um canal direto e explícito de suas idéias. O jornal não era, para ele, uma empresa qualquer, não era uma fonte de lucros; é certo que era preciso ter o capital necessário para empreender uma empresa de porte, mas, para o imaginário do século dezenove, é muito importante que se pense nos fundamentos deste tipo de trabalho. A associação de imprensa à empresa não era um correlato comum – para não dizer inexistente. Essa visão de imprensa irá estender-se até parte do século XX e, aos poucos, os prelos serão vistos como produtores também de lucros, não só de prestígio e realização pessoal. Longe de romantizar esse tipo de empreendimento, temos que apontar o tabu da associação dinheiro-imprensa que esteve presente durante grande parte da história do jornal e foi mais evidente no século dezenove. Rodrigues quer um canal divulgador de suas idéias; é o principal redator, para não dizer o único. Ele responde pelo conteúdo dos editoriais, por tudo o que se veicula sobre literatura; louros e críticas devem ser endereçados a ele.

Assim, pode-se pensar que a imprensa era reprodutora sim das idéias de uma época e, processo concomitante, veículo de vozes que poderiam ser dissonantes, certas de que estavam a serviço de um futuro promissor.

O Novo Mundo, nesse sentido, deve ser entendido como uma articulação particular de idéias em determinado momento da história estético-cultural brasileira; como um projeto de ilustração dos espíritos nacionais em busca do desenvolvimento não só econômico, o jornal constituía-se como uma reunião de receitas que deram certo em outro lugar – nos EUA – e que, portanto, poderiam também funcionar no Brasil. No entanto, as idéias de

Nova Iorque encontravam não só eco, mas também sua origem em terras nacionais: “Instinto de Nacionalidade”, de Machado de Assis, é um dos exemplos, junto com o discurso de uma série de outros intelectuais preocupados com a transformação da realidade brasileira a partir de algumas medidas, como a abolição, a república, a democratização do ensino etc.

Uma descrição de um determinado corpus de *O Novo Mundo*, partindo de alguns fragmentos do primeiro número, mostrará como essas características estavam presentes no periódico de Rodrigues. No número 1 da folha, antes das duas páginas finais, destinadas à publicidade, anunciava-se o seguinte programa, no qual a influência das idéias norte-americanas já é marcante:

Programa – O Novo Mundo propõe-se em geral: A registrar rápida e concisamente, pela letra e pelo desenho, as principais evoluções da Era; A expor e a traçar mais ao comprido as mais importantes questões do dia, especialmente as que tocam aos interesses de ambas as Américas.

Mais de perto: O Novo Mundo toma sobre si a missão de ministrar ao Brasil, notícias circunstanciadas da vida política, moral, literária e industrial, dos Estados Unidos da América do Norte.

Apesar de o jornal expressar o desejo de não americanizar o Brasil, sabe-se que isso não corresponde à realidade. O próprio fato de a folha estar sendo publicada nos Estados Unidos já faz desse país uma referência em algum sentido; além do mais, é fundamental lembrar que a terra do Tio Sam era uma referência de imprensa para o mundo, ao lado de pelo menos França, Inglaterra e Alemanha. É importante notar os proveitos que uma imprensa eficiente tem sobre a opinião pública, sobre a veiculação de informações de diferentes naturezas, sobre a política, inserção de discussões na sociedade intelectual da época, fato que certamente não passava despercebido para os diretores da folha. Tal imprensa fazia parte de um modelo de desenvolvimento social, econômico e político, o que equivale dizer que não era só no campo das idéias impressas que os Estados Unidos estavam como modelo.

Se de fato houve o interesse de americanização ou se isso ocorreu na sombra do texto, não nos interessa. O que interessa é a concretização de um movimento dentro do jornal no sentido de apontar os Estados Unidos como um referencial importante de

FEVEREIRO DE 1879.



NOVO MUNDO

PERIODICO ILLUSTRADO,

REDIGIDO POR J. C. RODRIGUES.

Vol. IX.—No. 98.

NEW YORK:

PUBLICADO NOS ESCRITORIOS DO "NOVO MUNDO"
"New York Times" Building, Nos. 22, 23, & 30,

RIO DE JANEIRO:

O. C. JAMES, AGENTE GERAL,
RUA DIREITA No. 47.

República, um Estado organizado de maneira a desvincular a religião de um caráter oficial, no entanto, capaz de associar trabalho à fé, melhoria espiritual à melhoria econômica, capitalismo a protestantismo.

Tentaremos mostrar, essa é uma das hipóteses de nosso trabalho, que tal postura terá conseqüências para o que se entendia por literatura.

Acreditamos ser de interesse apresentar algumas das matérias fichadas no primeiro número do jornal, bem como mostrar algumas das seções que se repetem e que exigiram uma atenção especial durante o percurso da leitura do periódico. Para efeito de organização, numeramos os artigos e grafamos os títulos em itálico; após cada um deles fizemos pequenos comentários; são eles:

Vol. I nº 1 New York, 24 de outubro de 1870

1- D. J. G. de Magalhães: ministro do Brasil nos Estados Unidos

Como poeta e como filósofo, o Sr. Magalhães tem na literatura da língua portuguesa um nome que não é excedido pelo de nenhum outro contemporâneo¹. (...) “A Confederação dos Tamoios” (mostra) o patriota que justamente se gloria da virgindade e da magnitude de sua terra natal. Tanto no que diz respeito a seu caráter moral. Como vulto literário, o Sr. Magalhães é célebre por ter sido o iniciador da escola nacional de literatura, – de ter começado uma literatura brasileira, distinta da portuguesa. Na sua “Confederação dos Tamoios”, em que o poeta pinta a luta entre o elemento indígena e o elemento civilizador, nessa epopéia, diz o Dr. Macedo, “a ação é vasta, única, interessante e patriótica; as descrições fiéis, porque apresentam a cor local; a frase sempre correta e o estilo simples”. O Sr. Magalhães tem quase sessenta anos de idade; entretanto, pela sua aparência, mal dir-se-ia que o grande poeta brasileiro tem vivido meio século. Os seus trabalhos diplomáticos ou, talvez o espírito de progresso material que domina neste país, não têm inspirado o poeta, durante a sua residência entre nós.

¹ Há quase uma década o poeta já ocupava um lugar de destaque, segundo ilustres contemporâneos, como Machado de Assis por exemplo: “O autor de ‘Contos Fúnebres’ ocupa um lugar eminente na poesia nacional. O voto esclarecido dos julgadores já lh’o reconheceu e a sua nomeada é das mais legítimas”. *Diário do Rio de Janeiro*, 17 de outubro de 1864.

O NOVO MUNDO

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA EDADE.

Entered according to Act of Congress, in the Year 1879, by J. N. BROWN, in the Office of the Librarian of Congress, at Washington.

VOL. IX.

NEW YORK, MAIO DE 1879.

Nº 101.



Adine P. M. & Co.

O REI LEAR.
DE UM QUADRO DE GUSTAV SCHAUER.

Esse é um texto típico, o que leva mesmo a criar, digamos assim, uma seção para as matérias biográficas para os vultos; tal seção, que será vista com mais demora nas páginas seguintes, irá se estender até o término do jornal, dando uma especial atenção à literatura. O tom elogioso é uma característica importante das biografias, sendo que o mérito não será dado apenas pela profissão da personalidade: os valores de cidadão, os seus princípios morais serão claramente valorizados.

2- Bibliografia – Geologia do Brasil

Geology and physical geography of Brazil, by Ch. Fred. Hartt

Trata-se de uma resenha crítica sobre o livro do professor e viajante Hartt: o redator enfatiza a importância que têm para a sociedade os tratados científicos sobre a formação do solo. O elogio à obra é feito por esta ser “profundamente científica”. Hartt fez parte da expedição Thayer, cujo chefe foi o professor Agassiz – personalidade a aparecer inúmeras vezes na folha – e que explorou o Brasil em 1865 e 1866.

O mérito principal desta obra, independentemente do que tem em relação à bibliografia brasileira, é que é uma obra profundamente científica. O prof. Hartt não é apenas um “amateur” de gneiss ou de terrenos terciários, é um geologista de profissão, que pela primeira vez descreveu minuciosamente a geologia do Brasil. Só aqueles que são senhores do seu assunto podem descrever, como o autor, tão concisa e simplesmente, como vivamente. Realmente, o prof. Hartt pôs a geologia do Brasil ao alcance da inteligência do comum dos leitores.

Os Andes e o Amazonas, by James Orton

Segundo o autor da resenha, Orton apresenta-se como “modelador” e Hartt como “criador”. Enquanto o primeiro faz uma exposição das opiniões dos exploradores anteriores, o segundo faz uso mais discreto das autoridades, nunca deixando de enunciar os mesmos resultados a que chegou com seu exame. Enfim, é um livro pouco científico, segundo o redator, já que não defende adequadamente sua tese.

3- *O Amazonas*

O texto possui um caráter descritivo. É dada uma especial atenção à localização geográfica (descrição minuciosa), à latitude, aos canais laterais, ao volume de água etc. Os artigos descritivos, não raro, tornam-se um convite para uma leitura de algo próximo da crônica, como veremos mais tarde.

4- *Mineração do carvão de pedra*

O artigo inicia com uma explicação dos tipos de carvão (aspectos físico-químicos), a concentração de jazidas na Pensilvânia, discorrendo em seguida sobre as possibilidades de existência de minas no Brasil. Trata-se de um artigo com caráter informativo e, pelo excesso de detalhes específicos, aproxima-se do científico. (Interessante observar que a linguagem é bastante precisa). Entretanto, no meio do texto, ocorre uma *digressão*: “Que trevas espessas!...” Esse texto é uma extensão da seção anterior, uma vez que também tem um caráter descritivo. Falaremos mais sobre essas ‘digressões’ e demais propriedades desses materiais no item “Folhetins, crônicas, notas e *outros*”.

5- *Em Geral*

(coluna de curiosidades gerais)

* O poeta William Coulin Bryant está muito abastado: mas não é a poesia e sim, devido à casa de negócios que ele mantém.

* São muitas as publicações em Nova Iorque. Entre as cem principais, duas são escritas em alemão, duas em francês, uma em italiano. *O Novo Mundo* é a primeira publicação periódica em português.

* Os melhores periódicos em modas são impressos em Berlim e os negociantes ingleses e americanos começam a suprir-se na capital prussa em vez de Paris. Conquistada ou não a Alsácia e Lorena, a província da moda caiu em mãos da Prússia.

6- *Propagandas de produtos*: pílulas catárticas de Ayer, xarope peitoral de cereja de Ayer, salsaparilha de Ayer (para limpar o sangue); são quase três páginas de publicidade.

7- Anúncio para o *The New York Times*: há um plano especial para assinaturas que não sejam diárias; uma a duas vezes por semana. A resenha é elogiosa, enfatizando a importância da folha referida para quem desejar estar informado das notícias dos Estados Unidos e Europa. Essas referências elegantes às folhas norte-americanas estarão presentes durante todo os quase dez anos do jornal, mas aparecem, em especial, nos primeiros números.

8- *Livros Novos*

* Theology and Physical Geograpy of Brazil, by Ch. Fred. Hartt (continuação do “Journey in Brazil” pelo professor Agassiz e sua senhora)

Esta obra é de sumo interesse para homens de letras, viajantes e negociantes, e cada estante de brasileiro deve ser adornada com um exemplar.

* Chrestomathia da Língua Inglesa por José Carlos Rodrigues.

Seleção de 150 fragmentos dos melhores autores ingleses, precedida de um ensaio sobre a origem e o desenvolvimento da língua inglesa e de sua literatura. E, ainda, esboços biográficos e críticos dos autores citados. Há, também, um comentário em inglês sobre o livro de J. C. Rodrigues feito pelo periódico *Evening Post*.

* The Andes and the Amazon or, Across the Continent of South America – by James Orton, A M.

9- Seguem-se mais propagandas: pólvora (de caçar, militar, de minas de qualidade superior); dentes artificiais, cadeiras; tipos; relógios de parede; máquina para iluminação – a gás; ferragens e arados; segadeiras (arado); serviços: engenheiro civil (Nova Iorque); Estabelecimento de gravura (Nova Iorque).

Por meio da transcrição de parte do primeiro número torna-se possível avistar algumas frentes de assuntos/enfoques os quais nortearão os nove anos de *O Novo Mundo*. A primeira delas são os artigos biográficos que estarão sempre presentes; a intenção é mostrar a vida de uma personalidade, principalmente exaltando seus méritos não só profissionais, mas, não raras vezes, pessoais. Gonçalves de Magalhães inaugura, pois, um espaço que irá tratar de Castro Alves, do presidente Grant etc.

As referências a folhas americanas aparecem mais sistematicamente no início com objetivo um pouco evidente de estabelecer, convenientemente, uma política de boa vizinhança. Há, ainda, aquelas matérias que possuem basicamente um caráter descritivo; a preocupação documental é evidente: sempre ao lado de gravuras-fotos, tais textos representam, por meio de uma linguagem descritiva, toda uma paisagem.

O primeiro dos artigos narrativos – híbridos textos – já aparece no número 1 do jornal; é o das minas de carvão, que será analisado nas próximas páginas.

As *Notas* ou *Em Geral* são seções que sobrevivem das curiosidades gerais; é a seção que mais faz o jornal se parecer com um caleidoscópio; o seu caráter enciclopédico fica explícito. Lê-se, nesta parte, um pouco de tudo: a taxa de mortalidade infantil da cidade de Nova Iorque, as últimas obras a saírem nos Estados Unidos, dicas para a educação dos filhos etc.

Finalmente, a seção das três últimas páginas é a destinada à publicidade, sendo que o programa do jornal, bem como uma espécie de cartum, dividem parte da última página.

Ao observarmos o caminho trilhado pelo jornal percebemos, logo de início, que a folha opta, como já foi dito, pela manutenção de um canal claro e educado com os demais periódicos; tal interlocução é um bom começo para fazer valer um livre trânsito que renderá ao *Novo Mundo* muitos frutos. No segundo número há uma grande matéria sobre o edifício do *Public Ledger* – o pretexto é o prédio muito bonito, a sua localização etc, até chegar ao que parece interessar o editor, o elogio ao jornal norte-americano.

O artigo procura mostrar como são importantes e imponentes as grandes construções dos EUA, em especial, as de Nova Iorque. Notar a ênfase que é dada às construções que abrigam as folhas mais famosas. Há a preocupação em agradar muitas das

publicações importantes, mas também de mostrar ao público brasileiro a força da imprensa norte-americana.

A soberba estrutura de que apresentamos aqui a gravura é o edifício do Public Ledger, uma folha diária, de Philadelphia, dirigida pelo seu proprietário Mr. G. W. Child. As primeiras impressões que cada um recebe ao chegar a um país, está visto, variam com cada indivíduo: o que para este é surpreendedor, é por aquele outro olhado com indiferença. Mas não há estrangeiro algum de certa cultura que, ao chegar aos Estados Unidos, não fique pasmo de ver as palacianas mansões da sua imprensa periódica mais importante. Em New York, o “Times” (onde temos o nosso escritório) é um edifício de pedra, com três faces, e cinco andares, e que mostra bem que a gazeta que ali se publica é tão importante **como o próprio edifício** (grifo nosso). Vem depois o palácio do Herald, menos sólido, mas talvez mais elegante e mais rico; a Tribune, World, Ledger, Daily News. E Clipper, todas estruturas majestosas.

(*O Novo Mundo*, novembro de 1870)

Filadélfia é a segunda cidade do país, cuja principal folha diária é justamente o *Public Ledger*. O dono de tal folha é Mr. Geo. W. Child, que conseguiu acumular muitos haveres graças a sua “indústria, perseverança e tino”. *Public Ledger* é o primeiro estabelecimento neste continente a ter uma tipografia de cartazes de fantasia, e em várias cores.

Nota-se a associação entre os frutos visíveis de uma sociedade voltada para o progresso e a produção de qualidade de uma folha; ou seja, as construções, as avenidas, pontes – a organização do espaço urbano – estariam diretamente ligadas às mentes dos cidadãos.

Parte da seção “Em Geral” do segundo número de *O Novo Mundo* vale a pena ser comentada, uma vez que ela já registra o trânsito de gravuras praticado pela imprensa da época. A cópia de ilustrações famosas, dependendo dos acordos entre os editores, não representava um problema, mais parecia uma prática inerente ao mundo da imprensa. É importante observar o que o redator afirma quanto ao uso feito das ilustrações: as gravuras do *Harper's Weekly* estão presentes em *O Novo Mundo*, mas com matérias pertinentes e não fúteis.

A maior parte das poucas folhas americanas, a quem remetemos o nosso primeiro número, nos acolheu com expressões muito simpática e, às vezes muito lisonjeiras. Entre essas folhas, seja-nos permitido citar "The. Y. Tribune", "The N.Y.", "Journal of Commerce", o "Evening Post", o "Commercial Advertiser", "The Nation", e "The Public Ledger". Está visto que não temos de procurar o que por ventura tenham dito outra sobre nós: em todo o caso, sentimo-nos gratos à imprensa americana pela animação que nos deu. Tomamos a liberdade em traduzir aqui o que sobre o nosso primeiro número escreveu "The Nation". Sendo este periódico considerado como o crítico mais autorizado da imprensa deste país, é-nos escusado fugir à confissão que ficamos muito tocados com a sua apreciação dos nossos esforços, apreciação que, sem encher-nos de orgulho, só alentar-nos-à para multiplicá-los, no constante propósito de bem servir à causa da verdade. Diz a "Nation" no seu número 279, pág. 298:

"Aos periódicos no alemão, francês, italiano e espanhol que ora se publicam nesta cidade temos de ajuntar presentemente uma folha mensal em português, "O Novo Mundo". É do tamanho de "Harper's Weekly", **que o supriu de quase todas** (grifo nosso), senão todas as gravuras com que é ilustrada e que a seu turno cada um reconhece como as mesmas originais do "Graphic". Percorrendo-se o seu conteúdo, porém, vê-se logo que o periódico não é recheado a troche-moche, mas antes tem uma variedade de matéria original, que indica que os seus diretores têm um objeto sério em vista. Este objeto, como o declara o redator, o Sr. José Carlos Rodrigues, é concorrer para chamar a atenção do Brasil e até certo ponto, da **América do Sul, para os negócios do Estados Unidos, não dando-lhes as notícias do dia, mas discutindo os princípios, a política e o progresso desta república** (grifo nosso).

Não é propósito do redator americanizar o Brasil nem país algum: ele crê que todos os povos e raças têm um desenvolvimento seu próprio e que com a ajuda da Providência podem galgar a mais exaltada perfeição. "O Novo Mundo" pugnará pela emancipação do Brasil, e realmente traz neste primeiro número um artigo bem elaborado sobre o assunto. Com este artigo vêm outros sobre uma universidade para o Brasil, sobre a administração de Grant, sobre o equilíbrio europeu, sobre Cuba e a Espanha, sobre neutralidade, sobre a unidade alemã, sobre a infabilidade; e há uma miscelânea bem escolhida sobre os acontecimentos do dia e sobre a prosperidade material de ambos os continentes. A parte bibliográfica contém verdadeiros modelos de crítica literária. Há também esboços biográficos de Urich, Trochu, Moltke e Bismarck, acompanhando os respectivos retratos; e mais particularmente do Sr. Magalhães, que acaba de servir de ministro brasileiro em Washington, e do Sr. Henry T. Blow, nosso atual ministro no Brasil. Em suma, a julgar por esta amostra, é nossa opinião que "O Novo Mundo" é uma empresa muito respeitável, na altura da idade e habilmente redigida. Folgaremos muito que ela possa concorrer em fazer levar por diante o último projeto de Dom Pedro, de acabar com a escravidão, como a necessidade mais urgente do Império; e quanto a divulgar no Brasil ainda mais a relação dos produtos do engenho e da invenção dos Americanos, não nutrimos dúvida que há de ser para isto um órgão valioso e de muito préstimo. Esta folha deve

aparecer regularmente à saída do pacote mensal, via S. Thomaz. O preço da assinatura é três dólares por ano e o lugar onde se assina é no número 24, Times Building, New York.

(*O Novo Mundo*, novembro de 1870)

Os editoriais, as biografias e a publicidade: imagens de um outro mundo

Os editoriais eram feitos provavelmente pelo editor-chefe, como era comum entre as folhas. Mais do que uma empresa, um jornal representava muitas vezes uma maneira de concretizar projetos pessoais – no caso de Rodrigues, ensinar o “verdadeiro” progresso ao Brasil –, de encontrar uma certa exposição, de expandir idéias, comportamentos e atitudes; vale lembrar que era a única maneira de se fazer ouvir por um determinado público.

Nos editoriais de *O Novo Mundo*, como vimos, havia algumas linhas mestras essenciais do projeto de Rodrigues. O texto, essencialmente argumentativo, procurava articular os acontecimentos dos Estados Unidos a problemas e/ou soluções de questões nacionais; era uma espécie de balanço do que já havia ocorrido, junto a apresentação do que o leitor deveria esperar naquele número. Às vezes tomava emprestado como mote o tema da gravura da primeira página – uma data comemorativa, um marco, uma personalidade que estivesse estampada na capa; com exceção de raríssimos exemplares, o editorial não era assinado.

Nessa seção, mais do que nas outras, via-se mais claramente o culto à ciência e a qualquer empreendimento moderno, transmitido à sombra da retórica, com sinais de uma religiosidade muitas vezes incômoda; o *espírito nacionalista* era o protagonista vitalício destes textos, e só por valorizá-lo, certamente acreditava-se que o jornal já prestava um auxílio ao progresso.

O editorial ocupava quase sempre parte da página dois e era o segundo texto do jornal; o primeiro partia em geral da gravura da primeira página e tratava da Comuna de Paris até dados de um estadista. O editorial versava sobre assuntos que diziam respeito ao Brasil e, preferencialmente, também aos Estados Unidos; mesmo tratando de questões políticas do governo norte-americano, o texto contorcia-se e chegava ao Brasil de alguma forma; como se a notícia fosse mero pretexto para o ‘conselho’ que Rodrigues tinha reservado para aquele número.

É o que acontece no número no qual Rodrigues encarrega-se de discutir, afora outros assuntos (a derrota da França, a monarquia do Papa etc), um em especial: o término da Guerra do Paraguai com a morte de Lopez. É nesse último fato que é encontrado o gancho para uma crítica ao Brasil. Diz o redator:

Na Guerra do Paraguai, em uma palavra, nós aprendemos que devemos cuidar da liberdade em si mesma, sem atenção alguma pelas formas atuais do organismo social. Quase sempre são estas formas propriamente que impedem o progresso; é antes a nossa mesma inércia na contemplação dessas formas, e uma idéia exagerada que temos da sua importância.

(*O Novo Mundo*, dezembro de 1870)

Resenhar sobre a busca do nacional e a importância deste para o progresso da nação era a temática predileta do jornalista:

OS PLANOS DO FUTUTRO

Não há quem não sinta no Brasil que o Império está entrando em um novo período de vida. A consciência nacional está começando a dar acordo de si.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1871)

Segue o texto discorrendo sobre a importância de uma consciência nacional para assegurar os rumos da nação (texto que chegará ao fim somente no próximo número). A “consciência nacional”, declamada a pleno pulmões pelos primeiros românticos, agora, em 1871, segundo o redator, começa a dar “acordo de si”. Saber-se diferente, independente e maduro cultural, política e socialmente da Europa não era uma tarefa tão fácil de ser alcançada.

Tavares Bastos² será outro pretexto para o redator falar sobre o país em um editorial intitulado “A Base da Sociedade”. A partir de um artigo extraído do jornal *A Província*, Rodrigues enaltece o pensador que procura as verdadeiras causas da grandeza brasileira.

² Conhecido por suas idéias liberais e por defender a libertação dos escravos, Tavares Bastos (1839-1875) tem os seus ensaios mencionados em *O Novo Mundo: O Vale do Amazonas* (1866) e *A Província* (1870).

Uma versão parcial (da Bíblia) com a carta da Palestina, e mundo antigo, estampas e dicionários explicativos, sem comentários eclesiásticos, seria o mais belo livro popular.

(*O Novo Mundo*, junho de 1871)

Segue o artigo no qual Tavares Bastos defende a descentralização como uma forma de governo mais democrática. O redator de *O Novo Mundo* relaciona a descentralização mencionada à religião; segundo Rodrigues, o princípio da liberdade tem que estar ligado ao Evangelho: *A base da sociedade democrática ou da sociedade moderna, portanto, é o Homem, é o indivíduo: é o respeito pelo mais fraco dos homens coletivamente.*

Rodrigues muitas vezes discorda de alguns posicionamentos de certas folhas brasileiras e deixa isso muito claro; é o que ocorre no editorial “A Questão das Raças”³: nele o redator critica fortemente os periódicos brasileiros que na época da guerra na Europa (conflito entre França e Prússia, com a derrota de Paris) convocaram os seus leitores a ficarem ao lado dos franceses por causa do ‘sangue latino’, sem que discutissem a fundo a questão política.

Os editoriais, muitas vezes assinados, confirmam a voz de José Carlos Rodrigues, a sua dicção, as dissonâncias que estão presentes ao longo de todo o jornal. Nas capas de alguns volumes ou no início de um novo ano, o editor-chefe registrava o seu nome: “*O Novo Mundo – Jornal para o progresso da idade, por José Carlos Rodrigues*”.

A sua empresa, o seu projeto pessoal, a sua necessidade de fazer algo pelo seu país não são visíveis apenas nesses textos; ao contrário, temos a marca de sua pena ao longo de parte das páginas da folha; como hoje, o editorial caracterizava-se como uma espécie de índice das matérias, uma sugestão do que iria ser abordado, além de ser um espaço mais explícito para os posicionamentos.

As biografias

Os artigos biográficos de *O Novo Mundo* eram quase que exclusivamente elogiosos, enalteciam sobremaneira as qualidades do vulto focalizado, traziam, quando a personalidade era do mundo das letras, excertos de textos, obras famosas, comentários de

³ *O Novo Mundo*, abril de 1871.

algum crítico. Por vezes essa seção era um mortuário, o que fazia com que as cores do elogio não raro fossem mais fortes.

Tais textos não são muito diferentes daqueles de hoje em dia; o diferencial está na relação dessa “seção” com todo o corpo da publicação; em outras palavras, o jornal ainda não tem suas partes devidamente especializadas como hoje ocorre. Essa “seção” passa a ser um índice para se instituir valores a determinadas personalidades – seus feitos, suas obras. Certamente o jornal espelhava um discurso das correntes brasileiras somado a critérios norte-americanos. Nesse sentido, a literatura não poderia ser valorizada pura e simplesmente em nome da construção de uma identidade nacional, mas deveria ser uma literatura que colocasse o país em sincronicidade com o progresso, com as novas tendências – leia-se, no tom do jornal, com os Estados Unidos. Tais textos estão, pois, muitas vezes ligados a uma certa crítica literária.

A morte de Castro Alves gerou um desses textos de que se fala. O jovem poeta é valorizado sobretudo pelo seu caráter abolicionista, pela dimensão humana dada aos negros. Ao mesmo tempo em que é tido como artista de talento original, é tomado como gênio, mas um gênio que estava se moldando, um gênio futuro:

O nome de Castro Alves, aquele poeta esperançoso que ainda agora ia desabrochando um gênio admirável que havia de ser algum dia uma das grandes glórias nacionais, esse nome já pertence à história do passado. É mais um que precisamos ajuntar ao rol em que figuram Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Casimiro de Abreu, de todos esses grandes poetas da nova geração, que têm baixado ao túmulo na aurora da vida, mas coroados já de todo o fulgor da glória.

(*O Novo Mundo*, setembro de 1871)

O empenho abolicionista do poeta é lembrado a todo instante; em certo sentido, é como se o admirável dele estivesse tão somente em suas palavras em prol dos negros.

Não há mais de quatro meses, este mancebo dirigia às senhoras da Bahia, solicitando o seu concurso para a emancipação de escravos, uma carta admirável, publicada primeiro no *Abolicionista* e reproduzida geralmente pelo Brasil inteiro: ainda ontem estava ele, pois, combatendo o bom combate a nosso lado, e entretanto já agora precisamos resignarmos-nos à sua perda. Castro Alves era uma dessas almas dóceis à virtude e à claridade, que sofrem à vista da injustiça, e do pecado. A posição do escravo, deste infeliz ente humano, condenado pela tirania de nosso país e de nós mesmos, a uma

vida, que é um longo sacrifício das nobres faculdades do seu espiritual e moral. Isto não podia deixar de tocar a um ente, como ele, tão singularmente privilegiado no quilate dessas faculdades. Desde bem tenro, Castro Alves trabalhou pela emancipação, com ardor, sinceridade e prudência, admiráveis na sua idade. O seu poema “Os Escravos”, como temos ouvido dizer, é sua melhor produção.

Notar que os elogios do redator estão voltados à temática abordada e não propriamente às características da linguagem, aos procedimentos discursivos utilizados. Por fim, encerra o comentário usando uma estratégia de autoridade: *dizem* – os que entendem, os brasileiros, os leitores, ou seja, aqueles que poderiam julgar o mérito – que o melhor dos poemas é justamente aquele em que se concentra a temática abolicionista.

O falecido deixa um rol de poesias, intitulado Espumas Flutuantes imprenso no ano passado. Também deixa compostos, além do poema “Os escravos”, de que falamos, outro sob o título “A cachoeira de Paulo Afonso”; um drama, “D. Juan”; a tradução do Diablo Mundo de Espronceda, além de grande cópia de contribuições, em prosa e em verso em vários periódicos do Brasil. Nos Espumas Flutuantes, de que nos vem a mão um exemplar, mostra-se antes um grande poeta do futuro, do que já feito. Castro Alves ainda nos admirava mais pelo que entrevíamos dele no futuro, do que pelo que já julgamos no presente. Nos seus poemas percebemos ainda uma grande falta de cunho distintivo e de caráter próprio. Vê-se que ele era um grande admirador de Victor Hugo também de Thomaz Ribeiro, nos quais se modelou, às vezes com pouca felicidade. Conhece-se que faltava-lhe formar seu próprio caráter e escola, como já o tinham, quando morreram, Álvares de Azevedo e Junqueira Freire.

A ausência de uma escola e a imitação dos franceses aparecem como os principais problemas de Castro Alves; a crítica feita a Espumas Flutuantes bem como os pontos acima mencionados são hoje, muitas vezes, tidos como realidade, o que sugere que a leitura feita pelo jornal não era solitária. O modelo francês, como já foi dito, era sutilmente combatido como fazendo parte de um mundo muito distante do Brasil.

As gravuras eram essenciais a essa seção; texto e imagem, juntos, arquitetavam a galeria dos respeitáveis, daqueles que fizeram história, merecem registro e devem ter suas imagens fixadas no imaginário das pessoas. Certamente a “eleição” daquele que deveria ocupar mais um espaço na “galeria” não cabia apenas a um voto solitário de algum distante redator de jornal; vozes em coro assinalavam a importância de um e outro, ecos para outros

lugares mais distantes – Nova Iorque – eram ouvidos e, no consenso dos predicados, era possível abrir mais ou menos espaço na folha, acrescentar, no entender de cada redator – pelo menos os mais expressivos – mais feitos ao biografado.

Esse material pode ser uma significativa contribuição, se estudado detidamente, para a crítica literária do período. Além de caminho de entrada para a crítica, a seção revela ainda uma certa predileção para a classificação, para a organização das idéias, processo comum à imprensa. Periódicos são grandes quadros sinóticos informativos, explicativos e opinativos que, ao promoverem recortes daquilo que merece registro no entender da equipe de redação, imprimem sentido a fatos e comportamentos, confirmando, contrariando ou criando tendências estético-culturais.

A Publicidade

A publicidade no jornal pode ser separada em pelo menos dois grandes grupos: a institucional, ou seja, a propaganda do próprio periódico e das outras folhas de Rodrigues – *A Revista Industrial* e a *La América Ilustrada* – e a de produtos. Essa última é dividida por sua vez em produtos norte-americanos – importados – e produtos e/ou serviços nacionais. Certamente o que mais aparecia era a publicidade dos produtos norte-americanos, que eram de toda a natureza, passando de utilidades domésticas, perfumaria, vestuário, produtos farmacêuticos – vendidos como caseiros e, portanto, eficientes –, máquinas agrícolas, material para tipografia, para trilhos de estrada de ferro, bondes e jardineiras etc.

Muitas vezes eram acompanhadas de pequenas gravuras ilustrativas: a gravura de uma parte de vestuário, por exemplo, é fundamental para a eficácia da venda; um texto atrativo e com algum depoimento de usuário tornava-se a chave para a venda de fortificantes ou remédios para algum mal-estar. Os pedidos deveriam ser feitos por meio dos agentes brasileiros espalhados por várias cidades brasileiras, ou em encomenda ao próprio jornal.

Segundo consta nos manuais da imprensa, os jornais só passam a contar com o efetivo dinheiro da publicidade, em fins do século dezenove; o primeiro foi um jornal dos

Estados Unidos. Os primeiros embriões do que depois conheceremos como agência de publicidade datam de fins do século e início desse; no Brasil, só no início do século XX.

No entanto, no número 51 do jornal aparece um informe àqueles que solicitaram números antigos para formar coleções de *O Novo Mundo*; o jornal parece estar encontrando dificuldades em atender os pedidos por conta de um incêndio ocorrido em 1872 na casa de um agente do Rio de Janeiro em que eram guardadas futuras demandas.

(...) apesar das crescidas despesas de números atrasados, cuja tiragem, já em si pequena, somos obrigados a fazer sem a vantagem dos anúncios – a principal verba de renda do periódico – apesar disso resolvemos reimprimir os dois primeiros volumes.

(*O Novo Mundo*, dezembro de 1874)

É importante notar, pois, que a publicidade, já em 1874, exercia um papel fundamental, senão essencial nas despesas da folha. Esse dado é interessante por mostrar em primeiro lugar a eficiência da propaganda, e, em segundo lugar, a escolha de produtos que se mostravam condizentes com o mercado consumidor brasileiro, e por fim o poder de compra de um determinada parcela da população sedenta por novidades, principalmente aquelas que vinham associadas ao glamour das exposições universais (destaque especial para a grande exposição universal dos Estados Unidos em 1876 que estava sendo anunciada há vários anos – um dos primeiros anúncios data de 1873!⁴). Esse é outro ponto relevante quanto à publicidade: a exposição citada estava sendo anunciada há anos ocupando uma parte considerável de espaço com caprichosas gravuras e tendo vários textos ao longo da folha percorrendo sobre ela; depois da exposição foram ainda destinados vários números com significativo destaque para ela, salientando a seção brasileira da exposição – os produtos, quase todos, agrícolas –, a visita do Imperador, inclusive ao escritório de *O Novo Mundo*, enfim, à repercussão do evento. Tal publicidade parecia dar menos valor à importância da exposição e mais à provável venda de produtos norte-americanos – as novidades, símbolos do progresso – ao consumidor brasileiro.⁵

⁴ Em março de 1873, além da propaganda da exposição no final da revista, nas páginas iniciais havia uma gravura do edifício que seria usado para a exposição universal de Filadélfia, a ser realizada em maio de 1876.

⁵ Outras exposições também mereceram espaço na publicidade de *O Novo Mundo*, como a de Paris de 1878 que começou a ser divulgada em março de 1877.

A Publicidade indireta

Era feita em matérias ao longo do jornal e apenas nas páginas finais sabemos o nome do produto e como comprá-lo. Isso acontece inúmeras vezes e com os mais diversos produtos: se há matéria sobre a importância de máquinas para a lavoura – o trabalho assalariado é mais eficiente que o escravo –, mecanismos agrícolas certamente são vendidos. Antes que o leitor pense que era esse um mecanismo apenas de *O Novo Mundo*, cabe lembrar o que também fazia Machado de Assis no Rio de Janeiro em seus *folhetins*... (aliás, a propaganda nesse caso está longe de ser indireta)

Nada mais natural do que passar de uma casa de livros [Garnier] a uma casa de óculos. É com os óculos que muita gente lê os livros. Se se acrescentar que muita gente há que lê os livros sem óculos, mas que precisa deles para ver ao longe, e finalmente uma classe de homens que vê perfeitamente ao longe e ao perto, mas que julga de rigor forrar os olhos com vidros, como forra as mãos com luvas, ter-se-á definido a importância de uma casa de óculos e a razão por que ela pôde entrar neste folhetim.

É ao estabelecimento do Sr. Reis, à rua do Hospício, que eu me refiro. Como as folhas anunciaram e eu tive ocasião de ver com meus próprios olhos, acabam de sair das oficinas daquele estabelecimento excelentes trabalhos em ouro, de lavor perfeito e apurado gosto. Em óculos e lunetas, quaisquer que sejam as formas e as fantasias, não vi ainda nada melhor ou até comparável.

A casa do Sr. Reis é bastante conhecida. Dedicando-se ao aperfeiçoamento dos objetos próprios de um estabelecimento daqueles, o Sr. Reis tem procurado e conseguido reunir os artistas mais aptos, os instrumentos mais capazes, e com eles tem levado a casa ao pé das primeiras da Europa.

Não é só o caráter individual deste fato, que impõe à imprensa uma menção especial, é igualmente porque este fato tende a fazer apreciar a aptidão que há no nosso país, e liberta-nos, como vai acontecendo em outras classes, da exclusiva importação estrangeira.

Acho que se devem agradecer os esforços conscienciosos e felizes do estabelecimento Reis.

Diário do Rio de Janeiro, 20 de junho de 1864.

Esse modo de fazer propaganda não era raro em *O Novo Mundo*; freqüentemente os avanços na agricultura, discutidos à exaustão, vinham acompanhados do convite para a compra de novas máquinas para o campo nas últimas páginas. As ferramentas norte-americanas, por exemplo, apresentavam-se como as melhores do mercado... Artigos

versavam sobre a importância do transporte coletivo, o aspecto de progresso que poderia ser impresso nos centros urbanos, e as jardineiras mostravam-se sedutoras nas páginas seguintes. Trilhos e vagões de qualidade são fundamentais para escoar a produção e fazer a economia crescer; empreendedores devem consumir tais produtos e serão valorizados por isso.

Os produtos que poderiam representar o novo, o desenvolvimento, os novos rumos que o país deveria tomar sempre se associavam a um ou outro texto sobre o enaltecimento do progresso material. Tais produtos poderiam ser desde tipos para a imprensa, utensílios de dentistas e até mesmo livros.

O leitor era leitora?

As folhas ilustradas tinham preferencialmente um público feminino. Não é por acaso: em Paris, por exemplo, havia várias publicações ilustradas para o público feminino, basicamente tratando do figurino e com moldes para recortar.

A existência de um significativo público feminino era de conhecimento dos homens das letras; Machado, como sabemos, denunciava a *interlocutora* com seu famoso vocativo “cara leitora” e muitos outros escritores⁶ sabiam fazer uso desse dado. A mulher letrada, portanto da elite ou de uma nascente classe média, não fazia os trabalhos domésticos mais pesados, não trabalhava fora de casa e, tirando alguns afazeres juntamente com escravas e mais tarde, empregados domésticos, vivia no ócio. Ou, melhor dizendo, possuía tempo, muito tempo. Poderia dedicar-se à leitura de folhetins, os romances fatiados, às revistas para a família, à religião.

E como caracterizar o leitor, o universitário, o pai de família, o político sem cair em um estereótipo simplista?

⁶ Luísa, de O Primo Basílio, lia romances românticos e, fraca de espírito, deixa-se levar pelo desejo de viver um amor arrebatador; Bovary, influenciada pelas histórias românticas que lia, entrega-se à paixão por um oportunista.

À mulher caberiam as histórias românticas e aos homens os assuntos de política e economia... Hoje, quem assiste às novelas, novos folhetins? São apenas as mulheres?

O objetivo do trabalho não é o de precisar a recepção do jornal, longe disso, no entanto podemos fazer algumas considerações sobre o público de revistas.

Como se sabe, havia publicações endereçadas exclusivamente às damas, em especial as revistas de moda (com cortes de vestido e dicas sobre penteados) e aquelas que tratavam das dicas para as jovens recém-casadas.

Seções para o público feminino estavam presentes em *O Novo Mundo*: como fazer arranjos nos cabelos, como cuidar de filhos, dicas domésticas etc. Merece destaque o fato de não haver apenas matérias convencionais; alguns artigos procuravam tratar a mulher com outro enfoque social ou apresentando outros papéis ao ‘sexo frágil’: o direito ao voto – em alguns países europeus a mulher irá votar apenas em meados do século XX –, o trabalho fora de casa, a mulher como enfermeira, como professora etc. Discussões que não eram comuns por aqui, mas recebiam aplausos do editor-chefe tanto quanto os ensaios abolicionistas.

Somos da opinião, diz o TIMES, de Londres, que é vicioso o sentimento que induz a tantos pais a criar suas filhas na ociosidade, e é um sentimento que deve ser vencido. Em todo o caso merecem todo o louvor os esforços que muitos fazem para promover o emprego industrial das moças, e os exemplos que a este respeito nos dão alguns outros países que merecem nosso estudo e que os imitemos. Nos Estados Unidos as moças empregam-se de muitos modos desconhecidos aqui; muitas, por exemplo, são empregadas nos diversos escritórios do governo para fazer a escrituração, enquanto entre nós até agora têm sido empregadas só nas agências do correio.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1879)

Não era comum encontrarmos artigos sobre mulher com esse enfoque em terras brasileiras. Mais uma vez o modelo norte-americano impõe-se por meio da pena de Rodrigues.

No último ano da folha encontramos uma curiosa nota sobre um produto patenteado por uma mulher; ressalvas à parte, visto que a nota traz sempre informações curiosas ou excepcionais, o que quer dizer que fatos como esses são absolutamente incomuns, vale

ressaltar a importância de pequenos episódios envolvendo uma nova imagem da mulher para a mentalidade da época:

[Uma senhora] de New York, Mrs. Walton, tirou patente para uma composição que, aplicada aos trilhos das estradas de ferro aéreas, reduz o barulho do atrito dos trens de modo satisfatório, problema este que o mesmo professor Edison não pode resolver depois de meses de estudos. A Estrada Metropolitana pagou Mrs. Walton 20 contos para usar do seu invento. Decididamente a mulher vai mostrando que nasceu para mais alguma coisa que cerzir ceroulas e pôr-se às ordens de um senhor, – o marido.

(*O Novo Mundo*, fevereiro de 1879)

A construção de uma outra imagem para a mulher, não só a de “cerzir ceroulas”, discretamente vai ocupando um pequeno espaço. O constrangimento de muitas meninas de serem atendidas por médicos tem conseqüências desastrosas; uma das saídas é fazer a mulher ganhar mais espaço nesse campo de trabalho:

Quando filosoficamente consideramos os homens e as coisas do tal século, que nossa infantil vaidade cognominou – das luzes – não podemos deixar de concluir que somos ainda escravos de um milhar de prejuízos e preconceitos, cada qual mais tolo do que o outro.

Temos ainda muito de *D. Quixote* e de *Sancho Pança*; apenas somos um pouco menos ridículos do que os homens de rabicho e de calções curtos dos tempos da Regência e de Luiz XV.

A todo momento estamos sacrificando à vaidade assuntos importantes de conforto, de higiene, de segurança e até a própria vida.

Ninguém sabe quantas vítimas há feito este preconceito que tem até hoje impedido que as mulheres exerçam a medicina, principalmente no tratamento de crianças e de moças.

São freqüentes os exemplos de meninas, educadas em princípios severos, que, por excesso de pudica, deixam-se morrer de preferência a sofrer o exame de um médico.

(*O Novo Mundo*, fevereiro de 1879, Suplemento - “Páginas para Senhoras”)

Observa-se que não se trata de fazer da mulher médica como o homem, mas quase uma espécie de ajudante no tratamento de *mulheres*.

Artigos que versavam sobre a mulher em geral vinham em um suplemento (“Páginas para Senhoras”),⁷ o que é mais uma prova de que o jornal não era endereçado

⁷ O suplemento aparece com mais regularidade a partir de 1875.

O NOVO MUNDO

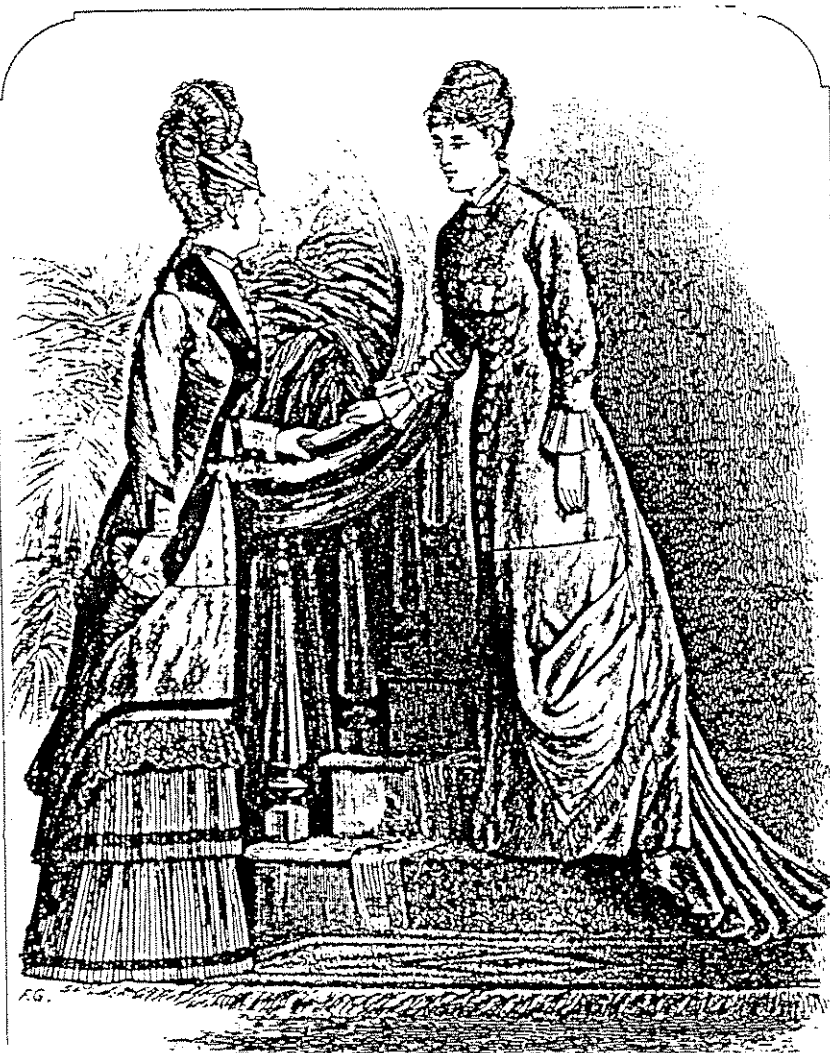
Modas para Senhores.

MODAS.

Haverá poucos vestuários de visita que sejam mais completos a todos os respeito do que o que se acha representado na figura á esquerda da primeira das gravuras que se veem nesta pagina. O desenho fundamental d'elle é uma das novidades mais recentes nas modas da presente estação. Na frente está dobrado; a parte superior limita engomadamente uma sobre-mola, e os enfeites desta parte estendem-se para traz, onde se encontram dos dois lados, e para baixo até a orla. Em baixo a meia tem duas series de pregas, como se vê na figura, e sobre as enfeiteadas com tiras encoladas, de qualquer cor que faça contraste com a das pregas. Por traz a sobre-mola é enfeiteada com laços pendurados de seda.

A baqueta, que completa este vestido lindo, é de proporções muito symmetricas. As costas, que não se veem na gravura, são ajustadas por meio de corpinhos duplos de lado; e sua orla inferior é cortada em quadrados e enfeitada com fazenda cuja cor esteja em contraste com a do material de que é feita a baqueta. A gola estende-se em baixo até a orla, e é a parte mais conspicua do vestido inteiro. As mangas terminam em punhos duplos, e ao redor do pescoço ha uma tira em pé.

A segunda figura representa um lindo vestuario para se trazer em casa. A frente ajusta-se bem ao corpo, na parte superior, e na sua construção apparecem costuras dobradas de laço; em baixo a frente acha-se atarraxada e enfeitada do mesmo que se descreve da gravura. Nas costas acham-se inseridos na costura do centro uma largura inteira de pregas chatas e longitudinaes, e ella é enfeitada com botões e franjas. Na frente podem ser tambem na



VESTIDO PARA A RUA E OUTRO, PARA A CASA.

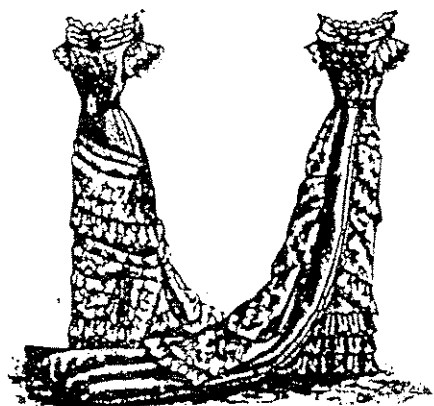
oria um enfeite de prega chata, feitas do mesmo material que o vestido inteiro, para de algum modo alliviar a uniformidade em tanto monotona; mas com fazenda rica e pesada não é necessario recorrer a este meio para fazer realçar a elegancia do vestuario. As mangas terminam em babadinhos. Uma tira em pé, cortada em diagonal, acha-se ao redor do pescoço, como se vê na gravura. O enfeite que se vê na frente é peculiar. Consiste de pedaços quadrados do mesmo material do vestido, e um de seus lados é dobrado de modo que tem a forma de laço. Outro enfeite semelhante acha-se tambem sobre cada uma das mangas.

Para o primeiro vestido precisa-se de 5 metros de fazenda, com 68 centimetros de largura, para a saia, e 3 metros e tres quartos, com a mesma largura, para baqueta. Para o segundo vestuario são necessarios 3 metros e 3/4 centimetros de fazenda, com o mesmo diametro de 68 centimetros.

O primeiro dos vestidos representados na parte inferior desta mesma pagina é para senhores socias em casas particulares. O effeito da combinação de seda agitada com seda de so nova cor é muito lindo. Precisa de 12 metros e tres quartos de fazenda de 68 centimetros de largura.

O segundo vestido representado em baixo é para se trazer em casa. É feito de qualquer fazenda leve, e é simples e ao mesmo tempo vistoso. Precisa de 7 metros e meio de fazenda de 68 centimetros de largura.

A ultima das tres gravuras que se acham na parte inferior de nossa primeira pagina de modas representa uma baqueta para sahirs á rua. É tão comprida que não se precisa com ella de sobre-mola. São necessarios para ella 4 metros e tres quartos de material com 68 centimetros de diametro.



VESTIDO PARA BRUNDEIA



VESTIDO PARA CASA



BAQUETA PARA A RUA



exclusivamente às mulheres. Neste suplemento, não raras vezes, encontramos folhetins como “O sonho de um sabiá” de Sílvio Dinarte.⁸ (Materiais folhetinescos, notas, crônicas e outros serão discutidos nas páginas seguintes)

O SONHO DE UM SABIÁ a J. C. Rodrigues – Sílvio Dinarte

Em velha e suja gaiola de taquara, suspensa à parede de uma taverna, vivia há longos meses encerrado, desventurado e melancólico sabiá.

Tédio mortal e agras tristezas infundia-lhe tudo quanto o cercava.

Em vez do teto azul-celeste, recamado à noite de nitentes estrelas, que servia de majestoso docel à mata virgem em que passara até então feliz e descuidosa a existência, só via por entre as grosseiras lascas da acanhada prisão a telha escura da nojenta vivenda a que o tinha levado a imprudência ou a desgraça. (...)

“Oh!” exclamou este, “como canta! É um mestre! E eu que pretendia hoje à tarde abrir-lhe a porta da gaiola e mandá-lo passear!”

Aí o coitado do pássaro sentiu uma pontada tão pungente que julgou morrer. A comoção encheu-lhe o peito; por instantes o sufocou.

(*O Novo Mundo*, maio de 1879, Suplemento - “Páginas para Senhoras”)

É importante notar que o folhetim é endereçado a Rodrigues, o que mostra uma proximidade entre redator e escritor; não é o primeiro folhetim de Taunay no jornal, o que pode sugerir um apreço do editor pelo escritor ou pelos seus escritos que eram muito respeitados na época. O tom sentimental é característico dos folhetins do suplemento, como nesse exemplo de Taunay; aqui, o mote é a vida de um sabiá, dono de um canto que entenece a todos e que foi preso. O cárcere o impede, em um primeiro momento de cantar, uma vez que não estando mais livre não vê sentido mais no seu som; resolve sublimar o seu desespero e, cantando, faz o seu “proprietário” mudar de idéia. O pássaro é humanizado e, mais do que dono de percepções humanas, ele é capaz de compreender a fala do homem que, encantado com a melodia do sabiá, o mantém no cativeiro. O pássaro é vítima de sua própria natureza, paga o preço por cantar de modo tão agradável.

Vejamos agora um outro exemplo de folhetim que merece destaque, dessa vez disperso no jornal e não destinado à seção para as mulheres; a página traz uma grande

⁸ Pseudônimo de Visconde de Taunay.

gravura de modo que o texto preenche apenas parte do espaço (a gravura aqui não está ao lado do texto: o texto insere-se *dentro* da imagem, dando ao conjunto um aspecto de colagem). Com conselhos morais e normas de conduta a pequena história romântica deve ter agradado não apenas às mulheres:

UM MOÇO PARTINDO DE SUA VILA NATAL

Há em algumas seções da Alemanha um costume singular e que é bem tocante. Quando um rapaz chega a certa idade e tem aprendido algum ofício mecânico, e não pode achar trabalho na vila ou povoado natal, tendo de emigrar para alguma cidade vizinha, dá essa partida ocasião a grandes festejos de parte de seus parentes e amigos, – e nessas vilas pequenas toda a gente é aparentada, e o negócio que importa a um importa a todos. Os Alemães fazem dessa partida do jovem operário uma ocasião de regozijo público: todos saem em procissão a acompanhar o novo lidador da vida até os limites do povoado, com músicas e danças. O jovem, ignorante ainda das verdadeiras dificuldades da vida, precisa bem desse conforto, cujas doces recordações ele guardará no coração como precioso tesouro.

Naquele quadro, porém, que o artista desenha tão cabalmente nesta página, nem tudo é alegria. Há ali alguém bastante triste, que deseja, sim, que o jovem hombrê [encontre] os ardores da vida, mas que preferiria que todo este labutar tivesse por teatro a própria vila, sem a necessidade da ausência.

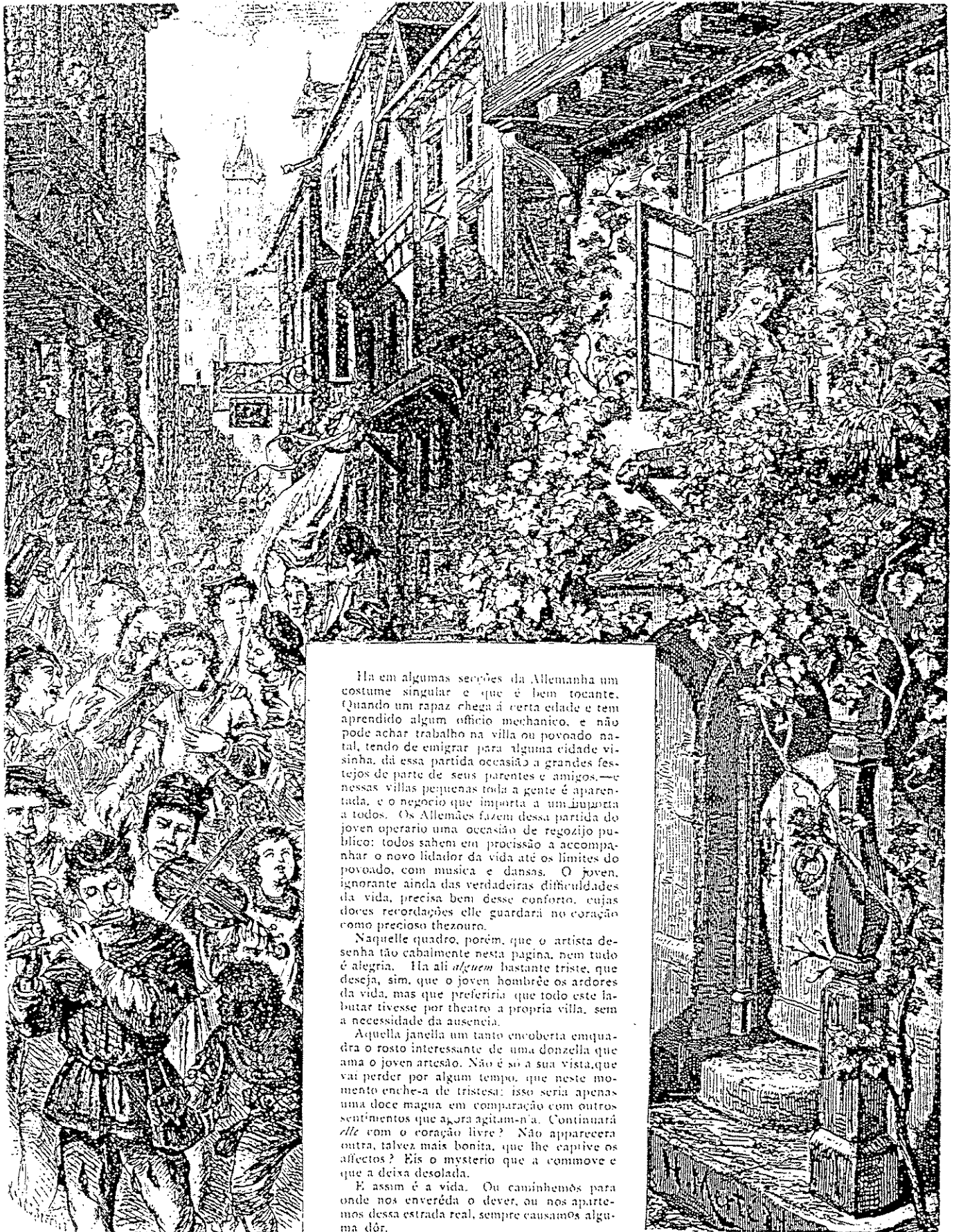
Aquela janela um tanto encoberta enquadra o rosto interessante de uma donzela que ama o jovem artesão. Não é só a sua vista, que vai perder por algum tempo, que neste momento enche-a de tristeza: isso seria apenas uma doce mágoa em comparação com outros sentimentos que agora agitam-na. Continuará ele com o coração livre? Não aparecerá outra, talvez mais bonita, que lhe cative os afetos? Eis o mistério que a comove e que a deixa desolada.

E assim é a vida. Ou caminhemos para onde nos envereda o dever, ou nos apartemos dessa estrada real, sempre causamos alguma dor.

(*O Novo Mundo*, outubro de 1879)

Depois de uma descrição livre do quadro que o leitor tem diante de si, o folhetinista segue dando conselhos morais. O aspecto de instrução deste folhetim é dado pelo episódio folclórico que ocorreria em pequenas cidades na Alemanha. Provavelmente o clichê original deve ser de alguma publicação alemã, o que justificaria as citações daquela terra.

Os folhetins eram destinados a toda a família e não só às moças; a leitura era feita freqüentemente em grupos, com interrupções para críticas e elogios das personagens. O curioso é que ao lado dos folhetins, muitas vezes não intitulado como tal e nem mesmo localizado em uma folha à parte (como no “Suplemento para Senhoras”), havia textos sobre



Ha em algumas secções da Alemanha um costume singular e que é bem tocante. Quando um rapaz chega á certa idade e tem aprendido algum officio mechanic, e não pode achar trabalho na villa ou povoado natal, tendo de emigrar para alguma cidade vizinha, dá essa partida occasião a grandes festejos de parte de seus parentes e amigos.—e nessas villas pequenas toda a gente é apertada, e o negocio que importa a um supprta a todos. Os Allemães fazem dessa partida do joven operario uma occasião de regozijo publico: todos sabem em procissão a acompanhar o novo lidador da vida até os limites do povoado, com musica e dansas. O joven, ignorante ainda das verdadeiras difficuldades da vida, precisa bem desse conforto, cujas doces recordações elle guardará no coração como precioso thezouro.

Naquelle quadro, porém, que o artista desenha tão cabalmente nesta pagina, nem tudo é alegria. Ha ali *alguem* bastante triste, que deseja, sim, que o joven hombrêe os ardores da vida, mas que preferiria que todo este labutar tivesse por theatro a propria villa, sem a necessidade da ausencia.

Aquella janella um tanto encoberta enquadra o rosto interessante de uma donzella que ama o joven artesão. Não é só a sua vista, que vai perder por algum tempo, que neste momento enche-a de tristeza: isso seria apenas uma doce magua em comparação com outros sentimentos que agora agitam-n'a. Continuará elle com o coração livre? Não apparecera outra, talvez mais bonita, que lhe captive os affectos? Eis o mysterio que a commove e que a deixa desolada.

E assim é a vida. Ou caminhemos para onde nos enverêda o dever, ou nos apartemos dessa estrada real, sempre causando alguma dôr.

UM MOÇO PARTINDO DE SUA VILLA NATAL.

política, economia, origem do café, como vivem os povos nômades, como funciona a máquina a vapor, a importância da eletricidade, biografias de homens ilustres etc. Ou seja, um jornal-enciclopédia que ensina e entretém.

A importância dada a assuntos da casa, a remédios, plantas medicinais, hábitos de higiene, móveis, conservantes, novos produtos de limpeza etc, pode ser entendida como a atenção maior dada à vida privada, aos melhoramentos divulgados e vendidos para uma determinada classe social. O grande sucesso das feiras e exposições nacionais e internacionais também se deve ao mesmo raciocínio: organizar o ambiente doméstico, adquirir novas e pequenas invenções – como a máquina de lavar roupas – concretizar, enfim, o progresso nos pequenos detalhes dos lares.

Ainda havia o fato de as descobertas científicas, as invenções, representarem um ótimo investimento na época:

Uma das mais notáveis características nos dias de hoje, diz o *ENGINEERING* de Londres, é a imensidade do capital empregado em empresas em que se faz a aplicação das diversas descobertas modernas nas ciências. Se examinarmos só as cotas da Praça de Fundos de Londres, e nos limitarmos às ações de estradas de ferro, de canais, companhias de gás e água, ver-se-á que o capital representado por essas ações é de mais de mil milhões de libras esterlinas. E a essa soma enorme é preciso acrescentar ainda os capitais empregados nas empresas estrangeiras do mesmo gênero. Há 50 anos é provável que os fundos assim empregados não chegavam a um milhão de libras esterlinas.

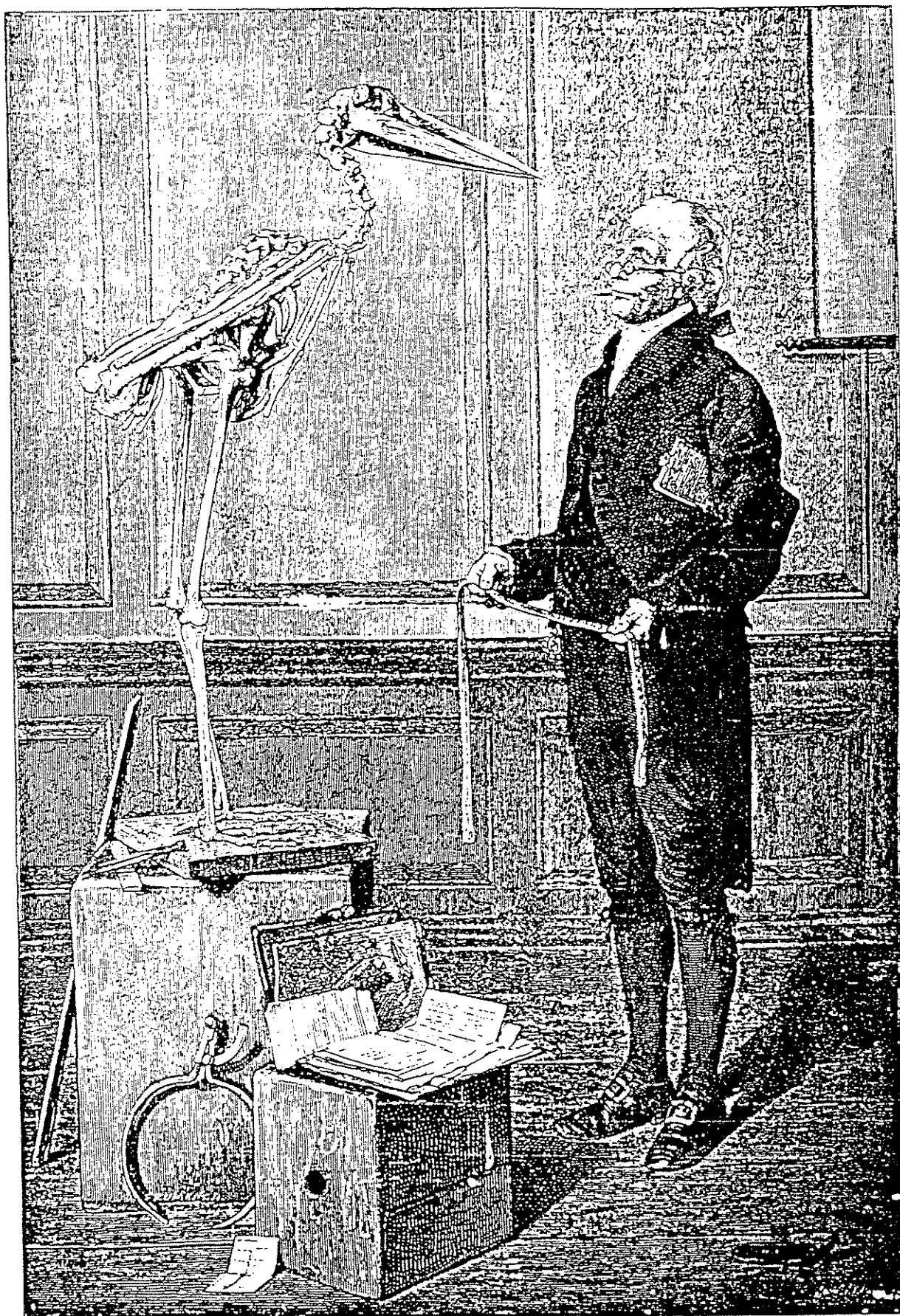
(*O Novo Mundo*, janeiro de 1879)

Até mesmo na *Revista Industrial*, a outra publicação redigida por Rodrigues – a ser analisada no próximo capítulo – que era destinada a empreendedores, lê-se em um de seus artigos:

Horticultura caseira e Enfeite de janelas com trepadeiras e outras plantas.

(*Revista Industrial*, outubro de 1877)

Além do texto, há cinco pequenas figuras de janelas com flores e trepadeiras... Não é uma folha masculina, com artigos para homem?



"A SCIENCIA É A MEDIDA."

Folhetins, crônicas, notas e outros

(Entre o literário e o não literário)

- Artigos a partir de gravuras

As gravuras da primeira página muitas vezes antecipam sobre o que deverá se pautar o número ou mesmo o editorial, como acontece atualmente. No entanto, não raro, a gravura – conseguida por meio de acordos, como já dito – explicita o que mais parece ser um princípio geral do periódico, portanto não é apenas informativa, mas também parte constituinte do corpo ideológico da folha.

Elas de fato possuíam um interesse à parte. Na maioria das vezes motivavam textos com sabor folhetinesco; às vezes os textos eram meras descrições. Poderiam ser reproduções de quadros famosos, documentais – como se fossem fotografias – ou inspiradas por uma situação ou um poema/texto literário. Na maioria das vezes, os clichês eram emprestados de grandes jornais londrinos ou de Nova Iorque, graças à amizade cultivada por Rodrigues com os editores das folhas. Em raros casos havia a encomenda de uma gravura inédita. Como o trabalho não tem por objetivo levantar dados sistemáticos sobre as questões técnicas relativas às ilustrações, não iremos tentar separar as litografias, das xilogravuras ou aquelas que faziam uso da chapa de aço. Nem mesmo é o caso de precisar o termo – gravura –, uma vez que as folhas igualavam as reproduções de obras de arte às gravuras documentais⁹.

O interesse concentra-se no fato de as imagens interferirem nos textos; as folhas ilustradas estavam começando a aparecer, e, neste momento de experiência, ainda sem concorrência com a fotografia,¹⁰ elas eram fundamentais para o estabelecimento de um imaginário.

As reproduções de pinturas famosas levavam a obra ao conhecimento do público; poucos eram aqueles que poderiam ver o quadro, ou, melhor dizendo, dispor de dinheiro, viajar e apreciar a pintura. As reproduções eram mais ou menos valorizadas a depender do artista que gravou o clichê; e, guardadas com estima, freqüentemente viravam ornamento para as salas.

⁹ Orlando da Costa Ferreira. *Imagem e Letra*. São Paulo, editora da universidade de São Paulo, 1994.

¹⁰ Não se conhecia ainda a técnica que possibilitasse a impressão da fotografia nas páginas dos jornais.



MARÇO.

Desenho de Gavarni.

As gravuras inauguram um espaço só alcançado antes pelas detalhadas descrições de espaço, ambiente, pessoas e objetos. As folhas ilustradas, nesse início, como já foi dito, eram geralmente ligadas ao humor, à sátira política ou simplesmente a futilidades. Há um grande esforço por parte da equipe de redação no sentido de determinar qual o espaço que será ocupado pelo *O Novo Mundo* no contexto dos periódicos.

O comentário é inerente à ilustração, seja nas primeiras páginas do jornal, no espaço imediatamente posterior a ela, ou nas páginas finais. Às vezes, no entanto – e é o que ocorre no exemplo a seguir –, às gravuras é dado um texto único que vai localizá-las:

As gravuras deste nosso número são tão vivas que nos dispensam muito espaço do texto que deveríamos dedicar-lhes para sua explicação. Quem alguma vez tem estado em França e em Paris, não há de deixar de reconhecer a Praça Clichy que está tão fielmente retratada na primeira página; e também como a gravura da campônia representa artisticamente uma linda amostra do meio-dia da França. “Meu bravo” é o culto do amor à imagem de um bravo, que caiu vítima na última guerra. “Dom Quixote e Sancho Pança”, os “Cães atacando javalis” e o “Ataque dos índios” são quadros cheios de interesse, e vida. Recomendamos este último aos nossos postais que são continuamente inspirados pela natureza do índio. “Enfardando o algodão no sul dos Estados Unidos” mostra em operação um dos processos de enfardar mais antigos que há, [apesar de] sua simplicidade, [é] o mais eficaz que até hoje se conhece.

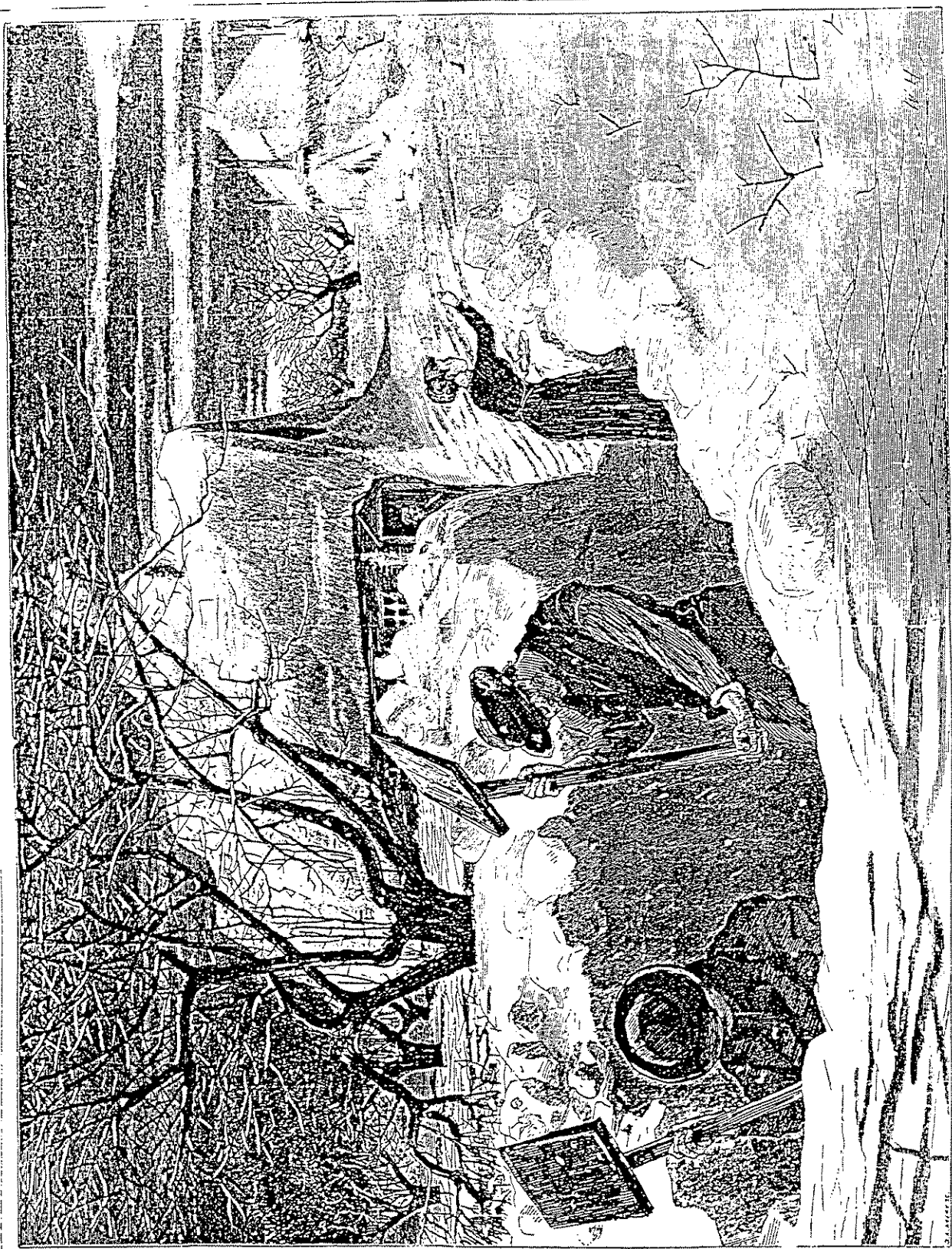
(*O Novo Mundo*, abril de 1871)

O “índice” era o procedimento mais freqüente para localizar as gravuras; repete-se em quase todo número, indicando também os retratos de personalidades; é assim quando aparece o perfil de Castro Alves¹¹. Nem sempre o nome do artista é mencionado, como em “*Marinheiro*, composição de um artista inglês”¹².

Algumas gravuras eram chamadas de “quadros de cenário”, uma espécie de representação de cenas folclóricas, exóticas, típicas de um grupo social. Com suas respectivas legendas, “os quadros” são os responsáveis pelo aspecto de colagem que se vê nas páginas de *O Novo Mundo*; eles podem aparecer simplesmente em qualquer espaço da

¹¹ *O Novo Mundo*, setembro de 1871.

¹² Idem.



ESTADOS UNIDOS.—UM DIA DE JANEIRO EM A NOVA INGLATERRA

folha! Costumes de regiões dos Estados Unidos serviam como motives freqüentes, como em “Os índios fazendo canoas da casca do vidoeiro” (quadro de cenário do Oeste).¹³

No entanto, as gravuras que mais aparecem são as que inspiravam os textos folhetinescos; “Oh! Que cara feia!” é um desses exemplos que promovem um texto de início apenas descritivo e depois tomado por um tom moralista; como em uma fábula, ao final da história, temos uma moral da história responsável pela tradução da peripécia em algo útil para a vida dos leitores; o enredo serve, assim, como pretexto para o gosto sempre presente de ensinar o que pode tornar as pessoas melhores:

Oh! Que cara feia!

O assunto representado na gravura desta página é muito familiar para carecer de explicação. A criança olha para o seu rosto no espelho e como se envergonha da figura que faz, chorando, e a sua expressão ali delineada é a da transição entre o riso e o choro, tão comum na infância e, na verdade, em todas as idades do homem. E se nós todos pudéssemos olhar num espelho os nossos gritos, lágrimas, e queixas tão abundantes, é provável que antes rir-nos-íamos do que chorássemos. O que dá intensidade às nossas dores e fraquezas é não cuidarmos que a dor não nos tem escolhido por seu único alvo neste mundo, – que ela é a partilha de toda a espécie humana, e é o cadilho onde se purifica a santidade e onde se gera a Esperança de vida melhor. Assim, quando podemos ver bem que outrem, além de nós, sofre as mesmas penas e derrama as mesmas lágrimas, o sentimento da esperança e da obediente Resignação, não só derrama-nos logo no coração a consolação e a alegria, mas também deixa-nos tomados de vergonha de nós mesmos, – de não sabermos sofrer e esperar. Assim tivéssemos nós todos um espelho moral em que pudéssemos ver tão limpo como o em que aquela criança se vê ali. Assim pudéssemos também nós ter o ouvido moral bem atilado para nunca perder aquelas palavras que o espírito da verdade segreda-nos sempre no meio da maior parte de nossas lamentações: Oh! Vejam ali que criatura tão feia!¹⁴

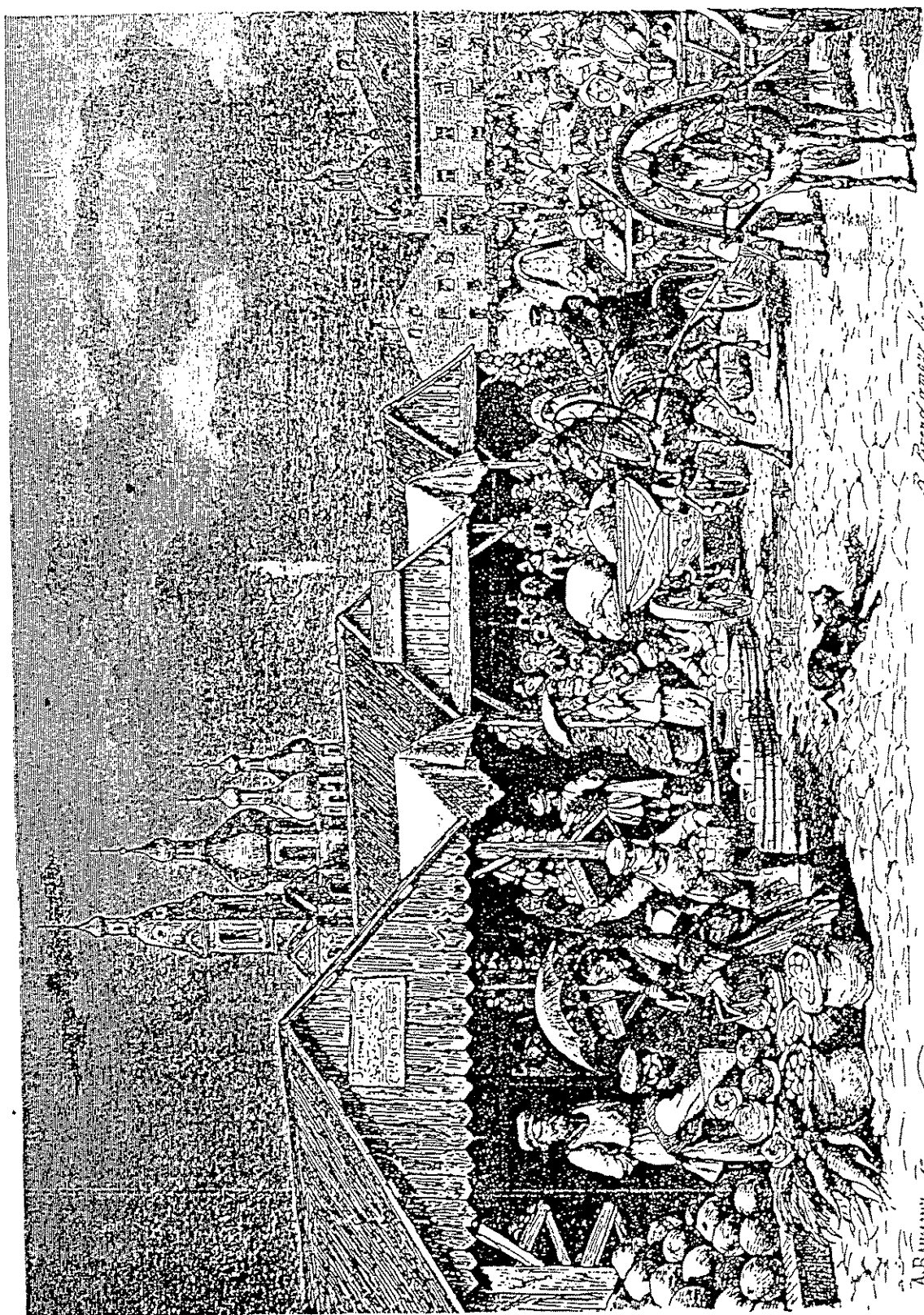
(*O Novo Mundo*, junho de 1871)

Em um outro exemplo também folhetinesco, “Perigo no deserto”, temos mais uma vez uma pequena história que é contada a partir dos gestos expressos pelos personagens da cena.¹⁵

¹³ Idem.

¹⁴ É uma matéria de capa, o que talvez justifique o tom moral dos conselhos.

¹⁵ É uma reprodução de um quadro de Mr. Carl Haag, que no momento estava exposta na Sociedade de Pintura em Aquarela em Londres; o clichê foi emprestado do *Illustrated London News*.



A. BAUMANN. Z.

R. Brandtman. V.

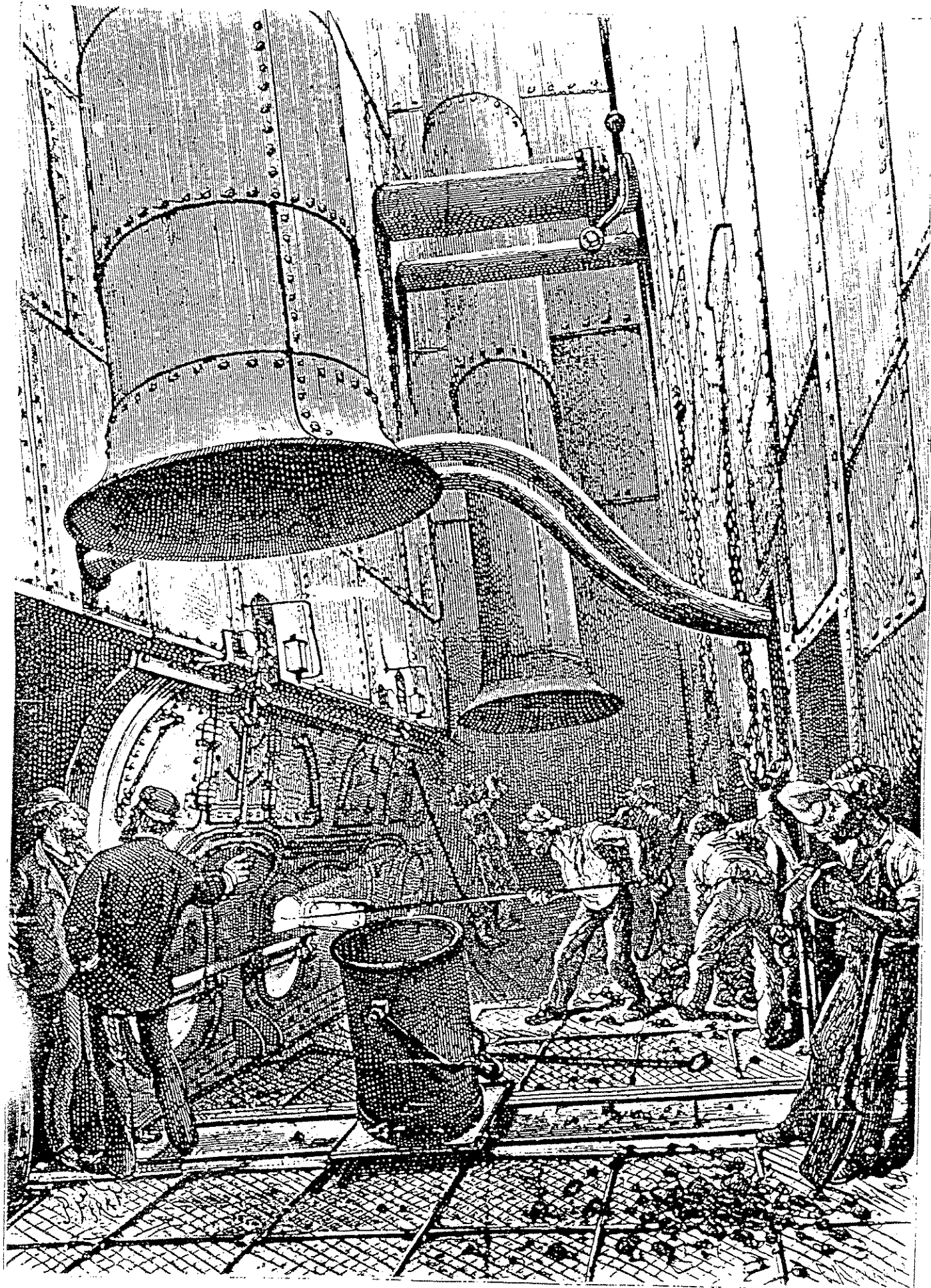
(...) Esse que aí (o beduíno) é pintado acabava de apear-se e à sua mulher, e de pôr o camelo a desfatigar-se dos ardores do dia. A criança que naquele momento deixava, farta, os seios da mãe, estava agora brincando a seus braços, e o Beduíno preparava toda a sua pequena comitiva ao descanso da noite, quando de repente, lá de longe, assomem dois de seus irmãos, de raça, mas não do coração. A correria em que vêm, as lanças, a hora: – tudo não deixa nada a duvidar: são homens que vão roubar ou matar. A pobre mulher se enche de horror e aperta a seu seio a criança, que nada sabe do perigo que corre. O Beduíno empunha da espingarda e predispõe a sua única espada, e com um ar resoluto, e mostrando bem que ele tinha consciência do sagrado depósito que era chamado a defender, está preparado para resistir.

A posição e as vestimentas do camelo; a expressão da mulher e da criança; a postura nobre do Beduíno; a perspectiva dos dois salteadores, cujas formas a escuridão do anoitecer até aqui não permitia que ele pudesse distinguir bem, tudo isso e muitas outras belezas do quadro de Haag não deixarão decerto de escapar a atenção dos nossos leitores.

(*O Novo Mundo*, agosto de 1871)

É interessante perceber que a descrição é extremamente livre; o redator deixa-se levar pelas suas impressões e, auxiliado por alguns elementos exóticos, faz o leitor/espectador transportar-se para um outro lugar. A gravura, é certo, já traz uma narratividade, mas o redator-espectador recria a cena dando motivações às personagens, interferindo, como um narrador onisciente, em seus pensamentos. Esse poder dado pela onisciência confere ao redator uma mobilidade de contador quase-livre de histórias. Como saber se a criança já estava satisfeita com o leite da mãe? O pai zeloso não estava mesmo vendo e/ou reconhecendo os rostos dos salteadores, camuflados pelo entardecer? A trama deve seguir os rumos pretendidos pelo redator: se ele quer significar de modo a estabelecer um certo suspense, a incutir um mistério, o leitor, levado por ele, vê na reprodução do quadro famoso uma história, um estímulo à sua imaginação.

Além das narrativas contadas pelas imagens – ressignificadas pelo redator-narrador – havia ainda os chamados quadros de cenas nos quais era possível apreciar flashes de supostos episódios do cotidiano norte-americano. Tais manifestações auxiliavam o leitor-espectador a completar ainda mais a sua coleção de imagens de um povo, de uma cultura, de uma cidadania a ser vista como modelo, como queria José Carlos Rodrigues. Pode-se dizer que esses fragmentos, sozinhos, já são importantes para a história da cultura e,



FORNALHAS DE UM VAPOR TRANSATLÂNTICO

associados ao imaginário da revista, ganhavam mais destaque e são merecedores de registro:

A cena do inverno é nas ruas de New York, – digamos mais – é na rua Fulton esquina da Williams (...) Está caindo neve em abundância, e os rapazes (entre os quais se vê um de cor preta, talvez para mais saliente fazer a alvura da neve) se divertem em rolar a bola de neve, à moda americana, isto é, pela rua, pela própria calçada, sem cuidarem dos passageiros, nem até do próprio policial, que, ao contrário, parece gostar do *fun*. Esta bola imensa forma-se pela sua própria pressão na neve, depois de feita de um certo tamanho, quando os rapazes começam a rolá-la e a fazerem maior com cada movimento. Ali está uma senhora a “pingar uma carta”, como se diz aqui, ou a “deitar uma carta”, como diziam nossos avós, na caixa urbana do correio, presa a um lampião de gás.

(*O Novo Mundo*, fevereiro de 1871)

Notar o destaque de um dos rapazes, o de cor negra, que brinca ao lado dos meninos brancos; discretamente, na descrição dos costumes, mais uma vez a mensagem abolicionista é transmitida (como se os negros nos Estados Unidos vivessem em perfeita harmonia com os brancos...). Nesta pacata cena de costumes, incluem-se alguns elementos que parecem aleatórios, mas certamente estão dispostos de modo a criarem um clima civilizatório: o policial vigia e, diante das brincadeiras das crianças, diverte-se. Elas, sob o olhar atento do vigia, praticam algo que é típico – brincam com bolas de neve. (Diga-se de passagem, a própria neve já faz parte de um contexto estrangeiro ao brasileiro, digno de nota). No mesmo ambiente, uma senhora faz uso de um meio de comunicação extremamente eficiente nos Estados Unidos: o correio; e essa caixa está presa em um poste de um lampião a gás. O contexto urbano está totalmente montado com crianças tranqüilas pelas ruas – tranqüilas porque protegidas pela polícia –, transeuntes que vivenciam as facilidades de uma sociedade do progresso e podem, sossegados, transitar por espaços públicos iluminados a gás.

Todo esse mostruário – essa galeria de imagens – assegurava valores que eram, a princípio, externalizados pelos textos; o ideal do trabalho que liberta e torna os homens capazes de construir a si mesmos e à nação, associado à importância da ilustração, aparece mais de uma vez nas páginas de *O Novo Mundo*. A figura que inspira o texto abaixo – mais um dos inúmeros exemplos – é composta de um jovem simples e trabalhador debruçado

sobre um jornal e este em cima de uma bigorna; ele está em um ambiente rústico, o que enfatiza o fato de ser um trabalhador.

O homem do século dezenove é um trabalhador ou “operário”: é aquele ser nobilitado pela pena divina de comer o seu pão com o suor do seu rosto. Entretanto, nas horas de descanso do corpo, ele alimenta a sua alma com a investigação da verdade e da justiça orientando-se da evolução do dia em toda a parte do mundo.

(*O Novo Mundo*, outubro de 1871)

O homem do século dezenove que constrói a realidade a sua volta é essencialmente o americano; figuras de trabalhadores ao lado de machados e troncos, sorridentes ao lado da família reafirmam o ideal norte-americano de self-made-man¹⁶. Esse homem é aquele que sobrevive com o fruto do seu trabalho e não de outros recursos, como heranças ou fontes duvidosas; é ainda aquele homem-operário, trabalhador braçal que retira o seu sustento – e o da família – de uma labuta necessariamente não intelectual, como quer o texto sobre o quadro. A alma, o espírito, o intelecto não é alimentado pelo trabalho e sim nas horas de ócio, momento em que a verdade e a justiça podem ser atualizados, experimentados e aprofundados por meio da leitura.

O estereótipo do norte-americano do século dezenove estava longe de ser aquele ligado a trabalhos intelectuais, como o jornalista por exemplo – muito embora a imprensa norte-americana como temos discutido, fosse uma das mais respeitadas do mundo.

Quando as cenas continham movimentação, alguns artifícios eram usados pelos ilustradores e folhetinistas, quando não pelos dois, para tornar mais saborosa a passagem; no lugar de uma imagem feita por encomenda e um texto elaborado no frio de um escritório, temos uma testemunha que presenciou a cena, e o ilustrador, como se emocionado, desenha as personagens a partir da história. O exemplo é uma cena de guerra que irá ser apresentada de modo, no mínimo, curioso: civis procuravam sair de uma cidade sitiada – Metz – e cortar as linhas dos Prussos. A gravura representa exatamente a cena descrita: uma mulher, com roupas pobres, sai à frente com uma vara e um pano branco

¹⁶ Um exemplo é “O Pioneiro americano nos Estados Unidos”, *O Novo Mundo*, dezembro de 1871.

amarrado a ponta. A seu lado, um homem é atingido por uma bala, o que faz com que a multidão se dissipe e o plano de romper a linha prussiana é sufocado. O redator explicita, ao final da narração, que foi o relato da testemunha que inspirou o artista, ou seja, o texto inspirou a imagem, e não o contrário, como parece ser a regra.¹⁷ No entanto, parece tratar-se menos de uma exceção à regra e mais de um procedimento para dar colorido e/ou credibilidade aos sentimentos ali impressos.

As gravuras falam por si, é certo. Manifestam em seu recorte o que quer o artista, o que pretende o editor, reafirmando ou constituindo visões de mundo. Mais do que hoje, necessitavam de textos que as localizassem. A sua quase que total independência está intimamente ligada à fotografia – pretensamente mais real – e à coleção de imagens que, principalmente após o cinema e a TV, contaminam nosso imaginário.¹⁸

Gravuras de grandes prédios (a civilização necessita das grandes construções para se evidenciar) apareciam freqüentemente nas primeiras páginas do jornal. Sólidas, bem delineadas e imponentes, diferentemente do World Trade Center, exigem palavras. É o caso da Catedral de Strasburgo que, localizada no centro da página, disputa a atenção com casas que estão pegando fogo ao seu redor. Seguem-se inúmeras informações que contextualizam a figura em um texto noticioso; as informações, segundo o redator, vêm de um correspondente que visitou a cidade que acabara de se render aos alemães. Sem nenhum constrangimento – é antes sinal de eficiência do editor e de suas ótimas relações com jornais importantes – é dito explicitamente a procedência da gravura:

A nossa gravura desta página, que é copiada do Graphic, de Londres, representa a soberba catedral, pálida ao luar das chamas que devoram os edifícios que a cercam.

(*O Novo Mundo*, novembro de 1870)

¹⁷ *O Novo Mundo*, dezembro de 1870.

¹⁸ A imagem da destruição das torres gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, falou por si; textos mencionavam o número de mortos e feridos, quantificavam as perdas materiais e o desespero dos sobreviventes. No entanto, a imagem da explosão do símbolo do poderio norte-americano que, embora feito de muito aço e concreto armado, esfarela diante dos olhos do espectador, consegue uma independência admirável.

O acervo de imagens de *O Novo Mundo* pode ainda ser considerado sem os textos; trata-se de um material muito precioso para aqueles que estudam o século dezenove, em especial, a segunda metade. É possível pesquisar as galerias de personalidades que, eleitas segundo determinado critério, podem revelar um pouco sobre tendências e paradigmas (e quais seriam as conseqüências dessa eleição para os textos, para a literatura); a veiculação de cenas de costume certamente deve ter exercido papel importante no estabelecimento de uma cultura de classe média, com todas as ponderações que podemos fazer a respeito das variedades de culturas e das dificuldades em se estabelecer um estereótipo para a classe média que surgia.

As gravuras das máquinas e invenções são emblemáticas para se pensar o homem do século dezenove; nelas, mais do que nas outras gravuras, o ideal do progresso material é evidenciado. São promessas de uma nova era e revelam um incalculável otimismo do engenho humano. As imagens dos prédios e das grandes construções também mostram o fascínio civilizatório. Um jornal é tanto mais importante quanto mais imponente é o prédio que o abriga; nesse sentido, a América do Norte mais do que a Europa possui vantagens: Nova Iorque é símbolo das grandes construções; as exposições nacionais e internacionais também eram abrigadas em prédios grandiosos e sua importância também era correlata (alguns prédios foram arquitetados especialmente para esses eventos).

O glamour das grandes construções atravessa o final do século dezenove e sobrevive na competição para se construir o maior prédio do mundo que, aliás, durante algum tempo era o Empire State Building, em Nova Iorque. A torre Eiffel, a Estátua da Liberdade e, mais tarde, a sede dos grandes bancos espalhados pelo mundo tornam-se verdadeiros ícones do progresso tecnológico.

Entre o literário...

Importantes para a história literária, as crônicas – folhetins? variedades? – representam um momento curioso de nossa literatura; ainda carente de uma classificação, tais materiais têm em seu caráter híbrido muito do sem-lugar ou todo-lugar que a literatura parecia ocupar na época, como foi mostrado.

O NOVO MUNDO

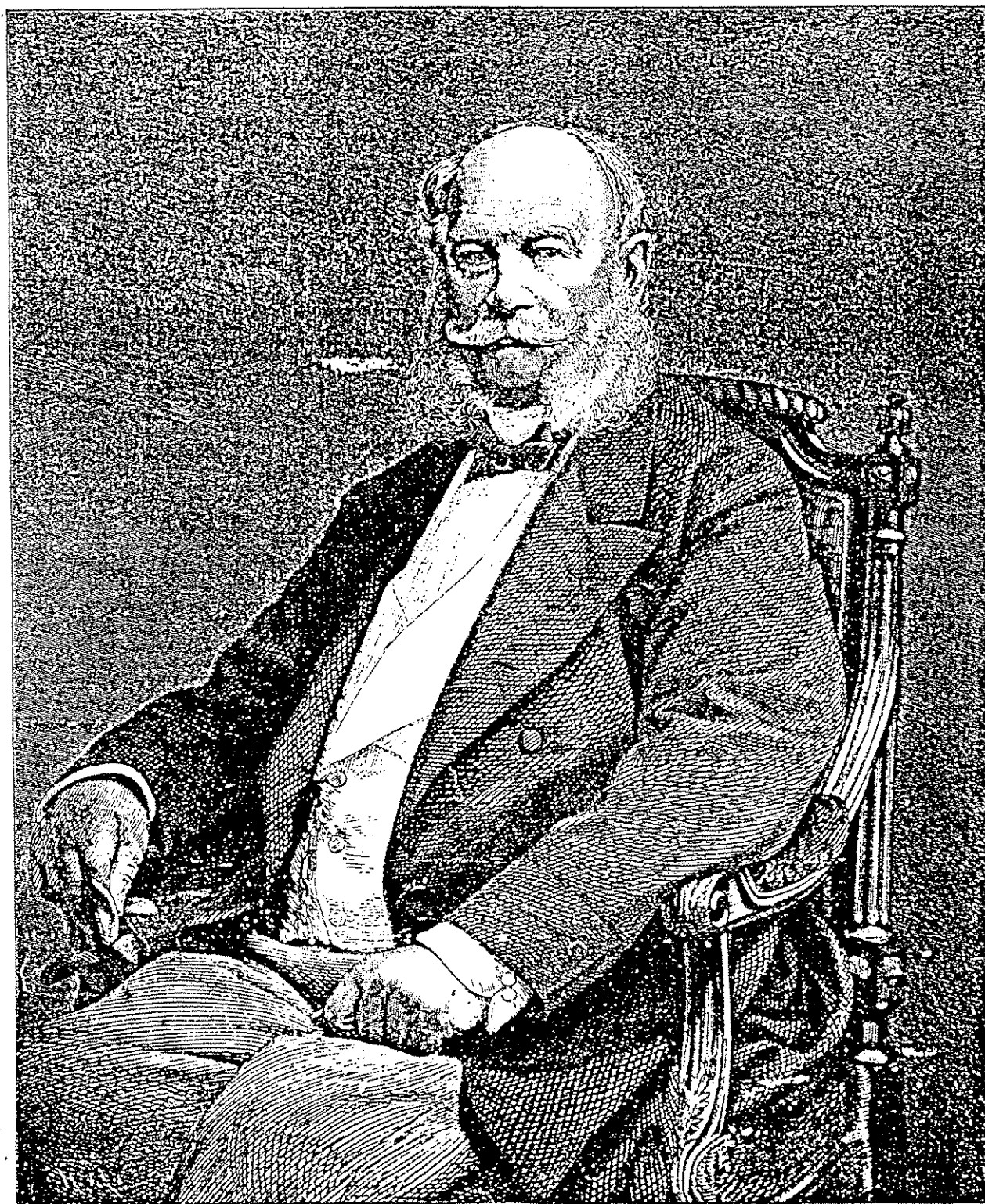
PERIODICO ILUSTRADO DO PROGRESSO DA CIDADE.

Entered according to Act of Congress, in the Year 1879, by J. C. RODRIGUES, in the Office of the Librarian of Congress, at Washington.

VOL. IX.

NEW YORK, JULHO DE 1879.

Nº 103.



GUILLERME I. REI DA PRUSSIA E IMPERADOR DA ALLEMANHA

O estar entre classificações não era privilégio apenas das matérias encontradas em *O Novo Mundo*; o momento permite o romance histórico, o singularíssimo Sousândrade, o ensaísmo, pouco tempo depois, de Euclides da Cunha, mais tarde a poesia ímpar de Augusto dos Anjos, a linguagem jornalística de Lima Barreto etc; mesmo nos anos mais próximos à década de vinte, conviviam lado a lado o gosto pela retórica, pela linguagem rebuscada e, ao mesmo tempo, a busca de um escrever mais espontâneo, com termos da oralidade, com mais simplicidade, com menos volteios...

Estranhos textos em *O Novo Mundo* aqui referidos como crônicas – por falta de um termo mais preciso – estavam presentes em quase todos os números do periódico, em geral acompanhados por ilustrações e uma visível preocupação com o leitor; tratavam de assuntos não-literários e sofriam uma espécie de digressão, uma mudança significativa da linguagem empregada. Esses materiais podem ser vistos como uma extensão dos textos descritivos a partir de gravuras, apresentados no item anterior; as crônicas não se limitavam apenas a descrever a cena já impressa na gravura e, portanto, colada à narratividade da imagem. Mais do que isso, encontramos textos que, sozinhos, sem a ilustração, funcionam como um material discursivo independente.

Como exemplo temos uma matéria intitulada “Mineração do carvão de pedra”, que inicia abordando a importância estratégica do carvão, segue apontando as grandes jazidas no Brasil e discorre, ainda, pelos tipos de carvão existentes (há uma série de termos técnicos), os elementos físico-químicos, o processo de combustão etc.

É importante perceber dois grandes momentos do artigo em questão: no primeiro deles a linguagem é intencionalmente mais técnica, informativa, quase não há o uso de reticências ou exclamações, nem mesmo comentários subjetivos do narrador-redator. O texto mostra-se, inclusive, áspero, em tom enciclopédico. Nota-se o uso da primeira pessoa do plural, o que aproxima jornalista e leitor, aquele falando de longe da terra natal, ambos presentificados em um mesmo contexto, preocupados com a valorização de feitos e produtos nacionais.

Outro dia tivemos um exemplo prático da superioridade do nosso antracito. O inventor de uma pequena, linda e econômica máquina motora, trabalhada pelo calórico (não pelo vapor), queria anunciá-la no “Novo Mundo”, e antes de fazê-lo, indagou que qualidade de carvão era a que se usava geralmente na América do Sul. “De Newcastle, de Canal, de Cardiff”, lhe respondemos. E ele não

quis mais anunciar sua invenção, porque, disse, a sua máquina só pode ser movida pelo antracito, – porque o antracito produz muito mais calor que o carvão betuminoso.¹⁹

De carona com o exemplo de progresso e riqueza norte-americano a partir da exploração do carvão do Rio Grande do Sul, o jornalista traça um ambicioso projeto para o Brasil:

É de se esperar que em pouco tempo a indústria esteja cavando esta nova diamantina, com o melhor êxito. O carvão do Rio Grande do Sul pode banir todos os outros dos mercados da América do Sul. Está provado que o custo da mineração de uma tonelada, com as despesas da transportação de Jaguarão a bordo do vaso, no porto do Rio Grande, é de sete mil réis. Entretanto, o carvão que se importa da Inglaterra vende-se por vinte e dois mil réis, mais ou menos, e em Montevideu e Buenos Aires, muito mais caro.

Já conquistada a intimidade com o leitor, o redator segue adiante e aponta o que se lerá – ou se vivenciará? – em seguida:

Mas, voltemos à Pensilvânia e vejamos como se extrai dali o seu antracito. Vamos a uma das principais minas, – vamos a uma que tem um nome, que o leitor achará poético demais para carvão de pedra, as minas do Rio de Mel Honey Brook Mines.

Descreve os exatos graus que deverão ser descidos até a mina, do perigo que esse declive representa, das luzes fracas...

Que trevas espessas! Só pouco a pouco é que percebemos o tremular de umas luzes que cada mineiro depende de uma lâmpada presa ao chapéu. Mas nesta noite tenebrosa, que atividade, que barulho em redor de nós! Uns descem com os carretões, cheios, outros sobem com eles carrafados, e puxados por mulas, enormes e gordas, – muito mais gordas do que cuidávamos que podiam ficar mulas, cujas estrebarias são nas trevas, no próprio coração das minas; – ali estão outros mineiros indo e vindo em todos os sentidos; aqui estão estes com as suas fortes picaretas a desafiarem a rigidez da rocha. Ali, mais em cima, estão uns gritando com outro, que acendeu um fósforo em mau lugar; em toda a parte o ferir das picaretas, do cair das pedras no chão; do atirar delas nos carros; do grito dos homens para

¹⁹ Texto integral em anexo (“Mineração do carvão de pedra”).

os animais, em toda a parte a confusão e o alarido. Mas dentro em pouco a confusão é a ordem, e o alarido é a alegria do coração do mineiro, que assim parece aliviar-se da sua árdua tarefa.

O carvão é rebentado por meio de pólvora seca. Para isto vemos na mina uma espécie de “rebentador em chefe”, com um caixão grande cheio de inúmeros utensílios que nos dizem necessários para uma explosão em regra.

Mas...basta de trevas: pulemos outra vez num dos carretões e vamos ver a doce luz do dia.

(*O Novo Mundo*, outubro de 1870)

Percebe-se a presença de uma certa narratividade no texto, traço marcante nos textos chamados por nós de híbridos. “Ali” se vê algo, enquanto que “aqui” há algo também curioso. O convite para entrar em um dos carretões, visualizar a cada instante uma pequena aventura, reconstruir a realidade do interior de uma mina é feito com bastante naturalidade, assim como, logo mais, a chamada para partir, em busca, como diz o nosso guia, da “doce luz do dia”.

Após a pequena excursão pela mina, segue o texto especificando o caminho percorrido pelo carvão, a sua preparação final para chegar, enfim, até as casas dos usuários.

Um outro exemplo interessante é um artigo sobre uma importante expedição que faria a quinta tentativa para instalar um cabo telegráfico submarino. Era preciso primeiramente resgatar o fio elétrico que estava solto no mar, para depois efetuar a delicada operação. Nesta matéria, também o início é altamente técnico, com nomes de instrumentos de bordo, nome do aparato necessário para tal empreendimento. O texto começa e segue de uma maneira completamente informativa, documental, seguindo o “estilo” retórico do narrador que ensina, que apresenta as novidades às pessoas leigas interessadas em aumentar os seus conhecimentos. A expedição é liderada por Mr. Cyrus W. Field, pesquisador que já teve seu nome mencionado em outros artigos de *O Novo Mundo*. Depois do relato das quatro tentativas fracassadas anteriores temos, enfim, a quinta e última: vitoriosa, mas não sem surpresas e perigos. A apresentação do empreendimento é assim feita:

Todas as grandes empresas precisam de um espírito robusto que as anime com a sua fé nos resultados ulteriores. Quanto mais difíceis de atingir são esses resultados, mais sujeita a desfalecer é a energia com que elas se encetam, e então é preciso que haja uma vontade forte que não só conserve os resultados já ganhos, mas dê um maior impulso para a aquisição do fim último das empresas. Ter esta fé e podê-la imprimir nesses grandes trabalhos que a indústria procura realizar, e no meio dos

embaraços de todo o gênero, perante os quais recuam os esforços ordinários do homem, é o característico dos grandes inventores, desses poucos a quem devemos as maiores conquistas da civilização. Mr. Cyrus W. Field, de quem damos nesta página um retrato, é um desses espíritos hercúleos, e a empresa que ele levou avante foi a grande empresa de telegrafia submarina entre o velho e o novo mundo.²⁰

Junto com as complicações da viagem, a narratividade aparece; primeiro apenas sugerida, com traços de ambiente e pequenas ações:

Para coroar estes trabalhos incessantes e árduos dos catorze anos passados, havia ainda uma tarefa urgente que Mr. Field e seus amigos deviam desempenhar. Era apanhar de novo o fio perdido, – uma tarefa cuja dificuldade é aparente – o fio estando a duas milhas da superfície do mar, e o cabo com o arpão que o deveria agarrar gastando duas horas para chegar ao fundo do mar.

Este cabo que devia apanhar o outro, telegráfico, era de linho, piassava e aço, e estava provado que podia suspender trinta toneladas. A expedição lutou com embaraços mil: não era só o trabalho em si que era difícilimo, muito vagaroso e de muita paciência: eram também calmarias, tempestades, nevoeiros que lhe aumentaram os embaraços.

A progressão de ações aumenta até atingir o clímax narrativo: momento do resgate do precioso fio.

Num dia foi o cabo afinal apanhado e trazido acima: a tripulação inteira de um dos navios contemplara por cinco minutos este monstro todo cheio de conchas do fundo do oceano e começaram a dar tantos vivas que ele, como que assustado disso, partiu-se de novo e atufou-se na imensidão das águas. Este acidente fez a expedição ter um trabalho de mais duas semanas. No último de agosto de 1866, o cabo foi outra vez agarrado deveras pelo pesado arpão que o segurara. É impossível pintar a ansiedade, o estado de suspenso em que toda a expedição ficou pelo espaço de vinte e seis horas que durou a ascensão do cabo do fundo do oceano. Quando ele apareceu era meia noite: ninguém a bordo pareceu respirar até que o cabo foi atravessado na tolda do navio. Então todos se aproximaram e custaram a crer que se tinha salvado o cabo transatlântico. Mr. Field, que estava a bordo, fê-lo ser examinado logo pelo químico e chefe da expedição, para ver se esse tesouro há tanto procurado estava morto ou vivo. Em poucos minutos umas faíscas elétricas asseguravam a todos que ele estava vivo e por ele circulava ainda a corrente elétrica. Foi então que todos prorromperam na sua alegria, uns davam vivas sobre vivas ao passo que a emoção de outros se traduzia em lágrimas. Girândolas e

²⁰ Texto integral em anexo (“Mr. Cyrus W. Field”).

luzes multiplicadas no navio chefe deram sinal aos outros que a tarefa estava concluída; e este cabo transatlântico dois dias depois estava trabalhando regularmente de bordo do navio para a terra e ainda hoje é um dos três cabos que põem em comunicação constante os dois hemisférios.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1871)

Há uma série de marcas da narratividade presentes no fragmento acima: “num dia” em especial acontece o principal que deverá ser narrado; “quando” é a marca temporal que anuncia o momento em que o cabo é resgatado; “foi então”, outra marca temporal, junto a anterior que acentua a criação de uma espécie de suspense. E, por fim, o desenlace da história com a resolução do problema e clima festivo: o fio está a salvo no convés do navio; pronto para os ajustes e para, em seguida, interligar os dois continentes.

Tais textos são exemplos das experimentações a que nos referimos anteriormente. São informativos, não há dúvida; no entanto, mais do que isso, possibilitam uma maior liberdade com a linguagem – notar o tom narrativo dos exemplos – o que auxilia a leitura. O curioso desses textos é a radical mudança de tom. Diferente do *Folhetim*²¹ que, já anunciado, não traz, nesse sentido, surpresas ao leitor. Os textos que são escritos a partir de gravuras, menos que reduzidos por elas, parecem revelá-las em cada detalhe, em múltiplas perspectivas: mais uma vez, o texto que se segue após uma ilustração é descritivo e com pequenas histórias ou curiosidades.

Ao contrário, nos exemplos apontados, não há essa sinalização; é brusca a passagem. Outro dado interessante é o sem-lugar dessas “digressões”: não estão concentradas em uma seção específica, aparecem em várias páginas do jornal.

A crítica, as crônicas, os folhetins são as peças mais importantes de nosso já mencionado anfiteatro, visto como um curioso documento de época, espaço no qual

²¹ É importante perceber que há uma diferença entre o “folhetim” como sinônimo de um conto, fragmento de um romance ou uma outra narrativa evidente e a “matéria folhetinesca” ou ainda a chamada “variedade”; *O Novo Mundo*, em seu suplemento para mulheres, veicula fragmentos de romances e anuncia nos números precedentes que vai publicá-los. Mas o labor do redator do jornal – que reúne informações, comenta fatos, distrai o leitor com anedotas e descrições amenas a partir de gravuras, que ensina – é justamente aquele do folhetinista; há uma coincidência de funções do redator/folhetinista e uma pluralidade de sentido do termo.

interesses mercadológicos entram em choque, indiciando tendências da literatura bem como o questionamento dos limites do literário: o material que ora se aproxima do factual, ora do fictício²². O discurso construído sobre o literário não é linear, constante, uno, muito pelo contrário, é movediço e por vezes contraditório, típico daquele que busca seu lugar.

Folhetins

*A profissão do folhetim não é ser exato como um relógio; e
ainda assim, todos sabem como, até na casa dos relojoeiros, os
relógios divergem entre si.*²³

Machado de Assis

O jornal do século dezenove não era organizado da maneira como as folhas de hoje; não havia seções definidas, um trabalho sistemático com as manchetes, linha-fina, distribuição dos textos por interesses etc. Havia um aspecto de aleatório na disposição das notícias. Junto a isso, soma-se uma série de discursos sobre o literário, sobrepostos, falas simultâneas, que freqüentemente chocavam-se, não constituindo um problema, mas apenas um contexto polivalente, múltiplo e dialético.

Cabe lembrar que por trás da palavra folhetim camuflavam-se vários registros. Os comentários ao sabor do momento, organizados de modo ligeiramente fragmentado, sobre política, livros novos, clima, astros, alguma narrativa etc poderiam partir de uma gravura, como poderiam ser independentes. Esses últimos, por sua vez, poderiam receber o nome de folhetim, crônica ou ... nada, apenas o título-tema do texto²⁴.

²² A maneira pela qual o texto é escrito, ou seja, a utilização de determinados procedimentos plásticos, não sendo de suma relevância o fato de ser o elemento motivador real ou fictício, não é, ainda, um 'critério' muito seguro tendo em vista as flutuações dos textos no período.

²³ *Diário do Rio de Janeiro*, agosto de 1864.

²⁴ As crônicas de Machado de Assis eram tidas por ele como folhetim: "Não vi ainda o volume do novo poeta, mas ouvi louvá-lo a autoridades competentes. Se o obtiver esta semana, direi alguma coisa no próximo folhetim." (grifo nosso) Texto intitulado "Ao acaso" extraído da seção "Crônicas da Semana" do jornal *Diário do Rio de Janeiro* (12 de junho de 1864).

Em um primeiro momento, apresentaremos o folhetim mais narrativo, muitas vezes presentes nos suplementos; são histórias que seguem uma certa estrutura: há um conflito vivenciado por uma personagem que está em um determinado espaço descrito em detalhes; a personagem também é descrita com cuidado. Notar que nesse primeiro recorte o que temos são textos que poderiam ser vistos como contos ou capítulos de um romance.

Vamos ao folhetim “O Romance de uma onça”, de autor desconhecido:

O ROMANCE DE UMA ONÇA – A R

Era horripelmente bela a *Douradinha*, a rainha das onças da Serra do Tinguá.

Quando a conhecemos, tinha já chegado à estação dos amores; no entanto conserva-se casta e pura como a orgulhosa Diana. Não julgava digno de si nenhum dos jovens que a requestavam; nenhum, na verdade, tinha, como o seu, um pêlo tão dourado e tão graciosamente mesclado de grandes malhas pretas; nenhum possuía cauda tão basta, tão buliçosa, sempre a descrever caprichosas espirais no ar; nenhum tinha olhos tão brilhantes, tão grandes, tão fascinadores, a magnetizar suas vítimas, que pareciam morrer contentes, mesmo dilaceradas por duas enormes e alvíssimas presas. (...)

Se a *Douradinha* escrevesse diário, como as heroínas de Octave Feuillet, teria deixado testemunho irrefutável do mal que nessa noite lhe fez a lúbrica lua. (...)

Alguns minutos depois estava tudo terminado; a vara de queixadas pôs-se a caminho para beber água no rio S. Pedro; iam graves, severos, ensangüentados, hediondos, como inquisidores depois de um *auto-da-fé*.

Sobre o chão ficaram apenas alguns pêlos amarelos e pretos; a ponta da basta cauda; e uma bola ensangüentada, donde surgiram duas alvíssimas presas; entre elas restavam três lindas flores de begônia rajadas de sangue frio...

Era o crânio da rainha das florestas do Tinguá!

A . R.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1879)

A jovem onça é humanizada pelo narrador: possui características morais – era casta e pura. Apesar de teoricamente ser um animal perigoso, é vítima de porcos selvagens que vagavam famintos pela floresta à noite. Mas a onça-heroína também possuía suas vítimas: essas, *pareciam morrer contentes, mesmo dilaceradas por duas enormes e alvíssimas presas*. A seqüência final é trágica, macabra. Sob a lúgubre lua, restam apenas o crânio, sangue, ossos e as presas da rainha do Tinguá.

O exemplo seguinte traz mais um conflito-limite. Pela manhã, uma manhã cinzenta de nevoeiro, em um povoado próximo ao mar, pescadores iniciam o trabalho.

L'ARRABIATA - por Paul Heyse²⁵

Mal rompia o dia. Sobre o Vesúvio estava suspensa uma larga listra cinzenta de nevoeiro que se estendia até Nápoles, lançando manchas escuras sobre os pequenos povoados ao longo da costa. O mar estava calmo. As margens do riacho que corre logo abaixo dos rochedos de Sorrento apresentavam então uma cena ativa; os pescadores e suas mulheres estavam já a trabalhar, alguns puxando à terra, por meio de grossas cordas, os seus botes e com eles as redes que haviam lançado na noite anterior, enquanto outros aprestavam suas embarcaçõesinhas, desdobravam as velas ou traziam seus remos e mastros da grande concavidade, fechada com gradil, que haviam cortado na rocha viva especialmente para guarida de seus petrechos durante a noite. Não se via uma só pessoa desocupada; até os mais velhos, que havia muito não saíam ao mar, estavam em linha ajudando a puxar as redes. Aqui e ali, via-se nos chatos cimos das casas alguma velha de pé, ou assentada a fiar, ou ocupada com os netinhos, que a filha lhe confiara enquanto ausente, ajudando seu marido. (...)

É nesse espaço que os protagonistas são apresentados. Ela é pobre, ele é rico e nobre. Temos os ingredientes para o folhetim que certamente iria agradar a muitos: o amor impossível, empecilhos aparentemente intransponíveis. No entanto, apesar de todas as grandes dificuldades, os amantes são vitoriosos e, felizes, ficam juntos ao final.

Mudo ele a reteve um instante nos braços. (...) “Virgem Maria, pensas pois, Laurella, que todo o meu sangue saiu por esta ferida de minha mão? Não ouves ainda o martelar do meu coração, como se quisesse arrebentar para ir para ti? Laurella, se queres me experimentar ou se só dizes isto para exprimir dó de mim, eu te perdôo. Tu sabes o que por ti tenho sofrido.”

“Não”, replicou a rapariga, olhando-o resolutamente. “Faço-te esta pergunta porque te amo, Antônio. Há muito tempo tinha medo de te amar e é por isso que sempre te tratei tão mal. Agora não será mais assim. Nunca eu poderia sofrer ver-te passar por mim como um estranho, não; e para que saibas que eu te amo quero beijar-te, de modo que se duvidares de mim possas te lembrar que Laurella te deu um beijo, e Laurella nunca beija senão seu marido”.

(*O Novo Mundo*, março de 1879, Suplemento)

²⁵ Autor de mais de 150 novelas, o escritor alemão ficou conhecido principalmente por *L'Arrabbiata*, publicado em 1855.

Depois das heroínas Laurella e Douradinha, vamos a um outro estilo de folhetim.²⁶ São textos de um cientista famoso da época, Camille Flammarion, que tratam, quase todos, dos planetas do sistema solar. Temos, então, outro sentido para folhetim: os textos e/ou artigos que são publicados *em fatias*.

Flammarion não conta histórias fictícias, não trabalha com personagens ou tramas, não há conflito e nem suspense. E foi considerado um folhetinista – tratado como tal pelo redator.

UM OUTRO MUNDO HABITADO – C. Flammarion²⁷

Quando há dezesseis anos, saiu à luz a última edição de minha obra intitulada – *A Pluralidade dos mundos habitados* – não esperava ver a minha teoria tão prontamente confirmada como foi pelas recentes descobertas da ciência astronômica, que nos permitem, por assim dizer, pôr os dedos sobre as manifestações de vida planetária. (...)

Mas, de todos os estudos feitos durante os últimos anos, o exame telescópico do planeta Marte confirma mais imediatamente a verdade da teoria que há vida material além daquela que existe sobre o globo que nós ocupamos. Esse mundo vizinho apresenta analogias que parecem demonstrar ser ele muito semelhante ao nosso.

(*O Novo Mundo*, julho de 1879)

O texto segue com esse mesmo tom, não há grandes mudanças; o autor parece dar lições, há um quê professoral em suas palavras. É interessante observar que a curiosidade sobre a possível existência de vida em outros planetas, uma ânsia alimentada pela ciência – *o exame telescópico do planeta Marte confirma mais imediatamente a verdade da teoria que há vida material além daquela que existe sobre o globo que nós ocupamos* –, é que vai fertilizar a imaginação. Júlio Verne é um dos representantes dessa literatura que tem suas raízes no olhar científico sobre a realidade.

Em “Um mundo maravilhoso”, Camille convida o leitor a imaginar uma viagem a Saturno, a grande distância a ser percorrida, o tamanho do imenso planeta, a velocidade com que ele gira em redor de seu próprio eixo, a composição dos anéis...

²⁶ Notar que os dois últimos exemplos são fragmentos da produção literária apreciada na época.

²⁷ Era respeitado sobretudo como astrônomo, além de conferencista e cronista especializado.

UM MUNDO MARAVILHOSO por Camille Flammarion

Se algum dia fizerdes uma viagem para o planeta Saturno, que se acha à distância de só 1,288 milhões de quilômetros de nós, o que ali vereis produzirá em vós sem dúvida sensações mui diversas de todas as que neste mundo tiverdes experimentado. Imaginai um globo imenso, não só do tamanho de nosso mundo, senão 864 vezes maior, e girando sobre o seu eixo com tanta velocidade que faz uma revolução inteira em cerca de dez horas! (...)

Serão [os anéis], portanto, gasosos? O anel interior é um tanto transparente; mas é sabido que não são matéria gasosa. Qual será, então, a sua natureza?

Este é um problema a cujo respeito entrei em uma discussão matemática em 1865, em que cheguei à conclusão de poder ser estável um sistema de anéis como o de Saturno só quando eles estão compostos de um número ilimitado de partículas distintas revolvendo em torno do planeta com velocidades que variam com suas respectivas distâncias.

(*O Novo Mundo*, outubro de 1879)

Flammarion deixa claro o seu perfil de divulgador científico quando afirma que em 1865 entrou em uma discussão matemática e chegou a uma determinada conclusão sobre o assunto. Em um outro contexto poderíamos imaginar um narrador fazendo uso de um expediente de autoridade para dar mais veracidade ao relato. Mas não é esse o caso. Trata-se, de fato, de um cientista relatando o seu trabalho, a sua pesquisa para um público leigo sedento por informações, aprendendo um pouco de tudo, supondo e imaginando outra parte.

Seguindo a mesma lógica de outros folhetins – textos de entretenimento/instrução e sem autor – encontramos mais um curioso material intitulado “A Luz Elétrica”. Nele, o monopólio das grandes companhias de iluminação a gás é questionado, e a eletricidade para fins domésticos é considerada a descoberta mais importante do momento. Tais questões nos são apresentadas em um relato próximo de uma crônica, com pinceladas de narratividade, uso do discurso direto, um certo gosto pela adjetivação.

Foi o ano de 1878 talvez o mais notável deste século pelo número de invenções: para celebrizá-lo bastam o telefôno de Bell, o fonógrafo de Edison, o microfono de Hughes e a infinidade de aparelhos derivados, que ameaçam esterilizar o jardim das raízes gregas.

Mas, de todos os inventos de 1878, nenhum tem a importância prática, social, econômica e financeira da luz elétrica, aplicada aos usos domésticos. A seu simples anúncio estremeceram em suas sólidas bases as poderosas companhias de iluminação a gás.

Como os antigos Faraós, visitados por negros sonhos, os diretores desses colossais monopólios mandaram chamar seus adivinhos e perguntaram-lhes:

- Que significa isso?

- É possível o fim do nosso reinado?

A maior parte, para lisongear-lhes o poderio, respondeu:

- Não! Nada tendes a temer! Podeis reduzir vosso gás a lamparina, e dormir tranqüilos sobre os fofos colchões do monopólio.

Um ou outro, olhando para esta República dos Estados Unidos, onde não há impossíveis, ousou balbuciar:

- Quem sabe? Esses Americanos são capazes de tudo! Um deles já arrancou o raio das mãos de Júpiter; é bem capaz de vir um outro arrancar-vos o monopólio do gás!

Os diretores olharam-se uns para os outros atônitos! Julgaram prudente simular que não acreditavam; mas mandaram desfazer-se de tantas ações quantas lhes permitiam os estatutos.

E as ações a baixar! Dia houve de baixa de 2, 3 e até 4 libras esterlinas.

É preciso ter em vista que todas as capitais do mundo civilizado; que todas as grandes cidades são iluminadas a gás; que todo este serviço é feito por grandes companhias, que retribuem generosamente seus diretores, e auferem ricos dividendos.

O inverno da luz elétrica, aplicável à iluminação urbana e domiciliária, vem, pois, ferir grandes interesses; pôr em perigo capitais enormes.

Ainda não se tem certeza de poder-se excluir o gás de todas as suas aplicações atuais; mas o primeiro passo está dado; na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Rússia onde está o eminente físico Jablochhoff, aqui nos Estados Unidos principalmente, todos os especialistas trabalham para a resolução de um problema, que tem de fazer a fortuna dos seus inventores e aumentar consideravelmente o bem-estar da humanidade.

O reinado do gás vai, pois, terminar. Está já escrito o seu — *Mané Thecel Pharés*. Este reinado foi relativamente curto. A iluminação a gás começou a ser generalizada de 1840 a 1850.

Muito provavelmente, no princípio do próximo século, olharemos para os lampiões de gás com o mesmo desprezo que hoje para os obsoletos lampiões de azeite de peixe.

A iluminação a gás não deixará muitas saudades.

Em primeiro lugar o seu enorme preço, verdadeiro preço de monopólio. No Brasil esse preço é ainda agravado pelas baixas do câmbio.

Além da exageração do preço, o consumidor paga muitas vezes gás, de que não se utilizou. Quase sempre os aparelhos, os lustres, os canos deixam escapar e perder muito gás. Os ratos têm especial prazer em furarem os tubos de chumbo dos encanamentos; daí prejuízos enormes para as famílias, além dos perigos de explosão e de incêndio.(...)

As companhias purificam muito mal o gás; distribuem-no sobrecarregado de ácido sulfídrico e de amoníaco: nesse estado o gás de iluminação é muito prejudicial à saúde e estraga os tetos e todas as pinturas brancas em que entra o chumbo. O ácido sulfídrico é muito fétido; de sua combustão resulta vapor d'água e ácido sulfuroso, que é também um gás sufocante.

A luz elétrica está predestinada a livrar a humanidade de todos esses inconvenientes.

A economia será enorme. Imperfeita como ainda se acha, em verdadeiro estado incipiente e embrionário, já produz trinta por cento de economia os armazéns do Louvre, em Paris, (*Magasins du Louvre*) dando luz muito melhor do que a do gás.

No Teatro do Chatelet, também em Paris, gastava-se 30 francos de gás por noite; a luz elétrica reduziu as despesas a 14 francos!

Tudo isso significa que devemos fazer votos pelo sucesso dos esforços feitos por Jablochhoff, por Edison, por Werdermann, e por seus êmulos, por que em breve a humanidade possa gozar de todos os benefícios da luz elétrica!"

(*O Novo Mundo*, junho de 1879, sem assinatura)

O texto apresentado difere, como podemos perceber, dos demais. Inicia de modo descompromissado, com intervenções de personagens fazendo perguntas, inquietando-se frente ao impasse da escolha entre o gás e a eletricidade. A pequena trama faz alusão ao monopólio das empresas de gás e o poder dos Estados Unidos no desenvolvimento de novas energias. Não seria esse um exemplo de uma crônica? O redator escreve sobre algo do momento – o monopólio do gás, o seu preço e os perigos adjacentes a essa fonte de energia –, passa pelo assunto de forma amena, salienta a importância de algumas invenções, ou seja, em que medida o progresso material de fato modifica a estrutura do homem urbano... A luz elétrica pode auxiliar até mesmo as artes, porque mais barata, o que significa uma maior economia na iluminação dos teatros e salões.

Longe de buscar classificar os textos aqui apresentados, o que seria anacrônico e nada proveitoso, o objetivo é registrar como as diferenças entre os textos folhetinescos pode nos servir como um precioso indício de como era vista a literatura no período. Ou, colocado de outra maneira: como o jornal servia como espaço de experimentações para os escritores da época. O folhetinista discorre sobre tudo e todos de modo às vezes mais, às vezes menos relevante, buscando em qualquer assunto matéria para a sua pena. O leitor acompanha tal vôo e, longe de estar perdido, tem a ilusão de saber de tudo um pouco; ora em textos mais leves, outras vezes em textos mais sentimentais, ou ainda naqueles escritos mais técnicos.

Somando-se à galeria de registros, acrescenta-se o estranho relato "Um crime misterioso". Não estaria hoje este texto nas páginas policiais do jornal?

UM CRIME MISTERIOSO - sem autor

A 10 de junho passado descobriu-se pela manhã que uma senhora respeitável e já idosa, esposa de um médico de 74 anos, havia sido morta na sua cama durante a noite, em uma casa cheia de gente e em uma das ruas mais públicas desta cidade de New York, sem que ninguém dentro da casa ou fora dela ouvisse o menor grito ou barulho extraordinário, ou visse coisa alguma que causasse suspeita. A porta da casa foi encontrada aberta pela manhã, mas sem sinal algum de arrombamento, e tendo sido encontradas fechadas de dentro todas as janelas por onde se poderia ter efetuado uma entrada do lado de fora, tudo levava a crer que a porta tinha sido aberta do lado de dentro, e de propósito para que se pensasse que o assassino tinha saído da casa por essa porta.

Temos um perfeito enigma digno de Edgar Allan Poe (1809-1849). Um cadáver, todas as janelas fechadas por dentro, uma porta aberta.

O marido da senhora dormiu em outra parte da casa, em um quarto muito retirado daquele em que dormiu ela. O marido confessou que havia estado de pé da meia noite até às duas horas da manhã, mas ao mesmo tempo asseverou que nada havia visto ou ouvido.

De uma gaveta no quarto da senhora haviam desaparecido jóias valiosas, mas não todas as que ali se haviam achado; e também não se havia tocado em uma boa porção de baixela que estava exposta no quarto à vista de todos. A polícia julgou, pois, que o desejo de roubar não houvesse sido o motivo do crime cometido, e todos os indícios pareciam mostrar que o próprio marido da senhora assassinada fosse o culpado da sua morte. Esta foi a impressão geral nesta cidade, e alguns jornais muito influente manifestaram em palavras bem inteligíveis quais as suas idéias a esse respeito, acusando, quase sem rodeios, ao dito doutor de ter assassinado a sua esposa.

O suspense continua com o acréscimo de mais alguns dados: o marido que nada ouviu (seria ele o assassino?), as poucas jóias que sumiram e outras, também valiosas, não foram sequer tocadas, as baixelas que não foram levadas. A ordenação dos fatos é feita de modo a prender a atenção do leitor que espera pelo desfecho desta pequena história.

Aconteceu porém, a 23 do mesmo mês de junho que parte das jóias furtadas foram achadas em um estabelecimento de Boston, a mais de 200 milhas daqui, onde haviam sido penhoradas por um negro. Esse negro foi pouco depois descoberto, e sendo levado preso, confessou imediatamente o crime. Disse que entrou por uma das janelas que achou aberta; que depois de entrar, fechou a janela da parte de dentro; que a senhora acordou e que ele, para impedir que gritasse, amordaçou-a com um pedaço

da roupa da cama, sem nenhuma idéia de fazer-lhe mal algum além de roubar-lhe as suas jóias; e que, quando viu que ela estava morrendo, fugiu pela porta da casa deixando-a aberta. Está provado agora que o doutor é inteiramente inocente, e que, apesar da forte presunção que havia de ser ele o criminoso, o caso é simplesmente mais um na longa série de casos tristes em que quase tudo indica que uma pessoa inocente havia cometido um grande crime.

(*O Novo Mundo*, julho de 1879)

Finalmente o desenlace: na parte final desfaz-se a trama, resolve-se o conflito e, após todas as explicações para inocentar o suposto culpado, termina a *notícia*.

Em “Os crimes da rua Morgue”, o já citado escritor norte-americano Allan Poe retira de uma notícia de jornal – *Gazeta dos Tribunais* – o seu mote para a narrativa; embora a notícia possa nunca ter existido, é muito verossímil que um crime apareça nas páginas de um jornal. O título da notícia é “Crimes extraordinários”, muito similar ao “Um crime misterioso”; o tom do jornal também é muito semelhante:

CRIMES EXTRAORDINÁRIOS - Esta madrugada, por volta das três horas, os moradores do Quartier St. Roch foram tirados do sono por uma sucessão de gritos terríveis aparentemente provenientes do quarto andar de uma casa da rua Morgue, habitado por uma certa Madame L'Espanaye e sua filha, Mademoiselle Camille L'Espanaye. Depois de algum tempo, enquanto se tentou chegar ali, sem sucesso, pela maneira convencional, o portão foi arrombado com um pé-de-cabra e oito ou dez dos vizinhos entraram, acompanhados por dois gendarmes. Nesse ponto, os gritos haviam parados, mas, quando o grupo subiu correndo o primeiro lance de escadas, duas ou mais vozes ásperas, em discussão furiosa, foram ouvidas, parecendo vir da parte de cima da casa. Quando se chegou ao segundo patamar, também esses sons pararam e tudo ficou completamente quieto. O grupo se dividiu, examinando quarto por quarto. Ao chegarem a um quarto grande de fundos, no quarto andar (cuja porta, por estar trancada por dentro, foi arrombada), apresentou-se um espetáculo que atingiu cada um dos presentes com horror e espanto.²⁸

Não se está sugerindo aqui que necessariamente o texto extraído de *O Novo Mundo* deva pertencer a um escritor. Não é isso. O objetivo é salientar a proximidade entre o relato jornalístico e o fictício, entre o *narrador de notícias* e aquele *narrador de histórias*.

²⁸ Edgar Allan Poe, “Os crimes da rua Morgue”, in *Histórias Extraordinárias*, São Paulo, Abril Cultural, 1978.

Além desses folhetins, que, inquietos, espalham-se por toda a folha, encontra-se sob a seção intitulada “Literatura” mais material folhetinesco, como é o caso de “A Aurora” de Sílvio Dinarte²⁹.

A AURORA - por Sílvio Dinarte

“Se quereis seguir atento e maravilhado as fases dessa esplêndida cena da natureza, que se chama a aurora, buscai, ainda com as sombras da noite, uma eminência de onde se descortinem largos horizontes e céus desassombrados.

A princípio, na densa escuridão que vos cerca, nada pode lobrigar vosso olhar indagador. Tudo são trevas, ou quando não, formas indecisas, quase fantásticas, filhas da ilusão fugaz e engrandecidas pela imaginação. Nos espaços cintilam apenas, como faróis de vacilante esperança, raras e cambiantes estrelas. Não tarda até que esses mesmos astros que vos consolavam as vistas, vão, um após outros, amortecendo o seu brilho e apagando os seus fulgores.

Por todos os lados o silêncio.

Parece, senão extinta a natureza, presa, pelo menos, de penoso entorpecimento, perdidos o alento e a força.

Eis, porém, que aos poucos lá se tinge o oriente de duvidoso rósicler. Começa ali a branquejar o firmamento, qual se ao subir da terra fora lentamente desdobrando-se adelgaçado céu de gaze branca. Passam-se largos minutos.

Depois naquele fundo alvacentos acende-se, a medo, uma risca avermelhada que se alonga mais do que se alarga. Paralela a ela rompe outra, já mais extensa e incandescente; instantes após, terceira, essa então abraçada como uma linha de fogo.

De manso vai difundindo a claridade pelos céus além. Se por perto se acumularem condensadas nuvens, desenham-se-lhes os contornos como rubidas e coruscantes curvas. Outras mais afastadas e soltas cambiam da cor de rosa ao roxo lírio.

Já ali principia a natureza a sacudir o letargo que a prostrara. Espreguiça-se lânguida, mas alegre e cheia de seiva e nascentes esplendores. Toucam-se de clarões os píncaros das montanhas, cujos declives e lombas surgem da uniforme escuridade.

Na planície burburinha o ruído da vida. Doce orvalho acorda as humildes plantinhas; zumbem miríades de insetos, e os pássaros, nas franças do arvoredos, chilram baixinho, ainda tontos de sono e como que a sonharem.

É nessa hora de indizível suavidade que nas matas do Brasil desfia o sabiá suas notas mais puras e melodiosas, cuja magia a calhanda da Europa no seu hino matinal de certo não conhece.

Emerge, porém, a mais e mais a luz. O espetáculo há pouco sereno e melancólico, transforma-se de súbito – é deslumbrante. Como centro de todas as riquezas, o sol, antes de raiar e ainda no berço em

²⁹ Como já foi dito anteriormente, trata-se de um pseudônimo de Visconde de Taunay.

que rutilam a púrpura e montes de ouro e prata em fusão, arremessa em leque ofuscadores raios, uns enfeixados que tudo penetram, outros divididos que, parece, vão estacar a embeber-se nos nevoeiros da madrugada.

Cada vez mais anima-se a terra; cada vez mais se anima a abóbada celeste. Em cima desenrola-se o festival e cerúleo manto – péplum gigantesco de um Coliseo sem fim –; embaixo se aviavam e se fundem em fantásticas combinações as cores mais variadas.

Rompe por fim uma onda de luz que se atira sobre o universo e de momento o inunda, como vaga enorme de oceano a transbordar... e ergue-se o sol!

É dia!

Janeiro de 1879.

(*O Novo Mundo*, agosto de 1879)

O fenômeno do amanhecer é aqui registrado de maneira sensorial. As cores matizadas que se movimentam, o burburinho do riacho, as aves que despertam ruidosas, os insetos nervosos, a suavidade das matas... A escolha lexical deve ser observada com atenção, o apego aos adjetivos suntuosos, as exclamações e reticências que dão um tom impalpável à cena retratada, a sinestesia que convida o leitor a sentir a manhã – mais do que apenas imaginá-la.

Por que esse texto ocupa uma seção intitulada “Literatura” e “O Romance de uma onça” não? Talvez possamos dizer que o pseudônimo de Taunay era mais conhecido do que se supunha, de modo que já havia um consenso de que se tratava de literatura. O que estaria por trás desta classificação? “Literatura” é um espaço apenas para escritores consagrados?

O último exemplo de folhetim a ser apresentado traz um narrador que discorre sobre sentimentos como o amor em *povos cultos* e *povos primitivos*.

O AMOR DE UMA MULHER – UM ESTUDO ESLOVENO³⁰

As raças que não experimentaram ainda os efeitos benéficos e domesticadores da civilização, e que vivem isoladas dos povos cultos, possuem em excesso as diversas qualidades e paixões inerentes a nossa natureza. Entre as emoções que movem o coração do homem o amor é sem dúvida aquela que tem o império mais absoluto; domina a alma de um modo tão imperioso que por eles todas as outras paixões são esmagadas. Faz covardes os homens mais corajosos, e dá coragem aos tímidos. O amor é deveras a grande força motriz da vida humana.

³⁰ O texto só foi publicado em periódicos eslovenos e em *O Novo Mundo*; é praticamente inédito.

As nossas paixões e emoções são, porém, mais refreadas do que as dos povos meio civilizados; porque, em primeiro lugar, passamos por um processo abrandador de educação; e, em segundo lugar estamos mais ou menos sujeitos ao constrangimento das regras que regulam a sociedade. Além disso, achamo-nos comumente muito ocupados com os cuidados numerosos que traz consigo nosso modo de vida; não nos contentamos com o pouco com que se contentam os povos pouco civilizados. (...)

O seguinte incidente, que teve lugar há cerca de um século, servirá para ilustrar a força do amor entre os eslavos; é com efeito uma espécie de repetição da sorte que tiveram os amantes de Sestos e Abydos. Esta conta, porém, não é lenda, mas uma simples narração dos fatos. O lugar onde sucedeu a tragédia foi a ilha de S. Andréa, que fica entre as de Malfi e Stagno, perto da cidade de Ragusa. E embora não fosse imortalizada esta conta nos versos de nenhum Museu, foi não obstante isso, publicada na *Revista Dalmata*, em 1859, no *Anuário Spaladino* do mesmo ano, e em outros periódicos eslovenos.

O herói desta conta, chamado Teodoro, pertencia a uma das mais ricas famílias patricias de Ragusa, dizendo-se até que seu pai era Reitor da República. Teodoro era moço de caráter grave, mas ao mesmo tempo de gênio brando e terno. Não só era muito talentoso, mas também muito instruído, porque todo o seu tempo dedicava ao estudo. (...)

O mar que havia assim separado os dois amantes era, porém, mais misericordioso do que os homens, porque no dia seguinte suas ondas depositaram o corpo inânime da moça na praia arenosa de S. Andréa. Ali Teodoro, que havia passado a noite numa ânsia mortal, achou o cadáver da moça que amava. Mandou sepultá-lo, e então tornou a entrar no convento, fez-se monge beneditino, e passou o resto de sua vida lamentando aquela que a morte lhe havia roubado.

(*O Novo Mundo*, novembro de 1879, sem assinatura)

O narrador cola-se aqui ao jornalista-redator; não há marcas da passagem daquele que registra notícias – história, e não lenda, publicada em vários periódicos eslovenos –, daquele que se esforça para contar um desencontro amoroso. Nota-se o cuidado na apresentação de personagens: o herói possuía um *caráter grave, mas ao mesmo tempo de gênio brando e terno. Não só era muito talentoso, mas também muito instruído, porque todo o seu tempo dedicava ao estudo.*

Ao folhetinista cabe informar e agradar, passar do registro fictício ao não-fictício, saber ver nas notícias aquilo que pode ser matéria de folhetim. Tal função foi extremamente importante para a literatura, para a sua especialização, para o surgimento de gêneros como a crônica. Em alguns jornais a seção intitulada crônica era justamente a parte destinada ao

folhetim, ou seja, havia uma sobreposição de sentidos; havia, ainda, algumas variações, como a *crônica política*³¹, a seção das *variedades*, ou ainda a *seção histórica*³².

Em setembro de 1877, *O Novo Mundo* publica um informativo no qual explicita que a folha sofrerá uma espécie de especialização; assuntos mais ligados principalmente à agricultura serão destinados a um outro periódico também fundado por Rodrigues, a *Revista Industrial*:

Desde que, com a criação de uma revista especial, já não nos vemos obrigados a tratar nas colunas do Novo Mundo de assuntos industriais, é intenção nossa, entre outros melhoramentos com que pretendemos dotar este jornal, consagrar-lhe uma parte à publicação de romances escolhidos, originais ou vertidos de línguas estrangeiras.

Posto que a moderna literatura alemã ou inglesa nos ofereça dilatado campo e nesse abundante, encetamos hoje esta parte de nosso com a publicação de um romance de M. Octave Feuillet, autor merecidamente popular no Brasil, onde as suas obras são sempre recebidas com prazer e lidas com máximo interesse³³.

O romance, cuja primeira parte aqui damos, revela o mesmo apurado gosto literário, a mesma observação profunda do coração humano e dos costumes da sociedade contemporânea, que colocaram o autor da “História de Sibylla” em um dos lugares mais proeminentes das letras francesas. Se a tais predicados juntarmos outros não menos preciosos que possui este escritor, como por exemplo o vivo interesse dramático de suas concepções, realçado pelo seu estilo sóbrio e brilhante, – dois dotes que raros conseguem reunir – teremos justificado completamente a nossa escolha.

(*O Novo Mundo*, setembro de 1877)

³¹ Em o *Diário da Tarde* havia uma seção para a chamada *crônica política* na primeira página da folha e uma para o folhetim, no rodapé, como “As façanhas de Fifi Vollard”, de Constant Guérault. Na prática, ambos eram realizações do folhetinista. (Rio de Janeiro, 21 de junho de 1878)

³² Em *A Mocidade*, havia na *seção histórica*, folhetins como “Tiradentes ou A conspiração malograda em Minas Gerais” de A. Vaz Lobo. (*A Mocidade*, 21 de setembro de 1879)

³³ Machado de Assis diz que o autor de “Dalila” e “Romance de um moço pobre” depois de escrever “Montjoye” abandona a esfera fantástica e ideal para pisar na terra dos costumes burgueses: “o poeta cortava as asas para envergar o paletó”. (*Diário do Rio de Janeiro*, 17 de outubro de 1864)

Nota-se a partir de então uma maior presença de folhetins nas páginas finais do jornal; o que não quer dizer que outras matérias convidativas à história não apareçam pulverizadas pelo jornal sem anunciar a sua chegada.

As resenhas críticas

Por meio das resenhas críticas pode-se observar uma série de materiais que ora apenas descrevem as obras que acabaram de sair, ora discorrem sobre a importância do escritor – deixando na sombra a obra –, além de aproximar registros de literatura. *O Novo Mundo* publica de Victor Hugo, Bernardo Guimarães, a Hartt – biólogo e professor; das críticas à obra, aos comentários sobre o comportamento de uma sociedade³⁴.

Começaremos com um extenso ensaio sobre A Retirada da Laguna. Primeiro, o redator apresenta a obra para depois dar a palavra a um crítico alemão:

LA RETRAITE DE LAGUNE³⁵ - por Alfredo D'Escragnolle Taunay, 2ª edição, Paris, E. Plon & Cie, 1879

Fomos obsequiados pelo nosso ilustrado amigo, o Dr. Taunay, com um exemplar da bela edição, que acaba de sair, da obra que revelou ao mundo seus admiráveis talentos militares e literários, colocando-o logo entre os primeiros publicados brasileiros.

Sabem os leitores do *O Novo Mundo* que foi esse consciencioso escrito publicado primeiramente em 1871, por ordem do governo Imperial, e que depois fizeram-se dele várias traduções no Brasil e na Europa.

³⁴ No prefácio da Comédia Humana, Balzac recupera alguns escritores que no seu entender foram fundamentais para a história das sociedades e da cultura; um deles é o biólogo Buffon que conseguiu, em sua História Natural, unir o estilo ao conteúdo. “No final do século XVIII não é possível uma separação nítida entre o modo de produção da obra literária e o da obra científica”. Ver Wolf Lepenies, As três culturas, São Paulo, Edusp, 1996.

³⁵ A importante obra de Taunay foi editada primeiramente em francês.

Em seguida, traz alguns pontos que devem ser valorizados na obra: a qualidade da impressão, a importância do mapa que acompanha o livro, o realismo das cenas *verdadeiras* narradas pelo escritor:

A edição atual recomenda-se pela nitidez do trabalho tipográfico, feito em excelente papel; é ilustrada por um mapa, que permite bem acompanhar a marcha da coluna expedicionária, e aquilatar a ousadia do cometimento, que findou nas pungentes cenas, tão admiravelmente narradas por Alfredo Taunay.(...)

Para nós, de tudo quanto se tem escrito sobre a Guerra do Paraguai, nada é comparável ao livro de Taunay. Seu mérito crescerá com o tempo; as gerações vindouras o apreciarão como inalterável fotografia não só dos erros e das misérias da nefanda Guerra do Paraguai, como também do estado de nossa civilização, quando cometemos o gravíssimo erro de querer ostentar predominância militar no continente sul-americano.

É de Berlim, a capital do militarismo da época, que sai a voz que irá discorrer sobre a bravura dos brasileiros retratada pela pena de Taunay. O artigo cita, então, uma crítica da primeira edição publicada na imprensa alemã:

No meio de importantes acontecimentos que se deram na Europa desde o ano de 1866, passou mais ou menos despercebida a obstinada luta que de 1864 a 1870 se travou nas regiões platinas da América meridional; e quando por acaso a atenção européia foi despertada por aqueles acontecimentos, tal era a exaltação das paixões e o espírito de parcialidade que se tornava impossível formar idéia clara do que sucedia. A revista de Leipzig, *Unsere Zeit*, e o *Spectateur Militaire*, foram os primeiros que se ocuparam com algum critério do que sucedia além do Atlântico. A situação começou a aclarar-se e conheceram-se, enfim, os motivos e fins dessa guerra para cuja apreciação faltavam completamente os menores dados. (...)

Mencionemos desde já o defeito essencial do livro de Taunay: é não nos apresentar um mapa que nos proporcione o conhecimento do teatro da guerra e sem o qual muitas coisas para nós se tornam ininteligíveis. (...)

A animação de todo o livro é extrema. Passa-se de uma coisa à outra quase sem transição; de uma descrição de *touriste* a uma ordem de batalha; de uma paisagem arrebatadora a um ofício relativo a assunto sanitário; de uma apreciação interessante a um combate de atiradores.

De um modo assustador está pintada a invasão do cólera na tropa já possuída do desespero; e na realidade causa pismo como houvesse podido escapar uma só pessoa sequer de toda aquela coluna.

(*O Novo Mundo*, novembro de 1879)

A crítica aparecia na maioria das vezes na seção das Notas, juntamente com as informações a respeito de outras publicações. Por esse motivo, optamos por não as separar em tópicos distintos.

O número de publicações é um indicador usado e valorizado pelo redator para tratar a literatura no Brasil, Londres, Alemanha, França e principalmente Estados Unidos; em uma nota na seção inaugurada no número de maio de 1871 intitulada “Movimento Literário”, encontramos o registro da insatisfação com o número de publicações do mês anterior nos países acima citados, com exceção do último; nele, foi lançado um importante dicionário anglo-latino por W. Smith e Theophilus Hall. Além dessa recente publicação, o redator discorre ainda sobre outras feitas pelos norte-americanos, destacando os romances e contos de guerra de Erkmann-Charian. A atenção está voltada para um, em especial: “Conscripto”.

É um conto formado como que um episódio da guerra de 1813. O que se admira ali é que o conto não seja um episódio verdadeiro e que os autores não tomassem parte nas peripécias que descrevem, com tanta vividez e simplicidade. A leitura deste livrinho fez-nos lembrar o “Robson Crusoe”; só aí é que temos visto aquele ar natural e singelo que se respira no “Conscripto”. É este um pobre coxo da Alsácia que detestava a guerra, e que Napoleão obrigou também a tomar da espingarda e a seguir para o oriente. Ele mesmo conta toda a sua história, os seus receios, as suas fraquezas, os seus amores, a sua experiência. A descrição da batalha de Lipsia (Leipzig) é um primor de composição. Muito diverso da maior parte das novelas francesas, estes livrinhos podem ser lidos até por donzelas pois nada contém de mau gosto e de indecente...

(*O Novo Mundo*, maio de 1871)

Nessa seção, Movimento Literário, percebe-se um pseudônimo freqüente: Araucarius; em alguns meses a seção de notas literárias vem assim especificada: “Literatura – Revista Brasília-literária”. Em uma dessas notas, Araucarius discute entraves na literatura brasileira causados pela política:

Os graves interesses políticos e sociais que atraem a atenção pública impedem o desenvolvimento das letras, às quais parece convir a luz crepuscular que alumia essas quadras de calma e prosperidade relativa a que denomina-se idade áurea.

(*O Novo Mundo*, agosto de 1875)

Não só a literatura é vítima de entraves políticos; o autor segue discorrendo sobre os problemas relativos a nossa educação, a importância da escola, da universidade etc; em seguida, tece comentários sobre A escrava Isaura, sua primeira publicação em *O Globo* e sua interrupção por causa dos levantes contrários ao romance – fato compreendido por Araucarius, uma vez que tudo indicava que havia cenas fortes, contra a moral. O autor, no entanto, só faz elogios a Bernardo Guimarães, seu estilo, seu engenho.

Depois é a vez de Ubirajara, comparado à Iracema e ao Guarani de José de Alencar. A obra é criticada por falta de localismo:

Nota-se certa indecisão na parte descritiva, certa ausência de “localismo”, fácil de explicar pelo motivo de não ter-se o autor transportado aos sítios em que se faz passar-se a ação.

Tal defeito (si o é) torna-se extensivo a quantos têm querido pintar os nossos sertões sem deixarem o aconchego do gabinete, e os cômodos da vida civilizada.

Mais abaixo o crítico mostra o que acha “desses romances de amor e barbárie”:

Não morremos de amores por esses romances e poemas, destinados a exaltar um período de barbárie, em que as paixões corriam desenfreadas; pede porém a justiça que declaremos que “Ubirajara” é incontestavelmente o mais primoroso ensaio que até hoje tem chegado ao nosso conhecimento.

Senhora, Diva e Lucíola são os próximos a serem comentados; o crítico parece mais ácido ao falar no mau exemplo dado pelos romances em questão:

Não nos merece maior estima Aurélia Camargo do que sua predecessora a Diva; são ambas tipos de capricho, da obstinação inconsciente, com que algumas senhoras acreditam darem realce ao seu caráter, fazendo do galanteio um juguete, quase sempre funesto à sua felicidade doméstica. Essa menina rica que se casa por vingança, que compra um marido, como compraria um vestido de seda, ou uma jóia, e que o humilha na noite do noivado, é um modelo bem pouco digno de imitação.

(*O Novo Mundo*, agosto de 1875)

A guerra do Paraguai gerou mais material para as resenhas. O livro The History of Paraguay nos traz mais exemplos da crítica em *O Novo Mundo*³⁶. O primeiro da série de três refere-se principalmente à pesquisa que o autor deveria ter feito, bem como à explicitação das fontes onde foi buscar o conteúdo para a sua história. Além de o crítico levantar vários pontos negativos com relação à obra, é contra as justificativas da guerra apresentadas pelo escritor. O autor da resenha crítica está bastante preocupado em mostrar como Washburn – que assumiu determinados cargos durante a guerra – foi leviano ao tratar de algumas questões políticas. Outra informação curiosa é que o redator, para comprovar o que diz sobre o livro de Washburn, cita inúmeros parágrafos em inglês, não traduz praticamente nenhum.

O réu que comete um crime na sociedade e que é punido, fica com sua consciência purgada: ele sente que está quite com a justiça e este sentimento lhe traz paz e sossego da consciência. Mas aquele que olhando para certa fase de seu caráter, acha ali alguma coisa que lhe abafe o sentimento de justiça que está impresso na sua alma, e que não vê como expiar esta causa do seu desassossego, ou pelo menos, este escrúpulo muito natural, esse sofre realmente por muito tempo. Tal sofrimento, porém, nunca é tamanho como quando a consciência aflita se procura enganar a si mesma, e quando procura no mundo de fora aquela absolvição que ela não pode achar ali. Entretanto este recurso último tem a virtude de adormecê-la um pouco, e, às vezes, de extingui-la de todo. O aflito chega a convencer-se que ele não deve ser aflito e tanto fala ao mundo de fora, que chega a capacitar-se da sua inocência. A obra de Mr. Charles A Washburn que acabamos de ler, fresca dos prelos de Boston, é uma destas alegações feitas ao mundo com o fim de aliviar uma consciência ferida. O nome do autor andou muito envolvido em uma triste história na América do Sul: fora um drama terrível, que custara a tortura e o assassinio de muitos homens; que comprometera a dignidade do governo de uma grande nação, – e a opinião pública acusara o autor de grande parte da responsabilidade deste drama nefando. Mas o principal personagem morreu, e antes até que surgissem na Europa os grandes acontecimentos que nos tem assombrado, a história das misérias do Paraguai já estava esquecida. Mas a Mr. Washburn não é permitido ainda esquecê-la agora ei-lo em campo, oferecendo-nos, não aqueles célebres despachos do diplomata de Assunção, mas um livro de historiador, e “de reminiscências” de diplomata em apertos. Posto que chame-se “História” esta obra não é tal uma

³⁶ The History of Paraguay, with Notes of Personal observation and Reminiscences of Diplomacy under Difficulties. By Charles A. Washburn, Commissioner and Minister Resident of the United States at Asuncion, from 1861 to 1868. Boston, Lee&Shepard, 1871. – 2 vol.

história, no sentido mais elevado desta expressão: seria tão impossível a Mr. Washburn escrever uma “História do Paraguai” como nos é ser juiz calmo e imparcial dos seus dois volumes.

O redator vai precisar as suas críticas, justificá-las, mas não será menos ácido:

O primeiro destes dois volumes ocupa-se com uma descrição da origem da nação paraguaia, dos seus governos até Lopez, o segundo. Fala-se aí de Ayala, de Saavedra, de Balmaceda e de Barua; da primeira junta paraguaia, de D. Manuel Ruiloba, do Bispo Arregui; de D. Christobal de Obelar, de Rivera e de Velasco, de Somellera e de Vegros; da independência do Paraguai, da sua primeira junta regular, dos governos de Francia e dos dois Lopez, até a guerra com os aliados. Mas tudo isso é visivelmente incidental. O fim da obra são antes as “reminiscências” do que a “história”. Não se pode dizer que esta parte da obra é inteiramente inútil; mas o estudante que tiver percorrido a obra de Azara, as duas obras dos irmãos Robertsons, do Dr. Rengger, do capitão Le Page, e quanto a apreciação da natureza do governo paraguaio, o célebre ensaio de Carlyle sobre o Dr. Francia, não acha no primeiro volume de Mr. Washburn nem fatos que ele não tivesse notado, nem apreciações dignas do historiador. De fato, o mesmo espírito que predominou a contenção do segundo, presidiu à do primeiro: o autor não tem a dignidade de e o tom moral do historiador: as suas ilustrações dos fatos só encontram paralelo nas levandades com que alguns correspondentes dos periódicos americanos apelam para os lugares comuns da vaidade nacional: nota-se em todo o livro a mesma toada destes escritores de sensação: Mr. Washburn fala com uma grande consciência de sua superioridade sobre os miseráveis hispano-luso americanos de quem ele trata: ele fala da religião com escárnio, e todavia para não ficar mal com ela, faz abundantes referências à Bíblia; ele fala da escravidão nos Estados Unidos, como um homem do norte, como um dos nossos políticos de aldeia; enfim ele adula o sentimento mundano que prevalece no país e para ele é que escreveu a sua “História”. Fonte donde ele bebeu os fatos são raramente citadas. Ele cita Azara e outros; mas é somente para opôr-lhes embargos à fé que merecem. Dos Robertsons por exemplo, que apenas pretenderam escrever uma *Letters on Paraguay*, e que, apesar disto e do papel que eles representaram na história do país, nunca se aplicaram o dito que Mr. Washburn se aplica a si, a respeito da parte que tomou nessa história, a saber (II,1): “*Quorum pars magna fui*,” (...)

Assim, pretendendo escrever uma história, o autor não nos dá as fontes donde extraiu-a e por melhor que fosse ela referida, não nos mereceria crédito com o simples endosso do seu nome. Se examinar-se porém, a mesma narração, achar-se-ão enganos e defeitos muito graves. A origem do nome Paraguai por exemplo não vem tal do nome da tribo dos Paraguais, e ainda que viesse, não explicaria isto o nome. Este nome se decompõe em Paragua-yg e significa Rio dos Papagaios. Quanto às apreciações de Mr. Washburn, elas não têm o sal do historiador; falta no autor, ou pelo que sabemos dele mesmo, no segundo volume, ou pelo modo grosseiro por que ele julga das coisas, aquele laço que nos faz respeitar uma opinião, — falta a verdade e a sinceridade. Por exemplo, a guerra do

Paraguai com os aliados, diz ele, causou a bancarrota destes últimos (I.,62) O Bispo Cardenas, “era um ambicioso e implacável e odiava os Jesuítas com uma unção do que a que ele jamais administrou a um santo moribundo”(I.,90). Entretanto, é esse mesmo Bispo que ele acha muito “digno” prelado, logo depois de ter formado aquele juízo:— do ódio em um sacerdote da religião cristã. (I.,94)

O livro não corresponde às expectativas não só pela falta de opiniões de um historiador, as quais podem sinalizar raciocínios dignos de nota, mas por constituir-se como uma unidade ingênua, como se fosse a produção de um menino: ... *há puerilidades que admirar-se-iam num livro de meninos: na pág. 23, ele faz uma dissertação sobre a denominação por que devemos designar nomes estrangeiros, e a autor sustenta com todas as suas forças que se deve chamar e escrever esses nomes tais quais são escritos nas suas línguas respectivas.*

E o último parágrafo do artigo é uma espécie de reafirmação do que o redator já havia feito durante todo o tempo: Washburn não tem ciência do que fala – especialmente quando o assunto é brasileiro – e merece ser esquecido. A imagem do brasileiro como povo estúpido certamente é o que deve ter mais incomodado o redator e motivado a sua crítica agressiva e a defesa apaixonada daqueles que estarão a rir do escritor...

...ocorrem expressões estereotipadas acerca dos brasileiros, comparando-os a quanto há de mais estúpido entre os povos da terra.(os exemplos estão todos em inglês)(...) O autor estava enganado se cuidou que estes juízos iriam mortificar os brasileiros; e ele pode estar certo que estes têm alma bastante para se rirem dele, e para amanhã esquecerem-no de todo. (...)

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1871)

No número seguinte, lê-se em *O Novo Mundo* uma série de comentários elogiosos feitos por algumas das folhas dos Estados Unidos. Há certamente a intenção de criar um diálogo sobre o livro em questão.

A história de Mr. Washburn é em muitos sentidos a obra mais importante do dia... Escrita por uma testemunha que participou das cenas cheias de peripécias interessantes, que descreve, tem a força viva e a fascinação de um romance patético - *Albany Journal*.

É a história de um tão notável como interessante país, referida em um estilo varonil, vigoroso e clássico, uma história mais extraordinária do que muitas obras de ficção, cheia de incidentes de heroísmo e de medonha crueldade. – *Chicago Journal*.

Basta dar uma ligeira vista d'olhos nesta obra para se poder assegurar que não só há um grande e bem sustentado interesse em toda ela, mas também que é uma adição valiosa à história americana. – *Boston Journal*.

(*O Novo Mundo*, fevereiro de 1871)

A polêmica parece não ter fim e, em abril, outra crítica aparece nas páginas de *O Novo Mundo*, reafirmando o que primeiro se disse sobre o livro de Washburn:

A História do Paraguai de Mr. Washburn parece que foi um “fiasco”. As notícias que temos visto dos dois volumes pelos principais críticos da imprensa, condena-os como obra histórica e literária, todos se admirando como é que o ex-ministro(...) meteu-se a escrever dois grossos volumes de uma ingloria narrativa particular à qual pretendeu dar o foro de “história”...

(*O Novo Mundo*, abril de 1871)

A seção ou a parte em que esse tipo de informação aparece – às vezes tal seção recebe o nome de Notas ou Movimento Literário – é constituída por pequenas notas sobre livros novos, escritores ou curiosidades do meio literário.

A autora de A cabana do Pai Tomás, H. B. Stowe, é objeto de mais uma dessas notas no jornal. Ela acabara de publicar mais um livro, em Boston, Pink and White Tyranny,

...em que, com mão de mestre, toca em algumas feições da vida na cidade, na América. A autora mostra, como quase toda a gente do Connecticut mostrou sempre, um grande horror pelo estilo da vida e literatura francesa e mostra pouca discriminação das coisas. Que autora, por exemplo, tem contribuído mais para tornar mais detestáveis as mulheres frívolas do que George Sand, e mais admiráveis as mulheres verdadeiramente nobres? E, entretanto, ela é francesa. Em todo o caso, abstraindo disto, o novo livro da Sra. Stowe, de que hão vendido 15.000 exemplares em duas semanas, só vem realçar mais uma vez os seus muito conhecidos méritos de autora.

(*O Novo Mundo*, agosto de 1871)

Apesar de Stowe mostrar “pouca discriminação das coisas”, já que não vê as diferenças existentes na literatura francesa, merece respeito. Em vários momentos o jornal registrou um desconcerto com relação à excessiva influência francesa; no entanto, atendendo a pedidos, também chegou a publicar folhetins em francês para as senhoras. Periódicos famosos franceses também recebiam louros, bem como muito dos costumes daquele país.

Note-se o que acontece com a História de um crime de Victor Hugo: sua produção é festejada tanto quanto a de autores norte-americanos. Diz o redator:

O segundo volume da “História de um Crime”, de Victor Hugo, cuja publicação foi retardada pelos incidentes da política em França, apareceu em Paris, no dia 14 de março próximo passado.

Este volume divide-se em três partes: A matança; A vitória; A queda.

A última parte encerra a narração da batalha de Sedan, que vem fazer correspondência a célebre batalha de Waterloo, dos Miseráveis. Em seguida oferecemos aos nossos leitores esse fragmento, que há de permanecer como uma das páginas mais notáveis da obra de Victor Hugo.

Nessa narração, de terrível eloquência, Victor Hugo é sempre o narrador sem igual, que reveste a nudez dos fatos com a poesia da epopéia, e cerca a verdade com os raios quentes do patriotismo. A nova obra do imortal poeta, cada página da qual é escrita com os documentos em mão, contém quadros que dir-se-iam obras de imaginação e que no entanto são apenas episódios verdadeiros transfigurados pelo prestígio do gênio. Jamais o drama escrito foi transportado para a cena com tamanho vigor como adquiriu, sob a sua pena mágica, essa tragédia nacional, transportada da vida real para o livro.

(*O Novo Mundo*, abril de 1878)

Não é a primeira vez que a crítica estabelece o valor de uma obra a partir da experiência versus o imaginado. Parece obra da imaginação, mas é escrita com os documentos em mãos. Ou seja, a realidade é de fato registrada; vale a pena, segundo o autor, ter o romance como instrumento de conhecimento – e o autor deve saber exatamente do que está falando.

A resenha crítica era feita, em alguns casos, com a ênfase nos valores pessoais do redator e não propriamente a partir dos procedimentos lingüísticos do escritor. A religiosidade era uma das grandes bandeiras levantadas por José Carlos Rodrigues, o que

leva a acreditar que algumas das resenhas sejam dele. O que há de mérito, por exemplo, em Smiles, é justamente um caráter de auto-ajuda que a obra oferece. O indivíduo deve buscar forças em si mesmo e somente dessa forma conseguirá o que procura.

Estimamos muito saber que o Sr. Fernandes dos Reis traduziu para o vernáculo a popular obra de Smiles, Self-Help. De livros como este, há muita escassez nas mesas e estantes de nossa gente, – livros que educam o homem, que os habilitam a formar idéia mais alta e mais nobre dos deveres da vida. E de todas as lições de que nosso povo precisa, nenhuma lhe poderá ser tão proveitosa do que a que ensina a cada um que ele mesmo tem dentro de si todos os elementos do seu progresso; – que a Providência doou-lhe a liberdade e com ela todas as forças de que esta precisa para o seu nobre exercício, e que, em vez de procurar estas forças fora de si, e ter as suas em suspenso, é dever de cada um trabalhá-las, aperfeiçoá-las e multiplicá-las, “Avia-te a ti mesmo”; “não espera nada de ninguém e tudo de ti”, – devia ser, em verdade, a regra de cada um de nós; e congratulamo-nos com este autor por procurar intimá-la mais a seus patrícios.

(*O Novo Mundo*, março de 1871)

Após a morte de um vulto literário, dificilmente encontramos algum comentário irônico ou mesmo crítico com relação a sua obra. É o que ocorre quando da morte de Alexandre Dumas (Na verdade, é mais uma *biografia*). Tais textos, geralmente acompanhados de gravuras, ajudavam a formar uma galeria dos eleitos, aqueles a quem se respeita porque fazem parte de uma *coleção* já institucionalizada.

O velho popular romancista, morreu este mês deixando atrás de seu nome uma coleção volumosa de escritos que vão conservar por muito tempo a memória do tão gracioso e bonachão escritor. Um retrato dele se vê à nossa pág. 63.

A. Dumas era filho de um general, filho do marquês de Pallete e de uma mulher africana, residente na ilha de S. Domingos. Ele nasceu na França, em 1802. Sua educação elementar foi pouco atendida. Aos quinze anos entrou como amanuense em um cartório de tabelião, e tendo perdido então seu pai, sobre ele caiu o dever de sustentar mãe e família. Aos dezoito anos começou a escrever dramas. Aos vinte foi para Paris onde se arranjou na mordomia do duque de Orleans como escrevente. Aos 23 produziu “La Chasse d’Amour”, que se representou em Paris com algum sucesso. Inspirado com a leitura e o caráter das produções de Shakespeare, escreveu depois duas tragédias que começaram a dar-lhe grande nome.

Depois de bem conhecido, começou a escrever romances. “Les trois Mousquetaires” foi a primeira sua obra afamada, neste gênero. De então até sua morte, escreveu grande número dos romances,

pelos quais é tão popularmente conhecido em todo o mundo. Fora “impressões de viagem”, etc, ele deixou oitenta dramas e quarenta e cinco romances.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1871)

O tratamento dispensado – o velho popular romancista – acentua o acordo tácito: todos sabemos da importância de tal vulto, sua experiência, sua obra, seu exemplo que deve ser seguido.

As resenhas críticas ou o teor crítico de algum artigo estavam presentes nas páginas chamadas de *folhetim*. Sem especialização, a matéria folhetinesca, como já foi dito, era um pouco de tudo. Falar sobre as obras saídas do prelo, as que estão fazendo sucesso há tempos e comentários sobre a vida, o estilo, a cultura do escritor é falar, em certo sentido, da literatura.

Principalmente nessa especialização do folhetim, o ensaio crítico democratiza opiniões, saberes que pertencem a poucos; a adjetivação sem fim cede espaço para a análise objetiva e fundamentada; cria-se um gosto, apuram-se alguns, discutem-se outros. Não basta a produção intelectual do escritor: ao crítico cabe, de fato, falar do Brasil, do nacional, de uma certa particularidade a partir da obra; a criação da identidade não só se inaugura mas firma-se em contraste ou diálogo com a produção literária. Nesse sentido, não coube apenas à produção nacional auxiliar o processo de independência e afirmação de nossas letras, também coube à produção estrangeira. Em que medida a produção francesa se contrapõe a brasileira? As obras norte-americanas dizem mais ao Brasil do que a européia?

Antes de mais nada, a instrução

- A preocupação com a instrução pública

No final do século XIX no Brasil, a instrução era a regra. Por meio de livros, jornais de todos os tipos, pelas revistas ilustradas. Havia uma espécie de obsessão pelo conhecimento, mas que fosse útil, de fácil acesso, pragmático, ao alcance de todos.

Os periódicos, mais que os livros, atingiam um número maior de leitores devido ao suporte de sua difusão; no entanto, é importante lembrar que em 1872 apenas 1,56% dos

brasileiros eram alfabetizados (esse número sobe para 7,49% em 1920)³⁷. Ou seja, o que estamos chamando de público leitor era uma ínfima minoria em um país continental com uma população miserável e sem acesso à instrução.

Também é verdade que, em se tratando de jornais e/ou revistas, sabe-se que eram lidos em pequenas rodas no final de tarde, no meio do dia. Um jornal era emprestado, lido e relido por muitas famílias – é tanto que não raro encontramos informes de editores apelando para que o leitor não empreste a sua folha ao vizinho ou conhecido. Nesse sistema, mesmo aqueles que não sabiam ler conheciam as notícias e principalmente apreciavam os folhetins.

Instruir era o lema; senão pela escrita, pela fala. As preleções públicas eram famosas na Europa e Estados Unidos: eram palestras ministradas por cientistas, escritores, homens, enfim, de renomado saber em praças ou salões que comportavam muitas pessoas; em geral eram gratuitas e destinadas a todos que quisessem saber um pouco mais de tudo. Versavam sobre as novas invenções, doenças, biologia, política, poesia etc. Ao orador cabia transmitir o conteúdo e, além disso, fazê-lo de modo agradável.

Em *O Novo Mundo*, com uma certa frequência, o redator mostra-se interessado em incentivar a prática das conferências públicas no Brasil, e no Rio de Janeiro em especial; no exemplo a seguir, Rodrigues critica aqueles oradores que não falam de acordo com um público leigo, como se não quisessem se rebaixar:

O que desejamos ainda mais é que surjam em todos os cantos do Império preletores que abaxem o seu tom à inteligência do auditório brasileiro, que escolham qualquer assunto que o possa instruir, que a leitura ou preleção seja tal que, ao sair do salão, o ouvinte tenha um grau mais elevado de conhecimentos, e um grau correspondentemente inferior na ignorância e nas paixões más. Todo o melhoramento deve ser feito na própria coisa que se quer melhorar: precisamos receber o ouvinte tal qual ele é.

Estas preleções populares se fazem necessárias no Brasil, mais do que em qualquer outro país. Se não houver este meio de instrução na França, na Inglaterra, na Alemanha ou nos Estados Unidos, o periódico e o livro, – a imprensa, – faz muito bem as suas vezes: mas quais são os periódicos e os livros verdadeiramente instrutivos, escritos em português, e de modo que alcancem o grosso do povo? E como pode haver livros e periódicos se a geração atual, pela escassa educação que recebeu

³⁷ Laurence Hallewell. *O Livro no Brasil*. São Paulo, Edusp, 1985.

da escola, não tem gosto pela leitura dessas obras instrutivas e sólidas, senão pelos muitos escândalos e imoralidade no meio da pouca moralidade sentimentalista das novelas francesas?

Esse gosto é que é preciso criar-se, e o melhor meio são estas exhibições populares dos elementos das ciências físicas e morais. Esta pregação constante da beleza da ciência cria no auditório uma necessidade desses conhecimentos, que ele não tem, e esta necessidade cria os periódicos, os livros, a discussão, — a luz, em suma.

Os maiores homens dos Estados Unidos dão leituras populares, e não se dedignam de abaixar os seus conhecimentos ao nível dos seus diversos auditórios. Não há muito ouvimos uma preleção, ilustrada com cartas, pelo prof. Arnold Guyot, o assunto sendo a formação dos recifes. O que ele disse no curso das 3 lições ao público de New York era inteiramente rudimentar, e qualquer estudante da faculdade de letras de Princeton, onde leciona o sábio professor, e companheiro de Agassiz, tem aprendido esses rudimentos antes de entrar na faculdade. Mas a leitura deixou por isto de agradar? Ao contrário: cada um dos ouvintes — homens e senhoras, meninos e velhos, — foi-se para casa com alguma idéia nova; quem sabe até que esse curso popular não decidiu a alguns a prosseguir um estudo, com que depois vão aumentar a riqueza e o bem-estar dos seus concidadãos? Os mais conspícuos professores, senadores, escritores públicos, viajantes, etc., dão aqui preleções durante o inverno e por todo o país. Em todas as cidades principais há alguma associação literária, ou de biblioteca, ou há algum dono de salas de teatro ou outras, que se encarrega de prover anualmente a este pão espiritual.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1871)

Por trás das conferências, esconde-se o grave problema da falta de instrução no Brasil, embora seja verdade que tais preleções não fossem propriamente para instruir os iletrados; o objetivo era instaurar fóruns de debate sobre temas considerados importantes. As questões levantadas acerca do caráter instrutivo dos jornais são uma pista do valor pedagógico que tinha a imprensa do século dezenove.

... mas quais são os periódicos e os livros verdadeiramente instrutivos, escritos em português, e de modo que alcancem o grosso do povo? E como pode haver livros e periódicos se a geração atual, pela escassa educação que recebeu da escola, não tem gosto pela leitura dessas obras instrutivas e sólidas, senão pelos muitos escândalos e imoralidade no meio da pouca moralidade sentimentalista das novelas francesas?

A saída parece ser as conferências que vão servir de estímulo à instrução, de orientação àqueles interessados em aperfeiçoar os conhecimentos. Mais uma vez é o

exemplo americano que vai nortear o texto; as preleções, que, como na Europa, também ocorrem nos Estados Unidos, são dadas por grandes nomes das ciências – professores, senadores, escritores, viajantes etc – e não só agradam como servem de incentivo à plateia.

A matéria folhetinesca que pôde ser vista e analisada em suas diversas faces – dos artigos a partir de gravuras, das resenhas críticas, dos textos híbridos, das crônicas, dos textos sobre as preleções públicas – é fundamentalmente o coração das revistas do período. Enciclopedismo e entretenimento. É essa a chave.

A ilusão de saber e principalmente acreditar que se pode saber um pouco sobre tudo também faz parte da imprensa de hoje; a *Folha de S. Paulo*, com seus gráficos e tabelas, procura, a partir de uma notícia sobre o ataque ao Afeganistão, sistematizar uma série de informações das mais variadas: a distribuição do islamismo no mundo, quais os países vizinhos ao Afeganistão, quais os mísseis – todos os detalhes – usados em combate etc. Pode-se, pensariam alguns, imaginar que é justamente esse o papel da imprensa, qual seja, organizar o mundo, produzir uma realidade a ser entendida como tal e, principalmente, ter credibilidade, ser muito verossímil.

A disputa entre as palavras e a imagem em movimento, hoje, é desleal. Em 1870, as gravuras estampadas em algumas páginas, sem ainda a possibilidade de reproduzir fotografias, representavam a ilusão mais perfeita do conhecimento.

Recolocando a questão: em que medida a noção de literatura pode ser contaminada/alterada tendo em vista todo um universo folhetinesco?

Se tomarmos o jornal como um grande folhetim, ora mais noticioso, ora mais ficcional – sem a devida transição entre as partes –, podemos imaginá-lo como metáfora da literatura do período. A matéria literária também oscilava, como também hoje oscila, entre os mais diversos registros. Também ela alimentava-se do tom solene e institucional dos necrológicos, da mobilidade dos folhetins/crônicas – o trânsito de temas feitos mais ou menos ao sabor do dia e do momento –, do caráter pedagógico-iluminista das folhas.

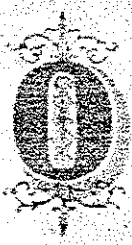
III) Folhas em trânsito

Vaidoso, José Carlos Rodrigues insistia em mostrar como os seus contatos com outras folhas era precioso e fazia dele um editor diferenciado. Por meio de sua folha era possível saber das últimas tendências da Europa e em especial dos Estados Unidos; não estamos falando apenas em produtos que possam ser tranqüilamente comercializados: estamos tratando também de idéias. As revistas ilustradas funcionavam como verdadeiras vitrines do progresso¹.

O redator de *O Novo Mundo*, em um esforço para mostrar a sua atualidade, o seu trânsito entre as folhas respeitadas principalmente do Brasil e dos Estados Unidos, indicava sempre quais as notícias importantes que apareciam nos periódicos citados, os artigos que mereciam destaque, os números das publicações, enfim, procurava acompanhar de perto o que estava acontecendo em seu meio. Algumas notas merecem registro ou por que trazem números curiosos a respeito das publicações, ou pelo conteúdo noticioso. Por meio das notas, em *O Novo Mundo* tomamos conhecimento de uma série de preocupações de Rodrigues; uma delas é a respeito da imprensa, o papel desse fundamental canal de comunicação, o maior na época, e sua repercussão na cultura.

Um dos grandes papéis da imprensa era o de fazer ventilar, com eficiência, informações sobre escritores e novidades sobre a produção literária da época. Sem a devida exposição dos escritores e principalmente das obras, não há como desenvolver o interesse do brasileiro pela produção nacional e nem mesmo fazer conhecida a literatura fora dos limites do país. As resenhas críticas nascem nos jornais antes de serem publicadas em livros; e surgem com uma finalidade essencial: fazer chegar ao conhecimento de todos os leitores as notícias que dizem respeito aos escritores e às obras. Essa necessidade de

¹ Expressão usada por Margarida de Souza Neves ao tratar das exposições nacionais e internacionais. "Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas", *A Crônica*, editora da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1992.



NOVO MUNDO



PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA CIDADE.

New York.]

NUMERO CENTESIMO.

[Abril. 1879



UMA PAIZAGEM DA FLORIDA—(POR J. A. WOODWARD.)

exposição de escritores e obras por meio da imprensa é cobrada pelo redator de maneira veemente:

Os periódicos americanos e ingleses estão repletos de notícias de livros e publicações de todas as línguas européias, – exceto a portuguesa. As obras italianas, espanholas, húngaras, do Grego moderno, do russo, são noticiadas a par com as inglesas, alemãs e francesas: mas nada das do português. Por que isto? Será porque o espírito trabalhe menos em Portugal e no Brasil do que na Espanha ou na Grécia moderna? Parece-nos que não. A razão desta ignorância da imprensa estrangeira acerca de nossa literatura é a própria apatia da nossa imprensa periódica e dos nossos autores: nem estes parecem crer muito no poder do anúncio e do periódico, e menos ainda no da sua crítica, nem ela parece dar-lhes todo o peso que merecem. Pelo menos no Brasil, pode-se dizer – em geral – que não há crítica bibliográfica. Quase sempre as notícias versam mais sobre o autor do que sobre a obra; o público fica desta maneira privado de um juízo sensato sobre o próprio livro que desejaria comprar, e o autor o fica da crítica, a que todo o homem consciencioso deseja sujeitar os seus trabalhos.

(*O Novo Mundo*, agosto de 1871)

José Carlos Rodrigues sente-se constrangido com o silêncio da imprensa internacional frente à produção brasileira. Muitos parecem não acreditar no anúncio, na divulgação que o jornal promove das letras, e essa apatia pode ser extremamente prejudicial à imagem nacional.

A discriminação dos papéis da imprensa e a defesa de muitos deles é feita de maneira sistemática nas páginas da folha; principalmente se esses papéis estiverem sobrepostos aos interesses de Rodrigues. Isso acontece quando o editor comenta o surgimento do jornal *A República*. Trata-se de um artigo sobre o movimento da opinião pública no momento em que surge tal periódico. Alguns colunistas, no *Jornal do Commercio*, defenderam o antigo regime; houve até mesmo alguns que propuseram a criação de uma folha que se chamaria *O Absolutista*. Outros colunistas ficaram indiferentes, e houve aqueles que defenderam a iniciativa. Rodrigues concorda com os jornais que querem ouvir novas idéias, discuti-las, jamais abafá-las; e, em nome da razão e da civilização, compartilhar quaisquer iniciativas do gênero². Ou seja, prima pela liberdade de expressão das folhas e, no caso, de uma folha particularmente interessante para ele,

² *O Novo Mundo*, abril de 1871.

republicana. Como já dissemos, Rodrigues não fazia uma propaganda explícita da república, mas não deixava de contaminar as suas linhas a todo o momento com idéias bem distintas das do Império. No entanto, as relações com o Imperador nunca sofreram atrito.

Questões como as funções da imprensa e o que ela não deve praticar fazem parte do discurso do redator, que segue sua *cruzada* definindo o que entende por folhas conscienciosas e aquelas em que a ética não se faz presente. Algumas publicações simplesmente copiavam textos ou gravuras de jornais importantes e não só deixavam de pedir autorização à fonte, como não registravam os créditos.

Vários periódicos do Brasil, que nos tem vindo às mãos, temos visto copiados alguns artigos do Novo Mundo, que não só não nos são lançados em conta, mas até são atribuídos a outras folhas proeminentes do país, donde os primeiros os transcreveram. Por motivos que são óbvios, rogamos a nossos contemporâneos do Brasil que sempre que nos derem a honra de uma transcrição de nossas colunas, queiram rubricá-la com a simples nota: extraída do Novo Mundo.

(*O Novo Mundo*, fevereiro de 1871)

Tal comportamento não acontece apenas em terras brasileiras; Rodrigues denuncia que em Bruxelas há um periódico que se utiliza fartamente das gravuras do *Graphic* de Londres, mais uma vez sem registrar os créditos.

Em Bruxelas [surge] há pouco um novo periódico hebdomadário ilustrado com as gravuras do *Graphic* de Londres e cujo título é *L'Illustration*, palavras que estão impressas no mesmo tipo, que a muito conhecida *Illustration* de Paris. É uma ação esta muito feia... Em New York vai também aparecer um jornal como o nosso em Espanhol, que um cubano vai publicar sob o título de *El Nuevo Mundo*, título que num país estrangeiro, principalmente, tanto se confunde com o nosso...

(*O Novo Mundo*, maio de 1871)

Conhecemos muito da realidade não só da imprensa do século dezenove, mas sobretudo da realidade cultural do Brasil por meio dessas pequenas notas dispostas sem aparente organização em *O Novo Mundo*. Nelas, o projeto de Rodrigues concretiza-se e toma fôlego. A sua insistência nas comparações das realidades norte-americana e brasileira confirmam a preocupação primeira de transformar o país em uma nação forte a partir do momento em que o Brasil começar a seguir bons exemplos... Notar a imagem ao mesmo

tempo tão longe e tão perto que se tem do Rio de Janeiro a partir dos comentários de suas folhas mais famosas na época, as satíricas:

A julgar pelo número de suas folhas cômicas e satíricas, – mais ainda – e “hiperbólicas”, não há cidade onde, proporcionalmente, domine mais o riso e a sátira, do que no de Rio de Janeiro. Realmente, quando o mesmo poeta-sábio depois de ter “cavado a sabedoria” e de tê-la achado, rematou os seus dias dizendo que tudo era vaidade, todos nós temos licença para rirmo-nos uns dos outros e de tudo. Nós, individualmente, preferimos chorar, do que rir. A sátira, é verdade, castiga os costumes; mas duvidamos muito da sua grande eficácia para corrigi-los, e o fim do moralista é corrigir, é influir o seu espírito no ânimo do delinqüente e convencê-lo; é (...) regular com ele o que está fora da regra. A sátira não faz isto senão depois de ofender o orgulho; ela vencerá facilmente o seu propósito (...), mas nunca convencerá a ninguém de uma verdade moral nova. Aumentará o horror do mal, mas sem aumento correspondente no meio de fazer o bem.

(*O Novo Mundo*, março de 1871)

As folhas cômicas podem espelhar a falta de seriedade de políticos, jornalistas/escritores, do cidadão comum que prefere o riso à reflexão; é bem verdade que a sátira, por meio de sua crítica, pode levar à reflexão; mas essa não é uma equação imediata. Nelson Werneck Sodré também não vê com bons olhos os periódicos satíricos ilustrados; em sua grande maioria não apresentavam *conteúdo*, só restando o humor fácil e os ornamentos. Sem discutir o preconceito dessa perspectiva, é interessante observar que, devido ao imenso número de publicações do período chamado por Werneck de grande imprensa, é compreensível o esforço feito por redatores como Rodrigues no sentido de criar uma distinção bastante visível para a sua produção. Ao criticar o que as outras publicações fazem, acentua-se o que para ele mostrava-se como fundamental.

Recebemos uma coleção dos últimos doze ou quinze números da “Comédia Social”, “hebdomadário satírico” publicado no Rio de Janeiro. As suas ilustrações são litografadas, e apesar de não gostarmos muito deste gênero de impressão em periódicos, achamo-las bem executadas, – tão bem, realmente como as melhores das folhas parisienses do mesmo estilo. Excetuando-se um ou outro sobre assunto local e de uns poucos em que o Papa e o padre são tratados com mais grosseria do que sátira, os desenhos versam sobre o assunto predominante da época, – a guerra. A idéia desses desenhos é quase sempre feliz e eles revelam tal espírito, que em qualquer parte onde haja gosto, seriam bem apreciados. Pena é, porém, que, ao traçar, a maior parte deles, o artista olhe tanto para o seu efeito

sensual e tão pouco para a delicadeza da sátira que, melhor do que todas as exagerações serviria à excelente intenção do periódico, de inculcar o justo e o honesto. Entretanto reconhecemos que essa delicadeza é incompatível com a fervorosa paixão com que ali se odeia a Bismarck e a seu lado, na guerra atual.(...) Quanto ao texto do periódico, nota-se que ele não se ocupa só de uns poucos e desenxabidos divertimentos públicos locais; tem artigos de assuntos variados, escritos num fundo moral que se deve apreciar muito. No todo, a “Comédia Social” é uma folha gerida com talento e com um fim honesto, e como tal é digna de animação do público.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1871)

Apesar de satírica, a folha merece elogios. Muitas vezes, o periódico *Comédia Social* não se presta a usar a sutileza da sátira e é até mesmo grosseiro no tratamento com o papa e padres. Notar que o jornal é valorizado principalmente pelos *escritos de fundo moral*.

É esse também o gancho encontrado pelo redator para resenhar mais uma folha do Rio de Janeiro, *O Guarany*:

O *Guarany* é um dos pequenos “ilustrados” que apareceram ultimamente no Rio. Ele diz que é “leal e hospitaleiro” como a sua terra; que se consagra “aos afetos íntimos do lar doméstico” e que vai, “ainda virgem da corrupção do século, em busca da perfectibilidade, que é a consequência da civilização,” – um fim sem dúvida muito nobre. Num dos primeiros números achamos uma fábula de A de Bom-Sucesso, que é realmente um primor de composição. Há também outros bons artigos de crítica literária e dramática e algumas gravuras litografadas, bem acabadas. Nós precisamos animar bastante todas as empresas que se propõe purificar o gosto e o sentimento, e o *Guarany* pretende fazer isto pela pena e pelo lápis. Na idade média a arte era a aliada inseparável da religião; nestes últimos dias, em que se tem prostituído a representar a indecência e as pequenas misérias da vida, – em que tem contribuído para a degradação dos costumes, – deve-se acoroçoar a toda a tentativa que procure retrai-la a seu verdadeiro pedestal. O defeito que vemos no *Guarany* é que está muito aéreo, muito espiritual, muito contemplativo demais. “A perfectibilidade” que ele almeja e que diz vir do “trabalho e civilização” repugna completamente com esta contemplação estática da natureza. É preciso que ele se encarne mais neste mundo, que ele acha tão corrupto. Corrupto ou não, ele faz parte dele, e tanto mais pura é a sua intenção quanto mais moralmente vinculado está ele a empenhar-se em melhorá-lo.

(*O Novo Mundo*, março de 1871)

Os princípios morais associados à religiosidade somam-se ao progresso, formando a bandeira da *cruzada* de José Carlos Rodrigues. Segundo o redator, com a degradação dos costumes, nada mais necessário que o norte dado pela religião que deve guiar as grandes empresas.

Negando alguns procedimentos feitos por algumas folhas e prestigiando outros, Rodrigues nos aproxima mais de seus valores. O redator não esconde a preferência pela imprensa de língua inglesa; por vezes abre exceções quando se sente obrigado a veicular folhetins franceses – que garantiam um certo público. Raros são os momentos em que podemos ler notas sobre a imprensa francesa ou folhas francesas nos Estados Unidos, em Londres, em Portugal ou mesmo no Brasil.

O Courrier des Etats-Unis

Este interessante jornal francês que se publica em New York acaba de completar meio século de existência, podendo gloriar-se da sua carreira que tem sido assinalada por progresso incessante. Tendo começado a 1º de março de 1828 como folha hebdomadária, depois semi-hebdomadária, tornou-se publicação cotidiana, primeiro com exclusão dos domingos, atualmente com todos os seus dias preenchidos. Aumentou sucessivamente de formato, variou a sua redação, deu mais desenvolvimento ao estudo das necessidades e aspirações da população francesa, cujo órgão é, e ultimamente tem procurado atender mais cuidadosamente à sua parte noticiosa de modo a colocar-se na altura das boas folhas norte-americanas.

Estas costumam reunir em uma folha hebdomadária o que publicaram [de] mais interessante durante a semana, excluídos os anúncios e tudo o quanto não tem que ver com o leitor distante. A edição semanal do Corrier des Etats-Unis trata, sob forma condensada, de todos os assuntos de interesse geral da política Americana e Européia, do comércio, da indústria, das finanças, das ciências, das artes, da literatura, dos efeitos da guerra e das obras da paz. A sua coleção anual é um bom compêndio do movimento da civilização.

Esta folha mostra-se sempre muito simpática pelas coisas de nosso país, que nas suas colunas têm mais de uma vez encontrado defesa.

Pelo seu trabalho ativo e consciencioso durante cinquentá anos damos os nossos parabéns ao contemporâneo.

(*O Novo Mundo*, junho de 1878)

A famosa publicação *Revue des Deux Mondes* receberá uma nota, abrindo mais uma exceção à língua francesa em *O Novo Mundo*. Mesmo com a crise em Paris, a revista, que é

muito conhecida no Brasil, não deixou de ser publicada; a Comuna determinou a suspensão de sua publicação por temer a influência deste periódico tão importante, o que não ocorreu.

(...) ela [*Revue des Deux Mondes*], que representa a classe mais culta da França, está bem impressionada da atual situação desastrosa do país e em um dos seus números recentes, apelando para o favor público, consigna mais uma vez o seu programa (...)

(*O Novo Mundo*, agosto de 1871)

A situação de Paris e a particularidade de uma grande folha conseguir sobreviver talvez tenham sido os fatores motivadores da nota.

Esses registros são também importantes por trazerem informações a respeito da recepção das obras; sabe-se pouco sobre o número das publicações; as informações geralmente não são precisas, os números cambiantes, o que não quer dizer que os dados retirados de *O Novo Mundo* sejam exatos.

No ano passado publicaram-se nos Estados Unidos, 2004 livros novos dos quais 1250 foram originais de autores americanos, 582 foram reimpressões de livros ingleses, 172 foram traduções ou reimpressões de outras obras estrangeiras. Segundo o assunto de que tratam, estas obras foram 336 de ficção, 283 de instrução primária, 254 de teologia, 166 de história e biografia, 122 de poesia e do drama, 112 de medicina e cirurgia, 111 de instrução secundária, 83 de arte e ciências, 83 de política, comércio e profissões industriais, 56 de viagens e descobrimentos geográficos, 60 publicações anuais, e o resto, obras miscelâneas.

Obras de grande alcance não são decerto as que têm saído à luz nos Estados Unidos. A “obra do dia” é a reprodução da “História da origem do homem” por Darwin, de que tratamos mais por menor em outra coluna e cujo segundo e último volume os Appletons acabam de publicar.

(*O Novo Mundo*, abril de 1871)

Essa classificação certamente não inspira segurança: qual a diferença entre obras de ficção e a narração de descobrimentos geográficos? Textos sobre ciências não poderiam ser também fictícios? (Onde entraria Júlio Verne?) E o que vêm a ser as miscelâneas?

Como temos discutido, o substrato do literário estava pulverizado em vários campos do conhecimento, assim como não se encontrava uma divisão entre os fatos ligados à

imaginação e aqueles ligados à realidade objetiva³; na prática, tal classificação não se realizava ou ficava ao sabor de interpretações e interesses. A obra do dia, para todos os efeitos – certamente não apenas para um público de cientistas –, era a História da origem do homem, que tanto alvoroço causou na França.

Os empréstimos de outras folhas

O aspecto muitas vezes de colagem que se verifica em *O Novo Mundo* encontra sua possível justificativa no desejo de Rodrigues em não parecer um estrangeiro falando de seu próprio país; atualizado, ciente dos últimos acontecimentos do Brasil, cola notícias das folhas ao mesmo tempo em que serve de ponte de comunicação veiculando o que a imprensa norte-americana fala e que possa interessar à nação.

Certamente as transcrições não poderiam ser aleatórias, havia um jogo de interesses mais ou menos previsível: as folhas tinham espaço dependendo das relações de seus editores com Rodrigues; relações de amizade, ou de cumplicidade na abordagem de determinados temas, fora as folhas que explicitamente elogiavam *O Novo Mundo* em suas páginas.

Um bom exemplo é a sutileza utilizada por Rodrigues ao ceder um espaço razoável a um ilustre monarquista, José de Alencar, que teria escrito nas páginas de *A República* na ocasião da publicação de seu romance Til em folhetim; diz Alencar ao periódico:

Meus ilustrados colegas:

Por minha parte, de boa vontade convenho na cessão que lhes fez meu editor o Sr. B. L. Garnier, de algumas folhas de lavra tosca, pois são da minha; para que vv. as publiquem em folhetim de seu diário.

Lembrança esta, que partindo de qualquer, me lisonjearia; neste caso vale honras, porque provém de antagonistas políticos, mais propensos entre si e por natural tendência, a se mostrarem severos na censura, do que pródigos no apreço.

Sinto que a estreiteza do tempo reclamado por vários trabalhos já em via de impressão, não me permita destinar-lhes outra coisa além do ligeiro esboço de costumes que ali vai, e cujo título bem indica a folga da fantasia, não apurada pelo estudo.

³ José Veríssimo escreve sobre isso no ensaio crítico “Que é literatura”; apesar do texto ter sido escrito anos mais tarde, retoma e atualiza uma preocupação corrente entre os homens das letras.

Não me demove a consideração de se ter a sua folha consagrada à opinião adversa; embora esteja bem convencido de que há de ser o fato mui explorado pela intriga, que de antemão já me assinalou como um republicano disfarçado.

Não sou, mal grado eles, que tanto se incomodam com os monarquistas das idéias; por isso empenham-se em tratar-nos de hereges.

Pese-lhes embora; sou monarquista sincero e convicto. Mas como nunca professei o fetichismo da realza, espero o triunfo para minhas idéias, da civilização do povo, nunca de sua ignorância.

Quero que meu país seja monarquista, não pela rotina, mas por verdadeira fé nessa instituição; e, para isso, é necessário que estude as doutrinas opostas e se esclareça com a livre discussão.

Se o encanto da república, a magia que exerce nos espíritos entusiastas, está, permitam-me a franqueza, no fruto proibido: a cárie das monarquias, o que lhe roí o cerne, é a presumida infalibilidade.

Convencidos, nós os monarquistas, de que é possível atacar a cidadela invencível, corremos a defender a brecha, por onde no momento do perigo hão de fugir espavoridos os gansos do Capitólio.

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1871.

J. de Alencar

José de Alencar diz sentir-se lisonjeado em especial por causa da origem dos louros: opositores políticos. E quer fazer crer que mais do nunca é preciso conhecer, a fundo, as idéias dos adversários, saber dos fundamentos, e só assim prepara-se para a refutação.

O Novo Mundo publica também a resposta de *A República*:

Agradecendo tão fino obséquio, devemos acrescentar algumas palavras.

A nossa situação, como republicanos, nos obriga a manter um posto afastado, de vigilância e hostilidade, contra os princípios e os homens que representam a idéia monarquista no nosso país.

Se porém como políticos achamo-nos divorciados de todos os partidos e de todas as individualidades afeiçoadas ao atual regime; como brasileiros teremos sempre orgulho e desvarehecimento em prestar a devida homenagem a todos os nobres caracteres e ilustres talentos que são a glória de nossa pátria, qualquer que seja a posição política que ocupem.

Está neste caso o eminente escritor e parlamentar, cujo nome serve de título a este artigo, e que tão graciosamente acaba de autorizar a publicação de uma das suas obras inéditas nas nossas colunas.

A República não podia pretender maior ilustre para as suas páginas, nem melhor serviços a seus assinantes, do que honrando-se com a publicação de um trabalho devido à pena de tão ilustre escritor, justamente considerado chefe da moderna literatura brasileira.

O seu nome constitui uma glória nacional e, qualquer que sejam os acidentes políticos que nos separem, haverá sempre da parte de todos os brasileiros para com o ilustre Sr. Alencar, um traço de

união — esse traço é o da admiração imposta a todos os espíritos cultos pela inteligência privilegiada e fecunda que, a cada livro que publica, engasta uma nova gema preciosa no diadema da literatura nacional.

(*O Novo Mundo*, dezembro de 1871)

Por que tanto espaço ao monarquista? Por que ouvir a resposta da folha brasileira?

Procedamos por partes.

Cabe inicialmente lembrar que o espaço cedido era antes para o escritor renomado do que para o opositor político. Mais ainda, note-se que Alencar, a despeito de suas convicções, permite a publicação de seu mais novo livro nas páginas de um jornal particularmente querido por Rodrigues.

Vale ainda ressaltar a presença de outro monarquista no jornal: André Rebouças, que chegou a visitar o escritório de Rodrigues em Nova Iorque, teve sua gravura estampada em duas capas, além de serem publicadas matérias dele e sobre ele: qual o motivo? Mais uma vez é preciso voltar à sutileza do editor-chefe, ou seja, à maneira pela qual ele escolhe abordar ou mesmo valorizar determinados temas: Rebouças, além de amigo próximo, era antes de tudo um ferrenho abolicionista, o que explica em parte a admiração de Rodrigues. Era também, como foi dito no início do trabalho, um entusiasta do progresso norte-americano, acreditava mais do que ninguém na força da mão-de-obra livre, no trabalho valorizado, no indivíduo que transforma a sua terra.

Não só as folhas republicanas brasileiras ganhavam espaço com frequência no periódico de Rodrigues; também as publicações inglesas, tanto os periódicos quanto os livros.

Mr. James Russell Lowell, que ocupa a primeira ordem entre os literatos da língua inglesa, e cujas obras são ainda mais populares em Londres do que o são aqui, publicou há dois meses, “Minhas Janelas de Estudo”, com ensaios críticos onde não falta pelo menos a mesma dose de candura, aquela simpatia humanitária, aquela percepção aguda e delicadeza de sentimento, aquele perfume que tem todos os seus versos e composições.

(*O Novo Mundo*, abril de 1871)

Rodrigues mostra uma simpatia maior pelas obras de língua inglesa, bem mais do que com a francesa. É bem verdade que abre freqüentes espaços também para publicações alemãs.

As Revistas Ilustradas

Não é possível falar em periodismo ilustrado no Brasil sem lembrar daquela folha que fez história, servindo muitas vezes como ponto de referência na escassa rede de informações sobre a história da imprensa no século dezenove: a *Revista Ilustrada*.

Ângelo Agostini (1843-1910), o editor-chefe da *Revista Ilustrada* (1876 a 1891), foi um ferrenho abolicionista, tendo sido homenageado em 1888 pela Confederação Abolicionista; segundo palavras de Joaquim Nabuco: *Ângelo, em nome dos teus companheiros de luta, em nome da liberdade, em nome do Brasil, declaro-te brasileiro*. Agostini naturaliza-se brasileiro dias depois, mais uma vez sob os louros dos abolicionistas, em especial de Nabuco.

Fez, de certa maneira, escola: a revista dirigida por ele serviu de marco para muitas das publicações ilustradas de qualidade que se seguiram. Diz Sodré⁴ sobre o italiano naturalizado brasileiro:

Mestre da caricatura – precursor no Brasil das histórias em quadrinhos, desde 1884 com as “Aventuras de Zé Caipora” –, jornalista exímio, Ângelo Agostini enobreceu a sua profissão e assinalou, com a *Revista Ilustrada* principalmente, um dos grandes momentos da imprensa brasileira. A coleção dessa revista constitui um dos mais preciosos mananciais para o estudo de uma época de nossa história, insubstituível sob todos os títulos, informativa como poucos livros e enriquecida pela posição combativa do artista extraordinário que acrescentava à qualidade de suas criações, jamais excedida em seu tempo, o conteúdo de participação, a que não faltou em tempo algum.(...) Foi, sem a menor dúvida, uma das maiores figuras da imprensa brasileira em todos os tempos.

Entre as revistas ilustradas que se seguiram após a de Agostini, segundo Sodré, *O Novo Mundo* não encontra espaço. Cita, dentre outras, a *Ilustração do Brasil*, de 1876, o

⁴ Nelson Werneck Sodré. A História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

Psitt, de 1877, *O Besouro*, de 1878, *A Lanterna* e a *Zigue-Zague*, também de 78, *O Ganganelli*, de 1876, *O Diabrete*, de 1877 etc.

Carlos Vivaldi, editor da *Ilustração do Brasil* – revista de luxo para a época, com pouco texto e muita gravura –, recebe destaque pela forma como conseguiu burlar as dificuldades técnicas para a ilustração. Vivaldi trabalhava com gravuras não-originais: “importava” os clichês de Nova Iorque por meio de uma espécie de contrato com alguns jornais norte-americanos. José Carlos Rodrigues, como já foi dito, também utilizava o mesmo processo para o acesso às gravuras.

Sodré afirma que a falha de Vivaldi estava justamente em se limitar ao ornamento, não percebendo que a época exigia um tom de combate, de discussão.

Não se tratava, evidentemente, de proporcionar gravuras bem feitas, ou não se tratava apenas disso: era fundamental que elas estivessem ligadas à realidade nacional, que o público se revisse nelas, encontrasse aquilo que desejava e que o interessava. Numa fase de agitação crescente, surgindo as grandes questões que abalariam o regime, discutindo-se problemas essenciais ou importantes, era preciso estender a influência e não limitá-la ao elemento culto, intelectualizado. (...) Todos queriam reformas. A imprensa teria de acolher a inquietação generalizada, discutir as reformas, influir em seu andamento. Não era suficiente o luxo das gravuras, a apresentação gráfica aprimorada, adoção de técnicas mais avançadas. O país vivia uma fase de mudança; uma dessas fases em que o conteúdo se adianta à forma, até que o conteúdo novo acabe por exigir a mudança na forma e o aprimoramento exterior se equilibre com a expressão nova que se impõe.

Guardado no silêncio, *O Novo Mundo* foi solenemente ignorado pelo crítico que procurou elaborar uma espécie de mapeamento das folhas emblemáticas da época, o quanto elas serviram para balizar valores, formar opiniões, influenciar novas publicações etc. O que nos chama atenção é como o espaço destinado ao jornal de Rodrigues não passa de algumas notas. Utilizando os argumentos levantados pelo próprio autor para destacar algumas folhas – portanto, sendo coerente com seu olhar –, *O Novo Mundo* teria um destaque quanto às gravuras – aprimoramento técnico, uso de gravuras de outras folhas norte-americanas –, quanto à seriedade no tratamento das grandes questões que afligiam o país, o que faltaria, segundo Sodré, a Vivaldi.

José Carlos Rodrigues só passa a ser visto como importante jornalista pelo crítico quando adquire o *Jornal do Commercio* – tido como um dos principais jornais da época,

senão o principal –, em 1890; esse é um marco importante na vida do brasileiro que viveu quase vinte anos fora do Brasil, trabalhando em sua maior parte em Nova Iorque e depois em Londres.

Um dado que não é nem mesmo de longe ressaltado é o fato de *O Novo Mundo* ser a única publicação de qualidade ilustrada que não era humorística ou satírica. Sodré afirma que devido à dificuldade em se conseguir artistas para se desenhar diretamente na pedra – a técnica da litografia já mencionada –, as publicações ilustradas eram elaboradas por aqueles que sabiam da arte da caricatura, aqueles que esboçavam o início da charge e da história em quadrinhos, ou seja, os artistas ligados ao humor e à sátira.

O Novo Mundo, a não ser em esporádicas charges na última página, não trabalhava com o humor, o que faz dele uma exceção entre as folhas ilustradas.

O trabalho mais exaustivo de que temos conhecimento sobre *O Novo Mundo* foi feito pela professora e pesquisadora Elza Miné⁵, que realizou um minucioso fichamento utilizando para tanto a análise de conteúdo prescrita por Jacques Kayser⁶. Tal metodologia consiste em medir a superfície do jornal e a partir de então extrair as principais tendências ou as variações das mesmas ao longo dos anos. Para tanto, é preciso fichar as matérias por assunto, o que é feito pelo título, e, em seguida, agrupá-las em seções maiores, também temáticas. O espaço ocupado pelas gravuras na superfície do jornal, bem como aquele destinado à publicidade, são abarcados por esse procedimento. A publicidade foi também fichada separadamente, ou seja, a cada produto ou tipo de produto existia um determinado grupo, o que torna a visualização da publicidade um pouco mais clara ao longo dos anos.

Com os dados em mãos, foi possível à pesquisadora realizar um mapeamento dos assuntos e organizá-los em gráficos: quantidade de superfície ocupada/ano. Ela conseguiu, dessa forma, gráficos da situação de todos os grupos temáticos por ela sistematizados.

Vejamos, a título de exemplo, como ela registrou alguns grupos e observou a sua evolução ao longo dos quase dez anos de jornal:

⁵ Elza Miné da Rocha Silva, op. cit..

⁶ Jacques Kayser. *Le quotidien parisien*. Paris, Armand Colin, 1963.

Grupo A

Política e administração pública; Ensino e educação; Organização social

Grupo B

Assuntos econômicos e financeiros; Agricultura e pecuária; Indústria e tecnologia;

Meios de comunicação

Grupo C

Ciência; Imprensa periódica; Livros e publicações; Movimento artístico

Grupo D

Religião

Cada um dos grupos irá aparecer em uma figura em separado, a fim de que se acompanhe sua transformação. Interpretando os resultados fornecidos pelos dados, pareçeu-nos que a metodologia utilizada mostrou-se pouco produtiva, ou talvez pouco explorada. Para uma visualização bastante sumária daquilo que se pode chamar de tendências, os gráficos parecem ser eficientes. No entanto, a maneira como foi feita a distribuição dos grupos e a sua organização traz a esse procedimento uma grande dúvida: até que ponto pode-se fazer esse tipo de divisão conteudística em textos do século dezenove? A formalização da idéia não pode ser mais significativa do que o assunto em si? Se o texto muitas vezes era feito usando como mote a gravura que foi conseguida por meio de contratos com as outras folhas, como podemos colocá-lo em uma ficha ignorando tal dado? Um ensaio que versasse sobre agricultura a partir de uma gravura, mas tinha também como objetivo falar das novas máquinas agrícolas – vendidas pela propaganda das últimas páginas – entraria em qual categoria? E os infinitos textos descritivos, que informavam sobre algum fato histórico, mas, sobretudo, entretinham camuflados em uma roupagem científica?

Não se trata apenas de problematizar a maneira pela qual os textos foram entendidos como “transportadores” de informação: é importante pensar nas deduções a partir dos resultados obtidos.

O aumento dos anúncios dos livros, por exemplo, não quer dizer precisamente um interesse maior pela literatura; vale lembrar a discussão que já foi feita a respeito do que era entendido como tal, a proximidade dos tratados de biologia e a literatura propriamente dita.

A significativa expansão do grupo C não quer dizer necessariamente o abandono de outras grandes discussões: muitos dos livros anunciados tematizavam justamente alguma grande questão tida como mote para artigos de outros grupos do fichamento.

Outro dado importante é que a chamada segunda grande fase da imprensa no Brasil encontra seu início ao longo da década de 70, o que quer dizer que o jornal estava mais próximo daquela função de formador de opinião – certamente de uma pequena parte do que poderíamos chamar de classe média –, já possuidor de um determinado público, o mesmo de livros – romances, poesias, tratados e manuais. Lembrar que *O Novo Mundo* é uma folha publicada em outro país, não poderia correr o risco de perder uma significativa parcela de seu público – aqueles interessados em novelas e contos – ao deixar de atender os pedidos das senhoras.

Elza Miné confirma a sua hipótese de que o jornal se não era uma folha feminina, torna-se feminino nos últimos anos por conta do aumento da publicidade de produtos para o uso doméstico ou de moda. Ignora, para ficar apenas no fato mais evidente, a influência das exposições internacionais na criação de um gosto não só por invenções, mas pela promessa do progresso ao alcance de todos – para aqueles possuidores de pequenos objetos do futuro –, além do incentivo do consumo de supérfluos e a crescente cristalização de um gosto burguês divulgado no mesmo ritmo da proximidade da República, da decadência do Império, da iminente abolição, do progresso concretizado no aumento das estradas de ferro pelo Brasil, do crescimento das tipografias, do meio urbano etc.

Dar maior atenção aos objetos de uso doméstico parece mais um indício de uma transformação que ocorre dentro da organização do microcosmo familiar do que a prova da existência quase que exclusiva da leitora.

As seções destinadas à leitora não eram exclusivamente constituídas por folhetins; encontramos textos com dicas para o vestuário infantil, saúde e higiene, letras para bordar em linho e... sobre a necessidade do estudo superior para a mulher,⁷ o sufrágio para a mulher,⁸ a participação da mulher na sociedade – inclusive trabalhando fora de casa! –, ou seja, não se tem apenas o estereótipo da seção feminina, como já foi apontado. Estamos falando de direitos da mulher na década de 1870, guardadas as devidas proporções, havia

⁷ “O ensino superior da mulher”. *O Novo Mundo*, outubro de 1874.

⁸ “Sufrágio mulheril”. *O Novo Mundo*, novembro de 1874.

um interessante canal de comunicação entre Brasil e o pouco que se discutia sobre direitos femininos nos Estados Unidos, abordagem que raramente existia nas folhas da época no Brasil.

Outras Publicações

Algumas publicações contemporâneas ao *Novo Mundo* compartilham com a folha de Rodrigues alguns interesses; outras, apesar da proximidade com os objetivos, trilham caminhos completamente diversos. A título de comparação iremos apresentar algumas folhas contemporâneas ao *O Novo Mundo*.⁹ Assim, poderemos ter uma idéia mais clara da diferença entre as metas estabelecidas pelas folhas, o discurso empregado, como as ilustrações – quando ocorriam – se inseriam neste contexto etc. É possível também compreendermos a importância dos dez anos de *O Novo Mundo* quando nos defrontarmos com a sequência enorme de periódicos absolutamente efêmeros do período.

A *Ilustração Americana* é uma das folhas que encontramos mais próxima de *O Novo Mundo*. Também possuía como objetivo aproximar as duas nações, criar um trânsito saudável de comunicação entre dois importantes povos. Apesar dos esforços e das promessas – por exemplo, a de ser publicada também em inglês –, o projeto do editor, Thomaz Gomes dos Santos Filho, fracassa quase um ano depois, em 1870¹⁰.

Era destinada a “Belas Artes, Agricultura e Indústria” e havia ainda em seu programa:

Estranho a partidos políticos este jornal tem por fim discutir os interesses do Brasil, os do Continente Americano, e todos quantos a eles se aliem direta ou indiretamente.

(*Ilustração Americana*, outubro de 1869)

No editorial de seu primeiro número, o redator estabelece os objetivos da publicação, bem como o seu perfil:

⁹ Ver na Bibliografia as folhas pesquisadas publicadas no mesmo período que *O Novo Mundo*.

¹⁰ O periódico começa em outubro de 1869 e vai até julho de 1870.

A Ilustração Americana não tem cor política, o que incontestavelmente lhe dá plena liberdade de melhor servir aos interesses do país. O seu fim é ligar cada vez mais os laços que prendem o Brasil aos Estados Unidos, e nesse propósito tratará especialmente de assuntos concernentes às 2 nações americanas, para que sejam estudados com a maior atenção, e dali possam resultar benefícios reais para este vasto império, digno de ocupar um dos principais lugares no mapa das primeiras nações do mundo.

A civilização, caminhando do Oriente para o Ocidente, há de imperar nas 2 Américas; e os 2 grandes povos americanos estão fadados para algum dia, com o pleno direito de inteligentes, poderosos e independentes, derramarem luzes pelas 5 partes do globo.

O que devem fazer para chegar a esse *desideratum*? Unirem-se e auxiliarem-se reciprocamente.

É preciso portanto procurar estreitar essas relações, e cultivar a intimidade necessária no futuro.

A Ilustração Americana tentará pôr em prática esta reconhecida verdade; e espera ser aplaudida no primeiro passo que dá para essa nova cruzada de progresso.

São objetos especiais de sua redação:

Finanças, agricultura, indústria, comércio, melhoramentos materiais, estatística, imigração, colonização, literatura, ensino público e Belas Artes.

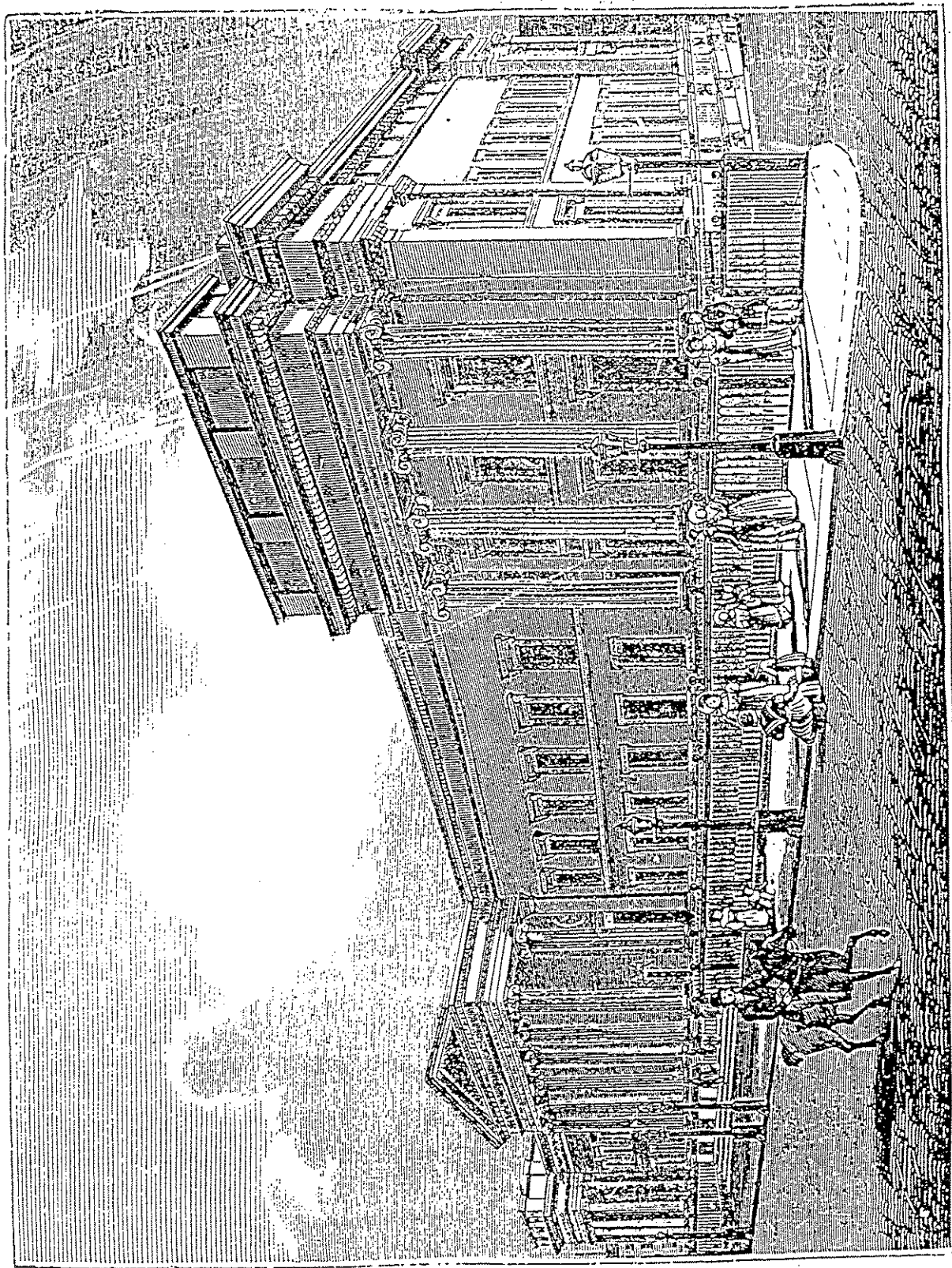
Contém 8 páginas de impressão de grande formato, sendo 4 de gravuras xilogravadas, representando tudo quanto tiver merecimento real, e possa celebrar ambos os países.

Publicar-se-a uma vez por semana, sendo uma edição em português e outra em inglês, apenas chegarem a esta corte os artistas contratados em New York, e que devem dali partir no próximo futuro mês de julho. (...)

(*Ilustração Americana*, outubro de 1869)

No entender do redator o fato de uma folha ter uma tendência política faz dela um instrumento menos eficiente para a discussão dos problemas do país. Partindo das duas Américas – Brasil e Estados Unidos – a *civilização* chegará até o Oriente; juntas, as Américas, conseguirão iluminar as 5 partes do globo.

Havia ainda uma outra publicação cujo objetivo era também o de aproximar as duas Américas: *Revista Semanal Brasileira*. Inicia com a promessa de quatro gravuras nas oito páginas da folha, o que nunca será alcançado. Além de raras, as gravuras se repetem. O folhetim está presente, mas sob a coluna das “Variedades” e os textos veiculados são próximos aos que aparecem em *O Novo Mundo*: “Lopes e a Guerra do Paraguai”, “Agricultura”, “Comércio Internacional” etc.



O palacio do correio em Londres

A primeira pedra d'este grandioso edificio foi lançada em maio de 1824; mas sómente em 1829 foi elle aberto ao publico.

que é o centro de toda a rede postal da Inglaterra, é a de *General Post Office*.

A denominação ingleza d'este estabelecimento, Com todo o acerto foi escolhido o local do Estabelecimento na vastissima cidade de Londres,

A publicidade constava em apenas uma de suas oito páginas, impressas em duas línguas (para o Brasil só estava disponível a cópia em português) na tipografia da *Ilustração Americana*.

Em Portugal, no mesmo período, algumas folhas traziam em suas páginas preocupações semelhantes àsquelas encontradas nas folhas brasileiras. É assim no jornal *O Panorama*, dirigido por Alexandre Herculano. Nesta publicação, o projeto de ilustrar espíritos estava presente já a partir do nome: panorama da cultura, do conhecimento útil, dos exemplos que podem auxiliar a vida do homem de bem.

O “Jornal literário instrutivo da sociedade Propagadora dos conhecimentos úteis” era publicado semanalmente em Lisboa, e sai pela primeira vez do prelo em 1837. Em 1868, com o subtítulo de “Semanário literário e instrutivo” é tido como um periódico importante em terras portuguesas. Nele encontramos mais uma vez o gosto pelos edifícios, pelas grandes construções, como se a importância de uma empresa fosse medida pelo seu frontispício: “Bolsa ou Praça do comércio de Paris”, “Entrada principal da Quinta das Laranjeiras”, “A igreja de Santa Maria della Salute, em Veneza”.

Os artigos instrutivos estavam por toda a parte, bem como os folhetins (sem receber esse nome): “Uma velha de 20 anos”, “Um episódio marítimo de 1793”, “Estudo literário, moral e político de Nicolao Maquiavel” por José Silvestre Ribeiro, “Breves enunciados acerca de duas bebidas não fermentadas: o café e o chá”, dicas de toda a ordem, *Para tornarem a pele bonita e macia, os elegantes de Roma esfregam a cara com pão diluído em leite de jumenta*¹¹.

Ainda em Portugal, uma outra publicação parecia fazer sucesso por lá, era o *Antônio Maria* (Lisboa, 1879 –1898). Era um jornal de caricaturas, semanal, ilustrado por Rafael Bordado Pinheiro. Em 1879, sai o primeiro número do jornal, que já o define: é de cunho humorístico, prezando, em especial, a sátira por meio das caricaturas e uma linguagem cheia de ambigüidades. A caricatura do “Zé povinho” e o pseudônimo “Cid Adão” nos primeiros números já asseguram o seu perfil.

¹¹ *O Panorama*, nº4, 1868.

SCENAS POLITICAS



Caso inaudito do governo *degradar* para a ilha da Madeira, montado n'um cavallinho de pau, o sr. folhetinista Christovam de Sá, que entretanto continúa a ficar em Lisboa.

O nosso título não tem pretensões a epigrama: representa antes de tudo um símbolo. *Antônio Maria*, meus senhores e minhas senhoras, intenta ser a síntese do bom senso nacional tocado por um raio alegre desse sol peninsular que neste momento nos ilumina a todos.

Fará todas as diligências para ter razão, empregando ao mesmo tempo esforços titânicos para, de quando em quando, ter graça.

Possuído destas duas ambições, claro está que *Antônio Maria* não tem outro remédio, na maioria dos casos, senão ter oposição declarada e franca aos governos, e oposição aberta e sistemática às oposições, o que não o impossibilita de ser amável uns dias por outros, e cheio de cortesia em todos os números.

Como *Antônio Maria* não é romântico por várias razões, entre outras por não se chamar Artur, claro está que não encherá as suas colunas de versos para piano, nem cultivará o necrológico com extrema predileção; entretanto deve confessar que não vem possuído do extremo desejo de derribar as instituições vigentes ainda este mês, não só por que isso faria algum transtorno às referidas instituições, mas também por que lhe faz conta que elas assinem primeiro.

Muito menos o domina o espírito monopolizador que tanto caracteriza o comércio das letras. *Antônio Maria* abre os braços a todos os confrades que saibam ler e escrever, ou que tenham a ciência de assinar de cruz, pedindo-lhes a honra de o fazerem depositário dos segredos do seu espírito.

Impõe-lhes só a condição de se darem ao trabalho de estarem como se deve estar diante de senhoras e, sobretudo – isto é que *Antônio*, o justo, e *Maria*, a imaculada, lhes recomendam muito – que tenham alguma graça! É uma coisa que de mais a mais não custa nada!...

Faremos todos juntos, em prosa e verso, à pena e a carvão, a *silhouette* da sociedade portuguesa no último quartel do século dezenove.

(*Antonio Maria*, Lisboa, 12 de junho de 1879)

Claro está que tal periódico persegue outros rumos para atingir os seus propósitos. Mesmo *O Novo Mundo* veiculando às vezes uma charge nas últimas páginas, ou publicando uma ou outra tira humorística (algo como uma história em quadrinhos), estava longe de ser uma folha que fazia uso da pena ou da imagem com fins humorísticos. As folhas ilustradas neste período, como já foi dito anteriormente, em geral eram as satíricas. O entretenimento presente em *O Novo Mundo* era dado pela sucessão de novidades que a folha apresentava sob a forma de gravuras, textos – mais ou menos narrativos – e pelos produtos norte-americanos na seção da publicidade.

Fica mais explícita a seriedade, o tom sisudo do jornal comparando-o com o *Antônio Maria*.

No primeiro número do segundo ano do jornal, encontramos no espaço do editorial:

[Sobre o ano que virá] O que será ele? Quente ou frio? Ameno ou ventoso, fresco ou choco?

Vamos prová-lo e trataremos de dar a nossa opinião aos leitores em 52 números do *Antônio Maria*.

(*Antônio Maria*, segundo ano, nº 2, 1880)

Neste mesmo ano, em junho, sob o título de “Na noite de São João” e acompanhado de uma gravura de página inteira, temos o texto:

O governo depois de queimar alcachofras toma um gargarejo e põe-se à janela a fim de conhecer o futuro pelo primeiro nome que ouvir pronunciar.

O Zé Povinho passa, e o que ele diz.... não se escreve.

(*Antônio Maria*, Lisboa, 24 de junho de 1880)

O clima de piada acompanhará o periódico até o final. E, com caricaturas cada vez mais sofisticadas, ganha mais espaço entre as folhas do gênero. Ao exagerar na ironia, o *Antônio Maria* deve ter conseguido tirar boas gargalhadas de seus leitores.

Terminado hoje o segundo ano da sua existência, o Antônio Maria faltaria ao mais sagrado de todos os deveres, se deixasse de agradecer aos seus leitores e aos seus amigos os testemunhos de benevolências e de estima de que tem sido objeto.

Àqueles a quem por ventura pudesse ter magoado e contundido, ao dar-lhes assento nesta pacata galeria do burlesco nacional, o Antônio Maria oferece todas as lágrimas da arnica que pode verter o seu coração, e toda a pomada alvíssima de que pode dispor a sua alma.

Sentindo não poder descobrir para honra da pátria alguma coisa melhor do que os seus ridículos, nós pedíamos à pátria o favor de considerar que nem todos podem, por mais que o desejem, ir todas as semanas, às quintas-feiras, descobrir outra vez o caminho da Índia.

Finalmente, minhas senhoras e meus senhores, mil vezes obrigado.

(*Antônio Maria*, Lisboa, 30 de dezembro de 1880)

Em suas 8 páginas, o jornalista, como aquele que quer agradar a todos, era freqüentemente ridicularizado; o folhetinista, com suas histórias infinitas, exploradas até o esgotamento, era motivo de uma hilária caricatura que se repetia: um desenho de um homem que, na horizontal, começava com os pés, muito esticados, no rodapé da primeira página e terminava com a cartola na última página da folha.

A brincadeira com o leitor era uma constante, e a julgar pela sua longa duração, certamente possuía um público cativo, o que era um incentivo para a continuidade desse tipo de humor:

Exmos Sras. e Exmos Srs.

O Antônio Maria meditou muitos dias antes de resolver a forma porque havia de dar as boas festas aos seus leitores. Um agradecimento seria banal, devolver o preço da assinatura seria dispendioso. Resolveu, pois, dar-lhes um número colorido, (...), excepcional, sem pompa de reclames, nem publicação prévia de rol de assinantes.

Mas, caros leitores, prometemos não reincidir neste delito de cromo-litografia por duas razões: a primeira para não os deslumbrarmos, a segunda para não cavarmos a nossa ruína.

De resto, o nosso programa mantém-se inalterável. Piparotes nas instituições, cartuchos de pós nos poderes constitucionais, mascarando com cortiça queimada – todas as vezes que se oferecer ensejo – os altos poderes do estado.

Rejeitaremos todas as promessas, seremos surdos a todas as sugestões.(...)

Todas as quintas-feiras, à tardinha, daremos alguns beliscões amigáveis nos costumes públicos. Em o leitor se achando descontente conosco tenha a bondade de avisar a fim de marcharmos para o exílio.

Organizaremos uma mascarada política perpétua, para entretenimento dos cavalheiros, visto ser esse o seu passa-tempo mais apazível. Às senhoras oferecemos as noites de teatro com todos os arrebatamentos dos tenores, todos os prestígios das primas donas, todas as seduções das luzes, da harmonia e das flores.

E quando sua majestade, um dia, se lembrar de nos mandar um veado, comê-lo-emos em paz, tranqüilos de consciência, assado, sem dizer nada a ninguém, para os jornais não darem a notícia e nós não sermos obrigados a dar explicações ou – costeletas, o ainda pior”.

(*Antônio Maria*, Lisboa, 1º janeiro de 1880)

Manuel Luiz da Cruz, o editor de *Antônio Maria*, imprimia em sua revista um perfil que era próximo, no Brasil, ao da *Ilustração do Brasil*, de Vivaldi. Como vimos, era uma folha também ilustrada, que discorria com um tom leve e ameno sobre algumas personalidades; o mérito da graça das palavras de *Antônio Maria*, no entanto, não é alcançado na similar nacional.

A Revista Industrial

*Esta revista equivale a uma biblioteca para o negociante, lavrador, engenheiro, fabricante, para todos que direta ou indiretamente se interessam pelo desenvolvimento da indústria e da riqueza do país.*¹² J. M. da Silva Coutinho

Durante dois anos Rodrigues publicou paralelamente ao *Novo Mundo*, *A Revista Industrial*¹³ (Nova Iorque, 1877 – 1878), também mensal e ilustrada, a serviço, como queria o editor, da agricultura, indústria e generalidades.

No editorial do primeiro número, Rodrigues estabelece o que serão os princípios desta nova publicação, dando especial atenção à agricultura, que terá mais espaço para ser discutida.

AOS LEITORES

Creemos que vamos satisfazer a uma verdadeira necessidade apresentando ao favor público mais uma publicação periódica, destinada a derramar mais luz sobre os importantes assuntos dentro da raia de seu programa.(...)

Nestes sete anos em que temos publicado *O Novo Mundo*, e com o desejo de que constantemente temos sido animados, de ser útil à pátria, donde somos obrigados a viver afastados, os interesses da agricultura, das indústrias fabris, dos meios de comunicação e do comércio têm necessariamente ocupado grande parte do espaço daquele periódico. (...)

O imortal fundador desta República, Washington, disse: “Não conheço ocupação em que se possa prestar a um país serviço mais estável e importante do que a de procurar-se melhorar a sua Agricultura. Uma classe bem instruída de agricultores é um dos baluartes mais sólidos de que a liberdade civil se pode gabar”. Pois bem. É por cremos muito nessa verdade que a *Revista Industrial* ocupar-se-à mais detidamente da agricultura, – essa aia das demais industriais, – e no Brasil principal de todas. Por ora não temos tido “Agricultura” em nosso país. O trabalho escravo, e o conseqüente cultivo extensivo do solo, e também a extrema liberdade e ilimitado espaço deste, têm contribuído muito para nos conservar a nosso turno escravizados a processos antiquados e obsoletos.

J. C. Rodrigues

(*Revista Industrial*, julho de 1877)

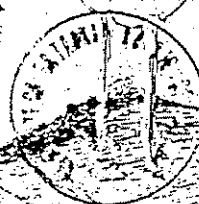
¹² *Jornal do Commercio*, 16 de setembro de 1877, citado na *Revista Industrial*, dezembro de 1877.

¹³ O seu subtítulo era “Agricultura, Minas, manufaturas, artes mecânicas, transportes, comércio”.

Vol. I. - N. 1.

REVISTA INDUSTRIAL

ILLUSTRADA



REVISTA INDUSTRIAL:

Periodico Mensal de Agricultura, Minas, Manufaturas,
Mechanica, Transportes e Commercio.

J. C. RODRIGUES, Redactor

Exemplares ao Brazil em todas as Agencias do "SOLDO MUNDIO."

PREÇO: 10\$ POR ANNO: 8\$ POR SEMANA

RIO DE JANEIRO:

NEW YORK:

Exemplares do "New Mundo" e "Revista" e "Espectador" do New York Times Building
In London: W. R. R. D. D. D.

P. O. Box 5501.

Mais uma vez acreditando prestar um serviço essencial ao Brasil, José Carlos Rodrigues inicia uma verdadeira cruzada para educar ou trazer novas luzes aos empreendedores brasileiros. Ou criá-los. O perfil da revista já é indiciado pela ilustração da primeira página, que é a mesma em todos os números: ao fundo um trem corta uma espécie de floresta, e, no primeiro plano, em destaque, máquinas, picaretas, pás e rodas.

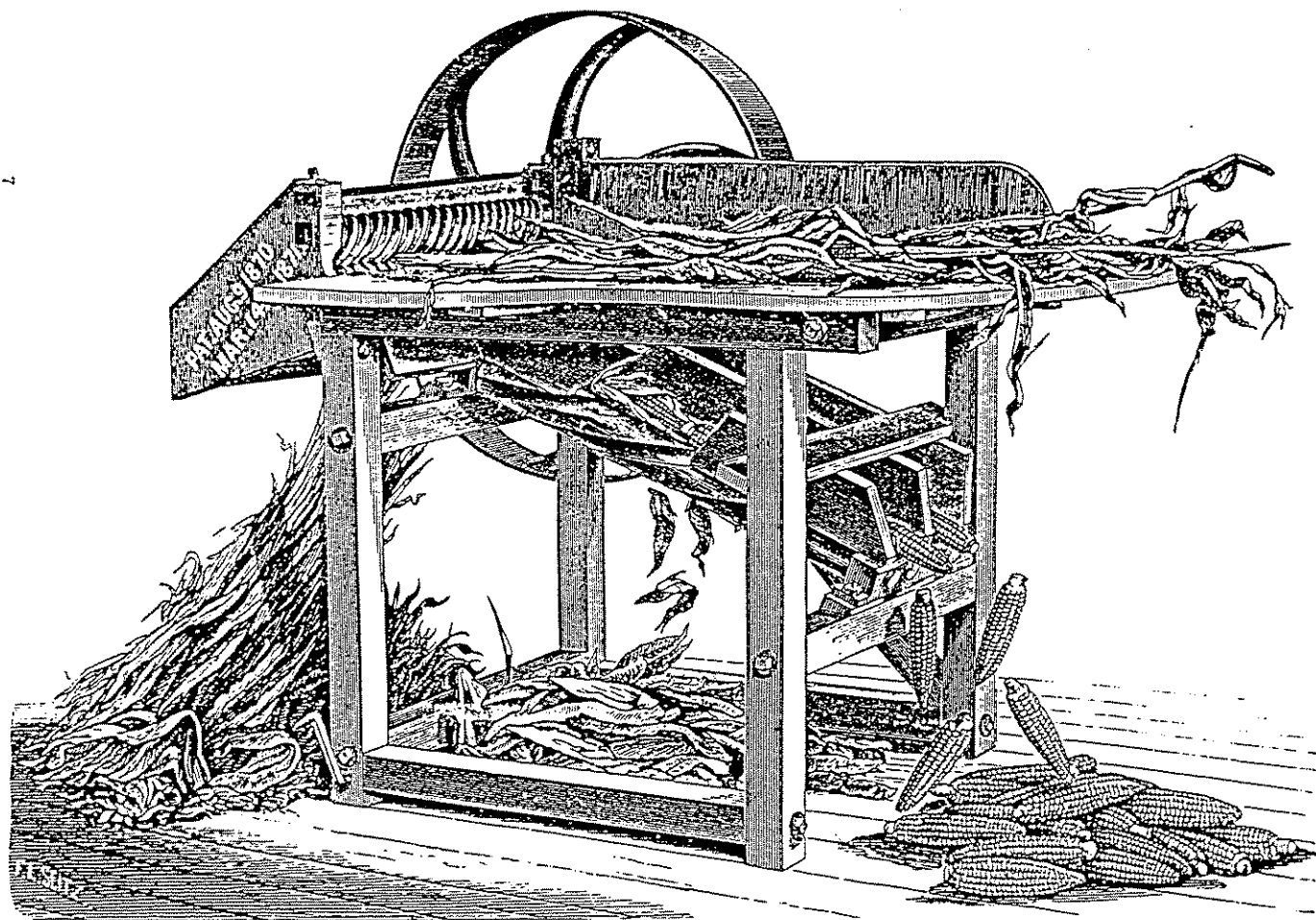
Se compararmos a *Revista Industrial* ao *O Novo Mundo* perceberemos que não há o mesmo cuidado com as gravuras. As ilustrações, quando ocorrem, são registros de viadutos, estações de trem, túneis etc. São mais documentais; a folha não publica gravuras de personalidades, paisagens curiosas, reproduções de quadros famosos. Pelos títulos das matérias já se pode ter uma idéia da *especialização* das informações: “Estrumes gerais e especiais”, “Agricultura nos Estados Unidos”, “O ensino agrícola na Alemanha”, “Manteiga e Queijo”, “Pragas no Rio Grande do Sul”, “O açúcar da beterraba”, “Reservatórios e encanamentos de chumbo”, “Caminhos rurais – de madeira e de ferro”, “Recentes melhoramentos na fotografia”, “Nova composição explosiva para grandes peças” etc.

É importante notar que até então essas matérias coexistiam com os folhetins, as notas literárias, as biografias e outras variedades em *O Novo Mundo*; e, mesmo nesta folha especializada, encontramos temas que, em teoria, não se prestariam ao perfil da publicação, como por exemplo: “Saber é poder” e “Mobília Rústica”¹⁴.

É certo que alguns artigos davam novas cores à produção de Rodrigues. Em “Construção prática de estradas de ferro”¹⁵ encontramos um manual que ensina passo a passo como construir uma estrada de ferro! Esse como fazer era uma marca da publicação que tinha por objetivo veicular informações extremamente práticas.

¹⁴ No primeiro exemplo temos um artigo versando sobre a importância do avanço do conhecimento para a humanidade, a revolução que as descobertas representam, o papel da pesquisa, do estudo para o progresso de um povo; a segunda, “Mobília Rústica” à primeira vista mais parece um artigo a ser oferecido somente às mulheres: como já apontado, crescia o interesse pelo móveis, utensílios ou tudo o que dizia respeito ao ambiente doméstico; em outras matérias desta revista destinada a agricultores, havia dicas para decorar a casa com flores!

¹⁵ *Revista Industrial*, agosto de 1877.



O DESPALHADOR DE MILHO "PHILIPS".

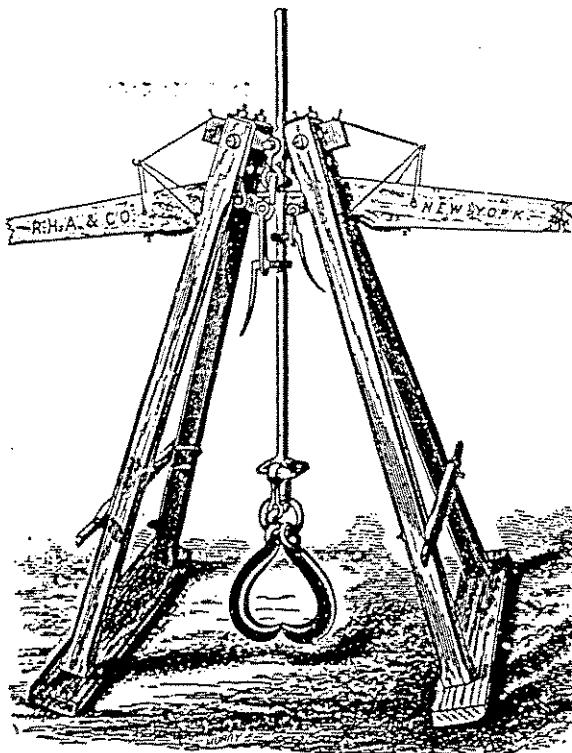
O DETOCADOR.

Para desbastar-se uma floresta o limpar-se o campo dos troncos das nossas grandes arvores, não ha meio eficaz e economico como algum apparelho especial, dos muitos aqui empregados nos Estados Unidos. O fogo e o machado nunca poderão substituir uma boa machina de arrancar as raizes.

Para troncos pequenos usam aqui um instrumento que consiste de quatro ganchos de ferro com os braços soldados juntos em forma de garfo, o qual é applicado á raiz e então puxado por um animal por meio de uma corrente de ferro. O instrumento custa de 15\$ a 30\$ em New York e é uma necessidade nas fazendas.

Para as raizes e cepos das grandes arvores seculares emprega-se aqui uma combinação de duas rodas de ferro e um grande eixo, ao qual é applicada a força de dois cavallos: mas isto custa de 600\$ a 900\$.

Um feliz termo-medio entre esses dois apparelhos é o *Arrancar-troncos* que aqui illustramos e que é vendido por R. H. ALLEN & Co., desta cidade por 150\$, 200\$ e 240\$, conforme o tamanho. Com a menor delles dois homens trabalhando cada um em uma das alavancas de madeira podem levantar 25,000 libras ou 78½ arrobas e arrancar cem troncos por dia. O apparelho é muito simples: as duas alavancas de madeira quando descidas fazem subir o braço principal de ferro que é seguro por duas argolas, que trabalham exactamente como mãos, segurando o braço de um modo irresistivel. Na ponta do braço se prendem os dous ou tres garfos que



O DETOCADOR.

devem segurar o tronco. A machina do tamanho medio pôde içar 35,000 libras, e a maior, 50,000 libras.

A Despalhador de Milho "Philips."

A outra gravura desta pagina representa o excellente *despalhador* espiral para o milho, inventado por PHILIPS e tambem vendido pelos mesmos senhores ALLEN—por 300\$ de nossa moeda. A machina consiste de uma armação de cinco palmos de comprimento sobre trez e meio de largura, sustentando dous rolos entre os quaes as espigas de milho são depositadas, cahindo logo despalhadas em dous enxôres inclinados, ao passo que a palha cahe do outro lado. Estas machinas podem preparar de 400 a 1,000 alqueires de milho por dia. Ellas passam por ser as melhores para o fim á que se destinam. Quando se considera o tempo perdido no despalhar o milho realiza-se logo de que importancia economica se torna um instrumento como este de que fallamos.

Uma das melhores peculiaridades da Machina Philips é que limpa o milho todo, não só tirando-lhe a palha e o cabelo mas tambem os talos e os pés, os quaes não corta mas pisa, tornando-os assim duros e melhor adaptados para alimento do gado e para esturme.

Dous cavallos bastam para mover esta Machina. Ella pesa 1,100 libras e encaxotada, 1,260 libras, medindo então trinta pés cubicos. O preço, como já dissemos, é 300\$ mas é incluindo um apparelho para levar para fóra os talos e todas as pertencas. Esta machina tem recebido recomen-

dações de varias Exposições agricolas nos Estados Unidos, e em todo o caso nossos patricios farão bem investigando suas boas qualidades.

A publicidade presente nas cinco últimas páginas da folha¹⁶ também era direcionada a um determinado público: picareta para malhar, picareta para cavar barro, pé de cabra, eixos para carros e locomotivas, molas para carros e vias férreas, companhia de fundição e rodas, locomotivas, carros para vias férreas (vagão), touro, máquinas para moinhos de farinha...

Houve uma razoável repercussão da revista, a julgar pelas informações cuidadosamente publicadas pelo editor:

A publicação em questão veicula matérias variadas 'de utilidade prática para todos os que se ocupam com o progresso material do Brasil'. Publicamos em seguida a opinião que sobre a revista manifestou espontaneamente pela imprensa o Dr. J. M. da Silva Coutinho, um dos principais engenheiros do Brasil, de cujo talento e saber o falecido Agassiz deixou tão belo testemunho na sua obra sobre o nosso país.

'Encetou o Sr. Dr. J. C. Rodrigues mais uma publicação mensal de incalculável vantagem para o nosso país.

Pelos dois números que vieram à luz pode o leitor avaliar da importância das matérias que contém a *Revista Industrial*, matérias de maior interesse para todas as classes de nossa sociedade, e ali resumidas em linguagem simples e clara, ao alcance de qualquer inteligência.

Esta revista equivale a uma biblioteca para o negociante, lavrador, engenheiro, fabricante, para todos que direta ou indiretamente se interessam pelo desenvolvimento da indústria e da riqueza do país, e com a vantagem de mencionar as conquistas da atividade humana, realizadas no velho e novo mundo, descobertas mais interessantes em relação ao Brasil.

Entre nós, onde os livros são caríssimos, torna-se difícil o estudo de qualquer matéria, sendo mais vedado para quem não dispõe de meios em abundância.

A *Revista Industrial* remedia este grande mal ministrando variados e proveitosos conhecimentos a todas as classes, mediante uma pequena retribuição.

Residindo no país que mais ama e honra ao trabalho, onde as descobertas sucedem-se rapidamente, onde mais se escreve sobre coisas úteis à humanidade, o Sr. Dr. Rodrigues tem todas as proporções para enriquecer a revista, como tem feito até agora o seu *Novo Mundo*, dando as mais proveitosas notícias, que só com grande dispêndio de tempo e dinheiro se obtém em livros especiais, quase sempre raros em nosso mercado.

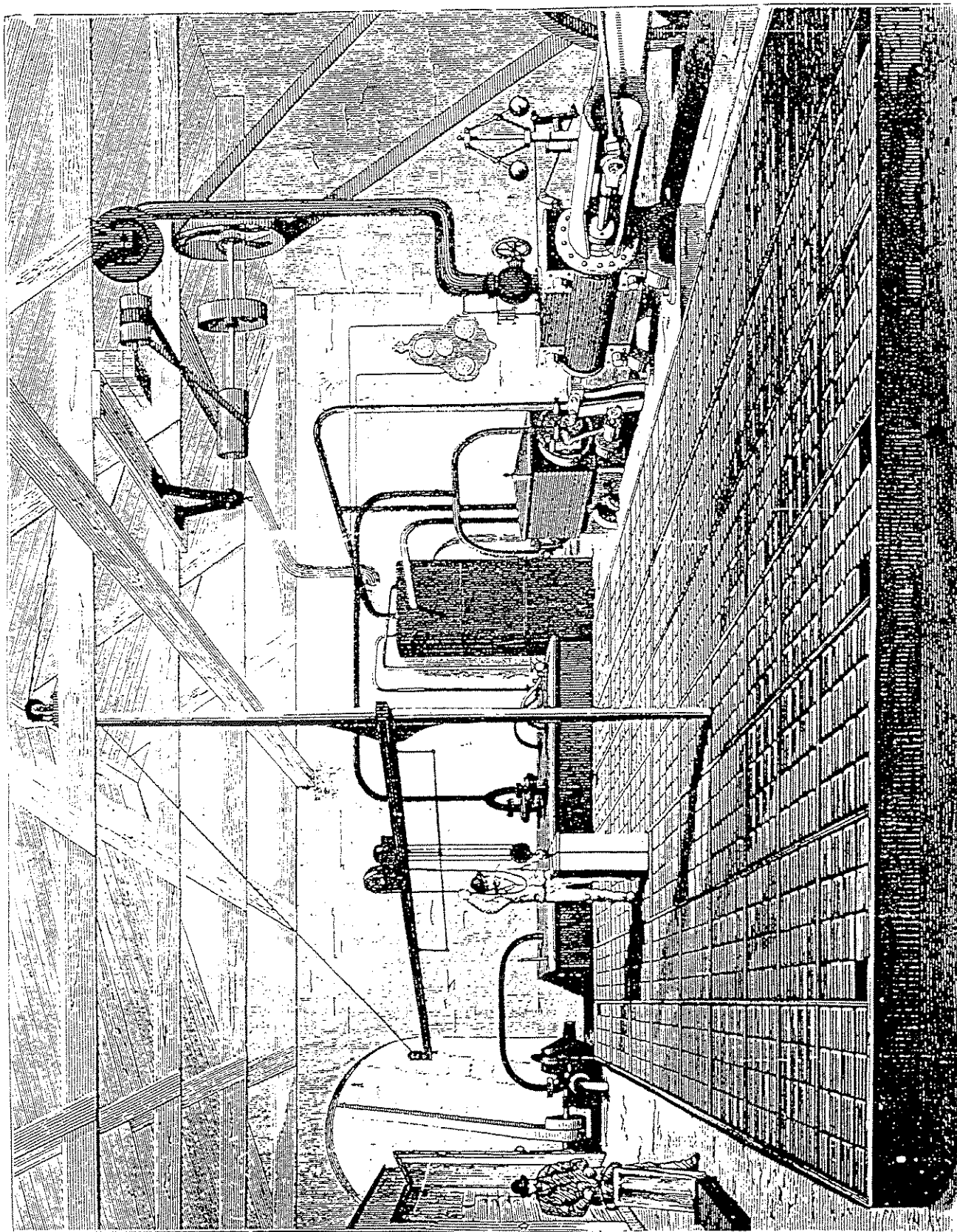
Convencido da grande utilidade da *Revista Industrial*, recomendamos a sua leitura a nossos concidadãos, como a melhor e mais abundante fonte de instrução que é possível obtermos a troco do menor sacrifício pecuniário'.

S. Coutinho

(*Jornal do Commercio*, 16 de setembro de 1877)¹⁷

¹⁶ A folha possuía 36 páginas.

¹⁷ *Revista Industrial*, dezembro de 1877.



MACHINA "PICTET" PARA FAZER GELO.

Nas palavras do engenheiro, a folha é uma biblioteca para o homem de empresa; uma biblioteca que se atualiza com as descobertas do velho e do novo mundo. O seu mérito não está apenas na reunião das informações sobre a indústria e a agricultura, mas também na *utilidade* do que é publicado. Coutinho acentua a carências de bons livros dessa área no Brasil, além do fato de tais obras serem caras e pouco acessíveis.

Os livros, é fato, eram para poucos. O preço do produto já determinava o seu consumidor, ou seja, aquele pertencente às classes mais abastadas; pode-se pensar pois que a matéria jornalística atingia certamente um grupo muito maior de pessoas, inclusive analfabetos, como já foi discutido páginas atrás – em pequenas rodas, oradores se prontificavam a ler em voz alta, transformando a leitura em um pequena reunião informal sobre um ou outro assunto.

De volta à folha, e ao zeloso editor, observamos, logo nos primeiros números, que Rodrigues transcreve uma série de comentários elogiosos feitos à *Revista Industrial*; uma estratégia que seguramente chamará a atenção do leitor, o que pode representar um aumento do público consumidor¹⁸.

(...) Basta dizer que o redator é o mesmo do *Novo Mundo*, o Sr. J. C. Rodrigues, para se ficar sabendo que o novo periódico se ocupa especialmente das coisas do Brasil em duplo sentido, já procurando tornar conhecidos fora daqui o nosso país e os progressos que temos feito, já dando-nos a nós mesmos conhecimento das invenções e progressos alheios, para que deles nos aproveitemos.

(...) Até o que de nós se diz será de verdadeiro interesse para a grande maioria dos leitores, pois é confessar que pouco nos conhecemos a nós mesmos.

Jornal do Commercio

De fato, Rodrigues desenvolve uma via de comunicação em mão dupla, ao trazer as descobertas e invenções para o Brasil e ao levar os progressos nacionais ao conhecimento do norte-americano.

Mas não é só isso. O Brasil pouco se conhece e, portanto, informações que vêm de fora, feitas por brasileiros ou estrangeiros sobre as terras nacionais estarão a serviço de um

¹⁸ Trechos extraídos do número de dezembro de 1877 da *Revista Industrial*.

maior reconhecimento dos limites físicos e ideológicos das fronteiras brasileiras. Afinal, quem conhece o Brasil?¹⁹

Fazendo a necessária ressalva sobre os comentários registrados por Rodrigues, os quais teriam sido devidamente selecionados – certamente só os elogiosos –, cabe comentar que é possível perceber que *O Novo Mundo* merecia um certo respeito de parte da imprensa brasileira; o *Jornal do Commercio* era um nome de referência na imprensa nacional.

Recebemos (...) essa nova e magnífica publicação do conhecido e benemérito literato José Carlos Rodrigues. (...)

A *Revista Industrial* é um jornal necessário ao homem da lavoura, ao industrial, ao comerciante e ao letrado e mesmo àquele que não vê na letra redonda senão um passa tempo.

Gazeta de Notícias

Não só o *Jornal do Commercio* era uma referência na imprensa como também o nome de José Carlos Rodrigues impunha certo respeito. A *Gazeta* sugere que até os iletrados poderiam extrair proveito de uma empresa de Rodrigues; empresa que presta serviço especial ao comércio e às finanças, nas palavras de *A Reforma*:

(...) Traz ela os mais interessantes e variados artigos sobre a última crise americana, indústria agrícola, indústria mineira, viação pública, navegação, progresso industrial, novas concessões de privilégios pelo Brasil.

Apresenta também um retrospecto comercial e notas sobre o comércio e finanças dignos da maior atenção.”

A Reforma

A utilidade da folha é ecoada ainda no *Jornal da Tarde* e em *O Provinciano*; esse último intima todos os agricultores a assinarem a *Revista Industrial*.

Consagrando este periódico suas páginas aos interesses, e desenvolvendo utilíssimas idéias sobre a agricultura, artes e indústria, é de esperar que o público se compenetre da sua utilidade, na certeza de encontrar as mais profícuas noções sobre os imensos e variados pontos tendentes àquelas matérias.

Jornal da Tarde

¹⁹ Flora Sussekind. Op. cit..

(...) Não é seguindo essa rotina antiquada e já caduca que a lavoura pode chegar à sua perfeição; é preciso mais estudo, o emprego de aparelhos que a experiência tem mostrado serem necessários não só para o seu aperfeiçoamento como para facilitar o trabalho, e para conhecer essas necessidades é preciso que o agricultor tenha alguma instrução sobre esse ramo de indústria, e para isto é um grande auxiliar a *Revista Industrial*; todos os lavradores devem assinar esse jornal, e darão por bem empregado o dinheiro de sua assinatura.

O Provinciano (Paraíba do Sul)

O Correio de Campos (Campos) afirma que o segundo jornal será complemento do primeiro. Apresentará *todos os melhoramentos, progressos e vantagens dos métodos e processos mais aperfeiçoados, assim como os sistemas que devem ser preferidos, conforme as condições do nosso clima e estado do nosso país.*

O Paraíba (Guaratinguetá, S. Paulo) chama Rodrigues de infatigável pelo trabalho zeloso que mais uma vez realiza.

(...) Especialmente aos agricultores recomendamos esta publicação.(...)

Os números que temos à vista, interessantes da primeira à última página, contém matéria instrutiva e prática.

Em nosso conceito, é a melhor revista em língua nacional que temos. É bem impressa e a publicação barata.

O Jornal das Alagoas é mais uma publicação que destinará elogios a Rodrigues:

A *Revista Industrial* é uma publicação de máximo interesse. Dedicase principalmente ao desenvolvimento material do país.

A *Revista Industrial* é projetada em um momento em que as grandes exposições – nacionais e internacionais – estão sendo aperfeiçoadas, ganham mais repercussão e público e constituem-se como uma verdadeira vitrine das invenções dos países. Falar sobre indústria, aperfeiçoamento tecnológico, novas máquinas, formas de aumentar a produtividade no campo, aprimoramento do transporte etc. era estar absolutamente em sincronia com os passos do progresso.

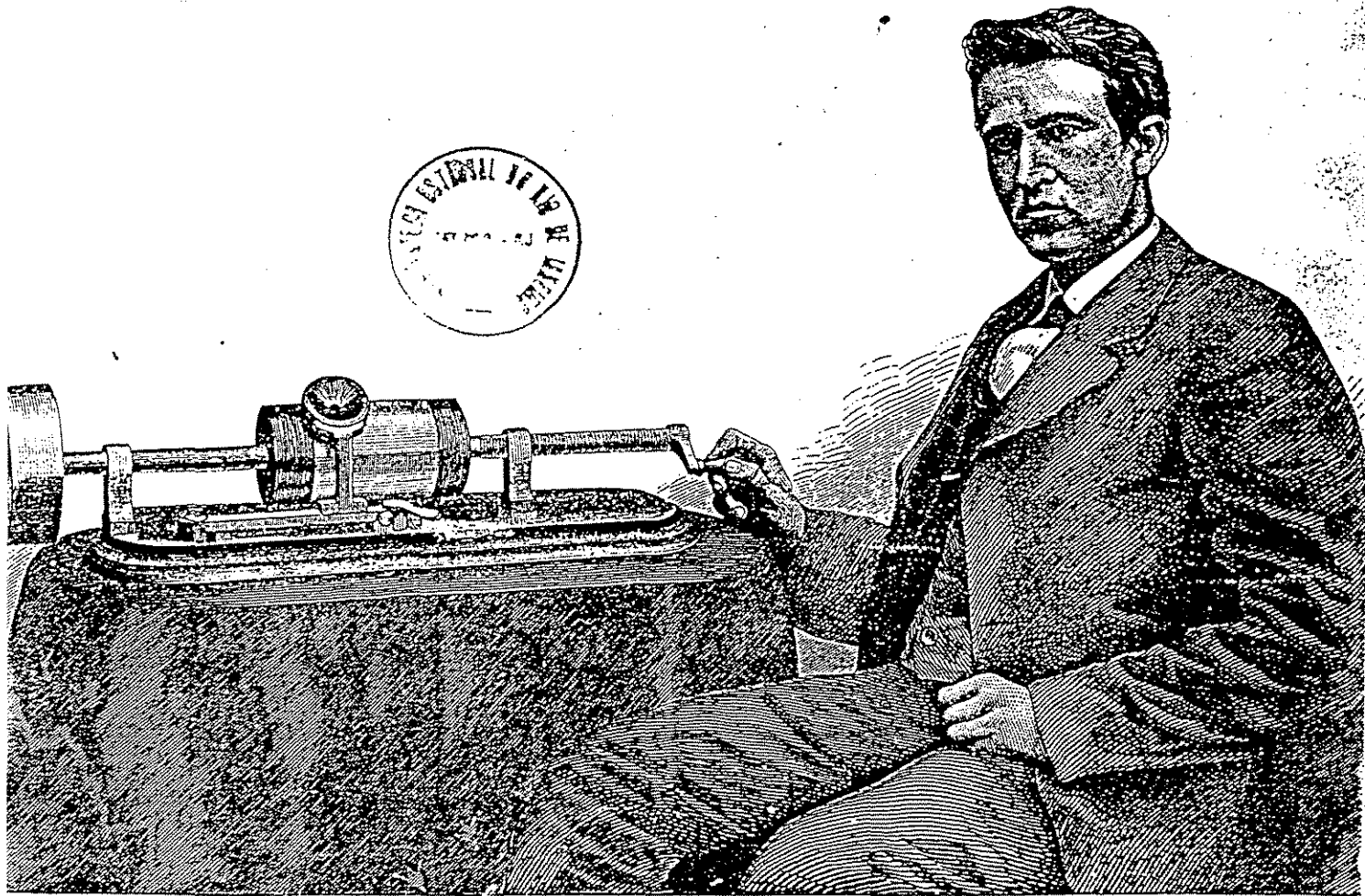
REVISTA INDUSTRIAL.

Agricultura, Minas, Manufacturas, Artes Mechanicas, Transportes e Commercio.

J. C. RODRIGUES, REDACTOR.]

NEW YORK, JUNHO DE 1878.

[Vol. 2. N° 12.]



O PHONOGRAPHO E SEU INVENTOR, MR. T. A. EDISON.

O PHONOGRAPHO E O SEU INVENTOR.

Na gravura estampada nesta pagina apresentamos a nossos leitores não só uma reprodução exacta do instrumento que algumas das primeiras auctoridades scientificas do mundo, e notavelmente da Europa, chamam o maior invento do seculo, mas tambem um retracto fiel do seu inventor, o norte-americano Mr. T. A. Edison, a quem, na Inglaterra, se tem dado o nome de "maravilhoso."

Como o mecanismo que produz os effeitos sorprendentes que estão fazendo admirar o mundo é muito simples, a seguinte ligeira descrição será bastante para dar uma idéa clara da operação do phonographo.

Atravez do bocal da buzina se estende uma membrana delgadissima de metal, no centro de cujo lado exterior se acha uma poncta metallica. Um cylindro de latão é ajustado de tal

modo que, enquanto revolve sobre seu eixo, uma rosca lhe dá tambem um movimento horizontal em frente da membrana: assim, quando o cylindro se acha em contacto com a poncta mencionada, esta descreve na superficie do cylindro uma linha espiral que corresponde exactamente com a rosca que produz o movimento horizontal.

Em toda a extensão dessa linha abre-se então um entalhe pouco fundo e depois cobre-se a face toda do cylindro com folha de estanho. Quando, pois, se pronunciam quaesquer palavras pelo bocal, tocando-se ao mesmo tempo a manivella do cylindro, as ondulações produzidas pela voz no ar communicam-se á membrana, pondo-a em vibração, e as vibrações da membrana, que correspondem exactamente ás ondulações produzidas no ar pelas palavras pronunciadas, fazem a poncta metallica produzir ligeiras concavidades na folha de estanho exactamente em cima do entalhe aberto no

cylindro, e assim ficam as palavras tranferidas para este em forma permanente. E' evidente, então que, depois do lapso de qualquer tempo, o aparelho reproduzirá as palavras originaes, collocando-se o cylindro em outra machina identica á primeira, com a unica excepção de conservar-se nella a poncta em contacto com a folha de estanho por meio de uma mola muito fraca. Tocando-se então a manivella, as concavidades farão vibrar a membrana; esta produzirá as correspondentes ondulações no ar, e assim ficarão reproduzidas as palavras originaes.

O phonographo não é a unica invenção de que Mr. EDISON é o auctor. Posto que seja ainda, como se vê da gravura, muito moço, diz-se que, em Washington, na repartição das patentes, elle tem um mostrador inteiro cheio de modelos de invenções que fez, em numero de mais de duzentos, e para as quaes tirou patente.

Em dezembro de 1877, um correspondente (certamente de Paris) faz uso de um raciocínio muito em moda nos dias de hoje para falar da última exposição da capital francesa:

A EXPOSIÇÃO DE PARIS (de um correspondente)

“As exposições internacionais são obra de só uma geração, e tem, não obstante, já estabelecido a sua razão de ser, e prometem desenvolver-se muito mais em um futuro próximo. A idéia proposta primeiro na França em 1849, foi rejeitada então, porque se receava que aumentaria a concorrência estrangeira; mas agora é justamente em Paris que essas reuniões das nações são mais bem vindas e onde se concede(...) os sítios mais atrativos para que neles tenham lugar.

À vista da solidariedade sempre crescente das nações já não é sempre os mais fortes que levam o prêmio, pois este pertence agora as mais das vezes aos mais ilustrados e inteligentes. Por conseguinte a supremacia não dependerá no futuro da altura e eficácia de suas barreiras naturais ou artificiais, e sim da destruição dessas barreiras e da admissão de luz, sejam quais forem as fontes donde venha e o modo por que seja transmitida. Assim, para um povo já acostumado a observar e a compreender, uma exposição internacional se torna um foco poderoso de atividade industrial e intelectual, como também de expansão comercial. E além disso se pode dizer essas reuniões dos povos exercitarão pouco a pouco influência benéfica em todo o mundo ao passo que a indústria e a inteligência se tornarem em laços de união”.

(*Revista Industrial*, dezembro de 1877)

A indústria e a inteligência unidas, concretizadas em invenções que tenham por objetivo primeiro melhorar a vida do homem. A arena para esse amigável embate não deve fechar-se; ao contrário, deve ser a porta de entrada para o convívio das nações e troca de informações. Romper fronteiras, diminuir as distâncias físicas e do conhecimento entre os povos... não é o que hoje ouvimos o tempo todo?

Assim como hoje, o intercâmbio de informações e, principalmente o acesso a ela, é dado a poucos. A globalização também acentua distâncias, aumentando as veredas sociais.

Para aqueles já acostumados a observar, ou seja, para os iniciados, para uma determinada classe social, as exposições podem representar uma expansão comercial sem precedentes na história. As exposições eram o protótipo do shopping center.

Em 1878, é publicada uma interessante tabela nas páginas da *Revista Industrial* contendo dados de algumas das grandes exposições internacionais:

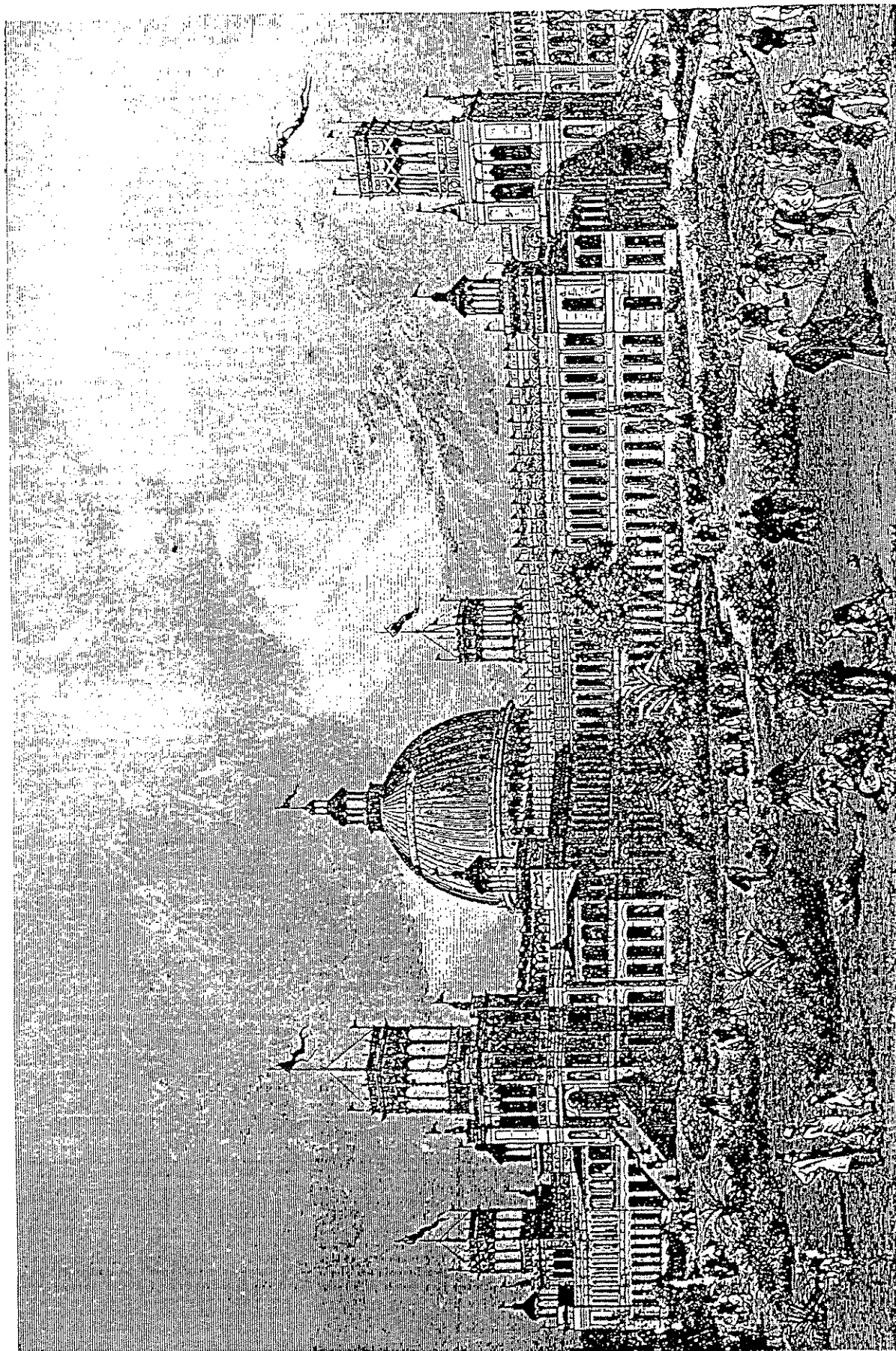
Data	Local	Nº de expositores	Nº de visitantes	Nº de dias	Termo médio de visitantes/dia
1851	Londres	13.917	6.039.195	141	42.831
1855	Paris	23.954	5.162.330	200	25.811
1862	Londres	28.653	6.211.103	171	36.322
1867	Paris	50.226	10.200.000	210	48.571
1873	Viena	42.584	7.254.687	186	39.003
1876	Filadélfia	30.880	9.857.625	159	61.998

(*Revista Industrial*, junho de 1878)

A exposição de Paris de 1867 foi realmente um grande sucesso de público. Em 7 meses o evento reuniu 10.200.000 visitantes. Paris era o epicentro da Europa e não é difícil entender o sucesso de público. Do outro lado do Atlântico, Filadélfia reúne uma respeitável soma de quase 10.000.000 pessoas. É bem verdade que o centenário da independência norte-americana também foi comemorado durante a realização da exposição, o que pode ter sido chamariz a mais de público.

Mas não podemos esquecer que na década de 1870 os Estados Unidos eram o país mais industrializado do mundo, além de ser o país das invenções. Em *O Novo Mundo* havia publicidade para o evento anos antes da exposição.

Pode-se pensar que publicações como a *Revista Industrial* e mesmo *O Novo Mundo* funcionavam também como uma espécie de catálogo dos produtos expostos nas exposições. Os eventos eram importantes, dentre outros motivos, para externalizar uma determinada



PALACIO DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM SYDNEY, AUSTRALIA.

imagem dos Estados Unidos; as revistas poderiam servir, nesse sentido, como canais para o intercâmbio comercial entre os países. Discute-se a importância do progresso, veiculam-se as imagens deste progresso sob a forma de grandes construções, extensas ferrovias, concretiza-se o raciocínio com os números das exportações norte-americanas e, finalmente, temos os produtos a serem adquiridos nas últimas páginas da folha.

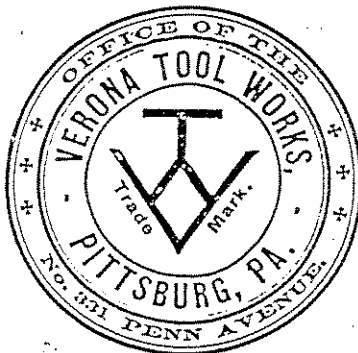
Com o surgimento da *Revista Industrial* ocorre uma *especialização* de *O Novo Mundo*; a partir de então ele irá se tornar uma revista mais de variedades, e tudo o que há de mais escorregadio nessa nomenclatura...

Na última página do número 1 da revista, Rodrigues explica quais serão os temas abordados na folha nascente, além de mencionar a especialização de *O Novo Mundo*...

que agora fica com o seu programa mais definido e circunscrito, acompanhando os acontecimentos políticos do dia, velando na guarda de nossas liberdades, especialmente da primeira de todas elas, – a religiosa; tratando e ilustrando os principais fatos da época, e sendo em suma um compêndio do progresso da literatura, da ciência, das belas artes e da educação pública.

(*Revista Industrial*, julho de 1877, nº1)

METCALF,



PAUL & CO.

PICARETAS DE AÇO MASSIÇO.

(FORJADAS DE UMA SO PEÇA.)

OLHOS SOLIDOS.

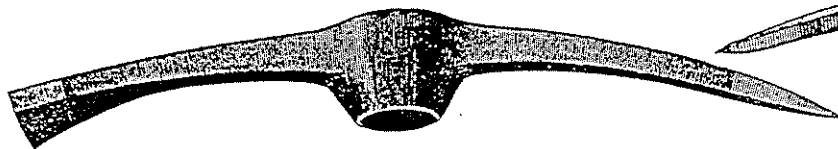
Quanto á Economia, são mais baratas as nossas Picaretas de Aço massiço do que outras quaesquer offerecidas no mercado. Uma dellas dura tanto como seis de ferro. Não podem ser quebradas em nenhum serviço legítimo em que se empreguem, e resistem serviço mais duro do que qualquer outra especie de Picareta. Fazemos uma especialidade da fabricação deste artigo. São feitas por meio de nossas machinas aperfeiçoada; e sendo CUIDADOSAMENTE TEMPERADAS, E SUBJEITAS A PROVAS SEVERAS, garantimos que não ha outras eguaes.

Todos os que as tem empregado dizem que são a

PICARETA MODELO.

A Picareta Verona para Malhar.

AÇO MASSIÇO. OLHO SOLIDO.

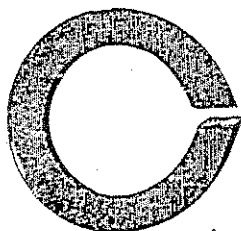


Picareta para cavar Barro.

OLHO SOLIDO. AÇO FUNDIDO MASSIÇO.



GARANTIDAS PERFEITAS EM TEMPERA E QUALIDADE.



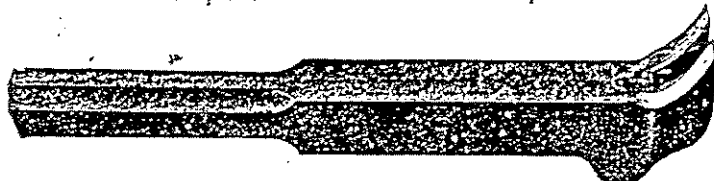
Rodella Verona, privilegiada, para Porcas.



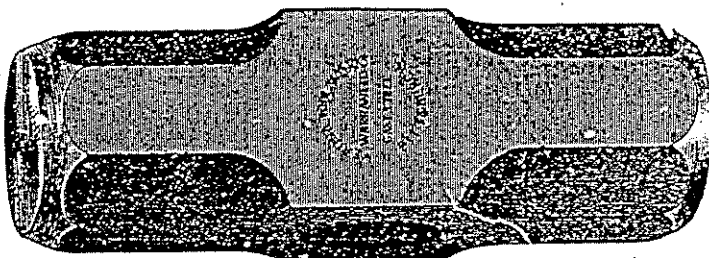
Estas rodellas são usadas na construcção de quasi todas as principaes Estradas de ferro nos Estados Unidos. Mais de sete milhões dellas tem sido empregadas, e nunca nos constou queixa alguma a seu respeito. Fazemos tambem uma especialidade da fabricação de Malhos para cravos, Pés de cabra, Chapas de forrar, Malhos para o lastro, Escopros para cortar os trilhos, etc. Todas estas ferramentas não tem eguaes. Faz já annos que temos prestado attenção particular a fabricação desta casta de artigos. Na sua fabricação não empregamos aço de Bessemer, e nenhum outro que não seja o melhor aço fundido, feito de proposito para nossa fabrica, e por isso garantimos que todas nossas ferramentas são das melhores que ha.

PÉ DE CABRA.

AÇO FORJADO MASSIÇO.



MALHO COM DUAS FACES AÇO FUNDIDO MASSIÇO



O NOSSO MODELO MELHORADO. O MELHOR QUE JAMAIS FOI FEITO.

Nossas Fabricas foram construidas com referencia especial á fabricação de FERRAMENTAS PARA LEITO DE ESTRADAS DE FERRO, FEITAS DO MAIS ESCOLHIDO AÇO FUNDIDO. Prestando á fabricação destas ferramentas a nossa attenção especial, e tendo já ganho muita experiencia, podemos fazer artigos superiores.

Presta-se muita attenção á TEMPERA e PROVA de cada peça, e á ESCOLHA DO AÇO, e achar-se-ha que cada ferramenta durará mais do se que quaesquer outras que poderem encontrar.

A pedido fornecer-se-hão listas de preços, e quaesquer informações.

IV) Conclusão

– Que não seria deste mundo – pensei eu, descendo, das eminências da contemplação às planícies do positivismo, – se nestas margens se sentassem cidades; se a agricultura liberalizasse nestas planícies os seus tesouros; se as fábricas enchessem os ares com seu fumo, e neles repercutisse o ruído das suas máquinas? Desta beleza, ora a modo de estática, ora violenta, que fontes de rendas não haviam de rebentar? Mobilizados os capitais e o crédito; animados os mercados agrícolas, industriais, artísticos, veríamos aqui a cada passo uma Manchester ou uma New York. A praça, o armazém, o entreposto ocupariam a margem, hoje nua e solitária, o cômodo sem vida e sem promessa; o arado percorreria a região que de presente pertence à floresta escura. O estado natural, espancado pelas correntes da imigração espontânea que lhe viessem disputar os domínios improdutivos para os converter em magníficos empórios, ter-se-ia ido refugiar nos sertões remotos donde em breve seria novamente desalojado. Uma face nova teria vindo suceder ao brilhante e majestoso painel da virgem natureza. Não se mostrariam mais aqui as tendas negras da fome e da nudez. O trabalho, o capital, a economia, a fartura, a riqueza, agentes indispensáveis da civilização e grandeza dos povos, teriam lugar eminente nesta imensidade onde vemos unicamente águas, ilhas, planícies, seringais sem-fim.

Franklin Távora, Rio de Janeiro, 1876, prefácio de O Cabeleira

O desejo expresso de desbravar a terra por meio de braços fortes de brasileiros ou de imigrantes faz parte do ambiente cultural da época; é preciso transformar o cenário, exuberante e sem controle, em organizada e eficiente lavoura, em ricas indústrias. O Brasil que o próprio Brasil não conhecia necessitava de progresso e para isso havia quase um consenso.

As terras virgens do Pará, descritas meticulosamente pela pena de Távora, deveriam aparentar, segundo o escritor, dentro de pouco tempo, Manchester ou Nova Iorque; Nova Iorque era um dos imaginários possíveis para o progresso material, era sinônimo da organização urbana que concentra capitais, da força do operário, das indústrias, do campo mecanizado... Franklin Távora e José Carlos Rodrigues falam de terras distantes e

próximas, falam como estrangeiros que conhecem muito bem o solo e como brasileiros que acreditam em sua *transformação*... Aquele, do Rio de Janeiro, se debruça sobre as terras paraenses; este, dos Estados Unidos, aponta qual o modelo que o país deve seguir.

Para o redator de *O Novo Mundo*, no entanto, a transformação deveria ser inspirada pelo exemplo norte-americano; não era qualquer progresso, mas o progresso material dos EUA. Para dar ainda mais credibilidade a sua fala, descreve à exaustão os prédios imensos de Nova Iorque, os símbolos do desenvolvimento urbano, os bancos que estabeleciam a lembrança de um capital presente, os edifícios dos grandes jornais que disputavam espaço entre si.

Como um dos países mais industrializados no mundo, na década de 1870, os Estados Unidos impunham credibilidade como exemplo a ser seguido. Rodrigues é muito jovem quando vai para a América do Norte; anos depois vai para Londres, e quando retorna ao Brasil e torna-se dono do *Jornal do Commercio*, já é considerado um marco na imprensa nacional. A escolha das terras norte-americanas não foi, é certo, aleatória. Lá ele usufruía da tecnologia (as folhas ilustradas, as novas técnicas de impressão), da liberdade de imprensa e do ambiente absolutamente competitivo e promissor daquele país. Respirava-se jornal.

A Europa, neste recorte, não era sinônimo do novo, não era o cenário natural que necessitava da força “civilizatória” para ser vista, para mostrar a sua identidade. A Europa era o passado, o histórico, e a América era o novo, o futuro. A identificação com as terras brasileiras passa então a ser praticamente imediata.

Como fazer uma folha brasileira e dialogar com essa cultura, com esse contexto norte-americano? Como estabelecer um projeto de desenvolvimento para o Brasil usando os exemplos dos Estados Unidos sem contudo descaracterizar o nacional? (Aliás, o que era o nacional? Ou, recolocando a questão, o que era tido como nacional?) Essas foram as preocupações de Rodrigues ao longo de quase dez anos de publicação do *Novo Mundo*.

O progresso material deveria ser, dentro do espírito protestante dos Estados Unidos, uma espécie de desdobramento de um desenvolvimento espiritual e isso não passava apenas pela religiosidade. Os espíritos capazes eram aqueles que tinham mais conhecimento – conhecimentos práticos que auxiliassem a transformação da realidade. Qual a melhor maneira de se ilustrar espíritos, tornar os homens capazes de tamanha empresa? A literatura

é uma das saídas. A literatura útil e prática é capaz de democratizar informações importantes, promover um desenvolvimento significativo nos corações e mentes dos cidadãos. Mas não se pode ler qualquer coisa.

É verdade porém que esse pragmatismo, esse didatismo, pode ser tido como uma característica não só da imprensa, mas da própria literatura do período, e não apenas dos Estados Unidos – no Brasil esse traço era absolutamente visível nas mais diversas folhas.

Tudo é motivo para ensinar algo prático e útil: uma reprodução de um quadro famoso pode ser um ótimo pretexto para dar conselhos morais; se é uma figura de um trabalhador, fala-se do suor no rosto do chefe de família que quer sustentar o lar; se é cena de crianças norte-americanas, fala-se da infância como o preparo do futuro promissor de adultos conscientes e maduros... As *aulas* podem ocorrer na forma de histórias, comentários aparentemente descompromissados, a partir de uma resenha de um livro novo etc. Ou por meio de discursos ministrados em salões ou em praças sobre temas diversos.

A imprensa atinge um maior número de pessoas e não necessariamente alfabetizadas – mais que a literatura, pelo fato de seu suporte de difusão ser mais eficiente que o dos livros, além de oferecer preço menor. Jornais e revistas eram lidos e relidos em pequenos grupos no fim de tarde como uma espécie de encontro social; novelas eram acompanhadas dessa maneira, notícias sobre as guerras eram intercaladas com comentários, informações políticas motivavam falas mais inflamadas.

É esse o ambiente folhetinesco apontado ao longo do trabalho; as narrativas fatiadas eram folhetins, o suplemento literário – com fragmentos de romances famosos – era um folhetim, os comentários do redator (seja a partir de uma gravura, seja a partir de uma notícia sobre uma descoberta) podem ser vistos também como folhetim. E as crônicas? Não é ela filha do folhetim? O folhetim não é mais um espaço de rodapé, ele migra para dentro da folha e contamina quase todo o espaço. O agradável, o tom leve do texto deve entreter além de ensinar. Em vários momentos, o *estilo* do redator-folhetinista parece mais suave e ameno que o do romance fatiado...

O convívio com *O Novo Mundo* nesses quase sete anos está longe de ser o suficiente para esgotá-lo; ao longo desse tempo a aproximação com o material, além do contato com

outros jornais e revistas das décadas de 60, 70 e 80, possibilitou uma reflexão mais cuidadosa do periodismo da segunda metade do século dezenove.

De maneira geral, os jornais e revistas de mais de 100 anos atrás não são lidos. Lê-se *O Diário do Rio de Janeiro* para pinçar uma crônica de Machado de Assis; vasculha-se o *Eco Social* para procurar a Noite na Taverna em fatias... As folhas literárias, ao contrário, encontram destino diferente, principalmente aquelas que contêm nomes consagrados. Quase sempre nenhuma atenção se dá ao jornal, a esse meio de difusão de idéias de aspecto aparentemente caótico.

No entanto, discute-se muito a simbiose do escritor com o jornal – é esse o início de sua profissionalização – e os efeitos diretos para a literatura. O escritor escreve direta ou indiretamente para o jornal: o redator do jornal é um folhetinista – ou quase cronista –, é um narrador de ficção em alguns momentos; o jornalista do século dezenove nada tem a ver com a figura de um repórter em busca de notícias, o fato imediato que deve ser sobretudo preciso... O jornalista é o escritor.

O escritor tem que considerar ainda que o meio é efêmero, que as palavras *duram* muito pouco... Entretanto, o aspecto volátil dos jornais é relativizado pelas *coleções* (alguns jornais poderiam ser reunidos em volumes depois de um ano), pela presença dos folhetins que podiam ser guardados, e pelo preço. Uma folha passava de mãos em mãos e sua atualidade era muito relativa; quanto tempo demora uma notícia para morrer? Hoje, com as desesperadas gráficas e com o jornal on-line, uma notícia pode envelhecer antes mesmo de chegar às bancas; um dia é um prazo muito grande para ela. Mas no século dezenove, sem TV e sem rádio, uma notícia poderia durar semanas! As revistas são o meio do caminho do jornal até o livro; as ilustradas, em especial. As capas finamente decoradas eram para ser adquiridas e toda a coleção é guardada como uma espécie de enciclopédia que pode ser lida e relida, consultada infinita vezes.

Por outro lado, pode-se pensar, os periódicos prejudicavam a venda de livros. Não é verdade. O romance fatiado nos jornais não impede que o leitor compre o livro, compre uma reprodução de um quadro famoso, mesmo já tendo uma cópia em mãos nas páginas das revistas. A simbiose é de fato uma constante: os jornais ajudam os livros e esses, por seu turno, são veiculados nos jornais ou pelo menos fazem referência a eles constantemente.

No primeiro capítulo, partimos das características de *O Novo Mundo* em Nova Iorque e fomos às linhas que nortearam o projeto que nos pareceu muito mais de Rodrigues, um entusiasta do progresso americano, e menos de Sousândrade, que era um dos diretores de redação. A voz do poeta maranhense era mais adjacente; talvez seja ela a das notas, não assinadas, que alfinetavam poetas abastados que conseguiam seus cobres não pela venda de seus livros, mas por algum negócio escuso. Esses beliscões eram feitos sutilmente em algumas figuras públicas dos Estados Unidos, e até mesmo Grant não deixou de levar o dele.

Nos últimos anos, no entanto, para não deixar dúvidas, o jornal era apresentado como: *O Novo Mundo*, redigido por José Carlos Rodrigues. Falamos, pois, sobretudo do projeto de Rodrigues e com a participação de Sousândrade. Ainda neste capítulo, a imprensa norte-americana foi focalizada, o que gerou elementos para a discussão das relações entre imprensa e ilustração no século dezenove.

Da obsessão pelos Estados Unidos e todos os fortes argumentos que podem sustentar tal modelo, partimos, no segundo capítulo, para uma visualização de determinadas seções de *O Novo Mundo*: os editoriais, as biografias e a publicidade. A partir de então, com o perfil da publicação em mãos, criaram-se as condições para as hipóteses: o jornal não era publicado apenas para mulheres e nele pode-se acompanhar uma série de elementos de um ambiente cultural típico das últimas décadas do século dezenove. Qual seja: o gosto pelas descobertas científicas, os textos instrutivos, mais ou menos narrativos, mais ou menos folhetinescos, o material que era feito a partir das gravuras, as resenhas críticas, as notas e as crônicas, são todos esses fragmentos de um mosaico que começa a ser construído pela imprensa da época.

E, por fim, no terceiro e último capítulo, procurou-se registrar o quanto de diálogo havia entre as folhas. Em um primeiro momento, os comentários feitos sobre *O Novo Mundo* eram publicados por Rodrigues com elogios e agradecimentos. Havia ainda jornais norte-americanos citados pelo redator especialmente por causa de sua seriedade no tratamento da notícia; outros, pelo prédio sólido e requintado onde os prelos se alojavam, e ainda aqueles que cediam os clichês de belas gravuras para Rodrigues. O trânsito de

imagens, folhetins e eventualmente artigos contribui ainda mais para o aspecto de colagem que se verifica em *O Novo Mundo*. Para que pudéssemos ter uma idéia mais precisa do jornal de Rodrigues, selecionamos outras folhas ilustradas da época: duas portuguesas, *Antônio Maria* e *O Panorama*, a brasileira *A Ilustração Americana*, além de referências a outras tantas – ilustradas ou não. Fizemos, ainda, um recorte da *Revista Industrial*, também editada por José Carlos Rodrigues de 1877 a 1878; a publicação desta folha trouxe consequências diretas para *O Novo Mundo*, uma vez que o jornal sofre uma especialização de seu conteúdo com o crescimento do número de folhetins a partir de 77.

Abstract

This dissertation talks about some particularities of the *Novo Mundo* newspaper, edited by José Carlos Rodrigues, who saw the United States, and not France, as model of progress and illustration to be followed – starting with the abolition of the slavery and the implantation of the wage-earning work. This newspaper, that was edited in New York, seems to be exemplary of the moment of impasse in the cultural environment of Brazil in the decade of seventy of the XIX century.

French positivism read on an American way, the periodical supported insistently, through signed articles or not – some with pseudonyms, the majority without signature –, a scientific literature, the useful workmanship that can assist the nation's progress. The conception of what it was had as literary, as well as the function of literature (the function that it doesn't assume, the one that it wants to assume), are some questions that appears in *Novo Mundo* and requires a careful attention. How to conciliate a more practical and useful literature with the literary tradition? How to preserve the national identity against the intromission of international models of progress, evolution and sciences? These and other subjects are under discussion in this dissertation.

The presence of the poet Joaquim de Sousa Andrade, the Sousândrade, in the team of editors still brings more interest to the newspaper; so, in the periodical worked Rodrigues, an enthusiastic of the progress, in one way, and, in another way, the critic and bold author of *O Inferno de Wall Street*.

In the periodical, a series of elements of a typical cultural environment of the last decades of century nineteen can be followed. Which is: the enthusiasm for the scientific discoveries, the instructive texts, more or less narrative, more or less like the feuilletons, the material that was done from the engravings, the critic reviews, notes and chronicles. They are fragments, in its great part hybrid, that, glue or overlapped, contribute for the reflection about bonds between the press and literature.

V) Anexos

1) Minas de carvão

“O carvão de pedra que geralmente se usa nos Estados Unidos não é da mesma qualidade do que temos no Brasil e importamos da Europa, e de que o velho mundo usa ordinariamente. O carvão da Inglaterra e da Europa é em geral betuminoso, tem uma cor preta sombria, suja as mãos de quem o tocar, arde brilhantemente e muito depressa, e é comparativamente menos duro. O carvão da Pensilvânia (a que chamam antracito, de uma palavra grega que significa carvão), ao contrário, tem uma cor preta viva e rutilante, é muito tenaz, arde devagar e só se acende com dificuldade; não produz uma brasa muito brilhante, conserva muito o calor, tomado entre as mãos, não lhe deixa vestígio algum da cor. Iodo o carvão de pedra, antracito ou não, é a representação das formas ou graus das variações da mudança dos vegetais em materiais minerais. O carvão que tem mais betume, ou o carvão de que se usa nos Estados Unidos, tem concentrados em grau mais alto os elementos dessa mudança, - tem muito mais carbono que enxofre.

O carvão da Pensilvânia tem, com efeito, de 85 a 92 partes de carbono, o resto, de 8 a 15 partes, sendo água etc.

Qual das duas qualidades de carvão é a melhor? Se o carvão é para arder e fazer calor, a que faz mais calor, está visto, é a melhor, e portanto o carvão dos estados Unidos é o mais precioso.

Outro dia tivemos um exemplo prático da superioridade do nosso antracito.

O inventor de uma pequena, ‘linda e econômica máquina motora, trabalhada pelo calórico (não pelo vapor), queria anunciá-la no “Novo Mundo”, e antes de fazê-lo, indagou que qualidade de carvão era a que se usava geralmente na América do Sul. “De Newcastle, de Canal, de Cardiff”, lhe respondemos. E ele não quis mais anunciar sua invenção, porque, disse, a sua máquina só pode ser movida pelo antracito, - porque o antracito produz muito mais calor que o carvão betuminoso.

O tráfego que a Pensilvânia faz em carvão é prodigioso: no ano passado extraíram-se coisa de pouco mais de trinta milhões de toneladas, que ao preço médio de seis dólares produziram cento e oitenta milhões, ou trezentos e sessenta mil contos. Vendo essa quantidade de carvão, a gente naturalmente supõe que em breve a Pensilvânia converter-se-á em uma crosta de terra, com um grande buraco subterrâneo; mas isto é um engano. Não há muito tempo o senador Cameron declarou no Congresso que aquele seu Estado, só, tinha carvão para suprir cem milhões de habitantes e pelo espaço de seiscentos anos, o que quer que, sendo a população dos estados unidos a mesma que é hoje, há carvão para mil e quinhentos anos, por tanto tempo quanto se escoou de nascimento de Jesus Cristo ao descobrimento do Brasil!

Este país, o Brasil, que é tão rico, não podia deixar de ter carvão de pedra. Tem-o, e muito bom, e no futuro, não duvidamos que lá se ache até o antracito. Não há muito tempo descobriu-se que, na parte mais meridional do Império, a poucas léguas da fronteira com o Uruguai, há uma imensa região de carvão de pedra excelente que só esperava capitais para desentranhar suas imensas riquezas. A principal seção dessa região é a do vale do Jaguarão e do Candiota. Ela compreende um vasto campo, cercado de outeiros de 200 a 300 pés de altura e que mede um quadrilongo de quarenta por cem léguas. Umas amostras desse carvão que tem sido analisadas mostraram que o de New Castle, cujo Brasil tanto importa, não lhe é muito superior em qualidade, e não há dúvida que se as minas fossem trabalhadas mais adiante, achar-se-ia que o carvão rio-grandense é muito melhor do que ele.

Essas minas do Candiota têm uma formação muito prestável à mineração. Elas começam nos outeiros, de maneira que os carros entram para elas no mesmo plano, e em vez de precisarem perfurações perpendiculares, só precisam cortes. Isto é o que se tem dito. Nesse ponto, porém, a prática na Pensilvânia mostra-nos que as minas desse estado, quando apenas descobertas, parecem também fáceis de exploração; só depois que esta é levada por diante, é que aparecem dificuldades, — é que não se encontram mais a veia do carvão acima do nível, e que se tem de aprofundar meia milha, e às vezes, mais, para achá-lo. Na Candiota o primeiro carvão que aparece é a trinta pés do solo: ali só se encontra o carvão em estado argiloso, — é antes uma ardósia, que não presta apara os misteres do carvão. A quarenta e cinco pés, já o carvão, (que ali se encontra no segundo leito), é melhor. A cinquenta e dois, na terceira cama, é muito regular, é quase igual ao de Newcastle. No

sexagésimo quinto pé de profundidade, o Candiota é em tudo igual ao Cardiff. Do pouco que se o tem explorado, tem usado, com grande proveito, várias linhas de paquetes a vapor da costa sul do Brasil.

É de se esperar que em pouco tempo a indústria esteja cavando esta nova diamantina, com o melhor êxito. O carvão do Rio Grande do Sul pode banir todos os outros dos mercados da América do Sul. Está provado que o custo da mineração de uma tonelada, com as despesas da transportaçã de Jaguarão a bordo do vaso, no porto do Rio Grande, é de sete mil réis. Entretanto, o carvão que se importa da Inglaterra vende-se por vinte e dois mil réis, mais ou menos, e em Montevidéu e Buenos Aires, muito mais caro.

Mas considera-se agora que só o Rio de Jane o consome perto de [ilegível] toneladas e ver-se-á que o futuro brilhante está aberto ao tráfego interno do Império assim que forem trabalhadas eficazmente as suas minas do sul. Mas, voltemos à Pensilvânia e vejamos como se extrai dali o seu antracito. Vamos a uma das principais minas, – vamos a uma que tem um nome, que o leitor achará poético demais para carvão de pedra, as minas do Rio de Mel Honey Brook Mines.

Temos que primeiramente que descer por um plano inclinado de 1500 pés, o declive sendo de 35 graus, – para chegarmos à bacia. Que trevas espessas! Só pouco a pouco é que percebemos o tremular de umas luzes que cada mineiro despende de uma lâmpada presa ao chapéu. Mas nesta noite tenebrosa, que atividade, que barulho em redor de nós! Uns descem com os carretões, cheios, outros sobem com eles carrafados, e puxados por mulas, enormes e gordas, – muito mais gordas do que cuidávamos que podiam ficar mulas, cujas estrebarias são nas trevas, no próprio coração das minas; – ali estão outros mineiros indo e vindo em todos os sentidos; aqui estão estes com as suas fortes picaretas a desafiar a rigidez da rocha. Ali, mais em cima, estão uns gritando com outro, que acendeu um fósforo em mau lugar; em toda a parte do ferir das picaretas, do cair das pedras no chão; do atirar delas nos carros; do grito dos homens para os animais, em toda a parte a confusão e o alarido. Mas dentro em pouco a confusão é a ordem, e o alarido é a alegria do coração do mineiro, que assim parece aliviar-se da sua árdua tarefa.

O carvão é rebentado por meio de pólvora seca. Para isto vemos na mina uma espécie de “rebentador en chefe”, com um caixão grande cheio de inúmeros utensílios que nos dizem necessários para uma explosão em regra.

Mas...basta de trevas: pulemos outra vez num dos carretões e vamos ver a doce luz do dia. Justamente à entrada (no nosso caso agora, à saída), do fuste ou perfuração, que trouxe-nos das galerias, vemos o carvão levado por um plano inclinado acima e por meio de máquinas fixas, ao tope de um imenso edifício que parece antes uma massa informe de pedra e cal (e estes são dos poucos edifícios que neste país são de pedra e cal). Ali é que o carvão é entregue pelo mineiro. Então começa o processo de separar o carvão por sete tamanhos diversos, desde a pedra de um e dois pés cúbicos, até a pedrinha do tamanho de um caroço de milho. Há vários andares, e o carvão é peneirado de um a outro, conforme o tamanho. Um andar às vezes serve para três e quatro tamanhos, pois o carvão vem do superior para um grande cilindro com perfurações mais ou menos largas pelo correr de sua extensão. A gravura nº 3 representa a primeira separação, por meio de uma grade.

É durante este processo que, num andar dos inferiores, dezenas de meninos separam do carvão as ardósias, que são as mesmas pedras de que usam nas suas escolas, úteis para esses e outros misteres, mas que no carvão se considera um hóspede não convidado pelo comprador.

Dividido, o carvão é logo posto nos carros que, em longos trens de cem e duzentos deles o levam aos canais, onde os esperam botes e pranchas, que mulas puxam até à porta do retalhado, que o está vendendo agora, a quatorze mil réis a tonelada, – este sendo o preço do carvão do tamanho de que nos servimos nos nossos “stoves” ou fogões, para nos proteger do frio, que já faz.”

(*O Novo Mundo*, outubro de 1870)

2) Mr. Cyrus W. Field

“Todas as grandes empresas precisam de um espírito robusto que as anime com a sua fé nos resultados ulteriores. Quanto mais difíceis de atingir são esses resultados, mais sujeita a desfalecer é a energia com que elas se encetam, e então é preciso que haja uma vontade forte que não só conserve os resultados já ganhos, mas dê um maior impulso para a aquisição do fim último das empresas. Ter esta fé e pode-la imprimir nesses grandes

trabalhos que a indústria procura realizar, e no meio dos embaraços de todo o gênero, perante os quais recuam os esforços ordinários do homem, é o característico dos grandes inventores, desses poucos a quem devemos as maiores conquistas da civilização. Mr. Cyrus W. Field, de quem damos nesta página um retrato, é um desses espíritos hercúleos, e a empresa que ele levou avante foi a grande empresa de telegrafia submarina entre o velho e o novo mundo. Como quase tudo que gozamos na hora atual, nós mal apreciamos agora o custou esta empresa que hoje nos está dando notícias da Europa a toda hora do dia e da noite com que sabemos as do vizinho da rua imediata. Um retrospecto rápido nesta obra grandiosa nos dará uma idéia das dificuldades com que se alcançou esta vitória, e com ela também a do que a civilização e o progresso devem ao ilustre Americano, a quem nos referimos. Em 1853 alguns amigos de Mr. Cyrus Field reuniram-se em sua casa e em redor de uma mesa, cheia de cartas e mapas, discutiram por noites sucessivas a possibilidade da construção de um cabo telegráfico da Europa à Terra Nova e de uma linha dali a esta cidade. Que projeto formidável não era este, os nossos leitores conceberão facilmente: basta dizer que a parte mais fácil do plano, – a linha daqui à Terra Nova –, devia ter uma extensão de quatrocentas léguas, através de florestas virgens e de outras mil dificuldades. Mas estas dificuldades não eram obstáculos para Mr. Field e seus amigos. Eles, – e só eles, – puseram em campo todos os seus esforços e quanto dinheiro de que precisava a empresa, e em dois anos e meio estava completada esta linha, esta parte acessória do principal projeto. Enquanto se construía esta linha, os grandes sábios americanos – Morse, Henry, Maury e outros, – não cessaram de animar a empresa, e o vaso do governo dos estados Unidos, *Dolphin*, procedia às explorações e descobria no oceano a chamada “chapada telegráfica”, e outro vaso, do mesmo governo, o *Arctic*, sondava a proposta linha entre a Terra Nova e a Irlanda. A parte conspícua que os ingleses têm tomado na matéria dos cabos transatlânticos desde 1857 não nos deve fazer esquecer que a honra de ter originado esta empresa pertence exclusivamente a Mr. Field e à América. Só foi em 1856 que a Inglaterra deu o primeiro passo para realizar a sonhada união telegráfica dos dois mundos: só foi então que ela despachou o primeiro vaso encarregado de sondar o oceano para este fim, e este vaso foi a *Cyclops*, nome vivo na memória de todos.

No fim deste ano de 1855, Mr. Field foi para Londres onde com dois cavaleiros ingleses, (um deles Mr. hoje Sir Charles Bright sendo o mesmo que está agora submergindo

o cabo da linha do Brasil), organizou uma companhia para construir o cabo transatlântico. De então em diante, à Inglaterra é que pertence principalmente a honra de ter levado esta empresa por diante. As três expedições de 1856, 57 e 58 foram empreendidas conjuntamente por ingleses e americanos; navios e oficiais de ambas as nações que foram empregados rivalizaram uns com outros no grande empenho de conseguirem o mesmo fim. Esta primeira companhia era quase toda inglesa, só Mr Field é que tomou para si uma Quarta parte do capital subscrito; todo o resto estava em mãos de capitalistas ingleses. As duas primeiras expedições abortaram. Na terceira ganhou-se um sucesso; mas não durou muito. Por quatro semanas o cabo trabalhou, não muito bem, e logo cessou. Foi então que vieram os dias mais sombrios da empresa. Não há nada mais difícil do que aviventar um projeto que falhou: é mais fácil encetar um novo, do que trazer à vida um que não se pode realizar. Em ambos os casos nas mesmas dificuldades práticas, mas no segundo falta aquela confiança e aquele espírito de novidade que, só, conquista a metade daquelas dificuldades. Além disso, os Estados Unidos começavam então a grande guerra civil que devia durar anos e se devia dispensar com todo o socorro que eles prestariam à empresa, fora os que já tinham-lhe dispensado. Dois grandes capitalistas ingleses uniram-se a Mr. Field e a outros, da primeira companhia, e formaram uma nova e grande corporação, “The Telegraph Construction and Maintenance Company”, com um capital de seis mil contos de réis. O resultado dos trabalhos enérgicos desta companhia foi o mau sucesso do cabo de 1865, de que os leitores hão de recordar. Para outros, o projeto seria então dado de mão como irrealizável: muito dinheiro já se tinha gasto e as tentativas feitas pareciam provar que ele tinha sido gasto debalde. Mr. Field, porém não esmoreceu: derrotado, sim, mas ainda cheio de confiança na ulterior realização da sua idéia, ele volta a Londres mais uma vez e dá os primeiros passos para a construção de um segundo cabo, e para a armação de uma nova expedição. Desta vez as dificuldades o acompanharam na própria reorganização da companhia, dificuldades da lei civil inglesa e que o levaram a formar uma nova companhia sob o título “Anglo-American Telegraph Company”. Ele e nove de seus amigos subscreveram logo \$10.000, esses amigos sendo quase os mesmos que faziam parte da anterior companhia, que perdera com a última tentativa. Depois de subscritas essas \$100.000, abriram-se ao público os livros de subscrição, e em catorze dias todo o capital, – \$600.000 – estava tomado. Isto era no primeiro de março de 1866. Cinco meses, – só cinco

meses – depois disto, outro cabo estava fabricado, embarcado a bordo do Great Eastern e distendido ao través do Atlântico e, com a rapidez do raio, dando fielmente as mensagens que se transmitiam de continente a continente.

Para coroar estes trabalhos incessantes e árduos dos catorze anos passados, havia ainda uma tarefa urgente que Mr. Field e seus amigos deviam desempenhar. Era apanhar de novo o fio perdido, – uma tarefa cuja dificuldade é aparente – o fio estando a duas milhas da superfície do mar, e o cabo com o arpão que o deveria agarrar gastando duas horas para chegar ao fundo do mar.

Este cabo que devia apanhar o outro, telegráfico, era de linho, piassava e aço, e estava provado que podia suspender trinta toneladas. A expedição lutou com embarços mil: não era só o trabalho em si que era difícilimo, muito vagaroso e de muita paciência: eram também calmarias, tempestades, nevoeiros que aumentaram-lhe os embarços. Num dia foi o cabo afinal apanhado e trazido acima: a tripulação inteira de um dos navios contemplara por cinco minutos este monstro todo cheio de conchas do fundo do oceano e começaram a dar tantos vivas que ele, como que assustado disso, partiu-se de novo e atufou-se na imensidão das águas. Este acidente fez a expedição ter um trabalho de mais duas semanas. No último de agosto de 1866, o cabo foi outra vez agarrado deveras pelo pesado arpão que o segurara. É impossível pintar a ansiedade, o estado de suspenso em que toda a expedição ficou pelo espaço de vinte e seis horas que durou a ascensão do cabo do fundo do oceano. Quando ele apareceu era meia noite: ninguém a bordo pareceu respirar até que o cabo foi atravessado na tolda do navio. Então todos se aproximaram e custaram a crer que se tinha salvado o cabo transatlântico. Mr. Field, que estava a bordo, fê-lo ser examinado logo pelo químico e chefe da expedição, para ver se esse tesouro há tanto procurado estava morto ou vivo. Em poucos minutos umas faíscas elétricas asseguravam a todos que ele estava vivo e por ele circulava ainda a corrente elétrica. Foi então que todos prorromperam na sua alegria, uns davam vivas sobre vivas ao passo que a emoção de outros se traduzia em lágrimas. Girândolas e luzes multiplicadas no navio chefe deram sinal aos outros que a tarefa estava concluída; e este cabo transatlântico dois dias depois estava trabalhando regularmente de bordo do navio para a terra e ainda hoje é um dos três cabos que põem em comunicação constante os dois hemisférios. Quiséramos ajuntar a esta narrativa alguns dados sobre a vida de Mr. Field; mas eles nos faltam, e nem viriam realçar

o seu caráter, como representante de sua idade. O que ele fez em favor da gigantesca empresa da telegrafia submarina é em si mesmo tão maravilhoso que todas as mais fases da sua vida se ocultam atrás desta, cujo fulgor há de iluminar o seu nome com uma glória que não será jamais esquecida”.

(*O Novo Mundo*, janeiro de 1871)

3)Textos de Sousândrade

A emancipação e o imperador: texto escrito para o redator do jornal seguido da resposta

“A emancipação e o Imperador

Sr. Redator do Novo Mundo:

Leio no Herald de 3 de novembro, falando-se da abolição no Brasil: “to the emperor, beyond all doubt, more than to any other man – more than to any dozen men – is due the credit of the measures which had for their object and aim the extirpation of human slavery in Brazil.”

Estas palavras do correspondente da gazeta de New York contêm em si a ignorância das coisas do país acerca do qual escreve, e é mais um riso irônico lançado ao povo brasileiro e uma baforada de incenso ao trono imperial. É negar a toda uma grande nação idéias que de há muito nutre pelo seu desenvolvimento e progresso, fazendo dessas idéias que são de todo, ou da maior parte, o apanágio de um só indivíduo e que somente existe rei pela vontade da mesma nação; e de tal modo escreve-se para a primeira república americana, é de certo atender pouco ao bom senso e à verdade.

Dom Pedro merece aplausos não por ter alevantado a voz um favor da emancipação, mas por ter ouvido a voz da nação, que bradava forte.

Ainda o Imperador era o legítimo usufrutuário dos escravos da coroa, e os usufruía; ainda da Europa não lhe tinham sido escritas cartas pedindo a emancipação, e já os brasileiros pensavam nela e nos melhores meios de pô-la em prática, sem perturbações ao Estado. Antes mesmo da guerra norte-americana e da guerra do Paraguai, era a necessidade pressentida, e possuidores libertavam escravos. Como bem diz o correspondente do Herald, vem de José Bonifácio a idéia – e assim deverá ser, do primeiro de nossos estadistas.

Não se iluda o estrangeiro; a abolição da escravatura no Brasil não é uma pressão despolítica do rei contra os súditos; ao contrário, é vontade nacional sancionada pelo governo do Imperador, e que podia ameaçar de queda a monarquia. E basta de mais injustiças contra uma generosa nação que, não sei porque, há de sempre merecer a zombaria vulgar, quando todos os homens da ciência a amam. Temos o mais rico território do mundo; amamos a paz, e sabemos combater até à morte; tratamos o quanto podemos de sanar os males, que não foram criados por nós, que já achamos, e que não desejamos que passem à porvindora geração. Há outras abolições ainda a fazer, e as iremos fazendo por nós mesmos.

Só queremos que nos façam justiça. Pois, ao reinado de Pedro II caberá a glória da emancipação dos escravos no Brasil, como indiferentemente a mesma glória caberia ao reinado de Pedro XX ou XL.

Cabe também a glória ao ministério do Sr. Paranhos, que, representando um governo conservador, soube levar adiante medida iniciada por outro governo liberal. É questão social e que podia ser tratada por qualquer partido político – embora a lógica pareça mostrar que os partidos devem-se mutuamente ceder o campo das idéias alheias, sempre que a opinião pública se manifeste deste ou daquele lado. E é porque vejo que, se todos trabalhassem nas duas câmaras em bom acordo e sem espírito adverso, mais longe teríamos andado... Porém abençoemos as rosas que a 27 de setembro de 1871 caíram sobre o Senado brasileiro! Que os jardins não murchem, e que as rosas tenham ainda tais dias para se desfolharem!

J. de Souza Andrade

Manhattanville, nov. 9, 1871.”

(*O Novo Mundo*, novembro de 1871)

Há uma nota do redator, uma espécie de resposta ao texto de Sousândrade:

“Ao passo que apreciamos altamente o motivo que ditou essas palavras ao nosso correspondente, precisamos fazer-lhes um reparo. O escritor não se deve queixar de haver o correspondente do Herald atribuído a Sua Majestade Imperial essa tamanha parte, que ela em verdade não teve, no movimento da emancipação. Quando no Rio de Janeiro, na imprensa, nas Câmaras legislativas e nas ante-salas, o ar está tão carregado de boatos sobre aquele fantasma do “Poder Pessoal”, e quando até um deputado de Minas Gerais, em plena sessão da sua câmara e com uma grosseria que realmente admiramos, encoimou de “lacaio” do Imperador ao chefe da atual administração; quando nós mesmos somos os que apregoamos que o Imperador *impôs-nos* (grifo do jornal) a emancipação, ninguém se deve admirar que Mr. Brown, chegando ao Rio de Janeiro, e antes que saiba ao menos nossa língua ou coisa alguma do Brasil, escreva ao Herald que tudo o que há de bom no país deve-se ao Imperador, que ele está a mil léguas adiante do seu povo, e outras implicações deste jaez. O nosso correspondente, se não nos enganamos, deve entender-se primeiramente com os nossos colegas do Brasil.”

(op. cit.)

4) Temas em Sousândrade, textos em *O Novo Mundo*

Sousândrade cita¹:

- Igreja da Trindade
- A autora de “A Cabana do Pai Tomás”, irmã do reverendo
- o negro americano
- o poeta Longfellow
- Jesus Cristo

¹ Williams op. cit., p. 186-187

- os maometanos
- os mórmons
- os maçons
- os jesuítas
- Bismarck

O Novo Mundo:

- A igreja Trindade (6:18)
- o Harriet Beecher Stowe (2:20, 5:100, 9:61)
- o negro nos Estados Unidos (7:175 e 9:50)
- Jesus Cristo (4:21, 170; 5:40, 106, 297; 6:5, 9:94, etc)
- mórmons (1:91, 2:6-7, 63; 3:98, 176, 195; 5:25; 7:175; 9:23)
- maçons (5:226)
- jesuítas (2:141, 174, 210; 4:26)
- Bismarck (2:148-52)

Sousândrade fala também sobre direitos da mulher e sexo:

O Novo Mundo:

- direitos da mulher (1:46, 63, inclui artigo sobre a candidatura de Miss Claflin, 2:118; 3:79; “A mulher, jurado e votante”, 167; “Mártir dos direitos mulheris”, etc); movimento de temperança (1:183; a quantidade de uísque consumido nos Estados Unidos – em 1871 era de 60 milhões de galões, 5:94)

Há notícias sobre o imperador D. Pedro, que preferiu viajar pelos Estados Unidos como um cidadão comum. O imperador comemora, junto com Grant, a inauguração da exposição.

O Novo Mundo:

- a visita de D. Pedro (6:118, 142, 169, 176, 180, 218, 267)
- visita ao escritório de *O Novo Mundo* (noticiário minucioso e ilustrado): vol. 6, 267.
- exposição: vol. 5, p. 160-2. “Quando a delegação brasileira atrasava-se nos seus preparativos, o editor comenta que estariam seguindo a velha tradição de *Não fazer hoje o que pode ser feito amanhã*”(6:95). O jornal publica retratos de Grant e D. Pedro (6:176); noticiou, ainda, os prêmios conquistados pelos brasileiros; era uma lista muito extensa, publicada em 3 edições. Grande parte dos premiados era do Maranhão, sobretudo no setor agrícola. (6:258-9; 7:4)

Sousândrade fala das manchetes do dia da inauguração da Exposição, incluindo o escândalo causado por William Worth Belknap, secretário de Grant, (NM 7:98) e Orville E. Babcock, ministro da guerra (NM 6:94).

O Novo Mundo:

- “Greanbock” dólares (NM 5:279; 8:218, 4:174)
- Fineiás T. Barnum (NM 5:21)
- Disraeli (NM 3:84; 4:108)
- Gladstone (NM 1:84-5; 8:219; 9:202)
- Tenny Son. (NM 7:15)
- Carlos Gomes (NM 1:134; 2:189, 190; 6:-187; 9:42)
- Napoleão III (NM 3:50, 57)
- Patricede Mac Mahon (NM 3:145-6,7:64)

Navio Confederalista Alabama

O Novo Mundo:

“O caso do Alabama foi o mais notável de todos e por isso é que as reclamações do governo dos Estados Unidos contra este procedimento todo da Inglaterra, de consentir na

saída destes inimigos de seus portos, se ficaram sempre chamando *As reclamações do Alabama...* O Alabama em menos de 2 anos capturou a mais de 70 navios dos estados Unidos.”

(*O Novo Mundo*, 1:119)

Figuras Literárias/Guerra

- A Guerra da Rússia/Turquia (NM 7:122 e 8:6)
- Alexandre Herculano (3:190-1)
- Odorico Mendes (4:10)
- José de Alencar (1:114; 2:46; 3:23, 26; 6:39)
- Vitor Hugo (2:132; 4:106; 6:7; 7: 191)
- Antero de Quental (1:44; 3:190)
- Camões (1:174)
- Goethe (3:208; 4:26)
- Moisés (4:37-8)
- Cervantes (1:116)
- Shakespeare (4:185)
- Milton (4:10)
- W. C. Bryant (3:101, 108; 6:103, 104)
- Washington (1:149)
- Ku Klux Klan (1:102)
- J. G. Bennet (2:165-6)
- Gonçalves Dias (2:95; 4:139-40)
- B. Franklin (6:242-3)
- Colombo (1:1-2)
- Afonso XII (5:132)
- Zola (7:114-5)
- Obra de Heine, citada no poema; versão portuguesa só em 1872. (2:106; 1:95)

Literatura

- “Literatura”, feita provavelmente por José Carlos Rodrigues. (*O Novo Mundo*, 23 de fevereiro de 1874, p. 83)

- “O Guesa Errante”, 3 partes. (*O Novo Mundo*, fevereiro de 1877, p. 39)

1) Nota – provavelmente escrita por Rodrigues.

2) Transcrição do artigo de Joaquim Serra (publicado originalmente em *A Reforma* – Rio de Janeiro, 1877 –, inclui carta do crítico Pereira da Silva sobre o Guesa.

3) Transcrição de uma nota de Antônio de Oliveira, *Jornal do Commercio* – Rio de Janeiro, 30 de junho de 1963, p. 7

5) Artigos de Sousândrade já publicados

A - Literatura

1 – “MEMORABILIA” – transcrição de “O Novo Mundo”

- Pereira da Silva, *O Novo Mundo*, fevereiro de 1877

- Sousândrade, NY, dezembro de 1877 (in Guesa, p. I a III. NY, 1877)

2 – “Notas Literárias” – *O Novo Mundo*, 23/10/1873, p.10

3 – (Comunicado) Anchieta ou o Evangelho nas Selvas – S.A. – *O Novo Mundo*, 23/2/1876, p.103.

4 – “Literatura” – S. A. – *O Novo Mundo*, agosto de 1877, p. 186.

5 – “Estrofas” – S. A. – *O Novo Mundo*, setembro de 1877, p. 211.

B – Política - Civismo

6 – (Correspondência) “A emancipação do Imperador” – J. de Souza Andrade, Manhattanville, nov. 9, 1871. *O Novo Mundo*, 24/11/1871, p. 31.

7 – “O Estado dos índios” – J. de Souza, NY, março 10. *O Novo Mundo*, 23/3/1872, p. 107.

No final do livro (Williams, Sousândrade: prosa), na seção de notas, há apenas uma referente ao *O Novo Mundo*. Transcrevo apenas a novidade: “foi um importante mensário fundado em Nova Iorque pelo brasileiro José Carlos Rodrigues (...). Escrito em português, era um periódico de excelente feição gráfica, muito bem imprenso e fartamente ilustrado”.

“A 10 de julho de 1875 *O Novo Mundo* deixou de ser propriedade exclusiva de JCR, para pertencer a uma sociedade anônima de responsabilidade limitada, intitulada The Novo Mundo Association. Além de manter o periódico, eram objetivos da sociedade lançar uma publicação ilustrada em inglês e editar livros escolares.”

6) Cronologia de Sousândrade

No capítulo três de seu estudo sobre Sousândrade – “Cronologia da vida e obra” – Williams anuncia as abreviações que vai passar a usar, inclusive a NM, indicando o jornal em questão. Fará, em seguida, uma espécie de cronologia do autor, sendo que muitos dados interessantes para analisar O Guesa Errante, por exemplo, estarão presentes em artigos, como aqueles publicados em *O Novo Mundo*.

“1858 Empreende uma longa viagem pelo Amazonas; ver canto IX de *O Guesa*, p.169, onde o poeta afirma, escrevendo em 1871, ter pela primeira vez contemplado o Amazonas. (Num artigo sobre os índios do Amazonas datado de 10/3/1872 e publicado no dia 23 de março do mesmo ano em *O Novo Mundo*, p. 107, Sousândrade afirma que estivera no Amazonas doze anos antes.)”.

Sabe-se que o poeta viajou pelo Amazonas entre 1858 a 1860 (ver observações no artigo “O estado dos índios”, *O Novo Mundo*, 23 de março de 1872, p.10)

“(…)1871 Maio, 6. Em companhia de sua filha Maria Bárbara embarca em Belém do Pará com destino a Nova Iorque, onde chegam dia 19; ver “Passengers Arrived”, New York. (*Daily Tribune*, 20-5-1871, p. 5)

O jornal *O Novo Mundo* noticia a chegada de Sousândrade e sua filha a Nova Iorque; ver 24 de junho, p. 142.

Escreve o canto IX de *O Guesa*; ver p. 163.

É publicado em *O Novo Mundo* por solicitação de Sousândrade, um registro com ilustração do Instituto do Sagrado Coração; ver 24 de novembro, p. 25.

Novembro, 9. Escreve uma carta datada de Mahattanville aos redatores de *O Novo Mundo* contestando um artigo favorável a D. Pedro II, publicado no *New York Herald* de 3 de novembro de 1871, p.4. Essa carta é publicada com o título de “A emancipação e o Imperador”; ver *O Novo Mundo*, 24 de novembro de 1871, p. 31.

1872 Março, 10. Envia uma carta aos redatores de *O Novo Mundo*, sobre os índios do Amazonas, e que foi publicada com o título de “O estado dos índios”; ver 23 de março de 1872, p. 107.

Data de Nova Iorque a introdução a Obras Poéticas, intitulada “Memorabilia”.

1873 - Escreve para *O Novo Mundo*, porém não assina, a coluna “Notas literárias”, sobre Joaquim Serra, publicada em 23 de outubro, p.10; em edição subsequente Sousândrade é identificado como autor da matéria (*O Novo Mundo*, 24 de fevereiro de 1874, p.83).

Data de Nova Iorque o poema “Augusta”.

Inicia a composição do canto X de O Guesa; ver p. 186.

1874 - Publica em Nova Iorque Obras poéticas, que merece registro em *O Novo Mundo*, 23 de fevereiro, p. 83, e *The Nation*, 12 de março p. 177.

1875 - Julho, 10. Eleito Vice-Presidente da Associação mantenedora de *O Novo Mundo*; 23 de julho, p. 238.

1876 - Publica, sob as iniciais S. A., uma crítica literária sobre Anchieta e o evangelho nas selvas, de Fagundes Varela; *O Novo Mundo*, 23 de fevereiro, p. 103.

Data de Nova Iorque a Introdução ao Guesa errante, intitulada “Memorabilia”; a edição consta dos cantos V VI e VII.

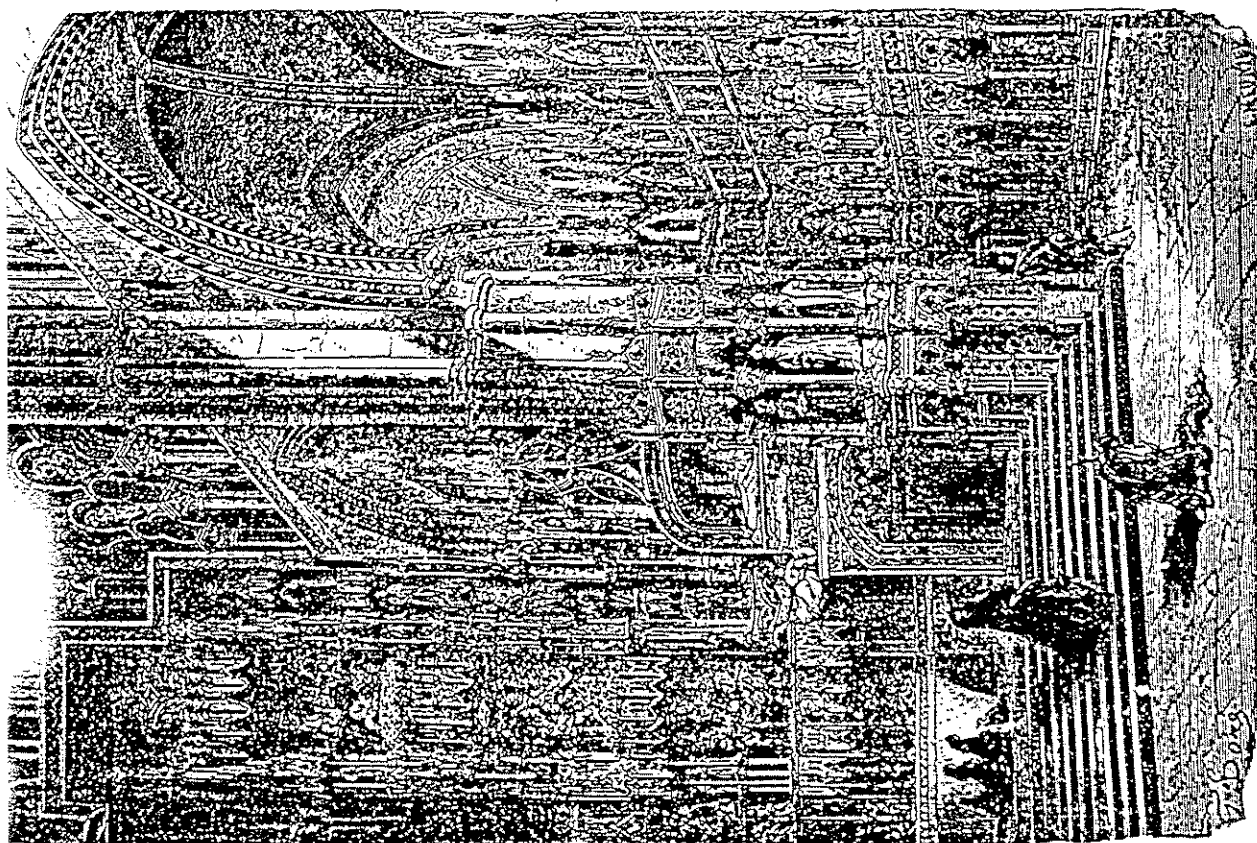
1877 - Fevereiro. Aparece em *O Novo Mundo* de fevereiro, p. 39, um artigo intitulado “O Guesa Errante”, cujo autor é provavelmente José Carlos Rodrigues; reproduz uma apreciação de Joaquim Serra, que por sua vez transcrevera carta do crítico João Manuel Pereira da Silva, publicada inicialmente em *A Reforma*, do Rio de Janeiro.

Agosto. Publica uma apreciação crítica sobre quatro poetas. *O Novo Mundo*, p. 186.

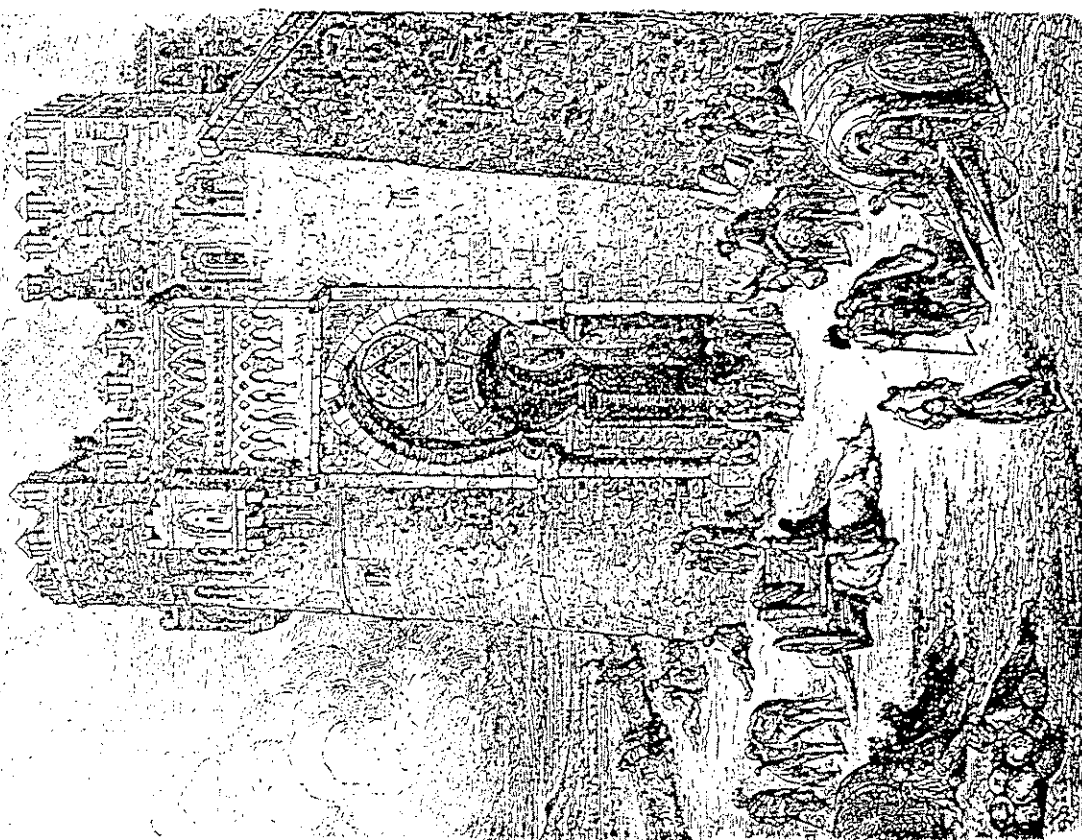
Setembro. Publica apreciação crítica acerca do livro *Estrofas*, de Perez Bonalde. *O Novo Mundo*, p. 201.



UNDINA – *O Novo Mundo*, abril de 1879

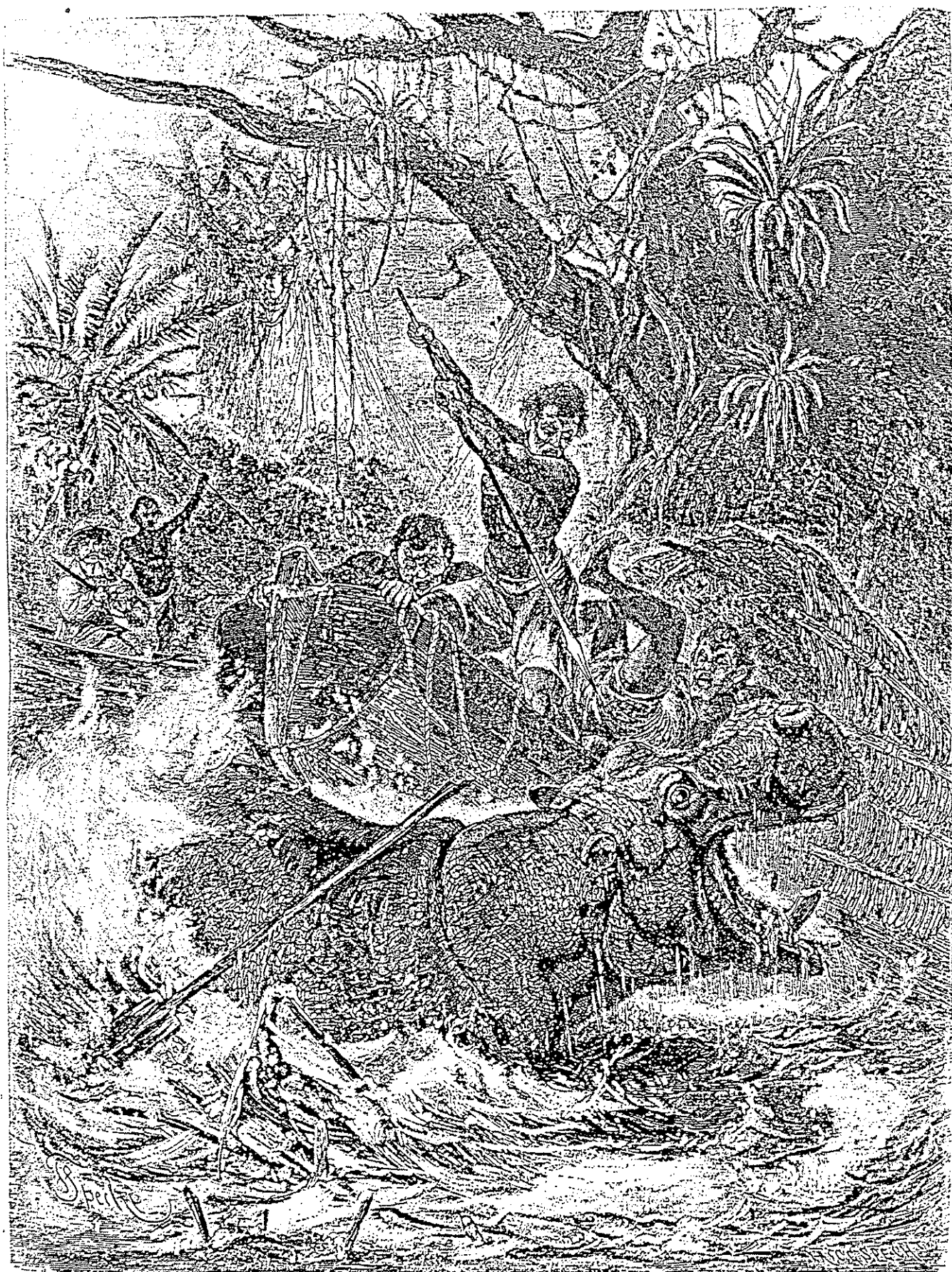


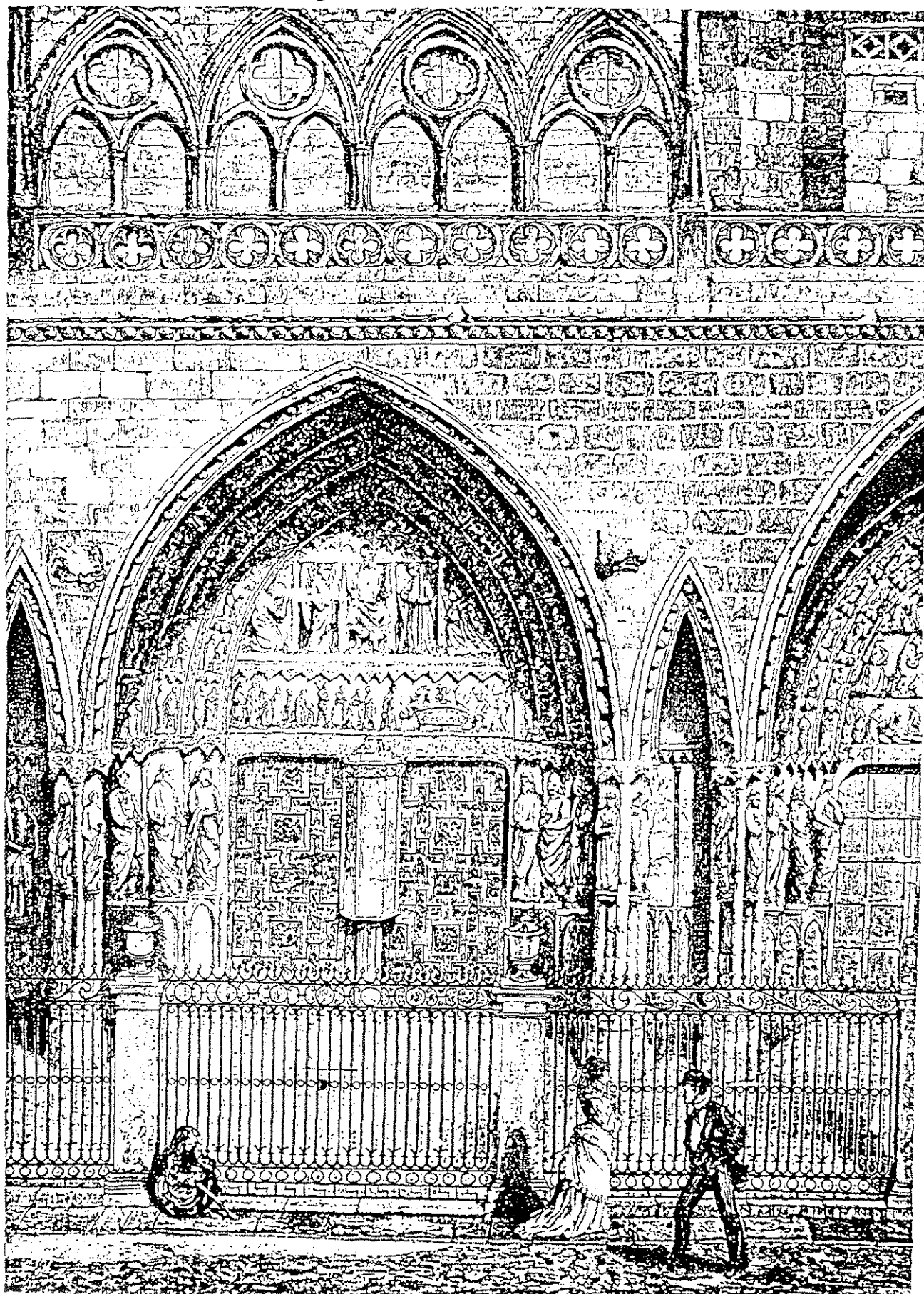
HESPAÑIA.—INTERIOR DA CATHEDRAL DE TOLEDO.—[POR GUSTAVE DORÉ.]



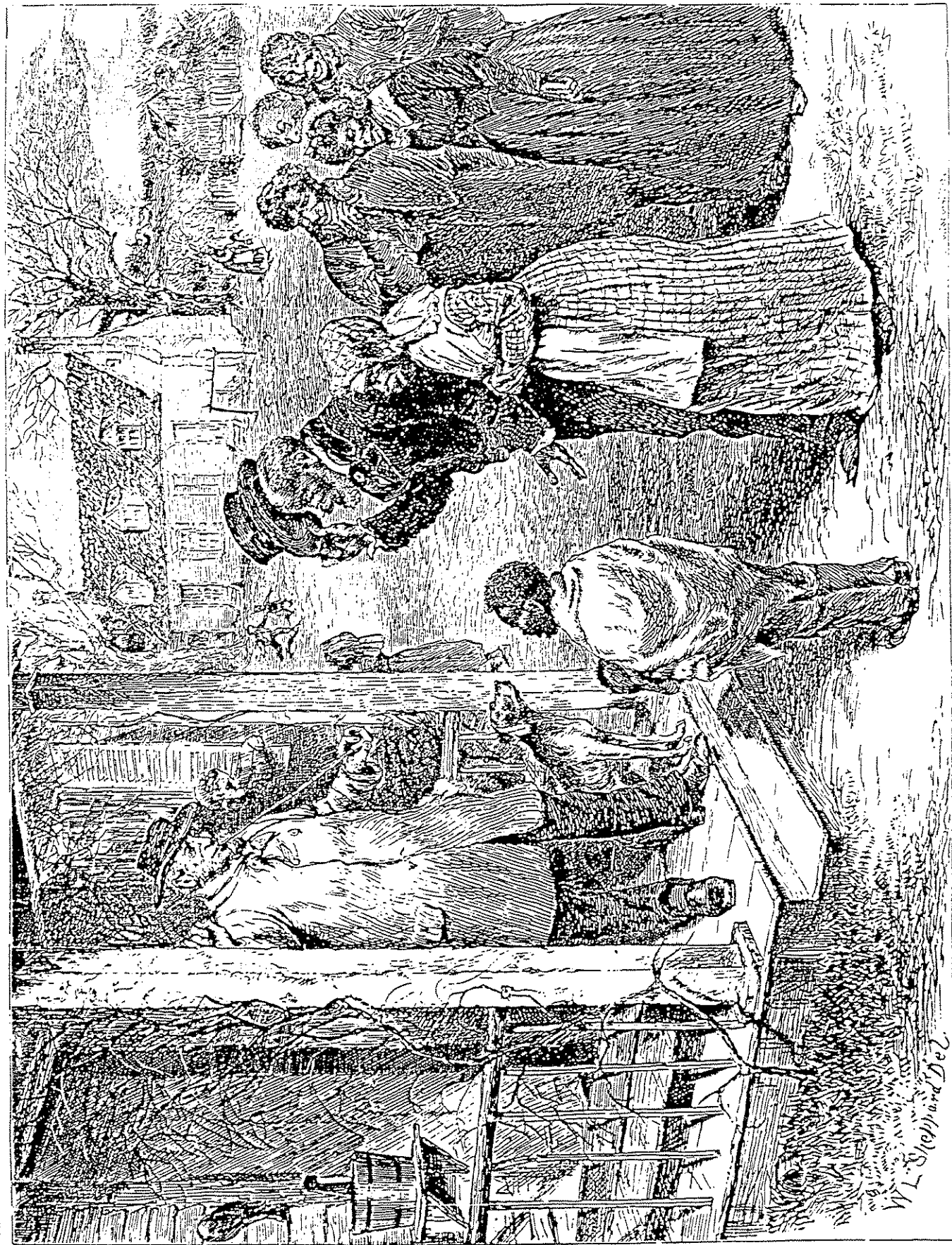
HESPAÑIA.—A FONTE DO SOL. —[POR GUSTAVE DORÉ.]

O Novo Mundo, fevereiro de 1870





ESPAÑA:—GRANDE PORTAL DA CATHEDRAL DE LEÓN



ESTADOS UNIDOS.—DANDO AS BOAS FIESTAS NO SUL.

W. L. Siegel and Del.

NOVO MUNDO

PERIODICO ILLUSTRADO DO PROGRESSO DA EDADE.

Entered according to Act of Congress, in the Year 1879, by J. C. BARNES, in the Office of the Librarian of Congress, at Washington

VOL. IX.

NEW YORK, JANEIRO DE 1879.

Nº 97.

MAURICIO DENGREMONT.

Haverá cerca de uns quarenta annos, o mundo musical e os amadores da musica foram entusiasmados pelas irmãs MARIE e THERESE MILANOLLO, duas jovens rabequistas. Eram meninas em idade, artistas em talento, e tão sympathicas em apparencia que, ao ver e ouvi-las, não sentia-se daquelle desgosto que quasi sempre inspiram os que se costumam chamar meninos maravilhosos. Agora, depois do lapso de tantos annos, repete-se esse phenomeno, não, por certo, em forma dupla, como naquella tempo, mas sim singela: repete-se no rabequista de onze annos cujo retratto offerecemos hoje a nossos leitores, em MAURICIO DENGREMONT, que, apesar de seus poucos annos, já proporciona aos que o ouvem um verdadeiro gozo, o que é mais do que se pode dizer de quantos meninos maravilhosos tem havido, com a unica excepção das irmãs MILANOLLO.

Ha apenas um mez que MAURICIO DENGREMONT entrou na Allemanha. Veiu de Paris, não sendo, porém, a França seu paiz natal. Seus pais nasceram ali, mas elle é Brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro a 19 de Março de 1867, sendo seu pai naquella tempo um dos primeiros rabequistas da capella imperial dessa cidade.

Muito cedo manifestou-se no filho em grau proeminente uma predisposição natural para o instrumento predilecto do pai: quando tinha seis annos de idade offereceu-se-lhe occasião para aperfeiçoar-se no maneo desse instrumento, e depois de dous e meio annos de estudos já ganhava a grande medalha. Foi-lhe concedida a licença de trazer a na fita da ordem brasileira da Rosa. Desde que deixou o Rio recebeu do Imperador D. PEDRO II uma pensão annual de 3,600 francos (1,300\$000) para poder estudar com LEONARD em Paris.

Só precisou pouco tempo para que MAURICIO fizesse sensação na capital franceza. O empresario HERMANN o ouviu ali e logo fez um contracto com o pai do menino para o levar, sempre em companhia do pai, para os paizes escandinavios e dar ali uma serie de concertos. O resultado destes excedeu a todas as esperanças. Em quatro mezes foram dados cerca de oitenta concertos, chegando a trinta os que se deram em Stockholmo, capital da Noruega. Depois voltaram para Paris onde o joven DENGREMONT continuou seus estudos, não deixando, porém, de ser menino e de brincar como qualquer outra criança com seus irmãos e irmãs, que são em numero de onze. Porquanto não é verdade que não é permitido gozar dos divertimentos proprios de sua idade, nem é prova disto a seriedade com que costuma acolher os applausos do publico. Na vida familiar MAURICIO é menino cheio de vida e espirito. Seu pai não descuidou tambem da sua instrução escolar. A familia toda lhe tem muito amor, mas nem por isso esse menino deixa de ser humilde e obediente. Entre o pai e o filho existem as relações mais intimas e tocantes. A respeito disso diz uma testemunha ocular, fallando do que viu na Opera real de Berlim: "O applauso do publico commove a lagrymas ao pai que, por detraz do scenario, escuta ao filho tocar; e quando este, acompanhado das acclamações do auditorio, se retira do paleo, os braços paternos, sem que ninguém de fóra o veja, o estreitam ao coração, e o menino beija as lagrymas de jubilo que correm pelas

Quantos á sua apparencia, é MAURICIO um menino esbelto, com cabello e olhos pretos. Quanto á sua arte é um rabequista cujo tom não se distingue ainda por sua grandeza, mas nem por isso deixa de ser agradável ao ouvido. Quanto á pureza da intonação, essa maior difficuldade com todos os instrumentos de cordas e arco, MAURICIO a possui em grau proeminente, e faz ouvir mui poucos sons que não sejam puros como os de uma campainha. Vozes compe-

como a *Phantasia de Othello*, de ERNST, que é uma das mais difficeis na litteratura da rabeca; mas composições como o 7.º concerto de BÉROUT, o romance em La sostenido de BÉTHOVEN, de concerto em Sol bemol de MENDELSSOHN, da *Tarantella* de SIVORI e dos diversos *Sonnetes* de seu mestre LEONARD, que exigem todas conhecimentos technicos muito respeitaveis, o pequeno artista executa bem e tambem comprehende em sua maior parte."

Para Berlim foi contratado para duas noites, mas essas duplicaram-se, e MAURICIO tomou-se em todo o sentido das palavras o *enfant chéri* da sociedade escolhida e artistica que costuma reunir-se na Opera real. Tambem o Imperador GUILLERME manifestou o desejo de ouvi-lo, e por isso o menino foi contratado para voltar em Janeiro que vem.

De Berlim foi para Hamburgo, então para as cidades sobre o Rheno.—Colonia, Düsseldorf, Moguncia, etc., e depois devia ir para outras partes da Allemanha, e em seguida para a Russia. Enquanto esteve em Berlim, foi visitado o grande maestro JOACHIM. Este mandou-o tocar algumas peças e depois felicitou-o com alguns cumprimentos muito lisonjeiros.

Si MAURICIO DENGREMONT, ainda menino, já faz tanto, que não fará quando chegar a ser moço e homem? Ou hecontecerá que, depois de attingir a certo grau de desenvolvimento artistico, este parará? Si nos for permitido julgar do futuro deste menino maravilhoso pela impressão decididamente favoravel que produzem sua apparencia e sua educação, tanto musical como de menino, a conclusão será que neste caso o menino maravilhoso ha de vir a ser provavelmente um mestre na sua arte que será digno de inveja. Oxalá que os jardineiros que cuidam da joven flor, cumpram bem com seus deveses!—(Da *Illustrirte Zeitung* de 9 de Novembro).

Transcrevendo estas palavras e o retratto, que as acompanha, do principal periodico illustrado da Allemanha, o *Novo Mundo* se dá os para bens de possuir o Brazil mais este talento notavel, que tanta honra tem dado ao nome nacional na culta Europa. É facto curioso que os Americanos do Norte que tem dado ao mundo tantos cantores e excellentes nunca produziram um musico da ordem de CARLOS GOMES ou um virtuoso da de DENGREMONT.

Em outra parte deste nosso numero publicamos um artigo intitulado *Salvador Rosa e Foca*, para o qual chamamos a attenção de nossos leitores. Verão ali extensos extractos da imprensa italiana sobre a brilhante ovação com que o *Salvador Rosa* foi recebido em Roma e em Florença, ha trez mezes. Nesta ultima cidade, o nosso compositor foi chamado a scena cerca de trinta vezes pelo entusiasmado auditorio florentino.—um triumpho que raramente tem tido os maiores compositores. Noticias como essas nos enchem do maior jubilo.

A redacção do *Scribner's Monthly* que, com o *Harper's Magazine*, são as mais bellas revistas illustradas dos Estados Unidos e do mundo, que tractam de litteratura em geral, annuncia que no correr deste anno publicará uma serie de artigos sobre o Brazil, com muitas gravuras. O auctor dessa serie é Mr. HERBERT SMITH, que deve agora achar-se em S. Paulo e cuja partida daqui e para aquelle fim o *Novo Mundo* annunciou em o numero de Julho.



MAURICIO DENGREMONT.

O RABEQUISTA BRAZILEIRO.

tentes se exprimem assim a seu respeito: "A maneira por que maneja o arco é elegante e tem a vantagem propria dos rabequistas romanos de produzir um tom puro e livre de toda dureza. Por ora a destreza da mão esquerda ainda excede á da direita. A passagem distingue-se pela elegancia e exactidão. Já é muito perito em tocar o flageolet. Agrada menos, por ora, quando toca melodias. Mas é notavel que não saiba tocar uma meia rabeca nem uma de trez quartos, sendo uma de tamanho grande e instrumento de primeira qualidade. Só este facto é capaz de explicar seu tom volumoso. Verdade é que o menino talentoso deve ainda ser conservado longe de peças



A ABELHA.

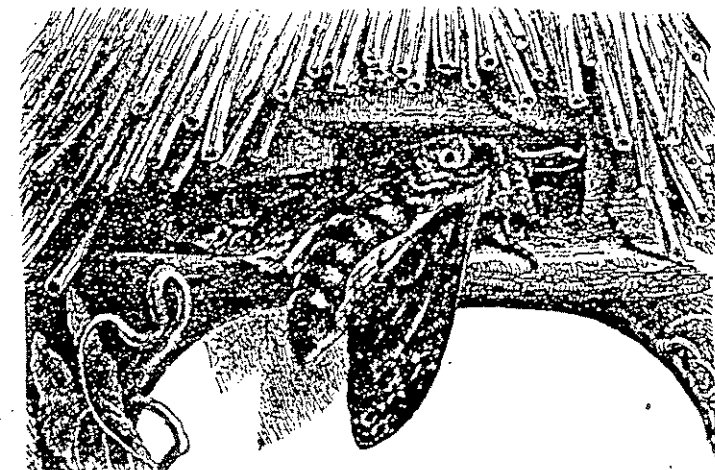
Chamam-se ABELHAS diversos generos de insectos melliferos, da ordem *hymenoptera*, da familia *antophila*, dividida por LATREILLE nas duas secções *andrenidae*, insectos solitarios, e *apiarie*, dos quaes uns são solitarios, enquanto outros vivem em sociedades maiores ou mais pequenas. Dos diversos generos de abelhas nada menos de 250 especies são indigenas na Gran-Bretanha.

A abelha de mel (*apis*), é o genero das *apiarie* que é mais conhecido, mais extensamente espalhado, e mais util. A abelha de mel vulgar, (*apis mellifica*, LINN.) é provavelmente de origem asiatica, donde espalhou-se sobre a Europa, foi introduzida na America, e acha-se em quasi todas as partes temperadas e calidas do mundo.

Ha muitas especies de *apis*, como *apis ligustica*, na Hespanha e Italia; *A. unicolor*, na ilha de Madagascar; *A. indica*, na India; *A. fasciata*, no Egypto; e *A. Adansonii*, no Senegal.

A descripção generica de *apis mellifica* servirá para todas as abelhas domesticadas em colmeias e apiarios. A abelha tem quatro azas membranas, sendo as superiores maiores do que as inferiores; a boca é munida de duas mandibulas fortes e de quatro *palpi*, que não servem tanto para comer, como para quebrar substancias duras; os dentes, que são escamas concavas e muito adelgadas, se acham nas extremidades das mandibulas, e tem jogo horizontal. Para tomar liquidos, tem uma tromba comprida e flexivel que lhe serve de lingua, sendo, porém, formada pela prolongação do labio inferior; é solida e não tubular, como são as trombas dos outros insectos *hymenopteros*; um pedunculo a sustém, e uma bainha dobrada a protege; sua parte central, que parece um fio muito fino ou um cabello, termina em um bolozinho guarnecido de cabellos, e o organo inteiro até á base é guarnecido do mesmo modo, sendo assim muito bem adaptado para chupar liquidos. Os olhos são grandes, compostos de facetas hexagonaes, cobertas de cabellos. De cada lado da cabeça acha-se um, e entre as antenas acham-se tres pontos pequenos e brilhantes que, na opinião de SWAMMERDAM e REAUMUR, são olhos tambem. Sendo certo que as abelhas conhecem suas colmeias de longe e dirigem para ellas seu vôo com muita rapidez em linha recta, parece que sua visão é muito aguda; mas, ao mesmo tempo vê-se muitas vezes que, quando chegam ao cortiço, andam tacteando com as antenas e acertam com a entrada só por meio destas, o que parece indicar que seus olhos só prestam para ver de longe. Sejam ou não sejam olhos os pontos descriptos por SWAMMERDAM, parece certo que é pelas antenas que as abelhas se dirigem na escuridão e quando se acham muito perto de qualquer objecto.

As antenas são compostas de treze articulações nos machos e de doze nas fêmeas; de sua grande flexibilidade e seu constante movimento julga-se que é por meio dellas que as abelhas recebem a maior parte de suas impressões do fórm; é com ellas que examinam tudo, e é dirigidas por ellas que fazem os favos, depositam o mel, alimentam as larvas e descobrem e



UM INIMIGO.—SPHINX ATROPOS.

suprem as necessidades da rainha. Privadas das antenas, mudam-se inteiramente os instinctos tanto das abelhas trabalhadoras como da rainha.

O numero das suas pernas é seis; nas duas posteriores das trabalhadoras acha-se uma cavidade triangular, ou cestinha, toda rodeada de cabellos. E' neste receptaculo que recolhem e levam para as colmeias o pollen, o material para a fabricação da cera, e outros materiais necessarios nos cortiços. Nas extremidades dos pés posteriores acham-se ganchinhos, por meio dos quaes adherem ás colmeias e umas ás outras durante o processo de fabricar a cera. Os outros pés tem cada um um pincel de cabellos no tarso; e destes as abelhas se servem para recolher o pollen e tira-lo de seu corpo quando tem chegado á colmeia.

A abelha tem dois estomagos, sendo o primeiro um sacco membranoso, comparativamente grande, para a recepção e retenção do mel. E' analogo ao papo das aves e nelle nada é digerido. Suas paredes são musculares, e assim fazem voltar deste estomago para a boca o mel, para ser depositado nas cellulas dos favos ou distribuido entre as abelhas trabalhadoras.

A digestão tem lugar no segundo estomago, que é da forma de um cylindro comprido, e communica com o primeiro estomago e os intestinos por meio de uma valvula com orificio muito pequeno.



EM CASA.

A força muscular das abelhas é grande, e seu vôo muito rapido, e, quando preciso, de longa duração.

Não obstante remontar a apicultura á mais remota antiguidade, muito pouco sabia-se a respeito da historia natural das abelhas e do modo por que fazem o mel e a cera, até que no anno de 1712, MARALDI, um mathematico de Nice, inventou colmeias de vidro, e assim poz os naturalistas em estado de observarem as abelhas durante seus trabalhos. Desta invenção o celebre REAUMUR serviu-se para estudar as abelhas e seu modo de trabalhar, e seus estudos foram a base das mais recentes descobertas de HUNTER, SCHMACK, e os HUNZAS. Sabe-se agora que uma colmeia de abelhas consta de tres classes, fêmeas, machos e trabalhadores. Em cada colmeia ha só uma fêmea que se chama rainha, ou abelha mãe, porque ella deposita todas as oras; os machos não trabalham, e servem só para impregnar a rainha, e logo depois de effectuar-se isto, ou morrem ou são mortos todos, os trabalhadores é que fazem todo o trabalho, cujos resultados são mel, cera, e novos enxames de abelhas.

As fêmeas e as abelhas trabalhadoras tem todas um ferrão na extremidade do abdomen, constando de uma bainha em que se acham, protegidas por ella, duas agulhões muito finos e agudos, cujas extremidades estão munidas de dentes como de serras. E' devido a estes dentes que muitas vezes, depois de ferir o inimigo, a abelha não pode retirar o ferrão e o deixa na ferida, ocasionando assim a sua propria morte. O ferrão tem na sua base um sa-

quinho do veneno, e a pressão da ferroada expreme delle uma porção mui diminuta de um veneno acre e muito activo, que entra na ferida e produz uma dor muito intensa. Tem havido casos em que animais e até homens foram mortos por abelhas enfurecidas.

E' só porém, quando ellas se veem na necessidade de se livrarem de inimigos reaes ou supostos que se servem da arma terrivel de que se acham munidas. Sendo deixadas em paz, voam de flor para flor, só tendo em mira recolher a maior quantidade possível dos productos que fazem da apicultura um ramo de industria muito lucrativo em diversos paizes. E' encantador notar a correspondencia entre estas creaturinhas,—as abelhas e as flores. A docil flor se inclina e cede aos movimentos inquietos do insecto. O sanctuario que guardára fechado contra os ventos ella abre para a abelha, pois della depende em muitos casos a impregnação da flor. As precauções que a Natureza emprega para occultar aos olhos profanos os seus segredos nem por um momento embaraçam esse insecto audaz; está em sua casa, para assim dizer e não receia ser tido como intruso. Uma especie de flores, por exemplo, é protegida por duas petalas que se reúnem em forma de um arco, como o iris nas margens das aguas, que desse modo protege das chuvas os seus estames e pistillos. Outra especie, como a ervilha doce, tem um como que capacete, cuja viseira tem de ser levantada pelo insecto que quizer entrar.

A abelha toma seu logar no fundo destes recessos dignos das fadas, cobertos de tapeçaria delicada, debaixo de pavilhões fantasticos, com paredes de topazio e telhados de saphira. E mesmo assim estas comparações são mesquinhas, pois são emprestadas a pedras mortas, enquanto as flores vivem e quasi sentem, desejam e esperam. E si o vencedor feliz destes pequenos reinos escondidos—si o violador imperioso dessas barreiras innocentes, o insecto, mexe tudo e o põe em confusão, ellas logo lh'o perdoam, o cobrem de sua docura e o carregam do seu mel.

Ha localidades favorecidas e horas felizes em que a abelha, colhendo a sua safra, faz consummarem-se myriades de casamentos. Nas costas do mar, por exemplo, e na vizinhança do oceano tempestuoso, onde de certo não se esperaria encontrar idyllios tão pacificos, si houver só um recesso umbroso, seguro, e de temperatura amena, a Natureza nunca deixa de ahí crear um mundosinho escolhido; alli a flor cede á abelha seu nectar mais delicioso, e a abelha satisfaz os desejos imperiosos da flor.

Doce, amena e quieta é a hora que precede á noite. Afagada pelos ultimos raios do sol, cujo calor ella conserva em seu seio, rociada a sua corolla pelo orvalho, a flor como que fica conscia de duas vidas; é impellida a amar, e ama! Os estames arrebatam e espalham uma nuvensinha de incenso. Chega então a abelha que sem o saber, se faz a mediadora entre os dous amantes. Em procura de mel e de material para fabricar a cera, entra na corolla da flor e fica coberta do pollen espalhado pelos estames, e repartindo-o inconscientemente aqui e acolá, fal-o fructificar as flores, e o prado é convertido em leito nupcial por intermedio do pequeno sacerdote, que nem de longe em tal pensou.



NO AR.

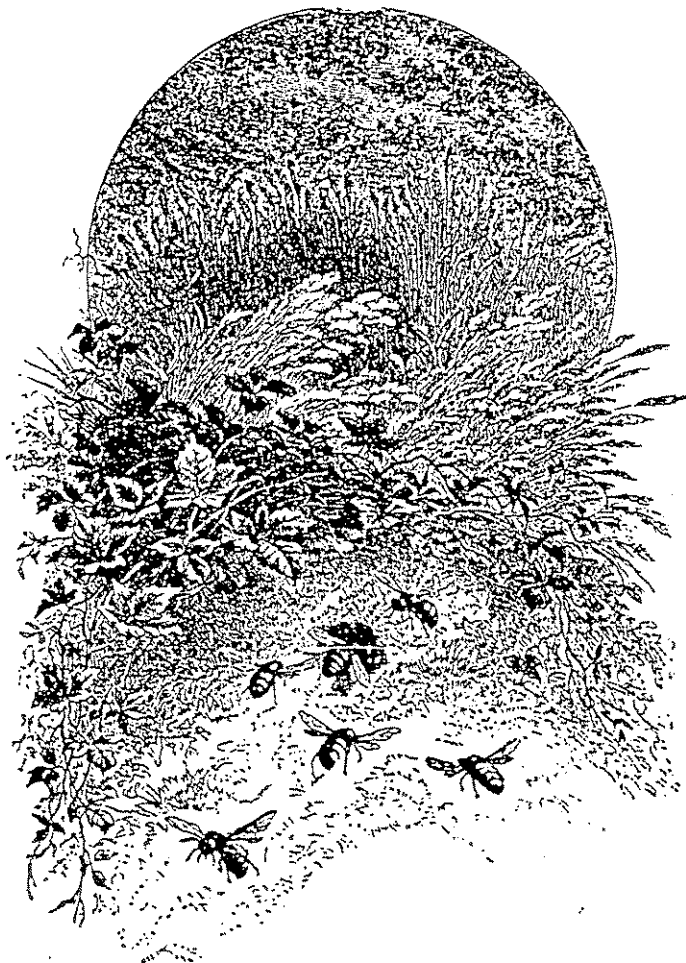
Nem é menos importante que a abelha se levante cedo de manhã e esteja presente no momento em que a flor—que dormiu debaixo do orvalho penetrante—acorda e principia um dia novo. Afagada pelo raiu sympathico não resiste mais e torna-se uma fontezinha que distilla gotta a gotta o mais doce mel. Oportunamente chega então a abelha, e pouco é o trabalho que lhe resta a fazer, pois o doce thesouro, preparado naquella hora de perfeição, está quasi inteiramente prompto para ser depositado nos armazens da colmeia. Ao meio dia, porém, quando o calor é tão intenso, deixará de trabalhar esse insecto activo? O sol resplandecente e a atmosfera secca tem murchado as flores do campo; mas nas florestas, nas margens dos riosinhos e das lagoas as ha em abundancia, cheias de vida, convidando as abelhas a vir e saciar-se de suas doçuras.

Mas observemos as abelhas em sua casa. Em commun com as formigas e alguns outros insectos que vivem juntos em grandes colonias, a sua vida é a de castas virgens laboriosas, que como tias e irmãs se dedicam inteiramente aos trabalhos e cuidado de uma maternidade adoptiva.

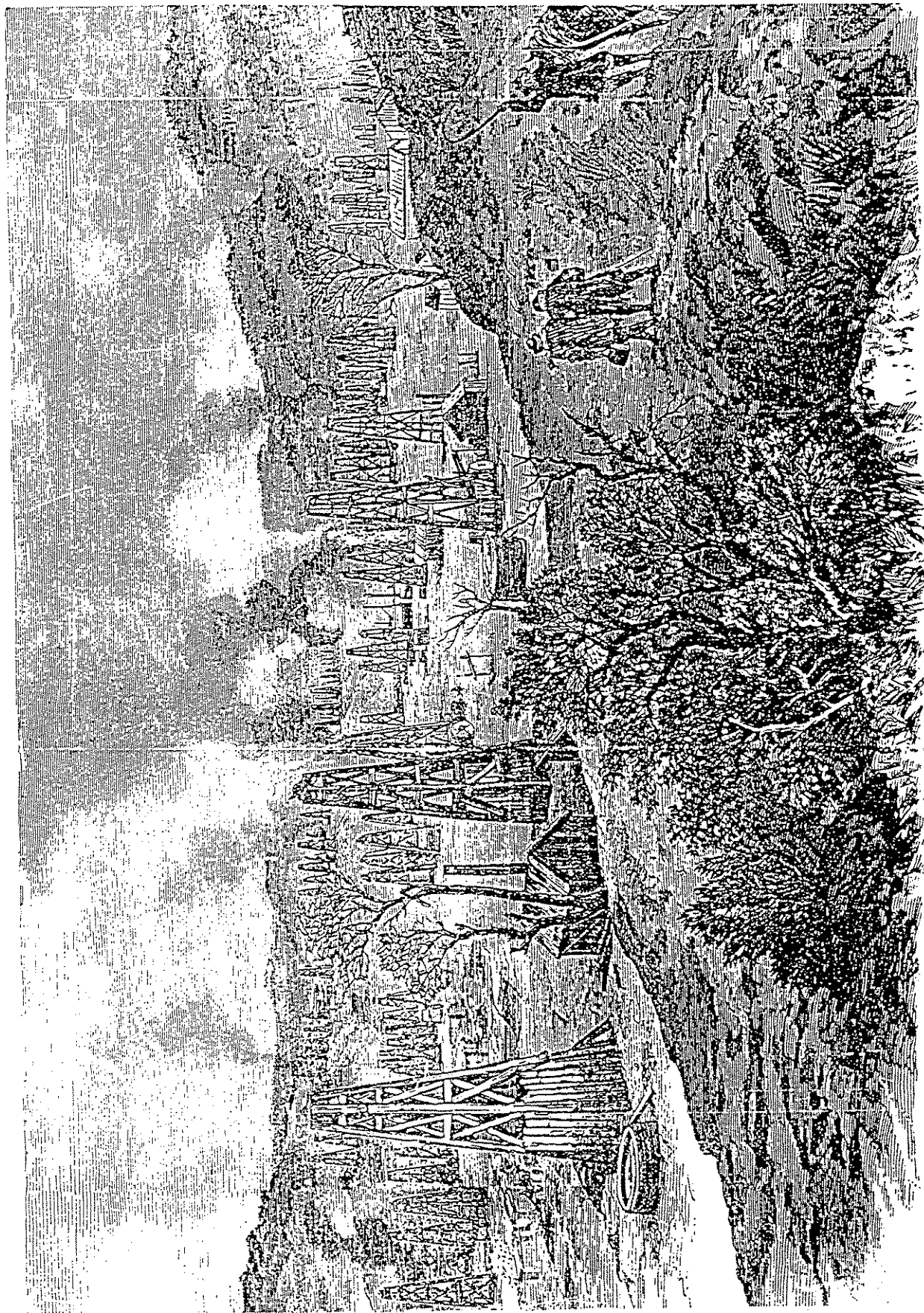
Não se sabia, por muito tempo qual era o governo, o regimen politico, para assim dizer, das abelhas. Suppunha-se primeiro que esse Estado fosse uma monarchia, que tinha um rei. Mas não é assim; o rei é femina. Dir-se-hia, pois, que era uma rainha. Mas isto tambem é erro. Ella não só não reina e não governa, mas em certas conjuncturas é governada e até recolhida á prisão. Ella é no mesmo tempo alguma coisa mais e alguma coisa menos do que rainha. E' objecto de adoração legal e publica; ou talvez seja melhor dizer constitucional, porque essa adoração não é tão cega que o idolo, em certos casos, não seja tractado com muita severidade.

Então, a fundo, o governo será democratico? Sim, si tomarmos em consideração o zelo e lealdade unanimes do povo, o trabalho espontaneo de todos. Não ha quem mande. Comtudo é evidente que em todos os trabalhos de natureza elevada um corpo intelligente e selecto, uma aristocracia de artistas occupará o primeiro logar. Uma cidade não é edificada nem organizada pelo povo inteiro, e sim por uma classe especial, uma especie de corporação. Assim tambem nas colmeias. Enquanto as abelhas communs sahem em procura do alimento para todos, outras, muito maiores, fabricam a cera, dão-lhe as formas necessarias, e com muita pericia empregam-se nos diversos misteres. Como os franco-maçoes da edade media, esta corporação respeitavel de artistas trabalha e edifica segundo os principios de uma geometria profunda. Não constróem, porém, os seus edificios de pedras mortas e sim de material feito por ellas mesmas, e vivificado em seus corpos com uma substancia vital.

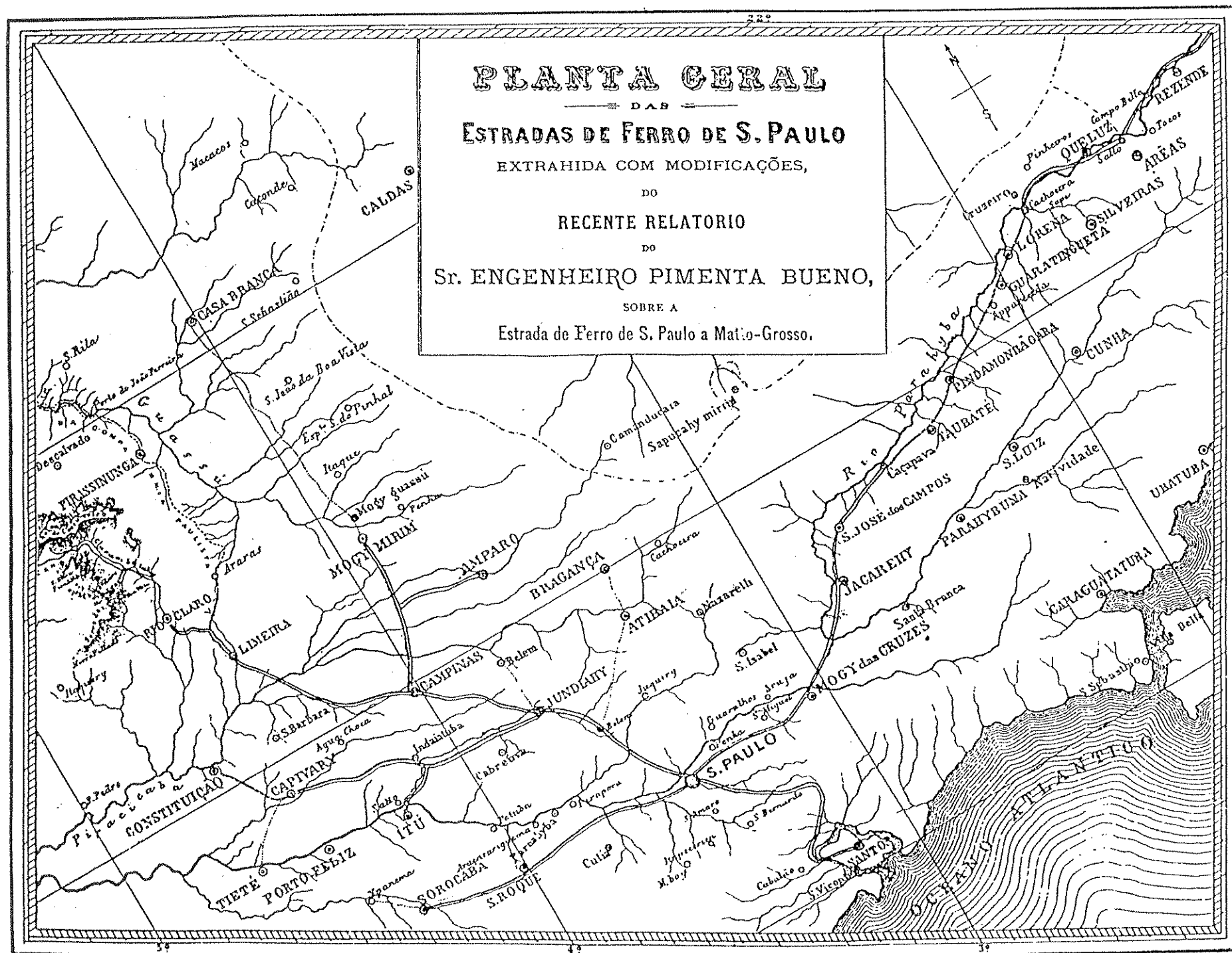
Nem o mel nem a cera é materia vegetal. As abelhas pequenas que vão em busca da essencia das flores a trazem já transformada e enriquecida com sua vida virginal. Doce e pura passa da bocca dellas para a de suas irmãs maiores, e estas, as fabricantes da cera, tendo recebido o alimento vivificado e dotado com a doçura que é, para assim dizer, a alma da raça, elaboram-no de sua vez, e communicam-lhe uma

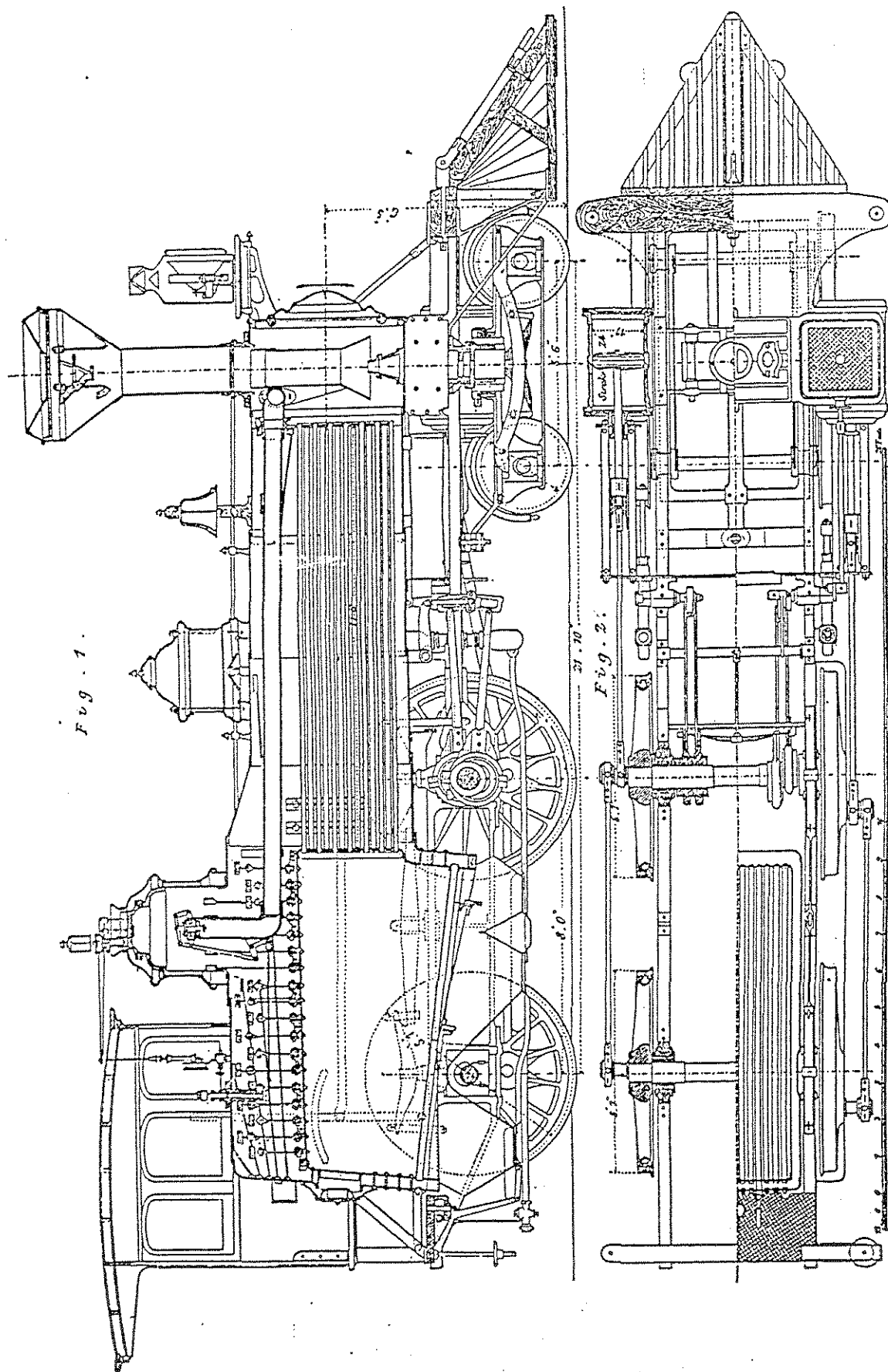


NOS PRADOS



ANDAIME DOS POÇOS DE PETRÓLEO NA PENNSYLVANIA.





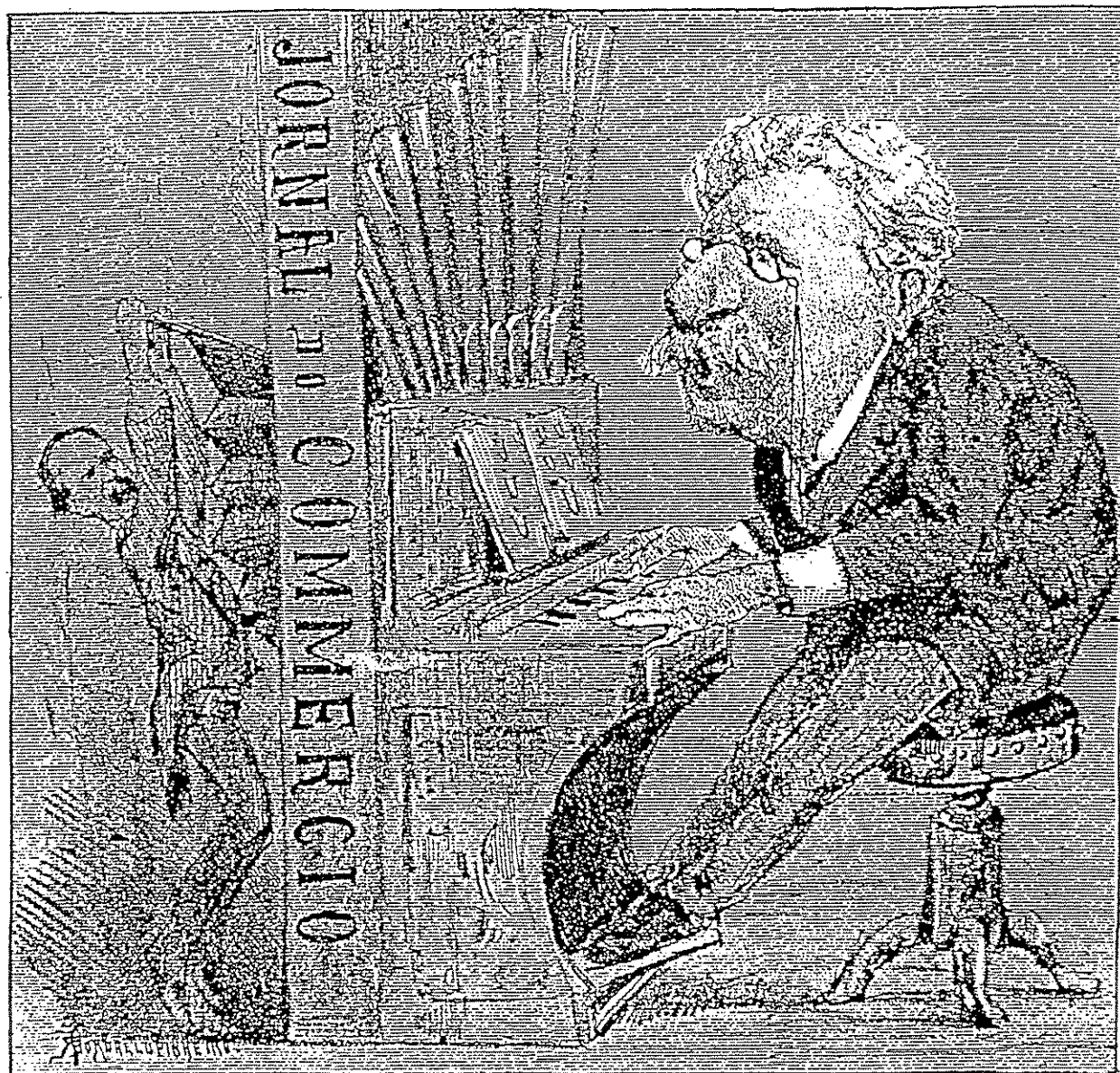
LOCOMOTIVA PARA TREM DE PASSAGEIROS CONSTRUIDA PELA DICKSON MANUFACTURING COMPANY, SCRANTON, E. U. A.

FOGACHOS ELEITORAIS



O governo, para entreter o Ze Porombo, vai deitando fogo de vistas no Barão da Gercena, preparando-se para lhe escamotear o voto

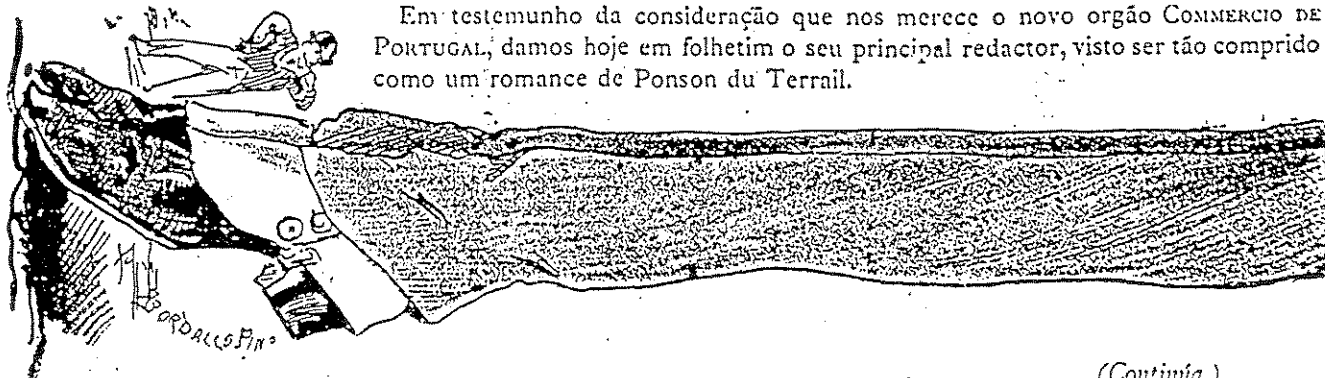
SCENAS POLITICAS



O novo tocador da velha sanfona commercial, feito mestre de capella, exêcuta côm voz de falsete diversas arias sobre o livre cambio e outros motivos, musica do maestro Corvo

FOLHETIM

Em testemunho da consideração que nos merece o novo órgão COMMERCIO DE PORTUGAL, damos hoje em folhetim o seu principal redactor, visto ser tão comprido como um romance de Ponson du Terrail.



(Continúa.)



O *baile infantil*, uma das nossas mais florescentes instituições de recreio, logo depois da Carta Constitucional, foi ha poucos dias aggreddido cruelmente por duas das mãos conspicuas folhas lisbonenses que ousaram discutir-o com tal severidade que se diria ser o referido baile complice nos esbanjamentos da penitenciaria, ou culpado da receita do estado não chegar para as despesas... dos estadistas.

Fallêmos serenamente. Encaremos a questão sob o aspecto chôrêographico e philosophico nas sus multiplices relações com a mazurka e com a moral. Incitar as multidões á revolta, agora que para resolver tão momentoso assumpto se requer mais do que nunca um sangue frio excepcional, seria uma imprudencia, e além d'uma imprudencia um crime!

O quê é o baile infantil, d'onde vem, e para onde vae?

O *baile infantil* é principalmente um symptoma. É o indicio exterior da sede de celebridade barata que á ultima hora accommetteu a decrepitude da nossa sociedade. Os paes desejam que sobre elles recaia a munificencia regia com todo o peso dos baronatos e das commendas, da mesma fórma que as suas *tenras vergonteas* aspiram ao elogio dos contemporaneos traduzido n'uma palavra de louvor nos noticiarios ou n'um premio no Passeio Publico.

Os exames das meninas no lyceu, no que respeita a portuguez, e nos Recreios no que respeita a polkas, são filhos da mesma aspiração moral.

E a infancia, applaudida pelos progenitores, deita-se tarde, não estuda, adquire attitudes deshonestas, perde a pouco e pouco a delicada noção do pudor, abysmando-se no turbilhão das valsas, d'onde podem sahir excellentes archanjos para os bailes do Club ou para a missa do Loreto, mas nunca verdadeiras mulheres para a religião domestica!

Pelo *baile infantil* pôde fazer-se mais facilmente caminho para o Dá Fundo ou para Carriche, do que para o lar e para a familia.

Entretanto, quem será o culpado de tal desordem?

Para o verdadeiro pensador o sr. Justino Soares, creando os bailes da infancia, e o sr. Thomaz Ribeiro produzindo as *Flores d'Alma*, obedeceram a impulsos parallellos: foram simplesmente artistas do seu meio, e sobretudo do seu tempo, sendo ambos inconscientemente complices do mesmo peccado.

Porque, diga-se a verdade; combater o *baile infantil* no Passeio publico, e deixar de pé na capital e na provincia, com todos os seus resultados moraes as *Flores* a que me reporteí, seria um acto de manifesta injustiça contra o qual todos os homens de intenções rectas que não recitam ao pianno, deveriam immediatamente protestar.

Os jornaes em questão, em vez de combaterem pois o symptoma, devem empenhar todos os seus esforços para combater a causa, procurando antes de tudo remediara a profunda desorganisação mental da sociedade portugueza.

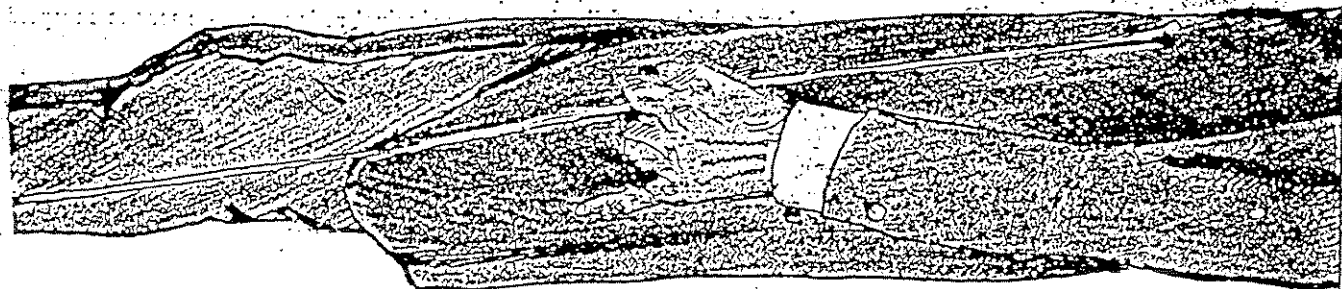
Entrando n'este caminho o baile infantil extingue-se por si, como os *Sons que passam*, e o sr. Thomaz Ribeiro e o sr. Justino Soares, em vez de nascerem de futuro predestinados e *nazarenos*, nascem e morrem como quaesquer outros cidadãos, dando ao progresso humano qualquer outro obulo que não sejam *varsovianas* ou *anceios d'alma*.

As virgens e a pasta das colonias não hão de morrer por isso, mas perecerá a mazurka e os seus correlativos na moral e no Passeio Publico.

JOÃO RIALTO.



O *Illustrado*, transcrevendo o *enigma* recitado em S Carlos, por occasião da récita com que o corpo de policia lisbonense festejou as melhoras de Sua Magestade a rainha, declarou que as estrophes do referido *enigma* eram formosissimas, caprichosamente metrificadas, opulentas na idéa e elegantes na fórma, explicando mais que o auctor, o sr. Ulpio Veiga tem *pêrfeito* conhecimento da



(Continúa.)

lingua em que escreve, não lhe sendo desconhecidos os segredos da poesia.

Perfeitamente d'accordo, nem é d'admirar que tal succeda sendo o sr. Veiga um dos mais zelosos funcionarios do corpo policial.

N'esta posição, como poeta, qualquer outro faria o mesmo. Para que servem o Antunes e o Castello Branco?

Eu, por exemplo, sou commissario de policia: mas não sei os segredos da poesia: o que faço então?

Digo simplesmente:—Pst, ó seu Antunes, faz favor de se disfarçar á paizana e ir saber immediatamente o que ha a respeito da poesia!... Muito segredo, hein!...

—Ó seu Castello Branco, ponha umas barbas postiças e vá ver pela baixa o que temos hoje a respeito da lingua. O que souber venha-m'o dizer d'aqui a pedaço, porque tenho de dar uma participação em verso para S. Carlos.—

Querendo lançar mão d'este recurso, estamos perfeitamente convencidos de que o sr. Daniel de Lima Trindade é tão bom poeta como o sr. Veiga, muito embora tenhamos razões particulares para o considerar desde já superior, pelo simples motivo de não ter escripto o enigma em questão.



A FESTA POLICIAL

Havia um luxo asiatico
Em redor de toda a sala,
Todo o corpo diplomatico
Vestia de grande gala.

A multidão enluvada
Era alegre e festiva,
Dizendo toda apumada:
—Que enchente... por um real.

Muitas damas inclinadas
No peitoral das bocetas,
Davam leves gargalhadas,
Assestavam as lunetas,

Faziãr nascer amores
Com seus trajos elegantes,
E em seus hombros tentadores
Tinham ossos e brilhantes.

A tribuna era adornada,
Como se leu nos diarios;
Muito gaz, loiça affamada,
Grinaldas e commissarios.

Muitas jarras offrecidas,
Do mais formoso matiz,
Todas ellas guarneçidas
D'alguns policia civis.

O Antunes celebrado
Em jasmim poude brilhar,
Junto ao Trindade enlaçado,
Como rosa de toucar.

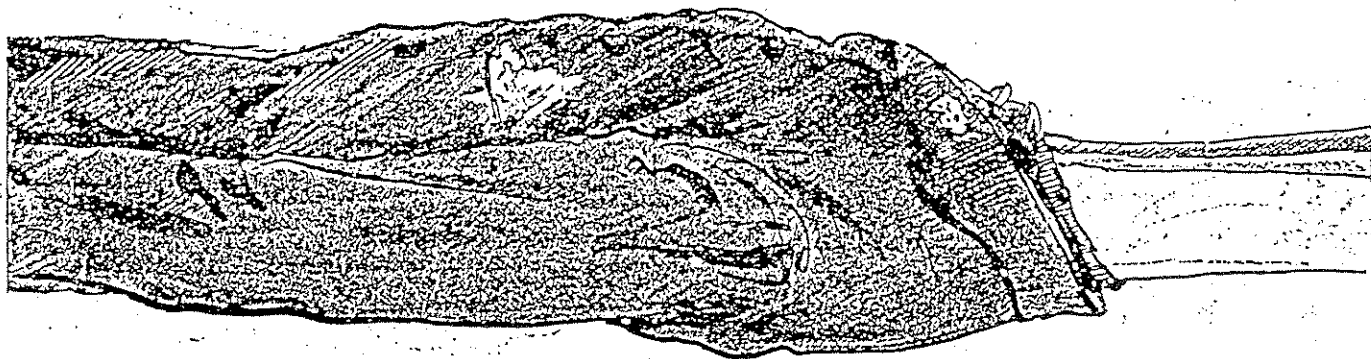
Ulpio Veiga, o poetastro,
Das musas fraca edição,
N'um vasinho d'alabastro
Fez de rosa do Japão.

Ao Valmor,—todo enfeitado,
Entre todos o primeiro
Diz o bom do Segurodo:
—Ai, Jesus que rico cheiro!

E como altivo e luzente
O Cam'ra Leme alli fosse,
Fez, em taça transparente,
De peixinho d'agua doce.

Cá fóra havia a noticia
De ser a festa, em geral,
Armadilha da policia
Pra o roubador do punhal.

RIGOLETO.



(Continúa.)

SCENAS POLITICAS

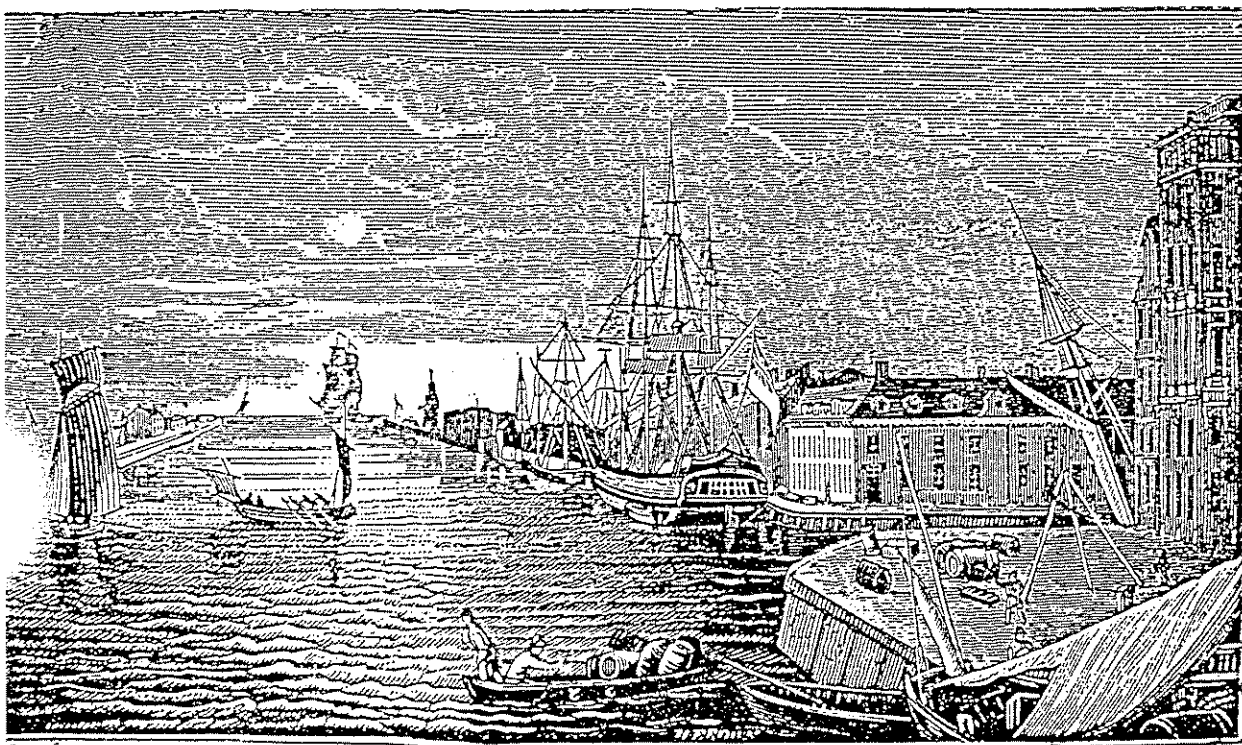


"Serenata eleitoral dada no bairro Alto, á porta do centro da rua do Norte, pela estudantina que ha pouco deixou os bancos... do poder



Fim.

(Trad. de BORDALLO PINHEIRO.)



Porto da entrada do Havre

O Havre apenas conta pouco mais de tres seculos de existencia. Reconhece-se facilmente, quasi ao primeiro exame, que o seu solo foi ha pouco conquistado ás aguas; e por isso o terreno é assás fertil e são abundantes as colheitas que d'elle se tiram.

Foi no reinado de Luiz XII que se tracaram as primeiras bases do projecto de construcção da cidade do Havre, mas só no reinado de Francisco I teve execução, sendo encarregado o almirante francez, Mr. Bonnivet, de visitar aquellas paragens, sendo escolhida para fundar a cidade a pequena lingua de terra, que então existia com algumas cabanas de pescadores. Imagine-se que de trabalhos não foram necessarios para disputar ao oceano o solo sobre que assentaram as construcções, que duas vezes o mar furioso ameaçou submergir.

A primeira pedra fôra assente em 1516. Onze annos depois, n'uma noite tempestuosa, encapeladas vagas cobriram completamente a cidade e arrastaram um grande numero de pessoas, e tal foi a elevação das aguas que muitos barcos de pescadores foram impellidos até junto do castello de Graville. Mais tarde uma segunda inundação quasi que destruiu o Havre, e os seus intrepidos habitantes recommçaram e concluíram os trabalhos de reconstrucção sob a protecção de Nossa Senhora da Graça. Foi devido a este sentimento religioso que adoptaram o nome de «Havre da Graça», que tem conservado até hoje.

Em 1544 já o porto do Havre podia abrigar nas suas enseadas frotas consideraveis.

Os successores de Francisco I promoveram e animaram consideravelmente o desenvolvimento da cidade do Havre, que se tornou uma das praças mais importantes da França.

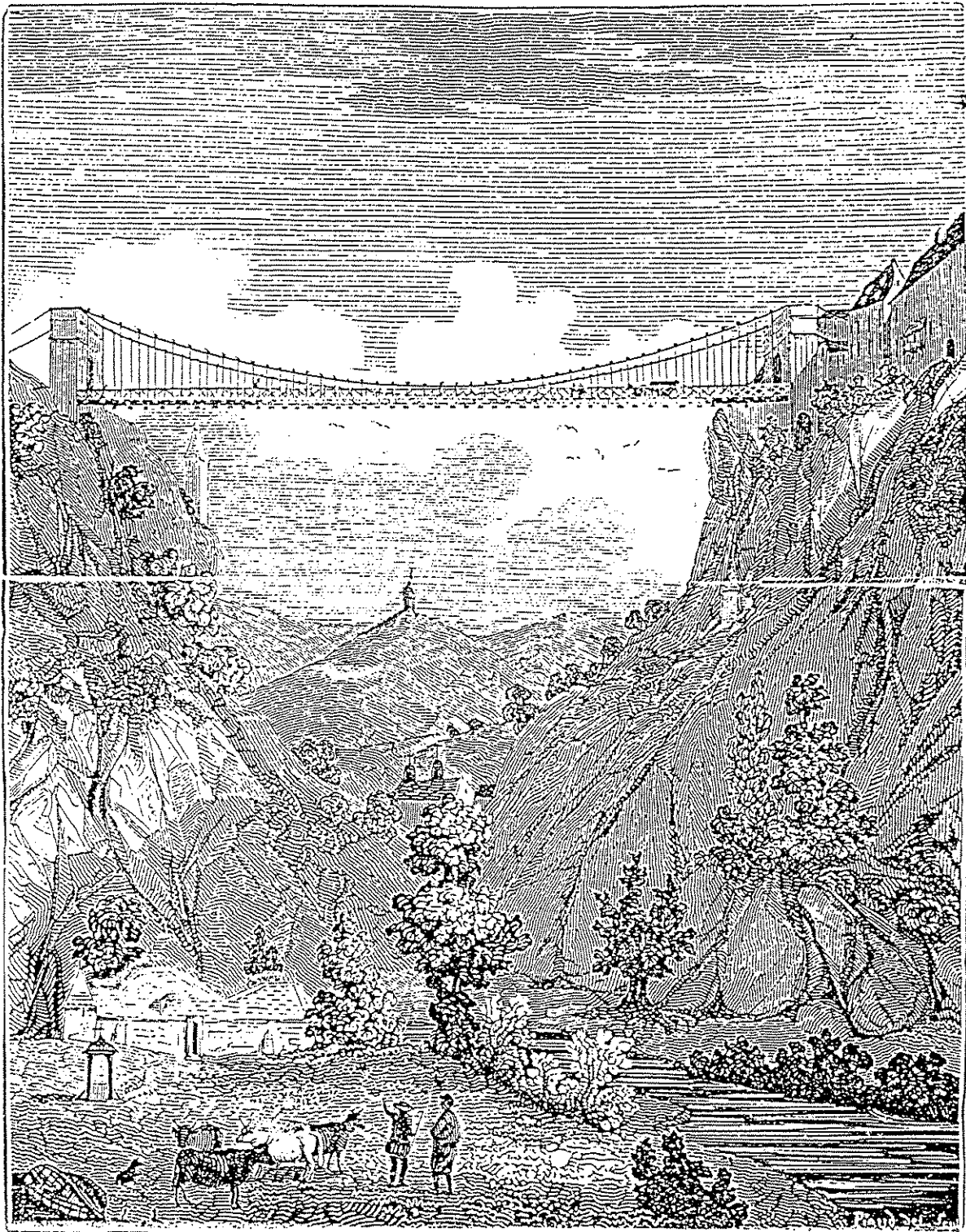
A cidade não tem bellezas em construcções; mas as suas casas são de boa apparencia e os seus estabelecimentos não são menos luxuosos que os de Paris.

O Havre foi theatro da lucta que se travou por causa do soccorro prestado aos protestantes pela rainha Elisabeth, instalando-se ali o famoso Warwick com seis mil homens, que a armada real forçou a capitular, depois de uma sanguinolenta resistencia; e foi na fortaleza, mandada construir para pôr a cidade ao abrigo de invasão estrangeira ou ataque dos partidos, que então agitavam a França, fortaleza que mais tarde o cardeal Richelieu fez demolir e reconstruir a expensas suas, que foram encerrados os principes de Condé e de Conti, e o duque de Longueville, seu cunhado.

Não cabe no limitado espaço de que dispomos, dar mais minuciosas noticias sobre esta cidade e dos acontecimentos que ali tem tido lugar; por isso nos restringimos a dizer que o porto do Havre, representado pela gravura, está sempre repleto de embarcações, que de todas as partes do mundo ali vão fazer o seu commercio.

ENGUAS SAINDO DE UM POÇO ARTESIANO

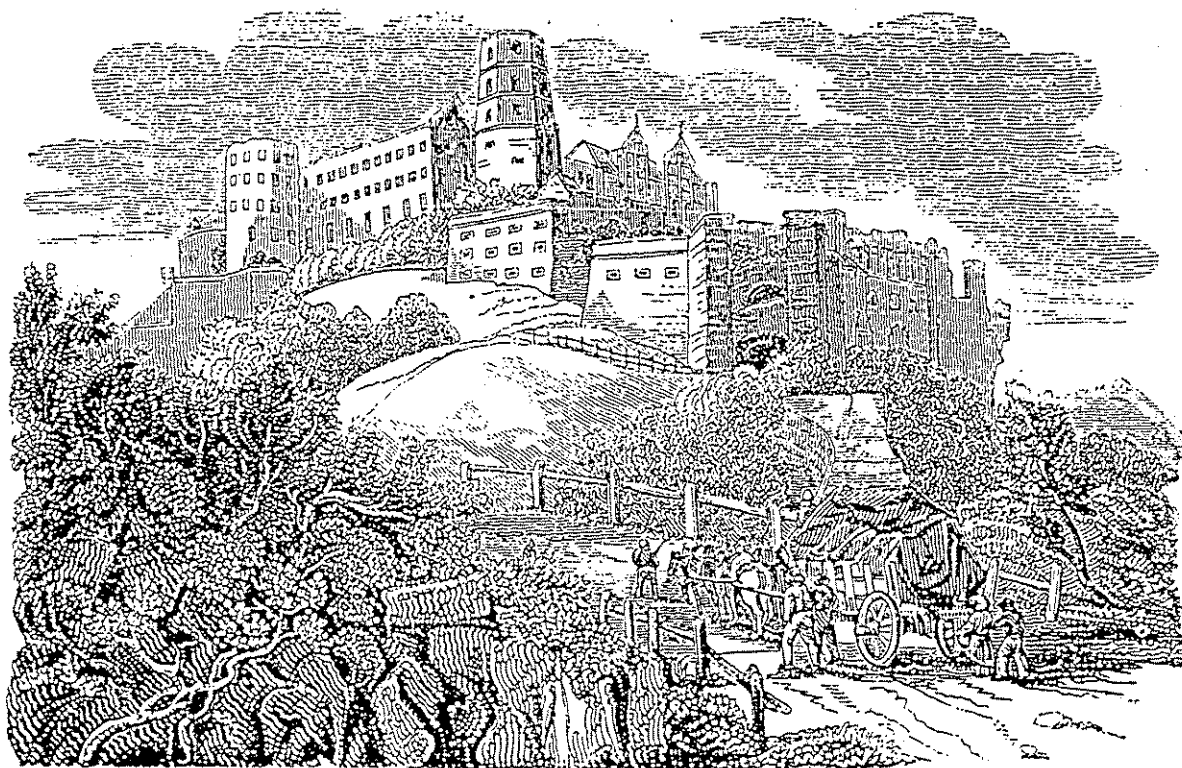
‘Todos sabem o que são os poços artesianos e as numerosas vantagens que d’elles tem tirado a França ha alguns annos. Conhecidos na Chi-



A ponte de Fribourg

das duas rochas entre as quaes corre a Sarine. A ponte devia passar sobre uma boa parte da cidade. Este projecto foi tido por grande utopia; entretanto, cidadãos zelosos as authoridades julgaram dever submettel-o á apreciação dos engenheiros de todos os paizes. Foram apresentados diversos planos, e o governo da Cantão deu preferencia ao de Mr. Chally, de Lyon, o qual começou a execução da ponte na pri-

mavera de 1832; e, apesar de não ter para o ajudar e secundar mais que um contra-mestre habituado a estes trabalhos, e de se servir de operarios inexperientes do paiz, no dia 15 d'agosto de 1834, passaram sobre a ponte quinze peças de artilharia tiradas por quarenta cavallos, cercados de mais de trezentas pessoas, não deixando este exame nada a desejar, e alguns dias depois uma procissão



Ruínas do castello d'Heidelberg

A parte mais antiga do castello d'Heidelberg passa por ter sido edificado no seculo XIV, pelo elector Otto-Henry; mas a maior parte dos restos que ainda existem provem de um palacio construido no começo do seculo XVII, pelo elector Frederico IV. Este celebre monumento está situado na beira escarpada de um rochedo suspenso sobre a cidade á entrada do valle de Necker. A vasta extensão de ruínas, cujos subterrâneos descem até á praça principal da cidade, no meio da qual se eleva um albergue de caridade; a sumptuosa sala dos cavalleiros, com as suas columnas de granito, e estatuas mutiladas dos antigos electores e condes palatinos, e no meio de tudo isto o silencio da morte; as recordações do poder e da gloria e as vicissitudes da fortuna, tudo isto se reúne para interessar e interner o viajante que contempla estes nobres fragmentos.

Por detraz do castello eleva-se a magestosa montanha denominada o *Geisberg*: os flancos e o cume são cobertos de castanheiros, faya e abeto. Em torno do castello estendem-se vastos jardins, cortados por alléas tortuosas, embelezados de arbustos raros e de flores odoríferas. A parte oriental d'estes jardins, que dominam o rio, assenta sobre uma serie de arcadas cuja alvenaria, vista das margens do rio Necker, produzem um effeito pittoresco. A espessa floresta que cobre a montanha vem juntar-se aos viveiros e ás plantações dos jardins, assim como ás ruínas do castello, entre as quaes se vê apascentar toda a especie de animaes selvagens.

Existio outr'ora um castello mais antigo e mais elevado sobre o rochedo, mas depois da construcção do seu ultimo edificio fôra abandonado, e uma das suas torres fôra convertida em arma-

zení de polvora. No dia 7 d'abril de 1537 levantou-se uma tremenda tempestade sobre as montanhas, a cidade e o castello. Um raio cahido na torre causou uma terrivel explosão que abalando toda a terra e estrelecendo a montanha fez desabar com immenso estrondo as paredes do velho castello; as pedras e vigas foram precipitadas até á cidade; portas e janellas sahiram dos gonzos, muitas casas foram derrubadas e os seus habitantes sepultados nas ruínas. Foi grande o numero de victimas d'esta horrivel catastrophe.

O castello mais moderno soffreu bastante com a queda das pedras da torre. Diz-se que o elector Luiz V ao sair do seu gabinete de trabalho foi sepultado nos abysmos das ruínas.

Algum tempo depois repararam as devastações do castello; mas em 1622 foi destruido pelos hespanhoes. Finalmente, no reinado de Luiz XIV foi bombardeado duas vezes pelos francezes, commandados por Turenne e Mélac. Por esta occasião cantou-se um *Te-Deum* em Paris, e cunhou-se uma medalha com a seguinte ambiciosa inscripção:

«Rex dixit et factum etc.»

Este edificio, tantas vezes arruinado, tendo sido reconstruido com maior magnificencia que outr'ora, veio a ser ainda mais uma vez o palacio do elector; mas em 1764, foi de novo incendiado pelo raio e desde este tempo ficou completamente abandonado.

AS SATYRAS DE NICOLAU TOLENTINO

(Continuado de pag. 340)

III

O Ensaio biographico critico, do sr. José de Tor-

VI) Bibliografia

Amora, A. S. "Crítica Literária" e "Oratória e Jornalismo", In *História da Literatura Brasileira*. São Paulo, Saraiva, 1974.

_____. *Teoria da Literatura*. São Paulo, Ed. Clássico-Científica S/A, 1944.

Anais da Biblioteca Nacional. Vol. IX 1. Periódicos: *O Novo Mundo*, *Revista Industrial*, *Jornal do Commercio*.

Andrade, Joaquim de Sousa. *Impressos*. São Luiz, B. Matto, 1868, v.1

_____. *Obras Poéticas*. Nova Iorque, 1874, v. 1

Azevedo, Fernando de. "História Natural Brasileira", "A Crítica Literária", "História de São Paulo", In *Máscaras e retratos*. São Paulo, Melhoramentos, 1962.

Benjamin, Walter. "Pequena História da Fotografia" e "O narrador" In *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

Bosi, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1994.

Brito, Aranha. *Dicionário Bibliográfico*. 15°. Lisboa, Imprensa Nacional, M DCCC LXXXIV.

Broca, Brito. *Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos: vida literária e romantismo no Brasil*. São Paulo, Polis, 1979.

_____. "Um depoimento brasileiro sobre Wilde" in *Pontos de Referência*. São Paulo, Polis.

Coleção J.C.Rodrigues, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Campos, Augusto e Haroldo de. *ReVisão de Sousândrade*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

Campos, Gabriela Vieira de. *Materiais e Temas Literários na Revista Ilustrada O Novo Mundo* (relatórios de pesquisa, iniciação científica - SAE). Campinas, IEL, 1994.

_____. *O Literário e o Não-Literário nos Textos e Imagens da Revista Ilustrada O Novo Mundo*. (relatórios de pesquisa, iniciação científica - SAE). Campinas, IEL, 1995.

Cândido, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Itatiaia, 1993.

Cândido, Antônio *et alii*. *A Crônica : o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Ed. da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Cardim, Elmano. "José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra" In *Revista do IHGB*, v.185, out/dez/1944.

Carvalho, Maria Alice Rezende de. *O Quinto Século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro, Revan, 1998.

Correspondência Passiva de José Carlos Rodrigues. Wilson Lousada, org., *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 90, 1971.

Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1995.

_____. *Caderneta de Campo*. Editado por José Olympio de Sousa Andrade. São Paulo, Editora Cultrix; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1975.

_____. *Canudos e Inéditos (Diário de uma expedição)*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

De Luca, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo, Fundação Editora da Unesp, 1999.

Eagleton, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra, Martins Fontes, 1983.

_____. *Ideologia. Uma Introdução*. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista/Editora Boitempo, 1997.

Einaudi, "Ficção" (C. Segre), "Literatura" (F. Fortini), "Crítica" (S. Zótkiewski), In *Enciclopédia 17 - Literatura - Texto*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

Gay, Peter. *O Estilo na História*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

Hallewell, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo, Edusp, 1985. (col. Corsa Vermelha, Estudos Brasileiros, nº6).

Hardman, Francisco Foot. *Trem Fantasma. A Modernidade na selva*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.

Iser, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário - Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996.

Lepenies, W. *Três Culturas*. São Paulo, Edusp, 1996.

Lyra, Helena Cavalcanti et al.. *História de Revistas e Jornais Literários*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

Martins, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1855-1877)*. São Paulo, Cultrix, 1977, vol. III.

_____. *A Palavra Escrita: História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca*. São Paulo, Ática, 1996.

Meyer, Marlyse. *Folhetim: uma história* São Paulo, Cia das Letras, 1996.

Novais, Fernando (org.) *História da vida privada no Brasil: Império*. (Vol. 2) Org. do volume, Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

Paes, José Paulo. "O art nouveau na literatura brasileira", In *Gregos e Baianos*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Pinassi, Maria Orlanda. *Três Devotos, uma fé, nenhum milagre*. São Paulo, Fundação Editora da Unesp, 1998.

Quadros, Jussara Menezes *Estereotípias, Literatura e Edição no Brasil na primeira metade do século XIX (1837-1864)*. Campinas, IEL/Unicamp, 1983 (Dissertação de Mestrado em Teoria Literária).

Rizzini, Carlos. *O Livro, o Jornal, e a Tipografia no Brasil*. São Paulo, Câmara do estado de SP, 1982.

Rocha, João Cezar de Castro. *Literatura e Cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Ed UERJ, 1998.

Rodrigues, José Carlos. "Autobiografia inédita de J.C.Rodrigues", In suplemento literário de *A Manhã*. Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1944.

_____. *Biblioteca Brasiliense: catálogo anotado dos livros sobre o Brasil*. "Parte 1 - descobrimento da América: Brasil Colonial, 1492-1822". Rio de Janeiro, Tipografia do *Jornal do Commercio* de Rodrigues & C, 1907.

Romero, Sílvio. "Da crítica e sua exata definição", In *História da Literatura Brasileira vol. I*. Rio de Janeiro, José Olimpo, 1943.

Santos, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 1997.

Silva, Elza Miné da Rocha e *Da Enunciação da Proposta às suas revisitações*. (Dissertação de livre-docência apresentada no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, em 1991).

Sodré, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

_____. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

_____. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

Sussekind, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador; a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Veríssimo, José. *Que é Literatura e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro, Garnier, 1907.

Williams, Frederick G. *Sousândrade: Vida e Obra*. Introdução de Jorge de Sena. São Luís. Ed. Stoge, 1976.

_____. *Sousândrade: Prosa*. Introdução e notas de Williams e Jomar Moraes. São Luís. Ed Stoge, 1978, com caderno iconográfico.

Bibliografia

(José Carlos Rodrigues)

"Correspondência Passiva de José Carlos Rodrigues". Rio de Janeiro, 1971, 339p. (RJ, Biblioteca Nacional, Anais, 90)

Brasil. Constituição, 1824. Ato adicional, 1834. Rio de Janeiro, E & H. Kaemmert, 1863, 271 p. (1. Brasil - Direito Constitucional)

Constituição política do Império do Brasil seguida do Ato Adicional, da lei de sua interpretação e de outras analisadas por um Júri Consulto e novamente anotada com as leis regulamentares, decretos, avisos, ordens, e portarias que lhe são relativas, por José Carlos Rodrigues.

Jornal do Commercio, RJ.

17 de outubro de 1908. Em comemoração ao 18º aniversário da direção – desde de 1890 – do senhor diretor José Carlos Rodrigues.

Revista Industrial (1877-1878)

Nova Iorque, 1877-1878. Publicada por Rodrigues simultaneamente ao *O Novo Mundo*

La América Ilustrada (Nova Iorque, 1872-)

Em 1875 possuía uma tiragem de 2500 exemplares.

(Não foi possível encontrar mais informações sobre este periódico)

Revista Jurídica (1868)

Fundada juntamente com José da Silva Costa

sem título

Resgate das estradas de ferro do Recife a São Francisco e de outras que gozavam da garantia de juros. Relatório apresentado ao Exm.Sr. Dr. Joaquim Martinho. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902.

Projeto iníquo: série de artigos da redação do *Jornal do Commercio* contra o projeto apresentado à Câmara dos deputados comprovando a ditadura do prefeito do distrito federal. Rio de Janeiro, Tip. De Rodrigues, 1903.

Notas sobre o contrabando de guerra. Rio de Janeiro, Tip. Do *Jornal do Commercio*, 1921.

O descobrimento do Brasil. Sucinta notícia da descrição impressa mais antiga deste acontecimento. Rio de Janeiro, Tip. do *Jornal do Commercio*, 1905.

Chrestomathia da Língua Inglesa. Excertos escolhidos da literatura inglesa, precedidos de uma introdução sobre a origem e o desenvolvimento da língua inglesa, e de breves notícias sobre a vida e as obras dos autores citados. Nova Iorque, A. S. Barnes, 1870.

Biblioteca Brasiliense. Catálogo anotado de livros sobre o Brasil e de alguns autógrafos e manuscritos pertencentes a José Carlos Rodrigues. Parte 1 – Descobrimento da América: Brasil colonial – 1492. Rio de Janeiro, Tip. do *Jornal do Commercio*, 1907. Nova Iorque, Johnson Reprint Corr., 1966.

Periódicos

1) *O Panorama* (1837 – 1868)

Lisboa, Typ. Franco-portuguesa

– ‘Semanário de literatura e instrução’; ‘Jornal literário, instrutivo da sociedade dos conhecimentos úteis’

– vários folhetins, como: ‘Dos homens que comem terra’, de A. Osório de Vasconcellos.

2) *A Semana Ilustrada* (1860-1876)

– sátira política; semanal; ilustrado com desenhos de Henrique Fleiuss, editor da revista; Machado de Assis era um de seus colaboradores.

– poemas, gravuras (vários quadros com HQ) e texto, além de piadas.

– há um aviso embaixo da segunda página: Coleção Benedicto Ottoni, organizada pelo Dr. José Carlos Rodrigues; doação do Dr. Júlio Benedicto Ottoni.

– pseudônimo recorrente: Dr. Semana

– há uma série de “curtas”, ou seja, parágrafos separados por pequenos desenhos com assuntos diversos. São 8 páginas.

– folhetim no rodapé: *O Grumete*, romance marítimo (16 de novembro de 1873)

3) *Vida Fluminense/O Arlequim* (1868-1875)

– folha joco-séria; ilustrada. Sátira política semanal com desenhos de Agostini, Faria, Borgomainerio, Pinheiro Guimarães.

– continuado por *O Fígaro*

4) *Jornal das Famílias* (1863-1878)

R. J., Bl Garnier/Paris: imp. De Simon Raçon e cia.

Jornal das famílias: publicação ilustrada, recreativa, artística etc.

– a coleção traz partituras, capas ornamentadas, vinhetas, folhas com estampas, algumas pintadas, moldes de trabalhos de crochet, bordados, tapeçaria, figurinos de modas, cont. de *A Revista Popular* (1863-1876)

– mensal, impresso em Paris (no editorial há promessas de moldes e gravuras). Só há pequenas gravuras ao final da página.

– “A arte da beleza” – *artigo para somente ser lido por senhoras*

– folhetim: “Virginius”, narrativa de um advogado – Machado de Assis

– folhetim: “Casada e Viúva” – Machado de Assis

5) *Jornal da Tarde* (1869-1870)

R. J., Typ. do jornal da tarde, 1869 - 1870

– redatores e proprietários: Vivaldi e Pacheco (em 1870 o jornal foi vendido para Ângelo Tho)

– diário; publicidade: anúncio de que será veiculado um folhetim (rodapé) em breve: “O tenente Roberto” por Alexandre de Saverne, traduzido do francês.

6) *Ilustração Americana – jornal do Novo Mundo* (1869-1870)

R. J. Typ. Americana 1869 - 1870

– Epígrafe: “Belas Artes, Agricultura e Indústria”.

– programa: (Lavoura, indústria, comércio e literatura) *Estranho a partidos políticos este jornal tem por fim discutir os interesses do Brasil, os do continente americano, e todos quantos a eles se aliem direta ou indiretamente.*

– proprietário: Thomaz Gomes dos Santos Filho.

7) *O Lobisomem* (1870-1871)

– ilustração caricata de comportamentos e cortesias.

– assunto: ciência política, generalidade.

8) *A Luz* (1870-1873)

– *Semanal, jornal literário e instrutivo.*

9) *O Radical Acadêmico* (1870 - junho/agosto)

– *Semanal; literatura e ciências.*

10) *O Colibri* (1870 - agosto/outubro)

– subtítulo: “Jornal hebdomadário dedicado ao belo sexo”

– assunto: generalidade

11) *Revista Semanal Brasileira* - traz uma ilustração no nome (1870-)

– objetivo (editorial) é aproximar Brasil e Estados Unidos

– 8 páginas (4 com gravuras); há raras gravuras e elas se repetem.

– folhetim (sob a ‘coluna’ das variedades); folha pequena.

– as matérias são próximas as de *O Novo Mundo*: Lopes e a Guerra do Paraguai, agricultura, folhetins etc.

– há uma página de publicidade. O jornal é impresso em duas línguas na tipografia da *Ilustração Americana*.

12) *D. Pedro II* – jornal noticioso, literário e comercial. (1870-1874)

R. J., Typ. da opinião liberal, 1870 – 74

Não militando nas linhas dos partidos só se ocupará da política em geral, defendendo a integridade e autonomia do trono brasileiro.

– proprietários: Alvarenga Neto e Azevedo Coimbra.

– novos proprietários: A C. Azevedo Coimbra e Miguel Antunes Dragueiro.

– Redatores: Azevedo Coimbra, Dr Autram Junior, Miguel Dragueiro, Francisco de Almeida Rocha, Antonio Carlos Monteiro.

– não é ilustrado.

13) *O Artista* – periódico dedicado a indústria e principalmente as artes. (1870-1871)

R. J., Typ. de Aranha Guimarães, 1870-71

Redatores: F. Luis Ferreira, Dr. Miguel Ferreira e outros.

14) *O Radical Acadêmico* – órgão democrático, científico e literário de alguns estudantes da faculdade de medicina do R. J. (1870-)

R. J. Typ. da opinião liberal, 1870.

– Sem Folhetim

– Variedades (Horas de Splen)

15) *O Republicano* – órgão de propaganda republicana (1875-)

R. J. Typ. Fluminense, 1875 (Bi semanal)

– Sem Folhetim

16) *O Rebate* – órgão republicano (1876-)

R. J. Typ. Fluminense, 1876

– folhetim (rodapé): “O jesuíta”, pelo padre; não é assinado

– “Emancipação intelectual da mulher”

17) *O Amigo do Povo* – jornal republicano (1877-)

R. J. Typ. Vera Cruz, 1877

– tiragem: 2500 exemplares; semanal

18) *A República* (1877-1878)

– tiragem: 5000, 3 vezes por semana

– “Redigida e colaborada pelos senhores: Quintino Bocaiúva, Aristide Lobo, Salvador de Mendonça e outros”.

– “Manifesto Republicano – aos nossos concidadãos” – primeira página

– Publicação no exterior e no Brasil: no primeiro caso só há menção ao *O Novo Mundo* (28 de outubro de 1877)

Recebemos *O Novo Mundo*, publicado de firmado e merecido conceito no mundo jornalístico. Traz vários artigos, todos importantes. O primeiro ocupa-se da situação política do Brasil e profliga veemente os escândalos verificados na alta administração do país.

Eis as sensatas palavras de *O Novo Mundo*: “Na Câmara dos Deputados um brioso representante da austera província de Minas levanta-se e denuncia ao país, que o ministro de estados dos negócios da fazenda e presidente do tesouro nacional, era sócio comanditário conjuntamente com um conferente da alfândega da corte, ultimamente demitido por irregularidade de proceder, uma casa de comércio do Rio de Janeiro.

A maioria que sustenta o gabinete e o ministro que é o seu braço direto, por um movimento espontâneo (...) levantou-se quase unânime e averba de calúnia tal denúncia.

O ministro declarou que o fato é verdadeiro.

Para nós, diz *O Novo Mundo*, tudo termina ali. Em vez de ter o ministro sido apeado do poder e responsabilidade, não pediu a demissão (...) Pois bem, o rei, esse rei que no dizer de *O Novo Mundo* tinha sobre si as vistas inteiras do país, chega, conserva o ministro e o ministério, sanciona o atentado, fraterniza com o contrabandista e prossegue no melhor dos mundos...”

(*A República*, 28 de outubro de 1877, nº 33, p.2)

No número, seguinte, há outra referência ao *O Novo Mundo*. *A República* transcreve um trecho de um artigo sobre Impostos, e, por fim, o comentário é o seguinte:

Reflita o país nas palavras do notável escritor de *O Novo Mundo* e convirá em que é a pura verdade.

(*A República*, 1º de novembro de 1877, nº 34)

– folhetim (há outros) – rodapé – “História de um crime”, Victor Hugo

19) *Correio da Manhã* (1878-)

Dados técnicos:

Correio da manhã. R. J. Tipografia do Direito, 1878

Obs: jornal mutilado, manchado, ilegível.

– artigo “Instrução pública nos Estados Unidos” (em vários números)

– folhetim (rodapé da 1ª página): “Folhetim do Correio da manhã”

“A mão do morto”, Wilkie Collins (folhetinista de *O Novo Mundo*; domingo, 13 de agosto de 1878)

20) *Alvorada: órgão da democracia, literário e recreativo* (1878–)

RJ: tipografia da Alvorada, 1878

Editor: Cantidiano Cardoso Pereira

Jornal mutilado

– Seção “Variedade”: trata-se de um folhetim; é, inclusive, assinado (o pseudônimo “A”); texto sentimental-amoroso típico (terça, 12 de fevereiro de 1878).

– Seção “Crônica” (assinado “cronista”); o texto começa com “Queridos leitores,” (muito similar aos textos de *O Novo Mundo*).

21) *Diário da tarde* – “Folha Conservadora política, noticiosa e comercial” (1878–)

RJ: tipografia Imperial, Instituto Artístico, 1878

– páginas mutiladas

Folhetim em rodapé (“Folhetim do Diário da Tarde”): “As façanhas de Fifi Vollard, por Constant Guérault”; sábado, 20 de junho de 1878.

– há uma seção, na primeira página, intitulada “Crônica política”

– “Sementilhas” de TH. (folhetim); continua o “As façanhas...”

– “O vaso de flores” (folhetim)

– “O jornal de uma mulher”, Octave Feuillet (maio de 1872); folhetim presente também em *O Novo Mundo*

22) *O amor ao progresso* (1878–)

RJ: tipografia Lobão, 1878

– páginas mutiladas

– “Folhetim” (espaço de rodapé, 2ª página)

- “Juliano ou a Dedicção de um marujo” (folhetim, 16 de agosto de 1878)
- seção de charadas

23) *Bazar literário: de educação e recreação* (1878–)

RJ: tipografia de S. Vicente de Paulo, 1878–1879

- folhetins (sem ser intitulados como tal) por toda a folha: “A mocidade de Hayden” (pequena ilustração)
- “Em que consiste a mocidade” (ass. União católica)
- seção intitulada “Variedade”
- “Viagem de um jovem naturalista no México” – ass. Luciano Biart
- Há vários temas desenvolvidos: recreações úteis, educação da mulher (cuidar da casa, dos parentes etc)

24) *A Aurora: jornal literário* (1878–)

RJ: tipografia central, 1878

- redatores: Marques da Rocha, Cavalcanti Villela, Figueiredo Junior.
- folhetim (rodapé da 1ª pág.): “O Septico” C. Villela, um dos redatores do jornal. (domingo, 1º de dezembro de 1878)

25) *A infância*, feito por jovens aprendizes (1879–)

RJ: tipografia do Magdalense, 1879

26) *Correio da Noite* (1879–)

RJ: tipografia do jornal do Porre, 1879

- folhetim no rodapé: “A luz da lanterna” Oscar Noir (20 de janeiro de 1879)
- seção de charadas
- folhetim (pág. 2, também no rodapé): “Willian Shakespeare”, Hamlet, trad. S. M. El Rei, o Sr. D. Luiz
- folhetim: “Chora, Pitanga” Oscar Noir (21 de janeiro de 1879)
- folhetim: neste espaço, 1ª pág., há o título “A tribuna Parlamentar – ao Sr. Dr. José Mariano, assinado por G. de M.” (22 de janeiro de 1879); não é uma narrativa; seria uma crônica política?

– folhetim: “Vingança do Gringo” – Oscar Noir (23 de janeiro de 1879)

27) *Sermões Evangélicos* (1879–)

RJ: tipografia a vapor de D. M. Hazlett, 1879

– o redator é um reverendo (jornal mensal)

28) *Eco social: publicação semanal crítica, humorística e literária* (1879–)

RJ: tipografia particular de Eco social, 1879

– folhetim (rodapé da 1ª página); 4 de março de 1879

– ‘Teatro’ – ass: A F

– folhetim (rodapé da 2ª página): “A Noite na Taverna – contos fantásticos” por Álvares de Azevedo

29) *A Mocidade: órgão literário* (1879–)

Typ. Popular, 1879

– folhetim (rodapé): “O Segredo do suicida”, A Jacinto Pimenta

– “Seção histórica”: “O Tiradentes ou A conspiração malograda em Minas” por As

Vaz Lobo

30) *Correio Comercial: órgão do comércio e da lavoura* (1879–)

RJ, Typ. Cosmopolita, 1879-80

“Editorial” na primeira página (sem ser chamado assim): “Agricultura”

– folhetim (rodapé): “A Serpente aos pés da mulher – drama em 4 atos” por Castro

Bravo.

– folhetim (é o espaço e com este nome): “Exposição portuguesa no RJ”; 23 de setembro de 1879.

31) *O Observatório* (1879–)

RJ, Typ. De D L dos Santos, 1879

– folhetim (rodapé): “O meu travesseiro”, Eduardo França

– folhetim (mesmo número, outro folhetim): “Uma jogadora”, por A Belot, tradução de Siger.

32) *O Arauto* (1879–)

RJ, Typ. Do Cruzeiro, 1879

“O Arauto distribuirá todos os dias, indistintamente, entre os seus leitores, dez prêmios” (primeira página em negrito)

33) *Correio da tarde* (1879–)

RJ, Imprensa industrial, 1879

– Propriedade de Ramos e Companhia

– folhetim (rodapé): “De Ontem para hoje”, Ernesto Rossi

– folhetim (rodapé): “O Africano”, Ernesto João

– 30 de junho de 1879, nº 33, edição extraordinária: *Homenagem ao estadista, ao grande cidadão, ao bem-feitor da humanidade: Visconde do Rio Branco* (José Maria da Silva Paranhos)

Honra-se a nação, honrando os seus homens.

34) *Alvorada* (1879–)

RJ, Typ. De Serafim José Alves, 1879

– folhetim (rodapé): “Graziella” por A. de Lamartine, tradução livre de Raymundo Antônio de Bulhão Pato.

– Seção de “Crônica” – notas gerais sobre outros países.

35) *O Futuro* – Revista luso-brasileira (1879–)

RJ, Rua do Regente, 58 sobrado, 1879

36) *O trabalho* – Revista Histórica, literária e científica de artes e ofícios, exclusivamente consagrada aos interesses das classes operárias (1879–)

RJ, Typ. da “Gazeta de Notícias”, 1879

– folhetim (rodapé): “A filha do operário”, por Mansos D’Asia

37) *O Conservador* (1879–)

RJ, Typ. Econômica, 1879-82

Epígrafe: “A verdade será sempre o nosso farol”

– folhetim (rodapé): “Esposa e Mulher”, romance brasileiro por A D. Pascoal

38) *L'co d'Itália* – periódico noticioso e comercial (1879–)

RJ, Typ. E litografia

- Redigido em italiano

39) *A imprensa da tarde* (1879–)

RJ, Typ. Central, 1879

– folhetim (rodapé): “O conde de Monte-Cristo” por Alexandre Dumas

40) *A Liberdade* – jornal defensor dos direitos do povo (1879–)

RJ, Typ. Cosmopolita, 1879

– Sem folhetim

41) *A Maitaca* – jornal noticioso, crítico e literário (1879–)

RJ, Typ. Cosmopolita, 1879 (jornal pequeno)

– poemas

– folhetim (rodapé): “O homem estátua – episódio íntimo familiar”, romance por F.

Miguel de Moraes; 9 de novembro de 1879.

42) *O Zé Povinho* – jornal da arraia miúda (1879–)

RJ, 1879

43) *O Censor Fluminense* (1879–1889)

RJ, Typ. R. da Ajuda, 41, 1879–1889

– Antônio José Nunes Garcia

44) *Diário Fluminense* (–1884)

– folhetim (2ª página) – “As botas do vigário” por Camilio DelaVille

– vários folhetins por número

45) *Antônio Maria* (1879-1898)

Lisboa, semanal.

– pseudônimo freqüente: “Cid Adão”

– muitas sátiras políticas

– capa dura colorida.

– ilustrado por Bordalo Pinheiro